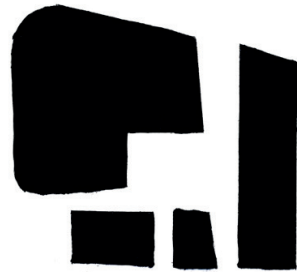


U
LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



A CASA CULTURAL

O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REGENERAÇÃO SOCIAL E URBANA:

O caso do Bairro Marechal Carmona | Cascais

Licenciado

Ivo Filipe Dias Costa Malfeito

Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação / Projecto para a obtenção do Grau Mestre em
Arquitectura

Orientação Científica

Professor Doutor Pedro Rodrigues

Professor Doutor José Luís Crespo

Júri

Presidente Doutor Hugo Farias

Vogal Doutor Miguel Baptista-Bastos

Documento Definitivo

Lisboa, FAUL, Setembro 2020



A CASA CULTURAL

O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REGENERAÇÃO SOCIAL E URBANA:

O caso do Bairro Marechal Carmona | Cascais

II

Licenciado

Ivo Filipe Dias Costa Malfeito

Dissertação / Projecto para a obtenção do Grau Mestre em Arquitectura

Orientação Científica

Doutor Pedro Rodrigues

Doutor José Luís Crespo

Lisboa, FAUL, Setembro 2020

Título Cascais, assume-se na paisagem como uma referência harmoniosa na relação do Homem com a Natureza.

Subtítulo Implantada a poente da barra do Rio Tejo, a sudeste do distrito de Lisboa, esta vila cedo se definiu como um local predilecto para uma classe alta da sociedade que encontrava na mesma um refúgio do ambiente agitado cosmopolita. Daí resulta um vasto património arquitectónico junto à costa que contrastava com um interior composto por construção de carácter vernacular e campos de cultivo. Dado ao crescimento da vila para o seu interior, surgem bairros habitacionais. Este factor contribuiu para uma certa descaracterização da paisagem urbana, visto que alterou a imagem da cidade, originando uma certa alienação social, entre o centro histórico e a periferia.

Orientadores Neste Projecto Final, pretendeu-se responder a esta questão social, sendo apresentada sob a forma de proposta de intervenção um plano de pormenor para o Bairro Marechal Carmona.

Mestrado Integrado
Arquitectura
Lisboa, Setembro 2020

A proposta tem em consideração o Património Humano residente no Bairro Marechal Carmona e a necessidade urgente de uma intervenção que vise a melhoria das condições de vida dos seus habitantes assim como procura reactivar a dinâmica social do Bairro, relacionando-o com os demais, sem perder a sua identidade.

A Casa Cultural, suportada pelo novo desenho urbano do Bairro Marechal Carmona, assume um maior protagonismo dentro do mesmo, assim como fortalece uma imagem de centralidade para com a periferia. Este equipamento assume a função de regenerador social ao promover a união das pessoas através da cultura, além das inúmeras mais valias económicas inerentes, contribuindo para o crescimento sustentável de Cidade.

Palavras-chave

Referência | Regenerador Social | Património Humano | Identidade do lugar

ABSTRACT

Title Cascais defines itself in the landscape as an harmonious reference in the relationship between Men and Nature .
The Cultural House

Subtitle Located in the West side of the Rio Tejo, Southeast of the Lisbon district, this village was soon defined as a favorite place for a high society class that found in it a refuge from the cosmopolitan bustling environment. This presence is revealed through the vast architectural heritage left on the coast line, that contrasted with an interior essentially composed by vernacular construction and cultivated fields. Due to the natural growth of the village, housing districts arise with low architectural value in the periphery. This element contributed to a certain (de)characterization of the urban landscape, since it influenced the image of the city, resulting a certain social alienation between the historical center and the surroundings.
The Equipment as an Element of Social and Urban Regeneration:
The case of Bairro Marechal Carmona

Author Ivo Malfeito

Scientific Supervisor In this Final Project, it was intended to respond to this social issue, being presented in the form of an intervention proposal, a detail plan for the Marechal Carmona Neighborhood.
Pedro Rodrigues
José Luís Crespo

Master in Architecture
Lisbon, September 2020

The proposal takes into account the Human Heritage residing in the Marechal Carmona Neighborhood and the urgent need for an intervention aimed to improving the living conditions of it's inhabitants as well as promoting a social inclusion in order to reactivate the social dynamic of the Neighborhood, relating it to the others, without losing it's own identity.

The Cultural House, supported by the new urban design of the Marechal Carmona Neighborhood, assumes a greater role within it, as well as strengthens an image a Landmark towards the periphery of Cascais. This equipment assumes the role of social regenerator by promoting the union of people through culture, in addition to the innumerable inherent economic benefits, contributing to the sustainable growth of the City.

Keywords

Landmark | Social Regenerator | Human Heritage | Identity of the place

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais.

Ao mano Malfeito pela paciência e agradável "rivalidade" entre áreas.

À Gloria por tudo.

Ao irmão de sangue de outrem, Visconde André.

Ao corpo docente com quem me cruzei durante este período acadêmico.

VIII

Ao acompanhamento dado pelos meus orientadores.

Aos colegas e amigos com os quais me cruzei durante o período acadêmico. Grato pelas conversas interessantes, pelo despoletar de novas formas de pensar, pela companhia nas inúmeras pausas acompanhadas por café e "cinco minutos de conversa"

01	INTRODUÇÃO	001
02	ARQUITECTURA COMO EXPRESSÃO	007
2.1	A CIDADE E OS SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES	010
2.2	O ESPAÇO PÚBLICO E AS PESSOAS	020
2.3	O CONTRIBUTO DA ARQUITECTURA NA CRIAÇÃO DE SINERGIAS NA URBE	046
2.4	SÍNTESE	054
03	A IMAGEM DA CIDADE	057
3.1	O TRAÇADO URBANO	060
3.2	O BAIRRO MARECHAL CARMONA: PARTICULARIEDADE, SIMBOLISMO E ESSÊNCIA DO LUGAR	072
3.3	ESTRATÉGIA PARA UMA PERIFERIA INCLUSIVA	086
3.4	SÍNTESE	094
04	OS CASOS DE ESTUDO	097
4.0	INTRODUÇÃO	100
4.1	CENTRO CESC POMPEIA LINA BO BARDI	104
4.2	CAIXA FÓRUM HERZOG & MEURON	108
4.3	O CENTRO DE ARTES E CASA DAS MUDAS PAULO DAVID	112
4.4	O CENTRO DE ARTES EM SINES AIRES MATEUS	116
4.5	TEATRO-AUDITÓRIO DE LLINARS DEL VALLES SIZA VIEIRA + ARESTA	120
4.6	CASA RASCAINFIERNOS FERNANDO HIGUERAS	124
4.7	CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS JOÃO MENDES RIBEIRO	128
4.8	CASA EM AZEITÃO AIRES MATEUS	132
4.9	SÍNTESE	136

05	A CASA CULTURAL :	
	O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REGENERAÇÃO SOCIAL E URBANA	139
5.1	O PLANO URBANO	142
5.2	UM LUGAR PARA A CULTURA COMO PONTO DE ENCONTRO (O FÓRUM CULTURAL COMO INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA)	162
5.2.1	O CONCEITO: <i>HABITAR O VAZIO</i>	166
5.2.2	A FORMA	170
5.2.3	A FUNÇÃO	174
06	CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
	BIBLIOGRAFIA	195
	ANEXOS	203
	I - CARTOGRAFIA	205
	II - REGISTO FOTOGRÁFICO	211
	III - TRABALHO REALIZADO EM GRUPO	221
	IV – ENTREGA INTERMÉDIA	247
	V – CASOS DE ESTUDO COMPLEMENTARES	251
	VI – Esquissos	269
	VII – Apresentação	301

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 01	Fotografia do Fórum Romano para com Monumento Vitor Emanuel II de Itália, Roma	010
Figura 02	Elementos compositivos da Imagem da Cidade, Kevin Lynch, 1966	012
Figura 03	Diagrama que evidência o congestionamento dos centros das cidades, Leon Krier, 2009	016
Figura 04	Diagrama proposto como solução sustentável para o desenvolvimento e crescimento das cidades, Leon Krier, 2009	016
Figura 05	Hierarquia de arruamentos que estruturam a Vila, Leon Krier, 2009	018
Figura 06	Os diferentes quarteirões que compõem o espaço urbano, Leon Krier, 2009	018
Figura 07	Corredores comerciais entre diferentes pontos da cidade, Leon Krier, 2009	018
Figura 08	Edifícios com usos específicas, públicos e privados, Leon Krier, 2009	018
Figura 09	Criança a brincar na praça de São Marcos em Veneza durante a "acqua alta"	020
Figura 10	Charlie Chaplin no filme "Os Tempos Modernos", 1936	026
Figura 11	O novo mundo moderno retratado no filme "Playtime", de Jacques Tati, 1967	028
Figura 12	Retrato da activista Jane Jacobs	032
Figura 13	Planta de Veneza, com os principais elos de ligação	036
Figura 14	"Where Building meets the City", Jan Gehl, 2010	038
Figura 15	Fotografia do Terreiro do Paço, por Judah Benoitel, 1959	038
Figura 16	Zona de uso partilhado entre o automóvel e o pedestre , Jan Gehl, 2010	040
Figura 17	Zona de uso partilhado com prioridade do pedestre sobre o automóvel, Jan Gehl, 2010, Copenhaga	040

Figura 18		
Estacionamento paralelo que divide a ciclovia da via de trânsito , Jan Gehl, 2010		042
Figura 19		
Ciclovia e via de Trânsito lado a lado, Jan Gehl, 2010		042
Figura 20		
Optimização do espaço na cidade através de tráfego humano vs rodoviário, Jan Gehl, 2010		044 044
Figura 21		
Relação entre os diferentes bairros que constituem a periferia da Vila de Cascais		046
Figura 22		
Moinho de Vento		054
Figura 23		
Representação do litoral de Cascais, Georg Braun e Frans Hogenberg, 1572		060
Figura 24		
Levantamento da costa entre Cascais e São Julião da Barra, autoria de Filipe Terzio, 1580		062
Figura 25		
Contraste entre os limites actuais e em 1370 do concelho de Cascais, C.M.Cascais		062
Figura 26		
Planta de Cascais, autoria de Filipe Terzio , 1594		062
Figura 27		
Planta das diferentes zonas propostas no PUCS para Cascais, 1948		064
Figura 28		
Representação de Cascais pós-terramoto, 1800, autor desconhecido		064
Figura 29		
Fotografia aérea que relaciona o estuário do Tejo e a localização de Cascais a Poente, 2019, GoogleEarthPro		064 064
Figura 30		
Fotografia aérea de aproximação à Baía de Cascais, 2019, GoogleEarthPro		064
Figura 31		
Fotografia da Estrada Marginal em construção, Carcavelos, 1940		066
Figura 32		
Bairro Marechal Carmona, Ruy Jervis d'Athougua e Filipe Nobre de Figueiredo, 1945		066
Figura 33		
Levantamento dos bairros periféricos de Cascais, desenho elaborado pelo autor, 2019		066
Figura 34		
Registo fotográfico de uma das primeiras habitantes do bairro		072

Figura 35	
Desenhos técnicos, de Ruy d'Athouguia, Cascais, 1946	074
Figura 36	
Plano urbano, de Ruy d'Athouguia, Cascais, 1946	074
Figura 37	
Relação entre o Bairro e o Centro Histórico	074
Figura 38	
Infograma de Edificado original, anexos ilegais e áreas verdes	074
Figura 39	
Localização das pracetas no interior do Bairro Marechal Carmona	076
Figura 40	
Planta elementos urbanos que circunscrevam o Bairro Marechal Carmona	076
Figura 41	
Arruamentos existentes no Bairro Marechal Carmona	076
Figura 42	
Edificado uso residencial	076
Figura 43	
Edificado carácter educacional	076
Figura 44	
Relação de tempo dispendido entre o centro do bairro e as extremidades	084
Figura 45	
Equipamentos, comércio e serviços	084
Figura 46	
Diagrama síntese da relação da mobilidade e acessibilidade ao Bairro Marechal Carmona	084
Figura 47	
Sinergia pretendida na periferia	086
Figura 48	
Anel composto pelos bairros periféricos e o centro histórico de Cascais	088
Figura 49	
Diagrama conceptual da "Cidade dos 15 minutos", Paris, 2020	090
Figura 50	
Ambiente Rua da "Cidade dos 15 minutos" (antes), Paris, 2020	090
Figura 51	
Ambiente Rua da "Cidade dos 15 minutos" (depois), Paris, 2020	090
Figura 52	
Grandes zonas verdes, Ribeira das Vinhas e Parque de Palmela	092

Figura 53	
Sistema de Anel composto pelos bairros periféricos	092
Figura 54	
Relação entre o anel composto pelos bairros periféricos e o Bairro Marechal Carmona	092
Figura 55	
Relação entre o anel periférico e o centro histórico	092
Figura 56	
Cascais no final do século XIX, autor desconhecido	094
Figura 57	
Ilustração representativa dos casos de estudo	100
Figura 58	
A continuação do espaço público como elemento distributivo no projecto	104
Figura 59	
Planta Piso térreo	105
Figura 60	
A continuação da rua	106
Figura 61	
Permabilidade no espaço público	108
Figura 62	
Secção do edifício	109
Figura 63	
Momento de permanência e de acesso ao edifício	110
Figura 64	
A subtracção de matéria como elemento conceptual do projecto	112
Figura 65	
Planta Piso	113
Figura 66	
Vazio geométrico, como elemento distributivo para as várias funções	114
Figura 67	
Volumetria e a continuação do espaço público	116
Figura 68	
Planta Piso terreo, que enfatiza a tensão entre cheios e vazios	118
Figura 69	
Volumetria e a continuação do espaço público	120
Figura 70	
Planta Piso terreo	121

Figura 71		
	Relação da volumetria com a rua	122
Figura 72		
	Vista para o ságuao interior	124
Figura 73		
	Desenhos técnicos	125
Figura 74		
	Claraboia que proporciona a iluminação natural a todo o espaço	126
Figura 75		
	Relação entre o público e o privado, com a praça no fundo	128
Figura 76		
	Planta Piso terreo	130
Figura 77		
	Interior espaço polivalente	130
Figura 78		
	Alçado principal, relação interior-exterior	132
Figura 79		
	Volumes suspensos em secção	133
Figura 80		
	Volumetria proposta com programa e galeria de distribuição	134
Figura 81		
	Obra de Teun Hocks, onde o autor explora a afirmação da memória no tempo	136
Figura 82		
	Localização da Intervenção	142
Figura 83		
	Os critérios essenciais para o desenho de espaço público, Jan Gehl, 2010, p.239	144
Figura 84		
	Análise S.W.O.T., elaborada em colaboração com o grupo de trabalho, 2019	146
Figura 85		
	Principais eixos estruturantes no território	148
Figura 86		
	Definição da malha sobre o território	148
Figura 87		
	Proposta resultante do desenho sobre a malha	148
Figura 88		
	Relação entre as áreas existentes por fogo e as áreas necessárias	148

Figura 88	
Proposta do Novo Bairro Marechal Carmona	150
Figura 89	
Distribuição do Programa na proposta do Novo Bairro Marechal Carmona	152
Figura 90	
Sistema de circulação rodoviária localizada na periferia do bairro de carácter pedonal	154
Figura 91	
Localização do estacionamento subterrâneo proposto	154
Figura 92	
Diagrama representativo entre a zona de comércio concentrada em Alvide e a segmentação existente no bairro através de uma via rodoviária transversal	156
Figura 93	
Extensão da zona comercial até ao centro do Bairro Marechal Carmona	156
Figura 94	
Representação ilustrativa do ambiente na Rua Comercial, elaborado em grupo no 1º semestre	156
Figura 95	
Representação ilustrativa, em axonometria, de um possível sistema de agregação das tipologias	158
Figura 96	
Representação ilustrativa, em planta, de um possível desenho de espaço verde no interior da Rua Comercial.	158
Figura 97	
Perspectiva da relação de proximidade do edificado com o espaço público na Rua Comercial.	158
Figura 98	
Secção ilustrativa, que expressa uma possibilidade compositiva formal do alçado da Rua Comercial.	158
Figura 99	
Um espaço dedicado à promoção da cultura, montagem elaborada para a disciplina de seminários, 1º semestre, manifesto	162
Figura 100	
Composição que explora a relação entre cheios e vazios, Eduardo Chillida	166
Figura 101	
"Action Painting", Jackson Pollock e a exploração do seu universo compositivo através da sobreposição de formas	168
Figura 102	
"Memory, mind, matter", Eduardo Chillida, 1987	168
Figura 103	
Desenho conceptual da implantação do edificado	170

Figura 104	
Desenho do edifício em relação à orientação da Rua Geraldo Sem Pavor	172
Figura 105	
Continuação de espaço público, entre das zonas verdes, através do interior do equipamento	172
Figura 106	
Diagrama esquemático da diferenciação de cotas na distinção de tipos de usos	172
Figura 107	
Alastair-Magnaldo, título desconhecido	174
Figura 108	
Planta Piso Térreo	175
Figura 109	
Planta Piso Inferior	175
Figura 110	
Planta Piso 1	177
Figura 111	
Planta Piso 2	178
Figura 112	
Esquísso de aproximação à solução, que demonstra a escada de acesso à 2ª plateia, desenho elaborado pelo autor	180
Figura 113	
Vista da plateia principal sobre o palco, desenho elaborado pelo autor	180
Figura 114	
Secção esquemática que demonstra tentativa de guiar a luz natural para o palco, desenho elaborado pelo autor	180
Figura 115	
Esquísso de aproximação à solução, que trabalha a relação entre o saguão e o espaço polivalente, desenho elaborado pelo autor	182
Figura 116	
Vista interior do espaço polivalente com a configuração de pequeno auditório, desenho elaborado pelo autor	182
Figura 117	
Esquísso de aproximação à solução, que trabalha a relação entre o saguão e o espaço polivalente, desenho elaborado pelo autor	184
Figura 118	
Vista interior do espaço polivalente com a configuração de pequeno auditório, desenho elaborado pelo autor	184

Figura 119

Esquisso de aproximação à solução, que trabalha os acessos e o início da exposição, desenho elaborado pelo autor

186

Figura 120

Esquisso de aproximação à solução, que trabalha o poço de luz natural no espaço expositivo, desenho elaborado pelo autor

186

Figura 121

Secção de aproximação à solução que relaciona o volume principal e a ilha central, desenho elaborado pelo autor

188

Figura 122

Vista interior do espaço de livraria desde a entrada, desenho elaborado pelo autor

188

Figura 123

Esquisso do interior da sala de estudo e a sua relação com os vazios do piso superior, desenho elaborado pelo autor

190

Figura 124

Esquisso do corredor que acede às instalações sanitárias iluminado por luz natural através da claraboia, desenho elaborado pelo autor

190

Figura 126

O fogo e as pessoas, tal como o vazio como um espaço de reunião, desenho elaborado pelo autor

192



UM OLHAR SOBRE CASCAIS

(...) é a notável vila de Cascais (...), na qual parece que quis a natureza ajuntar todo o bom, que há do oriente até à mesma vila, dando-lhe puríssimos e temperadíssimos ares, de modo que não há verão tão caloroso que nela faça sentir grande calma pela vizinhança dó Oceano Atlântico, que quase a cerca, e da fresquíssima Serra de Sintra que, com frescos e brandos ventos, ficando-lhe da parte da terra, lhe está refrescando o ar, que o Sol com seus raios aquece.

Nem há inverno tão rigoroso, que nela faça sentir grande frio por respeito dos ventos sul e noroeste q'Ue de ordinário naquele tempo sopram e de si são mais brandos que o norte e nordeste do Verão. E assim é a mais sadia terra, que se sabe em Portugal, e em que os homens mais vivem e mais são e donde de todo está desterrado um mal, que a tantos consome a vida, que é a melancolia. Sua água é certo que quem a bebe sara do mal da pedra, por mais anos que o tenha antes de a beber; e a vizinhança desta cidade de Lisboa a faz mui provida de toda a sorte de mantimentos, e a da Serra de Sintra e Colares de toda a sorte de frutas, assim de caroço e pevide e de espinho, como de toda a fruta de leite, perdizes, coelhos, galinhas, frangos, leitões e de toda a mais caça, que nas outras partes há; tendo muito e bom vinho, azeite pouco, e estremado trigo e cevada, ainda que pouco”.

XXIV

”

001

01

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende dar continuidade ao tema iniciado na cadeira de Projecto VI no 9º semestre curricular do curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, que têm como área de intervenção o Bairro Marechal Carmona, situado na periferia da Vila de Cascais, apresentando-se "esquecido" no território, envelhecido e empobrecido, debilitado e com fortes carências de oferta de condições de salubridade habitacional e variedade programática assim como uma fraca vitalidade local.

Através de uma estratégia para a Cidade, pretende-se mitigar a dependência que é presenciada entre os bairros periféricos e o centro histórico, propondo uma maior sinergia e dinâmica urbana no concelho que por sua vez permitirá focar a atenção no Bairro Marechal Carmona, redesenhando o plano urbano e otimizando a forma como este comunica com a envolvente de forma mais activa.

002

Em segunda instância, espera-se que um redesenho urbano do Bairro Marechal Carmona na íntegra se assuma como um marco/referência na periferia. Esta nova identidade, aliada à inexistência de uma "Porta de Entrada em Cascais" (relação interior-exterior de Cascais), contribuí para uma resposta formal, auxiliando a criação de uma narrativa/discurso entre limites locais, subentendidos, mas não perceptíveis. Assim espera-se, que a centralidade que o bairro detém em relação aos outros bairros (que compõem a periferia de Cascais) assim como a proximidade para com o centro histórico, contribua para um discurso que se pretende mais unificado e presente entre o centro de Cascais e a periferia adjacente.

Como terceira premissa, espera-se que a intervenção no Bairro Marechal Carmona possa surtir um "efeito borboleta" no despoletar de futuras intervenções nos bairros adjacentes, e consequentemente, contribuir para uma inversão de pensamento no que diz respeito à forma como se enquadra e classifica a habitação de carácter social e a população que a habita (baixo custo, baixa qualidade) como algo a evitar, mas sim como áreas de grande potencial social que podem contribuir vivamente para uma sociedade que se pretende mais inclusiva, menos preconceituosa, com uma consciência cívica mais presente e mais conectada do ponto de vista social e humano.

Assim, o projecto pretende solucionar alguns dos problemas anteriormente

enunciados, ambicionando com esse gesto a consolidação do espaço urbano, preservando o Património Humano existente, dotando o lugar de uma variedade programática adequada que aliado à qualificação do espaço público, promova uma dinâmica social activa.

Esta proposta, que procura qualificar parte da cidade com uma nova imagem, encontra no Bairro Marechal Carmona uma oportunidade única no âmbito reabilitação de zonas degradadas e socialmente debilitadas, revitalizando e contribuindo para uma melhoria significativa do concelho de Cascais, promovendo uma cidade que se pretende mais inclusiva, diversificada e acessível para todos.

Levanta-se, então, outra questão: de que modo esta intervenção será capaz de criar um diálogo entre os distintos bairros constituintes da periferia, assumindo como ponto-de-encontro em contexto cidade, o Bairro Marechal Carmona?

003

Neste sentido é de extrema importância, a forma como a articulação entre a zona de intervenção e o contexto urbano é realizado. É proposto um novo plano urbano para o Bairro Marechal Carmona com o intuito de qualificar um lugar que valorize a qualidade de vida das pessoas, através da implementação de um sistema de mobilidade que valorize o pedestre em detrimento do uso do automóvel (sistema car-free) abrangente a todo o bairro, e que permita criar a plataforma ideal destinada ao aproveitamento do espaço público por parte dos seus residentes. O Património Humano existente neste bairro, é visto como o intermediário de extrema importância entre um passado e um futuro.

O projecto procura estimular a dinâmica social no bairro através de um mecanismo de regeneração social, que promova a inclusão inter-geracional e partilha de experiências através do contacto com a cultura suportada por um desenvolvimento económico que promova o consumo local, estimulando assim os negócios regionais e locais.

Mas de que forma este novo equipamento cultural poderá contribuir para a inclusão social?

Apoiado por um plano que propõe uma alteração na forma como se habita o espaço público, atribuindo ao mesmo um carácter mais apelativo e pronto a servir

as necessidades de quem o habita, o novo plano urbano para o Bairro Marechal Carmona apresenta um programa multifuncional de elevada complexidade e variedade, onde o programa habitacional assume um grande protagonismo ao longo de todo o bairro. No entanto este é suportado por uma zona de comércio, negócios e essencialmente um equipamento Cultural que procura não só servir os residentes deste bairro, como também permitir uma interacção mais próxima com os habitantes de diferentes pontos do concelho, dotando-o de características que lhe garantirão uma maior atractividade, contribuindo directamente para uma nova dinâmica na periferia da Vila de Cascais.

Considerando esta base como suporte teórico, foram propostos os objetivos que se pretendem estabelecer nesta intervenção:

- A consolidação do tecido urbano e da relação entre diferentes zonas de maior densidade populacional (bairros) que se encontram na periferia, promovendo a integração dos mesmos no concelho de forma activa, através de uma estratégia para a cidade que promove a interligação e sinergia económica e social.
- O (re)desenhar de um bairro de carácter "social" em cidade, correspondente à área de intervenção deste exercício, pressupondo a reinterpretação dos seus códigos urbanos e das suas relações intrínsecas tais como o tipo de vivência, tipo de população residente, costumes e essência do lugar dentro do contexto urbano.
- A construção de um programa para o uso e ocupação que promova a cultura como elo de ligação no território, aliado a medidas que promovam a vivência do espaço público com maior qualidade e intensidade para com isto proporcionar maior qualidade de vida no território.

Assim sendo, o presente trabalho encontra-se estruturado fundamentalmente por uma base teórica e uma componente prática, organizando-se da seguinte forma:

A componente teórica surge com a intenção de sustentar a realização da proposta de projecto, através da demonstração e constatação da investigação elaborada, formando um raciocínio e uma lógica de pensar auxiliar a todo o decorrer do processo de trabalho.

Esta componente teórica encontra-se substancialmente presente nos capítulos "A Arquitectura como Expressão" onde se pretende desenvolver uma introdução à forma como se constrói e lê o ambiente urbano e de que forma esta se adapta actualmente à necessidade física e mental do homem enquanto ser humano. Posteriormente abordar-se-à a importância da qualificação e adequabilidade do espaço público nas cidades para as pessoas, e de que forma poderá desempenhar uma função de plataforma potencializadora de relações e interações sociais ao mesmo tempo que o território aumenta de forma sustentável e sem limites aparentes de crescimento. Com isto, surge o papel e contribuição da Arquitectura enquanto ferramenta projectual de planeamento do território, na formalização de uma ideia, materialização da mesma e adaptação, albergando a responsabilidade de que tal atitude inerente ao acto de projectar e de decidir, pode condicionar a vida das pessoas e respectiva formação do individuo.

005

Num segundo momento, através da "Imagem da Cidade", encontram-se as características do território em que se pretende intervir, neste caso o concelho de Cascais, mais concretamente na periferia à Vila histórica de Cascais. Aborda o território de forma analítica, desde uma micro escala a uma macro escala, chegando ao plano de pormenor, ao mesmo tempo que se procura relacionar as fragilidades encontradas no território e com isso definir uma estratégia de intervenção urbana adequada para o mesmo, que contempla não só o local da intervenção de projecto (Bairro Marechal Carmona) mas também as restantes zonas do território que compõem a periferia.

Serão ainda apresentados uma selecção de casos de referência, no capítulo de "Os Casos de Estudo" que pretendem sintetizar conceitos, formas de pensamento e linhas de acção desenvolvidos numa investigação teórica, através da análise e representação de exemplos práticos na Arquitectura, que contém características que se enquadram e assemelham como o trabalho que se pretende desenvolver. A selecção dos mesmos surge com o propósito de enriquecimento do pensamento e soluções projectuais a adoptar no desenvolvimento do trabalho prático.

Por sua vez, a componente prática pretende ilustrar o resultado da reflexão realizada através do estudo teórico, resultando na formalização de um projecto arquitectónico, apresentado no capítulo denominado como "A Casa Cultural".

No quinto capítulo – A Casa Cultural - é revelada a proposta de projeto para o Bairro Marechal Carmona, passando pela proposta urbana à peça Arquitectónica.

No sexto e último capítulo apresentam-se as considerações finais retiradas do desenvolvimento deste Projeto Final de mestrado, como conclusão.

Nos anexos, não menos preponderantes para com o resultado final, é possível encontrar todas as peças que constituem o suporte à definição do presente projecto.

02

ARQUITECTURA COMO EXPRESSÃO

2.1

A Cidade e os seus Elementos Constituintes

2.2

O Espaço Público e as Pessoas

2.3

**O Contributo da Arquitectura na criação de
Sinergias na Urbe**

008

2.4

Síntese



2.1

A CIDADE E OS SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES

Recordo com grande apreço, as viagens feitas em família, durante a adolescência.

Inevitavelmente somos resultado das experiências e momentos que passamos ao longo da vida, uns mais importantes ou marcantes que outros, mas todos eles relevantes para a definição do que somos no presente. Uma das características desses momentos é que por vezes damos-nos conta da sua importância no preciso instante em que os vivemos. Outra é que por vezes, apenas nos apercebemos da importância de tal momento e a repercussão do mesmo em nós próprios, posteriormente (por vezes, com um intervalo de tempo considerável desde o acontecimento). No entanto, existe algo que por distintas razões perdura na nossa mente, refiro a imagem e do poder associado à mesma.

É precisamente através de uma imagem criada num determinado momento da adolescência que surgiu o início do percurso pessoal ligado à Arquitectura. As relações sociais entre as pessoas e a forma como estas interagem entre si em diferentes contextos, seja em grupo ou na sua individualidade, cedo se tornou em “algo” que através da posição de observador, procurava relacionar com um sentido próprio ou uma razão específica, que por sua vez justificaria os diferentes comportamentos das pessoas com que diariamente me cruzava. Com o passar dos anos apercebi-me do simples facto de que essas relações sociais, aconteciam inevitavelmente num espaço físico e que as características desse espaço se poderiam constituir como um elemento decisivo para potenciar ou condicionar a interacção entre as pessoas. É uma relação constante e recíproca entre o espaço e quem o habita, e pensar em relações sociais individualizadas para entender o comportamento humano sem o contexto físico, não é possível nem assertivo. Poderá dizer-se, por hipótese, que o espaço físico (a cidade, a vila, o campo) é um palco onde os seus intervenientes (as pessoas) se relacionam, e para que esta relação aconteça de forma natural existem elementos que estruturam o contexto físico, potenciando ou condicionando o surgimento de momentos.

Figura 01

(página anterior)

Fotografia do Fórum Romano
para com Monumento Vitor
Emanuel II de Itália, Roma

011



CAMINHOS



NÓS



PONTOS DE INTERESSE



LIMITES



BAIRROS

Ao enquadrar o olhar, desde o Fórum Romano para com o Monumento Vitor Emanuel II de Itália, sobressaindo da homogeneidade urbana oriunda dos diversos edifícios que compõem a paisagem urbana, destacam-se as diversas cúpulas das Igrejas pela sua forma e monumentalidade, que por sua vez, parecem comunicar entre si.

Para além do simbolismo relacionado com o Sagrado, estes marcos assumem um total destaque no contexto onde se inserem e reforçam uma posição desta tipologia de edifício no plano urbano. Esta característica serve um propósito e permite que os locais de culto (aliados a esta tipologia de edifício) se tornem facilmente identificáveis pelos fiéis, ao mesmo tempo que providenciam um importante contributo para com a estrutura da cidade e para com a sua mobilidade interna.

Devido ao crescimento da cidade e da sua elevada densificação, a mobilidade dentro da mesma poderia ficar comprometida. Para que tal não aconteça, torna-se fulcral que a cidade seja estruturada e pensada segundo um sistema de relações interdependentes, que providenciam uma melhor percepção e orientação no acto de habitar a cidade.

012

Kevin Lynch, destaca com bastante clareza um sistema de relações existentes entre diferentes elementos urbanos que, actuando em sinergia, promovem a habitabilidade e prestam um importante auxílio na construção mental do ambiente urbano, definindo uma imagem de cidade e proporcionando uma melhor percepção do espaço em redor. Através de uma “desconstrução” teórica da cidade, baseada na percepção e forma como as pessoas habitam as cidades, o Urbanista pôde concluir e identificar diferentes elementos que compõem a imagem da cidade, definindo-os como “Caminhos”, “Nós”, “Pontos de Interesse”, “Limites”, e “Bairros”.

Os “Caminhos” são os principais elementos estruturadores do ambiente urbano, os “Nós” constituem-se como pontos estratégicos na cidade e que evidenciam a relação de onde se vem e para onde se vai. Por sua vez, os “Limites” constituem-se como os elementos lineares que compostos pelos limites de duas regiões distintas. Os “Bairros” ocupam áreas significativas da cidade e identificam-se por partilharem características em comum. Os “Pontos de Interesse” desempenham a

Figura 02

(página anterior)

Elementos compositivos da
Imagem da Cidade, Kevin
Lynch, 1966

função de indicar os centros importantes (o exemplo do protagonismo assumido pelas cúpulas das igrejas anteriormente descrito poderia então classificar-se como “Pontos de interesse”).

Ainda, segundo Lynch, estes constituem-se como elementos de referência espacial que não necessitam obrigatoriamente de ser habitados para existir e desempenhar a sua função no território. Estes destacam-se pela sua singularidade e pelo contraste que assumem com o contexto onde se inserem e os seu protagonismo é maior quando é facilmente identificável e visível através de um longo período de tempo ou distância percorrida.

“(...) Pode ser uma torre cuja silhueta se desenha por cima de telhados baixos, flores em contraste com uma parede de pedra, uma superfície brilhante numa cidade monótona, uma igreja no meio de lojas, um elemento saliente numa fachada contínua. A predominância espacial é um factor altamente determinante na chamada de atenção.” (Lynch, 1966, p. 113).

013

Embora a grandeza física dos “Ponto de Interesse” se constitua à partida como o factor decisivo e classificador do mesmo, não é totalmente garantido que a sua escala garanta o seu propósito de existência, querendo com isto dizer que um elemento marcante não terá que ser necessariamente grande. Existem outros factores paralelos à escala, porventura mais relevantes, e que contribuem para uma melhor leitura deste elemento e coerência no ambiente urbano.

“Crucial é a sua localização: no caso de ser grande ou alto, o conjunto espacial em que se insere deve permitir que o vejamos. No caso de ser pequeno, devemos ter em conta que existem certas zonas para as quais a atenção perceptível se dirige mais frequentemente: pavimentos ou fachadas situadas junto ao nível óptico ou sensivelmente abaixo deste. Quaisquer quebras no movimento, cruzamentos ou pontos de mudança de direcção, são locais de acentuada percepção.” (Lynch, 1966, p. 113).

A principal característica deste último elemento e no qual se deposita especial atenção, foca-se na particularidade que este tem no contexto onde se insere, podendo tal factor ser alcançado através da escala ou estabelecendo um forte contraste local com os elementos mais próximos. A sua existência está

naturalmente associada aos restantes elementos, e desempenha uma importante função na percepção do ambiente urbano, proporcionando uma mobilidade urbana mais eficiente originada pela clareza na leitura do espaço e percepção do mesmo, por parte das pessoas.

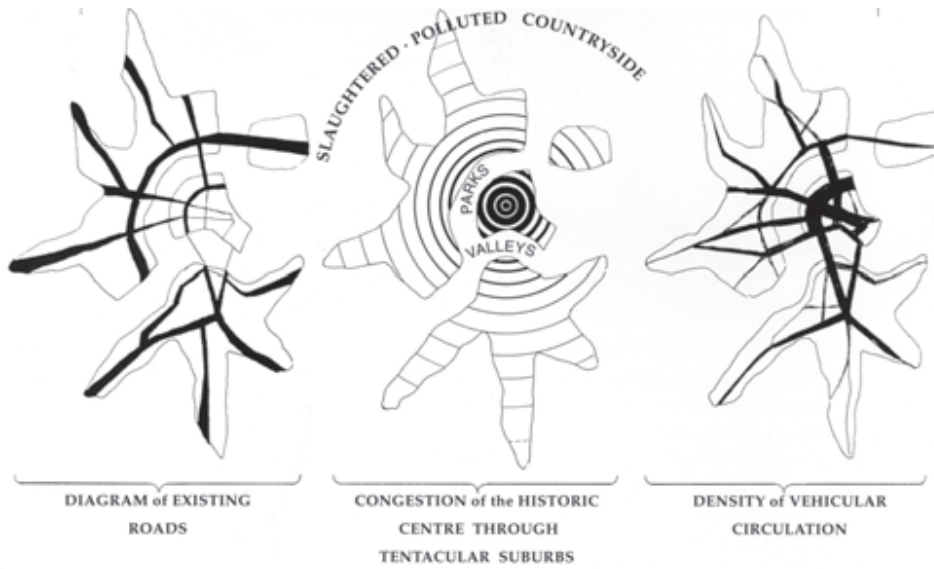
A imagem da cidade surge fortalecida se as diferentes relações entre os diferentes espaços compositivos do ambiente urbano ("Caminhos", "Nós", "Pontos de Interesse", "Limites", e "Bairros") estejam assegurados de uma forma clara e qualificada, para com isto tornar a habitabilidade do espaço urbano mais agradável, dinâmica e acessível do ponto de vista da mobilidade interna na cidade. À medida que a cidade cresce, o ambiente urbano torna-se cada vez mais complexo, resultado de uma sociedade também ela complexa, e como tal, torna-se evidente a presença dos elementos compositivos sintetizados por Lynch. A presença destes, surge não como imposição ditatorial sobre o território, mas sim como uma característica presente na grande maioria das cidades.

014

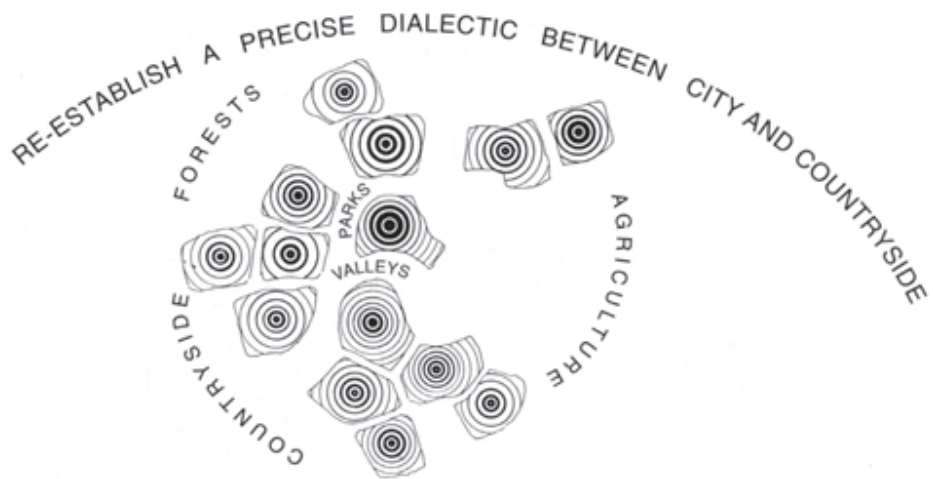
Pensar na expansão da cidade engloba pensar em que imagem de cidade se pretende assumir, que linguagem formal e conceptual esta deve assumir para que através do planeamento seja possível anular possíveis debilidades de extracto social ou económico, ao mesmo tempo que se potencializam áreas desqualificadas ou detentoras de uma qualidade de vida inferior.

De forma a promover uma maior sinergia entre o centro histórico e os subúrbios das cidades, anulando alguns dos efeitos menos positivos oriundos das premissas impostas pelo planeamento moderno que se focava muito na compartimentação das cidades segundo determinados tipos de uso, encontra-se no conceito de "Cidades Policêntricas" (desenvolvido pelo Arquitecto e Urbanista Léon Krier) um modelo de crescimento/expansão de cidade onde este destaca uma mudança de paradigma na forma com se constroem as cidades, e como a relação entre o centro e a periferia poderá ser feita de forma integrante e, acima de tudo, de forma sustentável.

Na realidade, e segundo Leon Krier (2009, p.137), "hoje em dia, o termo é usado de maneira insustentável. Desenvolvimento sustentável ou cidade é um mito poderoso com um pouco de realidade. De facto, não existem conceitos confiáveis de cidades sustentáveis que seriam generalizáveis ainda. Existem apenas hipóteses de natureza parcial." (Traduzido pelo autor)



015



O que se pretende com planeamento sustentável vai de encontro às necessidades locais do sítio onde se intervém, de forma a que o planeamento possibilite a expansão de cidade em redor do seu centro. Geralmente as cidades europeias constituem-se por um núcleo central (centro histórico) e expandem-se para a sua periferia (geralmente denominados como subúrbios). Dado o aumento populacional, principalmente no ambiente urbano, a sua expansão torna-se inevitável visto que os centros históricos não têm uma estrutura adequada para albergar tantas pessoas, serviços e equipamentos. Assim, estas têm que se deslocar para as periferias de forma a que possam viver em zonas relativamente próximas do centro, mas sem estarem propriamente no centro.

Ao invés do que se pode identificar neste modelo mais recorrente, um pouco por toda a Europa, Krier propõe um plano onde a gentrificação presente nas grandes cidades seja mitigada através de uma cidade composta por múltiplas vilas, de menor dimensão (facilmente percorriáveis a pé de extremo-a-extremo num intervalo de tempo aceitáveis), que por sua vez se localizam e multiplicam em redor de um centro (composto por uma referência urbana, tal como um monumento ou edifícios relevantes, ou mesmo um vazio).

Uma das grandes alterações presentes neste conceito, consiste na desmobilização de vários serviços, equipamentos e tipos de uso ao longo das diferentes vilas que compõem a cidade. Por sua vez, a relação entre estas é consolidada através de corredores comerciais ou eixos comerciais. Estas artérias assumem uma função preponderante na vitalidade social e económica, ao mesmo tempo que fortalecem a integração entre os diferentes espaços compositivos da cidade, contribuindo para a sensação de unidade e pertença junto da comunidade. Do ponto de vista da sustentabilidade, este modelo permite um crescimento de cidade mais orgânico uma vez que não tende a ultrapassar a capacidade estrutural que suporta. Ao invés, aquando atingido o limite de densificação que a define, promove a sua expansão mas que esta seja feita através de uma replicação do modelo no território (tal como uma célula que se multiplica).

Figura 03

(página anterior, em cima)
Diagrama que evidencia o congestionamento dos centros das cidades, Leon Krier, 2009

Figura 04

(página anterior, em baixo)
Diagrama proposto como solução sustentável para o desenvolvimento e crescimento das cidades, Leon Krier, 2009

"Exactly like an individual who has reached maturity, a "mature" city cannot grow bigger or spread out (vertically or horizontally) without losing its essential quality. Just like a family of individuals, a city can grow only by reproduction and multiplication, that is, by becoming polycentric and polynuclear." (Krier, 2011, p.134).



Road hierarchy – through and local traffic.



Urban quarter boundaries and main public



Main streets linking all four quarters.



Employment sites, private and public – approx-

Com isto, a cidade ganha maior diversidade de lugares, maior capacidade de crescimento visto que este modelo de expansão permite uma constante replicação e propagação pelo território, e anula a dependência económica dos centros históricos para efeitos de negócios e consumo de bens, preservando as suas valências e qualidade de vida ao mesmo tempo que as periferias assumem outro tipo de função para além de se constituírem como zonas residenciais.

"(...) the transformation of underdeveloped suburbs into autonomous urban quarters and villages, will be the impetus for a process of territorial transformation, internal growth, and the flowering of the suburbs. It will make vast tracts of single-family houses, public housing, and monofunctional business, educational, commercial, and industrial zones available for redevelopment." (Krier, 2011, p.109).

Figura 05

(página anterior, em cima à esquerda)

Hierarquia de arruamentos que estruturam a Vila, Leon Krier, 2009

Adaptando este conceito trabalhado pelo Arquitecto, acredita-se que a implementação do mesmo no território poderá surtir um efeito positivo na procura pela expansão de cidade de forma natural, regrada e acima de tudo, de forma sustentável ao mesmo tempo que se promove o sentido de comunidade na sociedade. Juntamente com as medidas enumeradas pelo Arquitecto Jan Gehl,

Figura 06

(página anterior, em cima à direita)

Os diferentes quarteirões que compõem o espaço urbano, Leon Krier, 2009

que visam uma maior preponderância dos pedestres no uso do espaço público e a urgência que tal aconteça para que as cidades ganhem maior vitalidade (económica e socialmente), pensa-se que a implementação do conceito proveniente das "Cidades Policêntricas" de Krier, poderá de certa forma, contribuir para uma maior dinamismo na relação entre diferentes bairros menos qualificados e com uma qualidade de vida mais empobrecida.

Figura 07

(página anterior, em baixo à esquerda)

Corredores comerciais entre diferentes pontos da cidade, Leon Krier, 2009

Ao relacionarem-se as zonas periféricas entre si (constituídas maioritariamente por bairros habitacionais), elimina-se o efeito de dependência para com o centro, visto que à existente centralidade se aliam novos centros na periferia, promovendo-se uma dinâmica social e económica local, que enfatiza e promove a importância de cada zona do concelho (cada bairro por exemplo) em detrimento de uma certa doutrinação existente entre cada Bairro e o Centro. Ao incentivar o diálogo

Figura 08

(página anterior, em baixo à esquerda)

Edifícios com usos específicos, públicos e privados, Leon Krier, 2009

entre bairros periféricos com o centro histórico, promove-se o comércio local e as relações sociais intensificam-se, contribuindo para uma sociedade que se pretende mais coesa, activa e próxima, melhorando assim o sentido cívico de vivência em sociedade e conseqüente dinâmica social, melhorando naturalmente a qualidade de vida das pessoas.



2.2

O ESPAÇO PÚBLICO E AS PESSOAS

Se pensarmos nas mudanças ocorridas na história, é possível constatar que é nas cidades que a vanguarda assume a sua maior expressão, em qualquer área. Aqui é o ponto de conexão das várias áreas do conhecimento e é também aqui que existe um ambiente propício a que essas mesmas inovações sejam testadas.

“A cidade é uma entidade individualizada com certa dimensão e densidade onde se desenrola um conjunto expressivo e diversificado de actividades. O conceito inclui a forma de ocupação do território, as actividades económicas desenvolvidas no seu interior, (...), e o modo de vida dos habitantes.” (Salgueiro, 1992, p. 26).

020

Procurando reverter alguns dos efeitos que se vieram a sentir um pouco por toda a Europa após o início do período industrial, que teve no uso da máquina e do processo de linha de montagem o seu principal mecanismo para o desenvolvimento e criação de riqueza, identificou-se que as cidades em grande maioria adquirem certas características semelhantes onde a indústria (actualmente algo desfigurada), dada a sua grandeza e necessidade de espaço físico para todas as suas infra-estruturas, ao mesmo tempo que ajudou a impulsionar a economia de certas cidades, foi também um agente importante na descaracterização das cidades e do uso funcional das mesmas.

“O século XIX surge como um século de transição entre os sistemas que podemos qualificar de tradicionais e as novas concepções da cidade: durante séculos o urbano reflectiu um acordo quase perfeito entre os valores arquitectónicos e o espaço [...], ao passo que o século XIX procura novas relações entre organização urbana e o plano de conjunto.” (Delfante, 2000, p. 232).

Figura 09

(página anterior)

Criança a brincar na praça de São Marcos em Veneza durante a "acqua alta"

Do ponto de vista do planeamento urbano a grande indústria contribuiu para uma certa segregação e descaracterização da Cidade e incutiu o pensamento de que o ser humano começava a ser pensado também como uma peça deste

complexo sistema, influenciando o seu comportamento social de forma negativa. As ruas onde o comércio e as relações sociais se criavam e fortaleciam deram origem a artérias que ligavam os polos industriais ao centro das cidades. O período que viria a suceder à Indústria revelaria na sua génese uma tentativa de organização de uma sociedade industrial, com soluções racionais e lógicas de forma pragmática, resolvendo a negligência no planeamento urbano oriundo das cidades operárias.

“O movimento moderno, e este é um facto essencial da história do urbanismo, desejava ver desaparecer a rua, porque ela era aquela “ rua corredor ”, símbolo de amontoamento, de promiscuidade, de falta de ar e de luz, sinónimo de doença e, especialmente, de tuberculose, porque autores, de entre os maiores, tinham estigmatizado os seus malefícios, porque era preciso um plano livre e o desenvolvimento dos espaços verdes para aproximar os homens da natureza.”

021

(Delfante, 2000, p. 286).

Novas preocupações em relação ao planeamento urbano propuseram uma distribuição dos habitantes de forma uniforme pelo espaço disponível, e com isto foi possível obter uma maior capacidade em relação ao programa de habitação assim como para o espaço público (ruas e espaço de permanência) e espaços verdes. No período entre as duas Grandes Guerras Mundiais, assiste-se ao início do Movimento Moderno e à concepção de planos de cidade que evidenciavam um conceito geral para o crescimento das cidades.

“Os anos 30 foram importantes porque, apesar de se recorrer a meios de acção muito diversos, teorias diferentes e até opostas, havia unanimidade quando se tratava de criticar a cidade, as suas deficiências e os males gerados por ela. Foi naturalmente depois da sua fundação em 1928, que os Congressos de Arquitectura Moderna, os CIAM, formularam um requerimento contra a cidade tal como existia, e redigiram em 1933 os princípios da Carta de Atenas”. (Pelletier e Delfante, 2000, p. 253).

Em 1933, na realização do IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM), são identificadas as insuficiências e maiores carências da Cidade e elaborada a Carta de Atenas. Este documento descrevia a ideologia funcionalista, sintetizava conceitos de planeamento, e continha directrizes e metodologias a

serem aplicadas internacionalmente com intuito de conseguir uma melhoria para com as condições de vida dos habitantes.

“Os defensores do “Novo Espírito”, segundo os quais a máquina tinha o poder de libertar o homem do trabalho dependente, de procurar a abundância universal, de conferir às suas produções uma beleza nova e específica, de produzir as casas individuais ou habitação colectiva cuja altura permitiria libertar o solo e fazer entrar muita vegetação na cidade, abordavam os problemas do urbanismo de maneira muito científica para a altura.” (Pelletier e Delfante, 2000, p. 252).

Esta ideologia de carácter funcional, auxiliada pelos novos materiais e técnicas de construção desenvolvidas durante aquele período (tais como o vidro e o ferro), viria a valorizar o edifício isolado e as suas características tipo morfológicas, originando com isto uma certa descontinuidade na linguagem formal de ruas ou praças. O reflexo desta abordagem é revelado pelo plano da Ville Radieuse pelo Arquitecto Le Corbusier, onde enormes blocos pré-fabricados e idênticos se desenvolviam na vertical e eram distribuídos por grandes espaços verdes. O princípio defendido por este plano urbano, visava a noção de zonamento ou separação de funções (divisão rigorosa da cidade em áreas residenciais, comerciais, de negócio e de lazer), que viria posteriormente a ser inserido na Carta de Atenas, assumir-se-ia como uma enorme influência para o planeamento moderno.

022

A partir da década de 50 e 60, após as grandes cidades já terem sido construídas seguindo o modelo internacional estabelecido pelo movimento moderno, foi possível avaliar-se as verdadeiras consequências do planeamento funcionalista. Essencialmente, constatou-se que de facto uma distribuição menos densificada de edifícios de carácter habitacional assegurava uma maior presença de iluminação natural e circulação de ar, embora, do ponto vista das relações sociais, fosse possível identificar uma certa dissipação de pessoas e eventos. Paralelamente a este factor, a separação de funções em relação a edifícios de habitação, trabalho e lazer provocou uma redução nos contactos mais próximos entre pessoas. A separação dos usos da cidade e os enormes edifícios individuais deram origem a cidades sem vida.

Com o surgimento desta forma funcional de projectar cidade, assistiu-se assim ao desprezar da história e das características do território em relação à magnitude

destas cidades verticais. O seu desenvolvimento significou o domínio perante o plano horizontal onde se assenta, provocando com isso uma certa dificuldade na imposição de um sistema de relações coerente entre espaços organizados.

"E no seu crescimento incontrolado arrasa tudo, desde a paisagem natural até ao próprio homem que a cria. É um tipo novo de espaço organizado, tão impressionante pelas suas dimensões como ultrajante em relação ao homem pelo modo como se lhe impõe, é uma espécie de monstro que o homem gerou para seu serviço e utilidade, mas que por dominante que passou a ser, o domina agora nas suas garras." (Távora, 2008, p. 35).

023

Talvez fascinados pelo desenvolvimento de uma nova técnica de construir, fruto do aprofundar do conhecimento da ciência em novos materiais, e assumindo uma ideologia que pretendia apresentar um certo desprender em relação ao passado, os Arquitectos aprimoraram as suas peças arquitectónicas com alguma despreocupação na forma como estes assumem o toque com o solo, impondo sobre este o seu domínio. Visto que os materiais de então permitiam o elevar do edifício do solo, libertando o espaço daí resultante para espaço público, pensou-se que esta característica (juntamente com outras) iria potenciar uma maior relação e fortalecimento de acções sociais e encontro de pessoas, visto que à condição, haveria mais espaço para que estas dinâmicas se sucedessem. O que se pôde contudo observar posteriormente foi que o espaço resultante da elevação do edifício, juntamente com os enormes espaços livres entre blocos edificados inseridos no plano urbano, não desempenhavam um papel de fortalecimento do sentido comunitário mas espelhavam a falta de incentivo que essas mesmas pessoas tinham para habitar estes enormes espaços verdes mas impessoais, e frios. A falta de detalhe e atenção atribuído à qualificação dos espaços públicos teve um enorme impacto na debilitação da saúde mental das pessoas nas cidades visto que estas não interagiam.

"First we shape cities, then they shape us" (Gehl, 2010, p.9).

Partindo desta afirmação de Jan Gehl, traça-se um paralelismo entre o urbanismo moderno e a forma como este moldou as pessoas e a sua forma de viver. No urbanismo moderno enfatizou-se a construção de edifícios isolados, por vezes sem diálogo entre si ou mesmo com o espaço resultante tal como espaços urbanos

públicos, parques ou grandes áreas verdes. Esta abordagem colocou como papel secundário as relações sociais, o que juntamente com as grandes distâncias físicas entre pessoas e acontecimentos encontrou no automóvel o meio de transporte predilecto de deslocação. A soma de todos estes factores viria a contribuir para uma redução significativa do número de actividades no espaço público, o que em contexto de cidade originou lugares anti-sociais.

“Numa sociedade cada vez mais privatizada com casas privadas, carros, computadores, escritórios e centros comerciais, a componente pública das nossas vidas está a desaparecer. É cada vez mais importante fazer as cidades mais convidativas, para que nos possamos encontrar com os nossos concidadãos cara a cara e viver através dos nossos sentidos. A vida pública em espaços públicos de boa qualidade é uma parte importante de uma vida democrática e de uma vida plena.” (Gehl, 2012, p. 38).

024

Através da desvalorização da importância do espaço público, a cidade perde o estatuto de local de encontro predilecto e de convívio entre pessoas, e a própria forma como as relações sociais se desenvolvem altera-se.

Conjuntamente à ausência de espaços qualificados na cidade que promovessem diversas actividades básicas do quotidiano (tais como o sentar ou caminhar), a alteração na forma como as pessoas se deslocavam rematou a alteração de paradigma enquanto vivência do espaço público. O automóvel ganhou maior preponderância, e no pensamento racional de cidade moderna, as pessoas encontraram no uso deste meio de transporte individual a melhor solução para otimizar a perda de tempo ao longo do dia. O tempo de deslocamento (essencialmente no percurso desde casa para o trabalho e vice-versa) foi encurtado, no entanto esta forma de deslocamento inviabilizou oportunidades de estar entre outras pessoas e com isso fortalecer relações sociais. Perderam-se assim as bases para uma vida urbana activa e sustentável.

“Pode obter-se um breve vislumbre dos outros a partir de um carro ou através da janela de um comboio, mas a vida acontece a pé. Só “a pé” uma situação pode funcionar como uma oportunidade significativa para contacto e informação, em que o indivíduo está à vontade e é capaz de se demorar para sentir, parar ou se envolver.” (Gehl, 2017a, p. 72).



Numa sociedade actual cada vez mais individualizada e introvertida, em que a componente pública e sentido comunitário surge cada vez mais enfraquecido, torna-se essencial convidar as pessoas a sair dos seus espaços privados de forma a vivenciar a cidade, como parte integrante da mesma.

Fascinado pelos inúmeros avanços tecnológicos, o Homem assume a máquina como parte de si próprio. A mecanização da cidade não existe apenas como um processo funcional ao dispor do Homem moderno, como também exerce uma grande influência no seu. O homem torna-se dependente da solução que criou para o auxiliar nas tarefas mais árduas do quotidiano, e com o desenvolvimento e prosperidade como objectivo comum, assume também ele uma posição mecânica na sociedade moderna, desempenhando a sua função num complexo sistema hierárquico.

Resultante do período industrial, as cidades acusaram um aumento significativo da sua população, sobrecarregando uma estrutura que não estava preparada para tal facto e com isso aumentou também a deterioração dos seus edifícios infraestruturas. Assim, gerou-se uma oportunidade visto que era indispensável uma reforma no que respeita ao planeamento urbano. O futuro visava um ambiente urbano minimalista, de espaços amplos e organizados de forma racional segundo as suas funções, pautados por edifícios de grande escala. De certa forma, estes ambientes espelhariam os ideais caracterizadores do Homem moderno e das suas necessidades.

Abraçando o uso da máquina como sinónimo de desenvolvimento e progresso, este novo homem moderno propõe uma forma de viver à sua imagem. Grandes espaços verdes e amplas avenidas são planeadas e assumem a sua preponderância em relação às ruas de carácter mais tradicional, algo medieval, onde até então as pessoas se deslocavam a pé ou de cavalo. Posto isto, o uso do automóvel torna-se uma das principais formas de deslocamento diário e as próprias cidades são desenhadas para acomodar estes veículos. O urbanismo moderno redefiniu a escala das cidades e transformou por completo a noção de distância visto que com a introdução da máquina no plano da mobilidade, foi possível reduzir o tempo que se demorava a percorrer uma certa distância. Este factor permitiu um total abandono ao modelo de cidade tradicional (que compreende quarteirões com dimensões mais humildes e ajustadas à escala humana), e impôs sobre ela

Figura 10

(página anterior)

Charlie Chaplin no filme "Os Tempos Modernos", 1936

027



uma malha ortogonal composta por extensos quarteirões que convidavam ao uso do automóvel.

Esta nova abordagem em relação à mobilidade e à percepção das distâncias, condicionou a vivência das pessoas e contribuiu para uma alteração dramática dos padrões de vida, e como tal, as relações sociais que até então eram fortalecidas no domínio do espaço público diminuíram, dando origem a um claro enfraquecimento da proximidade entre as pessoas.

Embora se possam identificar melhorias significativas em relação às condições de salubridade que muita da população dispunha, é possível constatar que tais melhorias de habitabilidade trouxeram também graves problemas em relação ao aspecto social. Se por um lado a maioria das pessoas teve acesso a condições básicas de habitabilidade tais como um lugar condigno para viver (com acesso a água canalizada, saneamento e um espaço com áreas mínimas para cada função da habitação), por outro, esta oferta teve também um aspecto disfuncional associado, na forma como estes projectos desvalorizavam as pessoas enquanto pessoas (com necessidades e vontades).

Ao invés de respeitar o espaço social e o comportamento humano das pessoas, de forma a entender como é que o espaço público poderia ser projectado para potenciar uma relação mais próxima entre cidadãos (fortalecendo o sentido comunitário), foi inculcada com o planeamento urbano uma forma de viver e de pensar onde a máquina significava o progresso, e as pessoas faziam parte dessa máquina.

“A “arquitectura funcional” colocou, sem dúvida, o homem como fulcro da sua razão de ser, mas porque considerou apenas alguns aspectos do homem e não procurou a sua totalidade, ela chegou por vezes ao extremo de o negar, sobrepondo-se-lhe. Também aqui o homem se esqueceu de si próprio.” (Távora, 2008, p.4).

Figura 11

(página anterior)
O novo mundo moderno
retratado no filme "Playtime",
de Jacques Tati, 1967

O resultado foi desastroso do ponto de vista social visto que as relações sociais foram despromovidas para segundo plano, no momento em que se construíram as cidades. Na tentativa de colmatar a necessidade básica do Habitar, e, aliado à valorização do transporte individual em relação ao colectivo, os urbanistas

parecem ter relativizado quais seriam os seus intervenientes, ou seja, para quem estavam a projectar. Com isto criou-se a base para uma sociedade segregada e impessoal, onde o contacto social acontecia no momento em que as pessoas chegavam ao seu lar após mais um dia de trabalho.

Sem qualquer qualidade para a permanência das pessoas, os grandes espaços públicos deram origem a grandes espaços urbanos que não eram vividos por pessoas (ou "Não Lugares", como Marc Augé defendia), lugares de transição, com uma função meramente compositiva numa paisagem urbana racional. Ora, esta perda de sensibilidade em relação ao comportamento humano e respectiva forma de se relacionar entre os demais em ambiente urbano evidencia a impessoalidade com que as reformas provenientes do século XX abordaram um novo urbanismo.

029

A partir deste momento as cidades são pensadas no desenvolvimento e criação de capital, e com isto, crescem num ritmo desmesurado onde a verticalidade dos edifícios rasga os céus. Compostos por várias camadas de programas e usos distintos, ambicionam conter nos diferentes pisos o que até então se vivia ao nível da rua, tentando de alguma forma replicar no seu interior o ambiente que a rua propunha. Para isso era necessário que os edifícios contivessem no seu interior vários tipos de serviços, negócios ou áreas de lazer, libertando o espaço resultante entre edifícios para a criação de avenidas que permitissem um fluxo contínuo de pessoas até esses mesmos edifícios através dos seus veículos próprios.

Este impulso económico e crescimento abundante, revelou também o abandono de uma escala doméstica, relacionada com a "escala humana". A possibilidade de construir uma cidade de raiz, num curto tempo, exigia pragmatismo e uma forte aplicação de um conceito definido no planeamento de cidade por parte do pensamento funcionalista. Com isto surgem planos de cidade que negligenciavam as características topográficas do território e impunham sobre ele a chamada "tábula rasa".

A partir daí, pôde-se colocar em prática um desenho de cidade racional que favorecia a repetição e a construção em banda, auxiliado por uma malha estrutural rígida (assente maioritariamente no ângulo recto), onde as características tipo morfológicas dos edifícios eram uniformizadas numa versão padrão (presente

em diversos volumes colocados ao longo do território, com ornamentação praticamente inexistente e com traços rectos longitudinais muito vincados), reforçando alinhamentos de ruas ou avenidas que culminavam em edifícios mais expressivos e com um tipo de uso mais específico.

Esta nova abordagem em relação ao desenho de cidade, ao mesmo tempo que impõe uma ordem matricial que define e divide explicitamente os tipos de uso e funções que cada zona da cidade aufere, revela um certo distanciamento para com as proporções anatómicas do ser humano. Os espaços resultantes entre edifícios são em grande maioria, amorfos e impessoais, as grandes áreas verdes registam o protesto contra a rigidez imposta da cidade para com os seus cidadãos através dos caminhos pedonais marcados na relva, provenientes dos seus atalhos. Os passeios estendem-se no seu comprimento e as ruas são demasiado largas e caóticas.

030

"My conclusion about those years is that the modern movement put an end to the concern of people in cities. Instead, it was concerned with the modern man, where form followed function. The modern movement also put an end to the human scale, where suddenly instead of making places, we decided to make individual buildings and then the buildings got bigger and bigger. We used to make places, now we make places with the space that is left over in between buildings and the notion of human scale is closer to disappearing in its entirety. In reality I would say that the architects and planners of the modern movement were completely confused with what was a good scale." (Gehl, 2017) WEBGRAFIA

As pessoas não sabiam como haviam de se comportar nesta nova cidade e visto que esta não promovia um ambiente saudável para o fortalecimento e criação de laços, rapidamente se viram presas num tipo de vida rotineiro, reduzido em experiências sociais. Em vez de ser servido pela cidade, o homem passa a servir a cidade, tornando-se assim um corpo estranho num ambiente impessoal.

No sentido de uma promoção do bem-estar físico e social no ambiente urbano é necessário saber o que o constitui, quais as suas virtudes e debilidades. Como tal, é necessário observar o comportamento diário dos seus cidadãos, visto que são eles que definem o ritmo que uma cidade carrega e que dão vida aos espaços, contribuindo para um ambiente de cidade dinâmico. Uma cidade saudável promove o bem-estar (físico e mental) das pessoas.



"For cities to achieve social sustainability, attempts must reach far beyond physical structures. If cities are to function efforts must focus on all aspects from the physical environment and social institutions to the less obvious cultural aspects that have great significance on how we perceive individual quarters and entire city societies."
(Gehl, 2010, p. 109).

Longos foram os anos em que se impôs uma ideologia sobre o comportamento a adoptar nas cidades modernas por parte dos reformistas modernos, revelando primordialmente uma enorme insensibilidade às diversas personalidades existentes na cidade e conseqüente formas de habitar o espaço. Mais do que tudo, é necessário entender para quem se está a projectar e que nova sociedade se está a desenvolver, e aqui, destaca-se a intervenção por parte da activista, Jane Jacobs e a sua metodologia de observação "in loco". Esta classificava a vida na cidade como um complexo e frágil ecossistema, onde a interacção entre os seus cidadãos se constituía como uma celebração de uma cidade cheia de vida, enriquecida pela diversidade da sua população.

032

Contra a insensibilidade com que a classe política tratava a vontade dos cidadãos e as suas respectivas necessidades, contestou o pensamento urbano das novas cidades que tinham no seu comando Robert Moses e utilizou a sociologia como uma importante ferramenta de análise social. Acima de tudo, a escritora e activista pretendia dar término à negligência para com o património material e imaterial, minimizando uma sistemática desvalorização dos centros tradicionais em detrimento de enormes arranha-céus, o evitar de demolições de antigos bairros com um forte sentido comunitário e o culto do automóvel que suportava estas propostas de cidade moderna.

O seu trabalho teve o maior reconhecimento em 1961, quando publica a obra *Death and Life of Great American Cities*. Aqui coloca em causa os princípios presentes na Carta de Atenas e fala sobre a cidade compacta, densa e de usos misturados, como um aspecto que pode ser positivo para a sociedade, ao mesmo tempo que se atinge uma cidade mais segura e humanista. Num momento em que grandes edifícios verticais minimalistas se fechavam em si próprios, Jacobs introduziu o debate sobre o espaço público e a forma como este novo edificado devia comunicar e abrir-se à rua e às pessoas, ao invés de as rejeitar. Através do termo "olhos na rua", a activista reforça a ideia de que através da observação

Figura 12

(página anterior)

Retrato da activista Jane

Jacobs

directa dos intervenientes no seu ambiente que é possível perceber quais as dinâmicas existentes e de que forma as pessoas habitam o espaço.

“Despite having no formal training, she radically changed urban planning policy through the power of observation and personal experience. Her theories on how design can affect community and creativity continue to hold relevance today, influencing everything from the design of mega-cities to tiny office spaces.” (AD Editorial Team, 2017).

Jacobs foi uma defensora acérrima das boas políticas de cidade e da importância do espaço destinado às pessoas e à sua diversidade. A sua ideologia viria a influenciar inúmeros Arquitectos e Urbanistas que encontraram no seu trabalho as premissas para um planeamento urbano sustentável e eficaz, e que acima de tudo promove uma dinâmica social positiva nos centros urbanos.

033

No seguimento do trabalho desenvolvido por Jane Jacobs, que através da sua obra “Death of American Cities” espalhou a necessidade de estancar as tendências de planeamento urbano dos modernistas por todo o mundo, surge um Arquitecto Dinamarquês de seu nome Jan Gehl, que viria a contribuir em larga escala para a mudança de paradigma nas cidades contemporâneas, reforçando o papel que a cidade deve desempenhar ao colmatar as necessidades das pessoas e o papel que a dimensão humana deve ter na própria Arquitectura.

“Is my viewpoint that man is a social animal. (...) When Franco died and democracy returned to Spain, the first thing they did in Barcelona was build two hundred public spaces, so that people could meet each other and celebrate the freedom to speak in the public realm.” (Gehl, 2016).

Formado em 1960 no Royal Danish Academy of Architecture numa altura em que as ideologias modernistas deixavam o seu legado na reconstrução das cidades depois do pós-guerra, o Arquitecto viria a desenvolver um particular interesse na relação entre as pessoas e os espaços da cidade, que porventura ditaria a sua área de interesse predilecta dentro da Arquitectura, a interacção entre “Forma” (cidade habitada por pessoas) e “Vida” (cidade habitada).

Segundo Jan Gehl, a política urbana para uma cidade saudável e convidativa

deve assentar acima de tudo em quatro objectivos chave, sendo eles uma vivência dinâmica, segurança, sustentabilidade e saúde. Para que a cidade possua uma vivência dinâmica, esta deve oferecer às pessoas uma grande variedade de usos e, acima de tudo, deve ser um potencializador de acontecimentos no sentido em que providencia o espaço e o lugar para que as pessoas se concentrem, e depois oferece-lhes liberdade para agirem conforme as suas necessidades e vontades. Na opinião de Gehl os seres humanos replicam comportamentos, e como tal, se a cidade providenciar um espaço público qualificado e convidativo à estadia ou mesmo à passagem de forma agradável e diversificada, resultará num aumento da probabilidade de concentrar pessoas nesses mesmos espaços, o que posteriormente irá resultar na multiplicação desse efeito na concentração de ainda mais pessoas a disfrutar do mesmo espaço fruto do replicar do comportamento.

"People come where people are" is a common saying in Scandinavia. People are spontaneously inspired and attracted by activity and the presence of other people." (Gehl, 2010, p.65).

034

Neste campo, a concentração de pessoas não tem obrigatoriamente de ser feita num grande vazio urbano com capacidade de lotar todas as pessoas. O aspecto positivo do ambiente urbano ser convidativo e de ser planeado num sistema hierárquico (praças, praças e ruas) é que o propósito de ir ao encontro de um determinado evento, se torna realmente o objectivo de estar a experienciar o percurso, e não só o evento em si. Durante o percurso as pessoas são confrontadas com novas possibilidades que poderão despoletar novas situações e experiências, contribuindo assim para uma maior interacção entre a população e um maior enriquecimento pessoal. Ao invés de limitar e restringir os usos, a cidade deve providenciar e potenciar acontecimentos, e para isso é necessário qualificar não só os locais de maior relevância e concentração de pessoas mas também o caminho até eles (preferencialmente de forma segura e privilegiando a circulação pedestre), através de diversidade no programa dos diferentes espaços compositivos e da também do tratamento verde e a própria inserção de mobiliário urbano confortável que convida à permanência.

"These simple principles have been used consistently in Venice, with its close-knit city structure and crowds of pedestrians. Although it has many streets, alleys and



squares of all sizes, the basic structure is deceptively simple, concentrated around a limited number of main streets connecting key destinations and a strict hierarchy of major and minor squares. (...) Shops, restaurants, monuments and public functions can be logically placed where people are likely to be passing by. Walking distances seem shorter that way and the trip more of an experience. You get the opportunity to combine the useful with the pleasurable — and all by foot. "(Gehl, 2010, p. 65).

A cidade de Veneza, Itália, é um exemplo várias vezes utilizado por Jan Gehl visto que contempla inúmeras virtudes na sua composição. Embora aparente ser algo orgânico na sua forma e algo confuso numa primeira instância, é definido por um compacto e simples sistema de hierarquias que organiza a circulação no seu interior. As principais ruas conectam da forma mais lógica e directa possível, as principais referências da cidade tais como as principais pontes (ponte Della Costituzione, ponte Degli Scalzi, ponte de Rialto e ponte Dell'Accademia), a praça San Marcos e os terminais principais. Com papel secundário, mas não menos importante, os Campos possibilitam o mitigar de uma possível sobrelotação nos principais marcos da cidade assim como desempenham a função de distribuição do fluxo contínuo de pessoas para diferentes pontos da cidade, de uso mais local. Isto permite um constante fluxo de pessoas, sejam elas turistas, habitantes da cidade ou comerciantes, e uma constante descoberta enquanto se percorre as ruas e onde a cada esquina pode estar uma experiência estimulante.

036

Estas qualidades, segundo Jan Gehl, podem ser utilizadas no planeamento urbano das cidades na actualidade. Estas devem ser projectadas respeitando um sistema lógico hierárquico de espaços (de dimensões modestas e facilmente relacionáveis com a dimensão humana) de forma a que se promova a circulação interna e com isto potenciar a presença de pessoas no espaço público, e aumentar a vivência sentida no ambiente urbano.

Por vezes confunde-se a quantidade com a qualidade, e neste caso a qualidade é referente ao tempo que as pessoas passam no exterior e com que tipo de actividade. Para se obter uma cidade com mais vida, não é obrigatoriamente necessário trazer mais pessoas para o mesmo meio assim como também não é por ter demasiadas pessoas que a cidade não tem uma boa dinâmica urbana. A questão aliada à densidade é a qualidade, e para isso ser optimizado de forma positiva é necessário assumir uma relação de compromisso entre a população que

Figura 13

(página anterior)

Planta de Veneza, com os principais elos de ligação



a estrutura da cidade pode comportar, uma malha urbana compacta, distâncias aceitáveis a pé ou de bicicleta, e acima de tudo um espaço público qualificado. O necessário é criar as medidas correctas, qualificando e diversificando o espaço público na cidade, para que as pessoas que lá habitam tenham mais motivos para passar mais tempo no exterior. Com isto, a vida nas cidades aumenta instantaneamente.

"Feeling safe is crucial if we hope to have people embrace city space. In general, life and people themselves make the city more inviting and safer in terms of both experienced and perceived security. " (Gehl, 2010, p. 91).

Para incentivar o uso do espaço público por parte das pessoas é necessário que este seja usado maioritariamente para este domínio. Com esse fim, é necessário olhar para as políticas que incentivaram o uso e domínio do automóvel no espaço útil das cidades, e reduzir a sua hegemonia/preponderância em relação ao espaço destinado à circulação de pessoas (os passeios). Este princípio permitirá também obter uma maior segurança, dado que que embora exista uma probabilidade associada à origem de acidentes, a probabilidade de sucederem acidentes graves entre o tráfego automobilístico e o pedestre diminui, pelo simples facto de que se retiram automóveis da zona de confronto com os pedestres.

"In the more than 50 years since cars seriously invaded cities, both car traffic and the accident rate have increased apace. (...) Conditions for pedestrians and cyclists have deteriorated as a result. Narrow sidewalks have gradually become filled with traffic signs, parking meters, bollards, street lamps and other obstacles placed there so as "not to be in the way." (...) Added to physical obstacles are the frequent interruptions in walking rhythm caused by long waits at stoplights, difficulty crossing streets, bleak underground tunnels and elevated pedestrian bridges. All of these examples of city organization have one purpose: to provide more room and better conditions for cars. As a consequence, walking has become more difficult and far less attractive. Conditions for bicycles are even worse in many places." (Gehl, 2010, p. 91).

Figura 14

(página anterior, em cima)

"Where Building meets the City",

Jan Gehl, 2010

Figura 15

(página anterior, em baixo)

Fotografia do Terreiro do Paço,

por Judah Benoitel, 1959

Como resultado destas políticas que incentivavam o uso do automóvel como transporte individual, o uso do automóvel rapidamente se expandiu e dominou o espaço público. Dadas as dimensões necessárias para a sua circulação, o perigo

039



VS



inerente a qualquer acidente que poderia acontecer fruto de um descuido, tal como a poluição de gases assim como a sua contribuição para a poluição sonora, rapidamente contribuíram para um culminar destes factores numa cidade cada vez mais impessoal, e imprópria para a actividade social.

Estes problemas foram identificados em diversos países e cidades pelo mundo inteiro. Assim, tornou-se vital contrariar esta tendência e resolver estas questões para que as cidades se tornem convidativas e seguras para uso das pessoas. Embora a resposta não recaia sobre uma solução radical (assente em eliminar o tráfego rodoviário) dada a conjuntura e o global funcionamento das cidades, a solução passa inevitavelmente pela redução de tráfego nas cidades e pela aplicação de medidas realistas que possibilitem a convivência entre ambos, embora a prioridade no espaço público deva ser sempre dada ao peão. Jan Gehl considera que cada cidade deve ser analisada de forma individual com intuito de obter uma significativa melhoria na circulação e vivência em ambiente urbano de forma mais segura, e tal como a cidade se deve moldar às necessidades dos seus cidadãos também as soluções se devem moldar às necessidades da cidade.

040

"Numerous types of streets and traffic solutions have since been developed so that today's traffic planners have quite a wide range of streets to choose from: vehicular traffic-only streets, boulevards, 30 km/h traffic, pedestrian priority, 15 km/h (9 mph) areas, pedestrian-streetcar, pedestrian-bicycle and pedestrian only. The experience gained in the intervening years has also made it possible to reduce the number of traffic accidents and make walking or biking considerably safer and more comfortable." (Gehl, 2010, p. 93).

Figura 16

(página anterior, em cima)
Zona de uso partilhado entre o
automóvel e o pedestre, Jan
Gehl, 2010

Assumindo que na actualidade existe uma enorme dependência do uso do automóvel, especialmente na forma como os transportes de mercadorias e consequente distribuição de bens, é realizada. Porventura poderá pensar-se numa alternativa mais sustentável e viável, que a curto-médio prazo possa contribuir para uma redução do uso do automóvel como transporte individual, investindo

Figura 17

(página anterior, em baixo)
Zona de uso partilhado com
prioridade do pedestre sobre
o automóvel, Jan Gehl, 2010,
Copenhaga

nos transportes públicos (preferencialmente que o seu funcionamento seja em torno de "energia limpa") assim como incentivar a criação de ciclovias e de ruas com pavimentos que permitam uma deslocação pedonal de forma mais segura e agradável. A rede de distribuição poderia situar-se nos limites da cidade com o intuito de evitar que o tráfego pedestre coincidisse com o rodoviário.



VS



Embora a mobilidade corresponda a um factor importantíssimo na melhoria ou redução da segurança, existem outros factores que prestam um importante contributo para a sensação de conforto no espaço público.

Já foi anteriormente citada a importância que o facto de os edifícios serem desenhados de forma convidativa ao espaço público, ao serem mais permeáveis ao nível da rua, resultam numa maior interação e dinamismo no ambiente urbano. Como resultado desta maior interação, as ruas tornam-se mais preenchidas por pessoas, mais vividas, e como tal as pessoas sentem-se mais protegidas pelo simples facto de não se encontrarem sozinhas. No seguimento da política urbana de Jan Gehl para uma cidade saudável, não seria possível evitar falar sobre planeamento urbano sem que se fale sobre sustentabilidade. Vivemos num mundo onde o crescimento económico e o consumo excessivo de bens e exploração de matérias deu origem a um ambiente poluído e tóxico, e como tal, é urgente aliar as nossas acções e formas de viver a um modo de vida mais consciente e ponderado.

042

"The concept of sustainability as it applies to cities is broad, with the energy consumption and emissions of buildings being only one concern. Other key sectors are industrial production, energy supply, and water, waste and transport management. Transport is a particularly important item on the green accounting sheet because it is responsible for massive energy consumption and the resulting heavy pollution and carbon emissions."(Gehl, 2010, p. 105).

Numa lógica de atribuir à circulação do pedestre e ao transporte individual de veículos sem motor, uma área de influência maior no domínio do espaço público teria como efeito uma transformação do sector dos transportes e da mobilidade urbana. É um facto que tanto a mobilização feita a pé ou de bicicleta, dependem de menos recursos para que funcionem e como tal conseguem resultados mais benéficos do ponto de vista do consumo de energia, racionalização de recursos e emissões CO2. Outros dos benefícios, é o facto de que o espaço necessário para a circulação em ambiente urbano é consideravelmente menor quando comparado com o espaço necessário para suportar a circulação automóvel.

Figura 18

(página anterior, em cima)
Estacionamento paralelo que divide a ciclovia da via de trânsito, Jan Gehl, 2010

Figura 19

(página anterior, em baixo)
Ciclovia e via de Trânsito lado a lado, Jan Gehl, 2010

"Two bike paths two meters (six feet) wide are sufficient for 10,000 bikers per hour. A two-lane, two-way street can take between 1,000 and 2,000 cars per hour (peak



load).

A typical bike path can thus transport five times as many people as a car lane." (Gehl, 2010, p. 105).

Embora se constituam como importantes premissas dentro do panorama da mobilidade, tanto o uso da bicicleta como o simples acto de caminhar têm que ser suportados por uma rede de transportes públicos estrategicamente planeada de forma a compatibilizar o uso de transportes públicos com outras formas de deslocação em ambiente urbano com o objectivo de permitir ao cidadão deslocar-se com relativa facilidade e comodidade, ao mesmo tempo que lhe possibilita o poder de escolha em relação à forma como realizará o seu trajecto.

"All over the world people are working on Transport Oriented Development (TOD) plans, concentrating on the interplay between pedestrian and bicycle structures and the collective traffic network." (Gehl, 2010, p. 107).

044

Estas medidas, assentes sobretudo na mobilidade, pretendem dar uma resposta concreta aos desafios diários que a vida contemporânea apresenta. Ao contribuir para uma melhoria e qualificação do espaço público, aliado a uma boa rede de transportes públicos, obtém-se um ambiente urbano propício à actividade e presença das pessoas. O ambiente urbano altera-se e as cidades ganham mais vida, e inclusive, está comprovado que existe uma relação directa na melhoria da saúde das pessoas através da prática de actividade física (contrariando uma vida cada vez mais sedentária e rotineira). Esta metodologia está empiricamente ligada à política de planeamento activo que se pretende para o pedestre na cidade. Este último factor é a resultante da implementação dos quatro critérios definidos por Jan Gehl, visto que todos eles se enquadram num tipo de planeamento que valoriza e prioriza o bem-estar físico e social das pessoas.

Figura 20

(página anterior)

Optimização do espaço na cidade através de tráfego humano vs rodoviário, Jan Gehl, 2010

"Today's advice for a healthier life is to walk 10,000 steps a day. If old and new city areas are laid out to invite pedestrian traffic or a combination of walking and biking traffic that can easily meet daily transportation needs, many health problems could be reduced and both life quality and city quality improved." (Gehl, 2010, p. 115).



CENTRO HISTÓRICO

2.3

O CONTRIBUTO DA ARQUITECTURA NA CRIAÇÃO DE SINERGIAS NA URBE

Segundo Foster, a Arquitectura é, acima de tudo, uma forma de comunicação e expressão de uma, ou várias formas de pensar e agir, com a particularidade de que esta trabalha a matéria. Através da manipulação da tridimensionalidade, cria-se uma relação constante onde a Arquitectura possibilita ou limita a forma como as sociedades se estruturam territorialmente e como estas se caracterizam. Ao mesmo tempo que através da Arquitectura se espelham valores, princípios e virtudes da sociedade actual, também é através desta que se torna possível rastrear e identificar debilidades, fraquezas e problemas nas sociedades contemporâneas, e por vezes, é mesmo através da boa prática da Arquitectura que se podem obter soluções que contribuam para o melhor funcionamento de vivência em grupo.

"The purpose of Architecture is to improve human life. Create timeless, free, joyous spaces for all activities in life. The infinite variety of these spaces can be as varied as life itself and they must be as sensible as nature in deriving from a main idea and flowering into a beautiful entity. The overriding essence is found in the intangibles, life-heart-soul-spirit-freedom-enduring within the structure.

The basic needs of the human being and the subtle variations of the individual are the source for Real Architecture as well as, of course, the natural environment and the natural use of materials. Thus creating – new- changing- to infinity yet timeless Architecture" (John Lautner, 2011)

Ao ser uma disciplina que vive de uma constante relação entre o corpo e o espaço (auxiliado pela técnica), torna-se assim bastante perceptível a influência e papel que a Arquitectura detém na formação e organização de sociedades, moldando-as (geralmente) segundo ideais políticos ou através de crenças religiosas, focando-se sempre na formação do indivíduo em grupo. No entanto, e devido ao enorme desenvolvimento tecnológico presente especialmente nas últimas décadas, as diferenças que distinguem diferentes sociedades e modelos comportamentais são cada vez mais um "objecto" de comunicação e de partilha

Figura 21
(página anterior)
Relação entre os diferentes
bairros que constituem a
periferia da Vila de Cascais

ao invés de se definirem como elementos segregadores e diferenciadores. As sociedades contemporâneas, no geral, assumem a partilha cultural, como um elemento que origina interações e troca de experiências entre comunidades, fortalecendo o sentido cívico e humano inerente a cada Ser, enriquecendo a diversidade comportamental destinada a cada tipo de sociedade que partilhe o mesmo local de contacto.

No auxílio de potenciar este tipo de relações entre as pessoas em ambiente urbano (que por sua vez se assume como o principal foco espacial de confronto entre diferentes comportamentos sociais), surge a Arquitectura e o seu contributo na adequabilidade do espaço físico às relações sociais e económicas, assim como origens culturais inerentes a cada cultura, procurando promover com um elevado sentido de responsabilidade as condições de vida das pessoas.

047

Genericamente, a cidade foi desde sempre o local predilecto de confronto entre civilizações e das suas relações socioeconómicas, sendo esta, também, resultado das mesmas. A sua estrutura e organização espacial proporciona um determinado tipo de vivência e é caracterizador de um ambiente dinâmico, cultural e diversificado em constante mutação. Por esses motivos claramente identificável uma característica comum nas pessoas que nela habitam diariamente, que é a capacidade de adaptação constante ao passar do tempo e à mudança de vivências por ele imposta. Por contraste, e em zonas de carácter menos cosmopolita tal como as Vilas, a mudança e transformação também se sucede, embora, a um ritmo totalmente diferente. Tal como nas cidades, a passagem do tempo e os diferentes tipos de vida que os seus habitantes têm promovem a mudança, no entanto estas sucedem-se de forma mais gradual ao longo do tempo e tendem a ser menos radicais, muito devido à atmosfera da vivência numa Vila quando relacionada com a metrópole. Como resultado, é mais propício existir uma reacção mais adversa à mudança por parte da população de uma Vila do que da Cidade, visto que a capacidade de adaptação a novas rotinas é mais presente e constante. Assim, ao procurar intervir numa vila é especialmente necessário ter em consideração o tipo de população que lá existe e que tipo de tradições e costumes ainda perduram na actualidade para que de certa forma se enquadre uma estratégia para território e que esta se ajuste ao mesmo, ao invés de se impor sobre ele tal como os modelos de cidade controversos do movimento moderno que rejeitavam o historial do mesmo.

A Arquitectura assume-se como a ferramenta ideal com vista à interligação de uma estratégia para com o território que visa um ambiente urbano mais dinâmico, activo, seguro e que acima de tudo respeite as pessoas que nele habitam (em frequentes casos, habitantes estes que o habitam desde que nasceram).

Pretende-se assim, através da Arquitectura, implementar uma estratégia de intervenção no território, auxiliada por um sistema de relações entre diferentes espaços que compõem a Vila de Cascais (definidos essencialmente pelos Bairros Periféricos) que visa a interligação entre os mesmos de forma mais directa, contribuindo para o desenvolvimento periférico que se encontra algo descuidado quando comparado com o centro do concelho. Ao mesmo tempo, pretende-se com este gesto anular uma certa dependência existente para com o centro histórico, em relação ao acesso a serviços, locais de trabalho e actividades de lazer.

048

Espera-se com isto, que seja possível criar uma maior sinergia Urbana entre os Bairros de carácter habitacional localizados na periferia de Cascais, que se encontram num estado avançado de degradação de condições de habitabilidade, segregados territorialmente e envoltos num certo estigma relacionado com habitação social, com vista a que estes façam parte de um ambiente urbano dinâmico e em constante melhoria e com enorme vitalidade a nível de experiências, contribuindo para a dinâmica do concelho de forma activa e presente.

De forma a compatibilizar uma estratégia para o território com o tipo de atmosfera lá presente torna-se preponderante para a prática da Arquitectura, a abordagem à identidade do Lugar em que se está a trabalhar. Fazendo parte de um conjunto de bairros de carácter residencial que definem uma parte importante do anel circundante ao centro histórico de Cascais, estes bairros distinguem-se no território não só através das suas características tipo morfológicas mas especialmente pelas suas "atmosferas", oriundas de vivências bairristas que lá perduram até aos dias de hoje e que ilustram a vizinhança e proximidade típicas de um ambiente rural de aldeia. Estes lugares, embora algo degradados e com inúmeros problemas de habitabilidade, assumem uma forte identidade no concelho, e os próprios habitantes muito honradamente defendem o seu bairro como se da sua casa de tratasse.

Tendo em conta que se pretende intervir no território através de uma estratégia que visa a comunicação entre os diferentes bairros compositivos da paisagem urbana, todos eles tão particulares na sua vivência, é necessário entender que tipo de "atmosferas" se encontram nos Bairros, e acima de tudo entender de onde surge esta Identidade local e qual será a forma mais indicada para a abordagem projectual. Para isso é importante definir o termo "identidade" que caracteriza o lugar e de que forma uma proposta de um novo plano urbano pode contribuir para uma alteração na forma como se vivência o lugar e consequente implicação que esta transformação pode ter na sua autenticidade, de forma benéfica e não pejorativa.

Na definição da palavra Identidade, esta caracteriza por um "conjunto de características (físicas e psicológicas) essenciais e distintivas de alguém, de um grupo social ou de alguma coisa".

049

Zygmunt Bauman, filósofo e sociólogo que dedicou a sua vida a trabalhar as questões relacionadas com o comportamento humano individual e em grupo, argumenta que a ideia de Identidade surge da necessidade de um sentimento de pertença e segurança, e que a existência de identidade só é aplicável à sociedade moderna que é "líquida" (em constante mudança e transformação). Tal condição, viria a tornar a "Identidade" como um novo problema para a humanidade, ao entrar na modernidade.

"(...) the thought of having an identity will not occur to people as long as "belonging" remains their fate, a condition with no alternative. They will begin to entertain such a thought only in the form of a task to be performed, and to be performed over and over again rather than in a one-off fashion." (Bauman, 2004, p.11-12).

Ao longo da história da sociedade, as relações sociais sempre se construíram e fortaleceram através do campo da proximidade.

"Before identity became a foreign problem, it was, "for most people, 'society' as the uppermost 'totality' of human cohabitation(...). [it] was equal to the immediate neighborhood." (Bauman, 2004, p.18)

As pessoas costumavam-se identificar com os seus vizinhos mais próximos porque a

vizinhança (o contexto) era o lugar onde a pessoa vive e pertence. O pensamento de se separar, ou de viver fora desse contexto era equivalente a um abandono para com as suas próprias raízes.

O argumento de Bauman sobre a desintegração dos bairros e a revolução nos meios de transporte, resultou numa maior facilidade de movimento entre bairros e cidades. Assim, foi possível sair-se de casa com uma maior facilidade e como tal, ao sair do contexto, surge o problema da identidade. O termo identidade está relacionado com a ideia de que uma pessoa pertence a todos os lugares e a lugar nenhum.

"Segundo Edward Relph, a alienação do lugar resulta numa "exclusão existencial". A exclusão existencial implica um desapego egoísta e distraído, uma alienação de pessoas e lugares, um desenraizamento, um sentido de irrealidade em relação ao mundo e de não pertença."
(Pallasmaa, 2016, p.118).

050

Bauman coloca até em hipótese que esta exclusão existencial pode até provocar um sentimento contrário no indivíduo, uma falsa sensação de pertença, "one can even begin to feel everywhere chez soi, "at home" - but the price to be paid is to accept that nowhere will one be fully and truly at home. (2004, p. 14). Prossegue ao afirmar que "Identity is revealed to us only as something to be invented rather than discovered; as a target of an effort, 'an objective'; as something one still needs to build from scratch or to choose from alternative offers and then to struggle for and then to protect through yet more struggle." (2004, p. 15-16).

A identidade adaptada como uma forma móvel de um sentimento de pertença, exige que esta se "crie/invente", visto que já não está directamente relacionada ao ambiente em que se nasceu.

A identidade pode ser interpretada como um "passado misto" de uma pessoa, visto que por intermédio da globalização, as pessoas são expostas a várias culturas com maior naturalidade e frequência. Tornou-se numa sucessiva adição aos traços únicos de uma pessoa, e pode ser considerada como uma nova forma de definir uma pessoa como indivíduo, embora segundo Bauman, a identidade não seja absoluta e possa ser apenas um subproduto do avanço da humanidade.

Um ponto interessante que o sociólogo coloca no sentido de melhor entendimento sobre o significado de identidade, revela-se quando o termo é combinado com a nacionalidade, o que pode resultar numa certa distorção do seu verdadeiro significado, ou seja, a “naturalidade” da suposição de que o “pertencer” à nascença significa, de forma automática e inequívoca.

O aparente facto de que a “naturalidade” podia ser qualquer coisa menos “natural”. Bauman, reitera que a identidade de alguém não deveria de estar ligada ao lugar onde alguém nasce porque contraria o propósito da criação de uma identidade, e que por resultado traria à sociedade moderna a contradição de que esta voltaria uma vez mais a estar ligada ao contexto onde nasceu ou foi criada. A sociedade muda, e com ela a formação do indivíduo e respectiva identidade. Na actualidade, torna-se cada vez mais claro pensar que a formação da identidade não se baseia apenas no contexto em que se nasceu e viveu, visto que esta própria vivência se alterou com o passar dos anos. Novas experiências, oriundas de uma sociedade multicultural e do facilitismo em viajar, promovem cada vez mais a construção da identidade ao invés de assumi-la como certa. Para caracterizar este fenómeno e mudanças, Bauman apelida a sociedade em que vivemos de “modernidade líquida” (sociedade móvel, em constante transformação).

051

Na “modernidade líquida”, o indivíduo não está vinculado a um local de nascimento, a convenções passadas ou sociais, porque essas regras não podem ser aplicadas ao estado actual da sociedade. Isso inclui a capacidade de estar constantemente preparado e com vontade de se mudar e adaptar rapidamente a ambientes em contante transformação. Tal conclusão é preponderante para a avaliação da identidade do lugar em que se está a intervir visto que embora seja importante respeitar o contexto, partir do princípio de que este se deve idolatrar é ir contra a essência do mesmo.

“A identidade cultural, um sentido de permanência e origem, é um terreno preponderante na nossa humanidade. (...) As identidades não se relacionam com coisas isoladas mas sim com a continuidade da cultura e a vida; as verdadeiras identidades não são apenas vínculos momentâneos mas histórias e continuidades. Em vez de se constituírem como aspectos ocasionais de bastidores, todas essas experiências e certamente dezenas de outras características são o que compõem

a nossa verdadeira personalidade. Identidade não é um feito ou uma entidade fechada, é um diálogo contínuo. Eu relaciono-me com o lugar, e o lugar relaciona-se comigo." (Pallasmaa, 2016, p. 119).

A passagem do tempo, traz mudanças e origina alterações na forma actual de Habitar. As necessidades mudam, os comportamentos alteram-se, e é fulcral ajustar as fragilidades encontradas na actualidade, e adaptá-las em relação às exigências da contemporaneidade. A existência de uma identidade forte num determinado lugar, pode assim ser interpelada como uma mais-valia e uma virtude, quando se coloca a hipótese de intervir no território, no acto de reavivar a sua dinâmica e procurar estimular novas formas de habitar através da qualificação do espaço e do contexto em que se está a intervir. Não pensar apenas na identidade local como algo intocável, visto que esta também é produto de um passado recente (e das pessoas que se enquadram nesse contexto), mas pensar que as dinâmicas de vivência também se podem alterar, e em última análise, melhorar de forma significativa.

052

Desta forma, acredita-se que a abordagem ao projecto deve contemplar, como ponto de partida, a Pré-existência e o Lugar, com vista à definição de uma estratégia que se pretende implementar no território e que se focará em três frentes.

A **Habitabilidade do Espaço Público** (estratégia de planeamento urbano que visa a qualificação do espaço para promoção de diversas actividades no exterior), na **Mobilidade** (forma como as pessoas se deslocam dentro do território) e na **Cultura** (como um "momento" que se centra na exploração de uma peça Arquitectónica e que procura ser um lugar de reunião, de partilha e união, onde as pessoas se concentram e partilham as diferenças que as unem, denominando-se como "Casa Cultural").



Flora

2.4

SÍNTESE

O espaço público urbano é um espaço de livre acesso e uso colectivo, integrado na malha da cidade. É, por excelência, o lugar onde se manifesta a vida e animação urbana, o espaço de encontro daqueles que passam, permanecem e que fazem parte do quotidiano da cidade. É o lugar onde se processa grande parte da socialização urbana, constituindo assim um reflexo da sociedade e um retrato da cidade. Faz parte da memória colectiva e individual que constitui parte essencial da identidade de cada um e das referências que temos da cidade.

Pensar na cidade como um organismo vivo em constante transformação é pensar que esta tem uma capacidade de resistir à passagem do tempo com maior ou menor capacidade ou eficácia, que por sua vez se reflecte através da qualidade com que a sua população habita o território.

Cada cidade apresenta nas suas particularidades, diferentes tipos de vivência e dinâmicas, de origem económica ou social, mas todas elas partilham de aspectos urbanos em comum pela existência ou inexistência de certas características, que resultam na diferenciação das mesmas. As ferramentas de leitura espacial do ambiente urbano enumeradas por Kevin Lynch, permitem-nos ter uma leitura mais clara do território para com isso antecipar problemas de planeamento e com isso minimizar a ocorrência de soluções desajustadas para com o território onde se intervém.

Constata-se actualmente e com o passar do tempo, as consequências de um planeamento imposto sobre uma sociedade e que tal imposição não funciona numa sociedade cada vez mais diversificada e conectada. A chave para a qualidade em ambiente de cidade poderá passar pela integração e fortalecimento do sentido comunitário. Uma estratégia para a cidade tem que contemplar os seus principais intervenientes, as pessoas, e as suas necessidades e carências e condições, com o propósito de as servirem e de contribuírem para um ambiente próspero em futuras relações e dinâmicas sociais. A cidade deve ser um palco, e as pessoas os seus principais intervenientes.

Figura 22
(página anterior)
Moinho de Vento

A Arquitectura desempenha um papel importantíssimo na criação deste ambiente, visto que é uma das poucas áreas em que se reflecte nas necessidades físicas do ser humano e mentais, contribuindo e qualificando através da idealização e materialização de uma ideia, uma alteração real no espaço físico. A mudança do mesmo, e alteração da forma como este espaço se relaciona com os demais resulta também numa alteração na forma de viver das pessoas, e na sua qualidade de vida. A formação e desenvolvimento da cidade até aos dias de hoje, revelam-nos que as cidades revelam os tipos de sociedade que temos, e por isso o dever da Arquitectura deve ser o de qualificar esta relação no sentido de investigar e implementar estratégias que auxiliem a expressão das pessoas e a formação das mesmas enquanto indivíduos ao invés de impor sobre ela um sistema de ideais.

A qualificação do espaço público através da criação de uma estratégia de planeamento de cidade a longo prazo é urgente, e a sua implementação e adaptabilidade à realidade actual é necessária para melhorar o território e consequentemente a vida dos seus residentes.

03

A IMAGEM DA CIDADE

3.1
O Traçado Urbano

3.2
**O Bairro Marechal Carmona:
Particulariedade, Simbolismo e Essência do
Lugar**

3.3
Estratégia para uma Periferia Inclusiva

3.4
Síntese

CASCALE Lusitania opp.



3.1

O TRAÇADO URBANO

A origem da Vila de Cascais enquanto território autónomo (segundo a documentação disponível) faz-nos recuar até 7 de junho de 1364 quando por intermédio do Rei D. Pedro I eleva “a pequena aldeia de pescadores, mareantes e alguns lavradores à categoria de vila, com jurisdição cível e crime” (C.M.Cascais., 2014, p.10).

A relação da vila com a Água fora uma constante no desenvolvimento da mesma. A pesca manteve-se até metade do século XV como a principal fonte de receita da vila, contribuindo para a riqueza do senhor de Cascais, que utilizava as verbas para ampliar o seu palácio localizado no interior do recinto amuralhado ao mesmo tempo que a população aumentava. Como resultado, e reconhecido o facto de que o castelo já não reunia as funções militares, é construída a Torre de Cascais, na ponta do Salmodo. Devido à sua localização junto ao mar, esta estrutura viria a tornar-se a principal fortificação da vila aos ataques e possíveis invasões marítimas, definindo-se no território como elementos marcantes da paisagem.

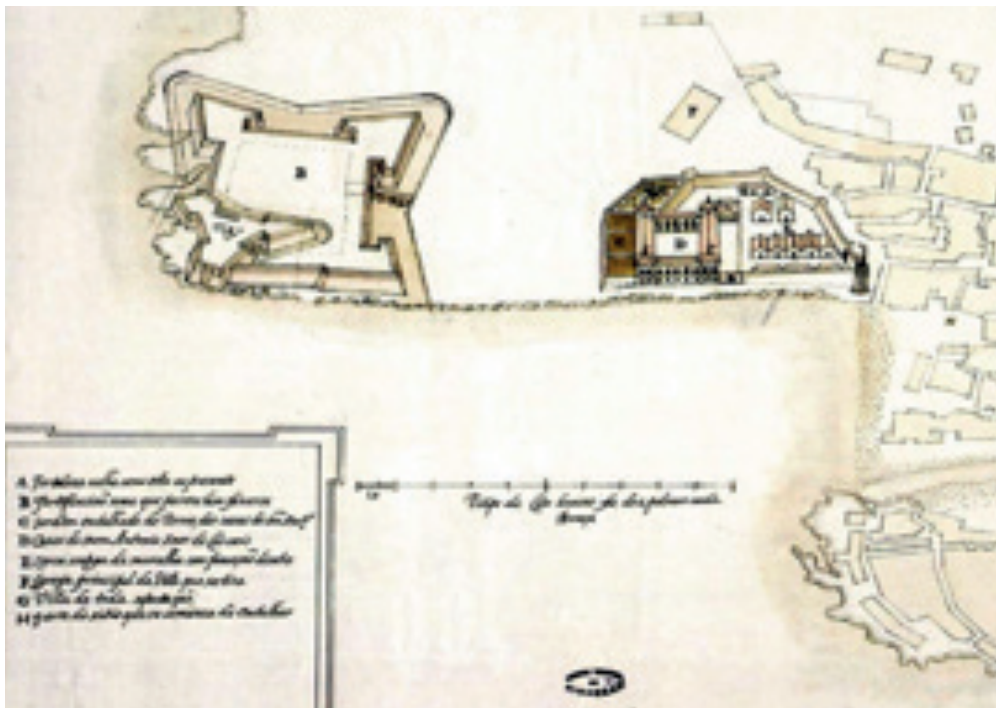
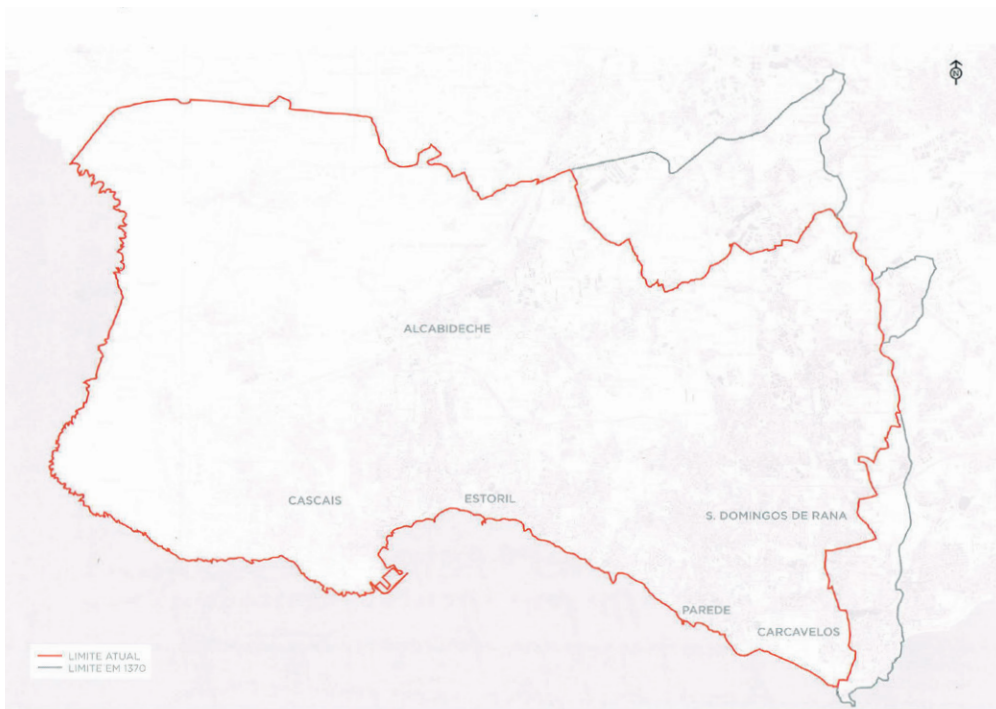
Com o início da época dos Descobrimentos, o movimento das embarcações no porto de Cascais intensificou-se, tendo sido registada a passagem de Cristóvão Colombo, a 4 de Março de 1493, regressado da sua primeira viagem à América. A vila, por sua vez, continuaria a desenvolver-se e seria alvo de um significativo aumento populacional, resultando na dispersão da sua população para zonas mais remotas à muralha. Estima-se que por esta altura, apenas um quarto da população residia no interior da mesma, pelo que se assistia ao desenvolvimento da Vila Nova especialmente desde a Ribeira das Vinhas até ao vale. Estima-se que em 1527, a vila de Cascais contabilizasse já cerca de 1000 habitantes, somados à restante população dispersa pelo concelho (situada entre os 600 e 900 habitantes).

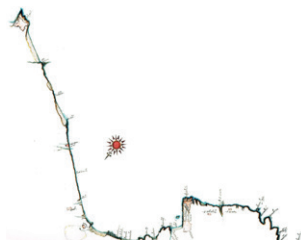
Figura 23

(página anterior)

Representação do litoral de Cascais, Georg Braun e Frans Hogenberg, 1572

“O reforço dos laços deu origem à fundação de confrarias ou irmandades que se afirmaram enquanto associações de socorros mútuos, de cariz material e/ou espiritual (...), tendo por inspiração a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa,





os cascalenses procurariam debelas as suas carências ao nível assistencial e da saúde por meio da instituição da Santa Casa da Misericórdia de Cascais .” (C.M.Cascais., 2014, p.21).

Em julho de 1580, Cascais é atacado a fim de conquistar Lisboa e colocar Filipe II no trono de Portugal. Sem apresentar resistência significativa, é tomado no dia seguinte. Consciente das deficiências defensivas que a região apresentava, é pedido por D. Filipe I o levantamento da planta de Cascais e de uma carta da costa até S. Julião da Barra.

Findo o reinado e domínio Filipino, Portugal reassume a sua autonomia em 1640. Após a restauração da independência, sob a direcção D. António Luís de Meneses (encarregue da defesa da barra do Tejo), procedeu-se à fortificação da principal porta de acesso à capital e como tal foram restauradas e criadas novas fortificações ao longo da linha costeira com intuito de garantir a defesa das “portas de Lisboa”.

Em 1755, uma catástrofe atinge o território nacional. Um terramoto de grande intensidade atinge a capital, seguindo-se um maremoto devastando a cidade. Cascais não seria excepção, registando aproximadamente duas centenas de baixas e imensos feridos. Três anos volvidos, o rasto da destruição persistia. Segundo as palavras de Manuel Marçal da Silveira, reitor na Igreja da Matriz, “a vila ficou arruinada até ao chão. Não há casa que não caísse em terra ou não ficasse abalada e ameaçando ruína. Os templos, a ponte, a Cidadela e seus quartéis, tudo está demolido e feito em pó” (C.M.Cascais., 2014, p.30). Os vestígios deste acontecimento apenas desapareceriam do território na primeira metade do século XX.

Figura 24

Levantamento da costa entre Cascais e São Julião da Barra, autoria de Filipe Terzio, 1580

Figura 25

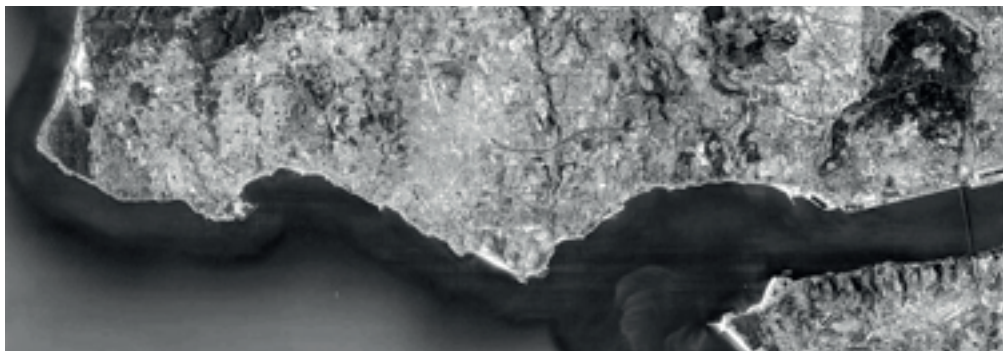
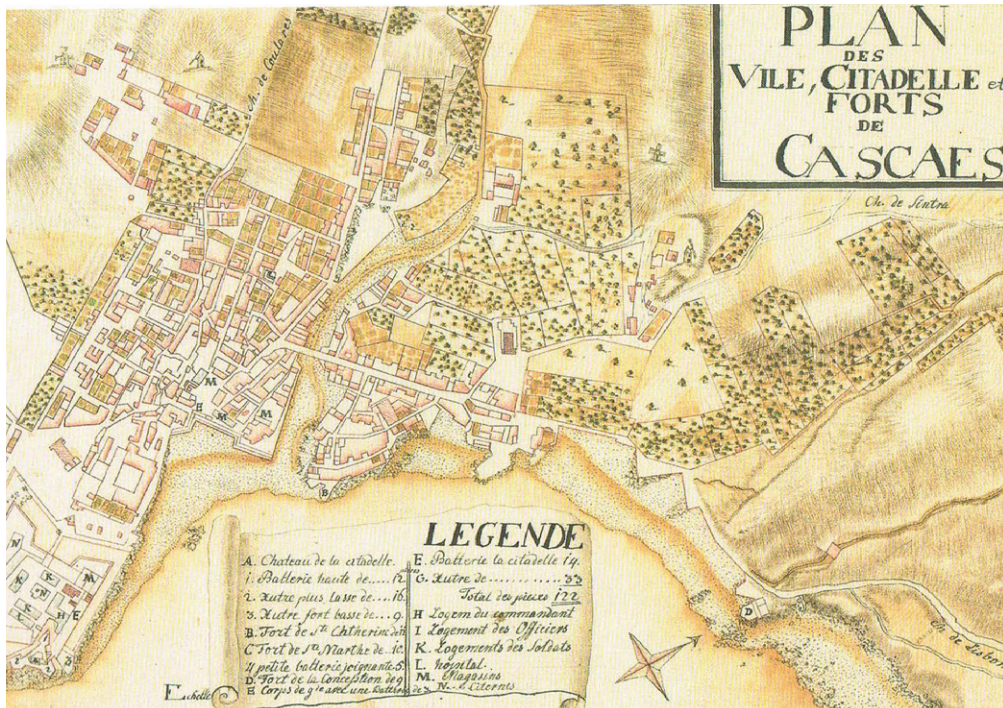
(página anterior, em cima)
Contraste entre os limites actuais e em 1370 do concelho de Cascais, C.M.Cascais

Figura 26

(página anterior, em baixo)
Planta de Cascais, autoria de Filipe Terzio , 1594

Actualmente, Cascais assume-se na paisagem como uma referência harmoniosa na relação do homem com natureza. Localizada a Sudoeste do distrito de Lisboa e implantada no litoral a poente da barra do Rio Tejo, a vila de Cascais é a sede do concelho (que alberga o mesmo nome), contabilizando uma população residente estimada em 211.302 habitantes (Portada, 2017).

Caracterizada pela proximidade com o parque Natural de Sintra (Património Mundial da UNESCO) e o Oceano Atlântico, esta vila cedo se definiu como





destino nacional predilecto para uma classe social economicamente abastada e refúgio para um público intelectual que procurava uma alternativa à agitação cosmopolita vivenciada especialmente na Capital. Factor este que explica a existência em grande quantidade de casas senhoriais junto ao litoral e que actualmente se destacam na paisagem como pontos de referência ou marcos na paisagem urbana, exercendo um forte contraste com um contexto de baixa densidade construtiva, proveniente de uma classe social mais humilde, onde impera uma linguagem formal homogénea (a típica casa portuguesa com cobertura em duas águas e de construção simplificada).

Esta Vila foi alvo de uma enorme revolução urbana que se fez sentir especialmente nos anos trinta e quarenta, devido ao plano urbanístico de expansão da região. É elaborado um enorme plano de expansão, que definia a ligação costeira entre os concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais como “Costa do Sol”, que por sua vez, teria a regulação da sua urbanização através da supervisão do gabinete responsável pelo Plano Urbanístico da Costa do Sol (PUCS), coordenado por Alfred Agache. O plano tem a coordenação do mesmo até ao final do primeiro mandato (1936) do então Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco e viria a ganhar novo ímpeto apenas dois anos depois, em 1938, no âmbito da sua revisão, a cargo de Etienne de Gröer (incumbido no Plano Director de Urbanização de Lisboa e Plano da Vila de Sintra).

Figura 27

Planta das diferentes zonas propostas no PUCS para Cascais, 1948

Figura 28

(página anterior, em baixo)
Representação de Cascais pós-terramoto, 1800, autor desconhecido

Figura 29

(página anterior, em baixo)
Fotografia aérea que relaciona o estuário do Tejo e a localização de Cascais a Poente, 2019, GoogleEarthPro

Figura 30

(página anterior, em baixo)
Fotografia aérea de aproximação à Baía de Cascais, 2019, GoogleEarthPro

A abertura da nova Estrada da Marginal, que culminava no centro de Cascais, viria a contribuir para a implementação do Plano da Costa do Sol, que por sua vez, viria a surtir um efeito altamente dinamizador para a região. De acordo com o censo de 1940, o concelho registava 29 641 habitantes. Um índice populacional em crescimento que necessitava de novos equipamentos, serviços e habitações para o servir.

“(…) A costa do Sol era, no início da década de quarenta, a área suburbana mais populosa da Capital, com 6% do total da população de Lisboa. Com um crescimento acentuado, esta faixa litoral assinalara na década de vinte um surto de crescimento especialmente forte (53%), crescimento que coincide com a electrificação da linha de Cascais, inaugurada em Agosto de 1926 (…).” (Agache, 1936, p.147).



065





1755

Terramoto

No dia 1 de novembro de 1755 um violento terramoto viria a surtir um efeito devastador em Lisboa e inclusive no concelho de Cascais. Seguiram-se tempos muito complicados, sendo que a agricultura (durante séculos, a principal atividade dos habitantes do concelho), a pesca (dada a privilegiada situação geográfica de Cascais) e a cantaria (extração e preparação da pedra) desempenhariam importantes papéis no desenvolvimento do concelho pós-terramoto.

1807

Invasão Francesa

Cascais é ocupada pelas tropas francesas de Junot, chefiadas pelo Barão Maurin. Treze dias depois içar-se-ia a bandeira francesa na Cidadela, situação esta que manter-se-ia até setembro do ano seguinte.

1871

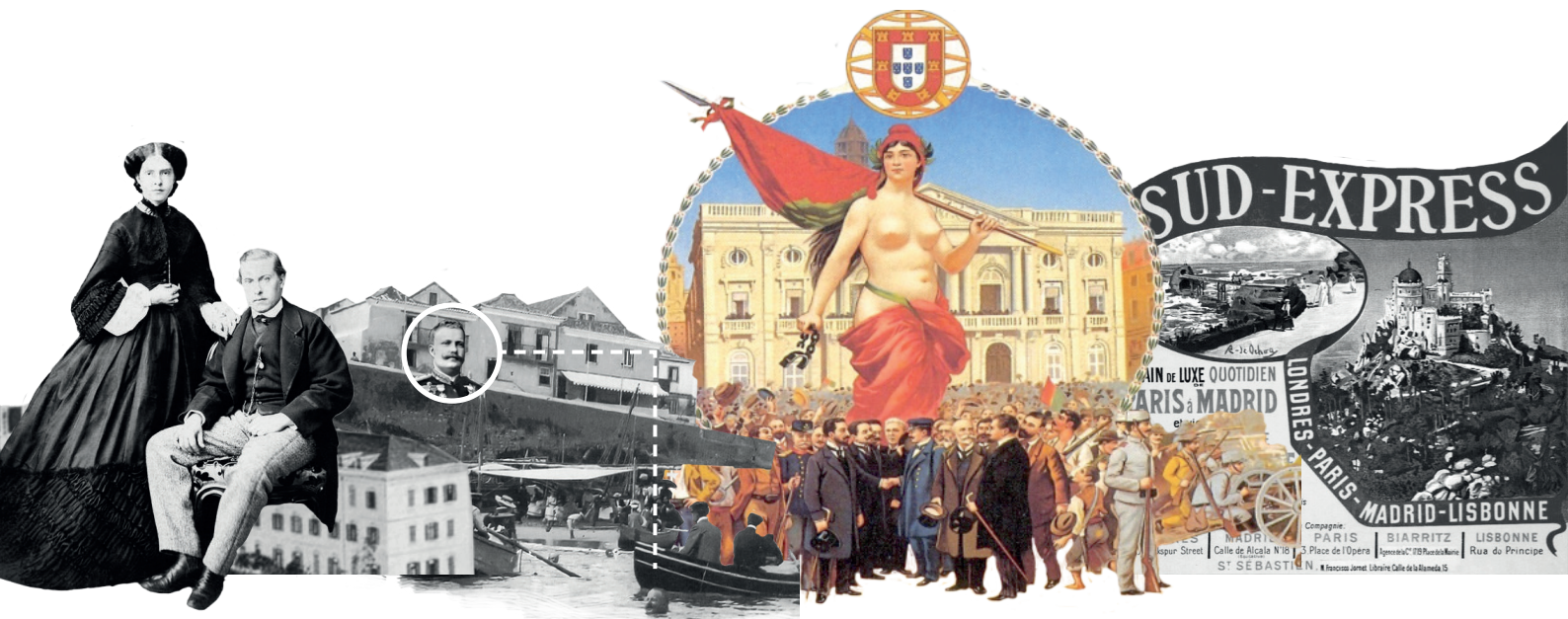
Turismo

Face à escassez de alojamentos dotados das condições exigidas pelos vilegiatistas, assistiu-se à edificação de novas habitações, que se transformaram em imagens de marca do concelho, a chamada arquitetura de veraneio. Entre as demais, destacam-se a casa dos Duques de Palmela e a casa dos Duques de Loulé.

1887

Caminhos férreos

A instalação sazonal da Família Real pareceu tornar a vila verdadeiramente merecedora da ligação ferroviária até à capital, cujo projeto se efetivaria a partir de 1887, estando concluída em 1895, fazendo a ligação Cascais-Cais do Sodré.



1888

Burguesia

O projeto de urbanização do Monte Estoril, a antiga Costa de Santo António, conduzido pela Companhia Monte Estoril, em função do caminho-de-ferro, teve como ambição a recriação de um cenário similar ao das praias de Cannes, Arcachon ou Saint Raphael. Para tal, a foram adquiridos terrenos e construídas as primeiras habitações, destinadas à aristocracia e alta burguesia, tornando o Monte Estoril na sua zona predilecta dentro do concelho.

1900

Riviera de Portugal

A reestruturação em função da indústria do lazer prosseguiu, aumentando o número de empresas de aluguer de carruagens, casinos e hotéis. Cascais transformou-se num local de visita obrigatória para pessoas de grande importância tais como o Rei do Sião ou o Presidente da República Francesa, Émile Loubet. Assim, a vila de Cascais afirmava-se como estância balnear perfeitamente consolidada, sob a designação de Riviera de Portugal.

1910

Implantação da República

A 5 de outubro de 1910, quando o iate Amélia levantou ferro da enseada de Cascais para conduzir o Infante D. Afonso até à Ericeira, onde a família real embarcaria com destino ao exílio, já a bandeira verde e rubra da República, que acabara de se implantar, estava pronta para ser içada na Cidadela, pela mão de D. Fernando Castelo Branco.

1922

Da Riviera Portuguesa à nova Costa do Sol

A região impunha-se cada vez mais como zona privilegiada de lazer, sendo denominada de Costa do Sol, pelo marketing da Estoril-Plage. Em 1930, a inauguração do Hotel Palace munuiu o concelho de uma infraestrutura de nível internacional. Em 1930, assegurava-se a ligação Paris. Ainda que em termos turísticos Cascais cedesse o seu protagonismo ao Estoril, a sede do concelho não deixou de ser alvo de importantes melhoramentos.

068



069

1931

Novo Casino

A abertura do novo Casino, em 1931, com um plano distinto do inicial, seguindo as directrizes dos dos primeiros projetos de carácter modernista, que encontrariam na região o cenário ideal para a afirmação dos novos ideais da Arquitetura Portuguesa.

1936

Refugiados

Em 1936 chegam inúmeros espanhóis fugidos da Guerra Civil. Com o início da II Guerra Mundial surgiriam os primeiros apátridas. Por aqui passaram pessoas importantes tais como Calouste Gulbenkian, Vinicius de Moraes, Antoine de Saint-Exupéry, Thomas Mann, John Maynard Keynes, Edward Murov,, Alexander Alekhine, Indira Nehru, Robert Rothschild, Isabelle d'Orléans e Sara Guggenheim. Finda a Guerra, o concelho assumiu-se como local de exílio de reis destronados.

1936

Pucs

Em 1935, ao definirem-se as circunscrições da região, esta viria a denominar-se oficialmente de Costa do Sol. Posto isto, inicia-se o planeamento urbano, de acordo com um Plano aprovado pelo Governo, sob a supervisão do Gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol. O projeto foi coordenado por Alfred Agache até ao final do primeiro mandato de Duarte Pacheco (1936), sendo revisto por Etienne de Gröer, dois anos mais tarde.

1946

Bairro Marechal Carmona

A urbanização de terrenos até então destinados à agricultura fez-se sentir, por exemplo, em termos da habitação social que, de forma a colmatar necessidades há muito sentidas, ocupou os espaços definidos pelo poder central e local para o efeito. O Bairro Marechal Carmona seria inaugurado em 1946, a expensas da Santa Casa da Misericórdia de Cascais.



1950

1960

1970

HOJE

070

Expansão do território

Seguindo uma política de expansão urbanística, surgem novos bairros habitacionais, resultando num significativo aumento do número de habitações, num período igualmente marcado por investimentos de vulto na melhoria das infraestruturas da vila. O crescimento urbanístico extendia-se também às restantes freguesias.

600 anos de Vila

Em 1964, Cascais celebra o 600º aniversário da sua elevação à categoria de vila. A urbanização do concelho prosseguiu rapidamente, assistindo-se a uma multiplicação de novas urbanizações, em que as moradias de dois pisos dariam lugar a edifícios de vários pisos.

Em 1968, António Salazar sofre um acidente que o incapacita de governar, e como tal inicia-se a decadência do Estado Novo que tanto personificava.

Queda do Estado Novo

Com a Revolução dos Cravos em 1974, chega a liberdade, resultando na implantação de um regime democrático.

Com a queda do regime, surgem novas possibilidades e ideologias. Em 1976 assistiria-se à fundação da CER-CICA (Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Cascais). Nos anos seguintes, assistiria-se à fruição de património histórico e cultural em todo o concelho.

No Presente

No início do século XXI, Cascais investiu fortemente na defesa do património histórico e cultural, impulsionando a criação de novas infraestruturas. Geração após geração, Cascais tem sabido respeitar as suas memórias, raiz de um sucesso reconhecido nacional e internacionalmente. A (re)descoberta da sua história, constitui-se como um importante fator de reforço da cidadania, onde as pessoas assumem total protagonismo.



3.2

O BAIRRO MARECHAL CARMONA: PARTICULARIEDADE, SIMBOLISMO E ESSÊNCIA DO LUGAR

Inserido numa malha urbana consolidada (maioritariamente de carácter residencial), o Bairro Marechal Carmona situa-se a 1,4 km Norte do centro histórico de Cascais, no centro de dois nós rodoviários fulcrais que permitem a conexão com Sintra e Lisboa. A norte do bairro situa-se o nó ligante distributivo com Sintra e Lisboa, através da ligação com a A16 e A5 respectivamente. A Sul a distribuição é feita tendo Lisboa como destino a Este (através da Estrada da Marginal), e a Oeste o Parque Natural Sintra-Cascais junto à costa também através da Estrada do Guincho.

Ocupando uma localização privilegiada no concelho, o Bairro Marechal Carmona tem nas suas imediações duas grandes zonas verdes existentes em Cascais, sendo elas a Oeste a Ribeira das Vinhas (que define a ligação entre o Parque Natural Sintra-Cascais) e o Parque de Palmela a Este. A Sul a costa e respectivas praias.

Adoptando em tom de homenagem, o nome do então Presidente da República António Óscar Fragoso Carmona, o Bairro Marechal Carmona seria o primeiro de vários bairros que viriam a ser construídos por todo o concelho com intenção de suprimir a grande carência habitacional existente. Como premissas projectuais, o plano urbano deveria adaptar-se harmoniosamente à topografia do terreno, ter um bom aproveitamento de exposição solar assim como permitir a acessibilidade a cada habitação de forma facilitada e com o mínimo de arruamentos necessários. Numa primeira fase, o projecto (entregue a Ruy Jervis d'Atouguia e Filipe Nobre de Figueiredo) viria contemplar a zona mais a Norte do Bairro, preservando a ligação transversal entre as Fontainhas e a actual Avenida de Sintra.

As habitações propostas desenvolviam-se apenas no piso térreo, embora de áreas reduzidas para os padrões de conforto da actualidade, cada lote seria construído com materiais humildes e com acabamentos simples, típicos da construção dos Bairros "sociais" do Estado Novo, replicando a típica casa portuguesa de cobertura de duas águas e construção em alvenaria de tijolo. Estabelecendo uma relação

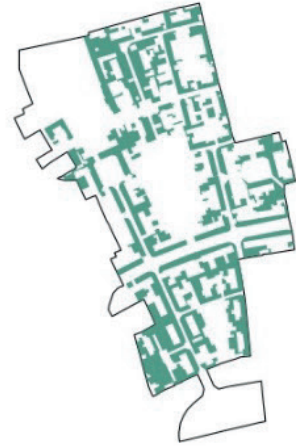
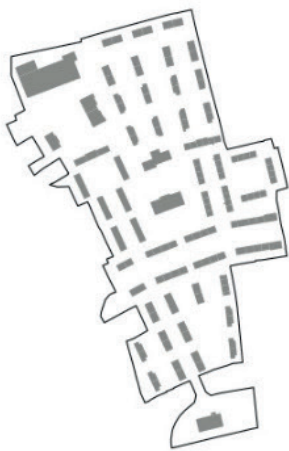
Figura 34

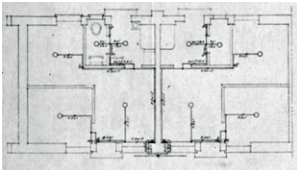
(página anterior)

Registo fotográfico de uma das primeiras habitantes do bairro



073





com a topografia de forma harmoniosa, a sua orientação no plano urbano permitia o aproveitamento da exposição solar durante a maior parte do dia ao mesmo tempo que se salvaguardava a protecção dos ventos predominantes. Cada lote teria uma parcela de terreno na zona frontal e outra na posterior, de forma a que no futuro, numa possibilidade de expansão, fosse possível garantir afastamentos entre lotes com dimensões razoáveis. Os arruamentos, assumem orientações perpendiculares à via transversal, garantindo de forma pragmática o acesso aos lotes de forma simplificada.



Na seguinte década, Cascais duplicava a população (contabilizando 42 177 habitantes). Por esta mesma razão continua a aposta na construção de novos acessos, equipamentos e aumenta a necessidade de oferta de habitação no concelho. Neste contexto, a Santa Casa da Misericórdia e a Câmara Municipal de Cascais decidem em conjunto que é necessário aumentar a capacidade do Bairro Marechal Carmona. É então elaborado um projecto de ampliação para o mesmo que contemplava oitenta e oito novas casas, distribuídas em blocos de quatro fogos e dispostos em dois pisos.

074

“Procurámos dar às casas um aspeto tão agradável quanto possível dentro da escassez de meios de expressão plástica do que podíamos dispor, de maneira a obter alçados de grande simplicidade (...)” (CMC, 1949, p. 529).

Figura 35

Desenhos técnicos, de Ruy d'Athouguia, Cascais, 1946

Figura 36

Plano urbano, de Ruy d'Athouguia, Cascais, 1946

Figura 37

(página anterior, em cima)

Relação entre o Bairro e o

Centro Histórico

Figura 38

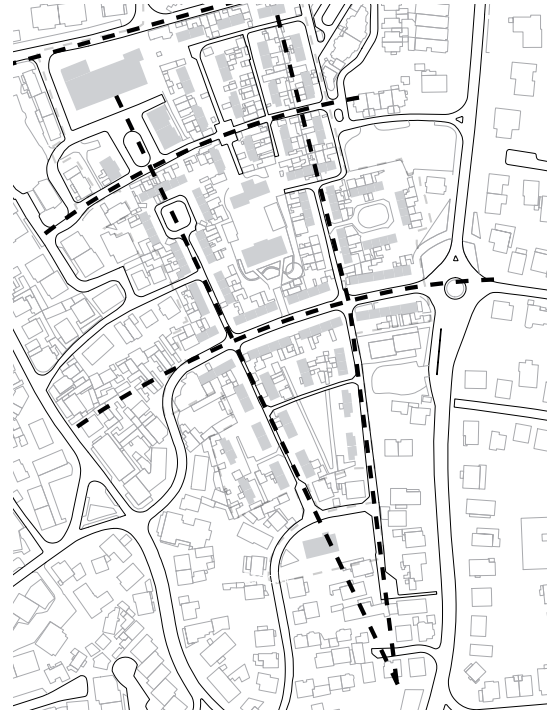
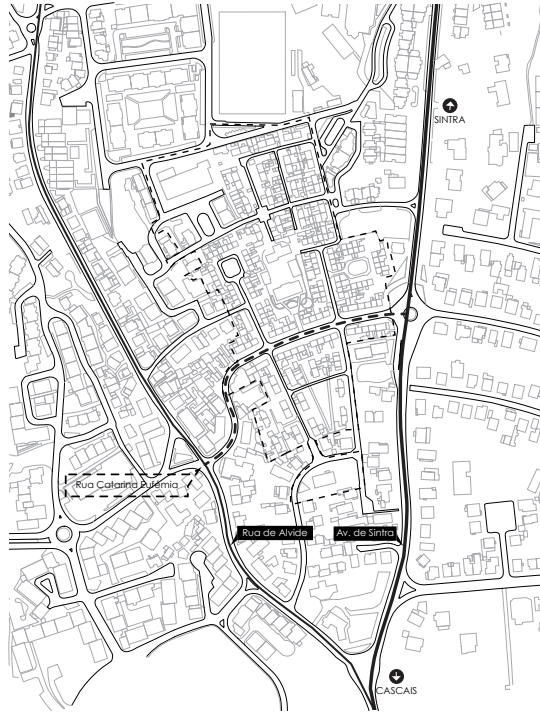
(página anterior, em baixo)

Infograma de Edificado original, anexos ilegais e áreas verdes

Esta expansão foi dividida em duas partes. Na zona central do Bairro e ocupando um vazio central, foi construída uma Escola. A Sul, aproveitando os terrenos, foram colocados os volumes habitacionais de dois pisos, ficando ainda por ocupar no extremo Sul uma área que estaria pensada para vir a ser um infantário.

Após a expansão do Bairro, ocorrido na década de sessenta, as alterações no mesmo estabilizaram até aos dias de hoje.

No entanto o contexto urbano onde este se insere, sofreu inúmeras alterações, com o surgimento de um elevado número de construções e edifícios, que contrariamente às premissas existentes para o Bairro Marechal Carmona, apenas pretendiam colmatar a oferta de habitação. Como tal, especialmente a partir dos anos oitenta, assiste-se um crescimento desmesurado da região e Cascais também sofreu da falta de planeamento das grandes obras de urbanização que



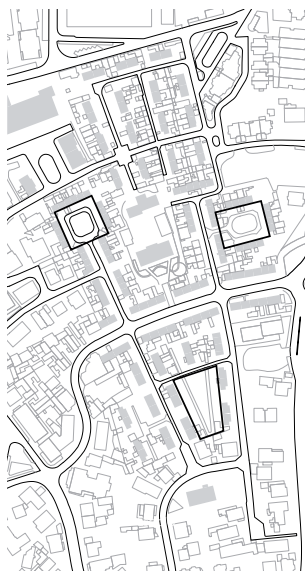


Figura 39

Localização das praças no interior do Bairro Marechal Carmona

Figura 40

(página anterior, em cima à esquerda)

Planta elementos urbanos que circunscrevem o Bairro Marechal Carmona

Figura 41

(página anterior, em cima à direita)

Arruamentos existentes no Bairro Marechal Carmona

Figura 42

(página anterior, em baixo à esquerda)

Edifício uso residencial

Figura 43

(página anterior, em baixo à direita)

Edifício carácter educacional

foram feitas, com edifícios que se estendiam na vertical e que descaracterizavam em certa medida a Vila de Cascais e o seu território.

Actualmente, o bairro permanece com a sua implantação original, planta hierarquizada numa malha organizativa radial em que o ponto convergente se situa a Sul. Circunscrito entre duas vias rodoviárias, Avenida de Sintra (a Este, eixo ligante entre Sintra-Cascais) e Rua de Alvide (a Oeste, destinada essencialmente à acessibilidade local) conectadas no interior do Bairro através da Rua Catarina Eufémia.

A distribuição interna é feita através de arruamentos com dimensões reduzidas, de carácter pedonal e perpendicularmente implantados em relação à Rua Catarina Eufémia, contribuindo para a estruturação dos diferentes espaços que compõem o plano urbano.

Estes arruamentos com orientações verticais, para além de desempenharem a função de distribuição para com os diferentes lotes, também são responsáveis pelo acesso aos largos e às praças. Elementos urbanos estes que eram antigamente utilizados para eventos festivos pontuais e ajuntamentos sociais entre a população e onde existe maior concentração de árvores de grande porte.

Constituindo-se como um bairro residencial com mais de sessenta anos de existência, o Bairro Marechal Carmona foi alvo de poucas intervenções de preservação ao longo do tempo, encontrando-se algo “fechado para o seu interior”, o que por sua vez, contribui para uma certa alienação social e económica para com o contexto urbano que o rodeia. Por essa mesma razão, e pelo acentuar da deterioração das condições do edificado, a própria população (por iniciativa própria) assumiu um papel interventivo na reconstrução e por vezes ampliação do mesmo, através de obras de reabilitação ou pela construção de anexos (de génese ilegal) construídos de forma algo tosca e sem planeamento.

Com o deteriorar das condições do edificado e com a ausência de políticas governamentais que procurassem dinamizar e actualizar este bairro no contexto da Vila, tem-se vindo a assistir a uma diminuição substancial do seu índice de ocupação nos últimos anos, sendo que a população actual presente no mesmo situa-se em média numa faixa etária avançada.

Elementos críticos utilizados na apresentação do projecto no âmbito do

Congresso de Habitação, realizado na Casa das Histórias, Cascais 2019



13 E 14 MAR'19
CASA DAS HISTÓRIAS
PAULA REGO

**TRANSMISSÃO
EM DIRETO**

**I CONGRESSO
HABITAÇÃO
DE CASCAIS**

Políticas públicas de habitação
A procura de novas soluções

CASCAIS



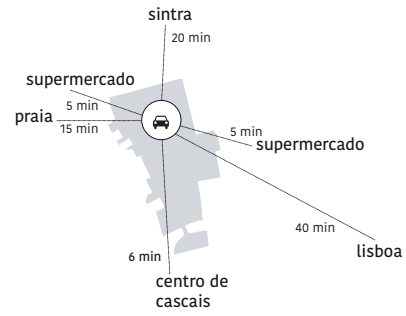
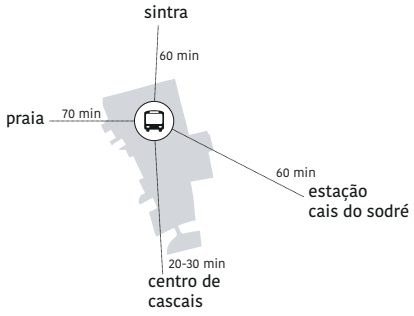
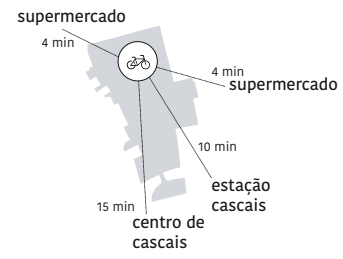
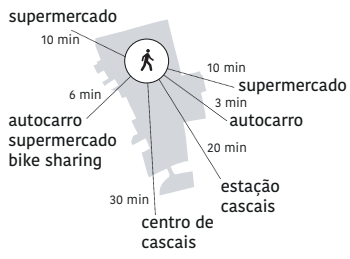
SE PELO
MENOS EXISTE
UM JARDIM AGORA



ISSE
QUI....









Segundo o levantamento sociológico disponibilizado pela Câmara Municipal de Cascais, em 2019, 60% da população residente no bairro ultrapassava a fasquia dos cinquenta anos, seguindo-se os adultos com idades compreendidas entre os vinte e cinco, e, quarenta e quatro anos (correspondendo a 17% da população residente). Deste estudo foi também possível aferir que embora a população residente não tenha um nível de escolaridade avançado, aproximadamente 80% completou um nível de ensino igual ou inferior ao ensino básico.

Tais factores contribuíram para uma certa sensação de segregação na relação do mesmo com a Vila de Cascais, ao manter as suas características originais intactas, assim como grande parte da população original (agora envelhecida) que lá habita desde nascença.

Esta concentração de uma população que se conhece e vive no bairro desde sempre, solidificou uma vivência em comunidade (algo incomum nos dias de hoje) de vida bairrista onde toda a população se conhece, cruza e se fala diariamente de forma pessoal. Esta particularidade contribui para uma identidade carismática presente ainda nos dias de hoje onde o sentido de proximidade e de entreaajuda contrasta com a agitação cosmopolita cada vez mais presente no resto do concelho, onde a vivência se torna mais impessoal e onde o sentido de vizinhança está menos patente.

Figura 44

Relação de tempo dispendido entre o centro do bairro e as extremidades

Figura 45

(página anterior, em cima)
Equipamentos, comércio e serviços

Figura 46

(página anterior, em baixo)
Diagrama síntese da relação da mobilidade e acessibilidade ao Bairro Marechal Carmona

Ao nível de equipamentos e serviços o bairro assume pouca oferta para com a população, no entanto os efeitos de tal escassez são minimizados devido às próprias dimensões do Bairro (percorrível na totalidade da sua extensão em aproximadamente dez minutos) e a proximidade para com a Rua de Alvide, que por sua vez já oferece alguma variedade de oferta em serviços e de comércio local.

Em relação à acessibilidade ao mesmo e do mesmo para com o exterior, o bairro contempla diversas opções que possibilitam o deslocamento da sua população com relativa facilidade, e num curto espaço de tempo, por intermédio de diferentes opções.



3.3

ESTRATÉGIA PARA UMA PERIFERIA INCLUSIVA

Dada uma expansão territorial do concelho de Cascais a partir dos anos trinta, criaram-se grandes zonas de carácter residencial no seu entorno que evidenciam a diferença entre classes sociais ao invés de anular esta característica diferenciadora. Foram criados inúmeros bairros habitacionais onde muitos dos casos assumiram mesmo uma verticalidade que contrastava bastante com o lugar onde se inserem, com as características tipo morfológicas dos edifícios existentes, a escala da vila e contribuíram directamente para uma certa descaracterização da paisagem, resultando num forte contraste entre a construção e a paisagem natural do Parque Natural Sintra-Cascais.

086

Estas opções de expansão trouxeram mais pessoas para Cascais e possibilitaram um acréscimo demográfico e uma diferenciação na dinâmica social existente. Cascais passa a ter uma classe trabalhadora que vive dentro do concelho e relativamente próxima do centro.

“O crescimento urbano faz-se por adição de bairros novos, quase sempre na periferia, e por renovação, pontual ou em conjuntos com certa dimensão, nos tecidos herdados. Deste modo, a cidade contém manchas, mais ou menos extensas, e testemunhos pontuais de várias épocas.”

(Salgueiro, 1992, p. 385).

Os planos de expansão, camuflados pelo suposto desenvolvimento e progresso inerente à sua condição, encontraram na periferia o local predilecto ao seu desenvolvimento. Aí os restringimentos em relação à construção são inegavelmente menores quando comparados com as condicionantes urbanas e arquitectónicas presentes nos centros das cidades. Como resultante, o território sofreu uma certa descaracterização em relação à estrutura da cidade tradicional, visto que esta nova construção privilegiava volumes de elevada verticalidade, plantados em grandes vazios urbanos, desconsiderando totalmente a presença de elementos tradicionais de ordem estrutural urbana tais como as ruas, praças e jardins.

Figura 47

(página anterior)

Sinergia pretendida na periferia



"(...) constata-se que muitas coroas suburbanas, mesmo quando oferecem condições de alojamento razoáveis, propiciam uma baixa qualidade de vida." (Salgueiro, 1992, p.385).

Através do estudo do contexto urbano onde se pretende intervir, e com o Bairro Marechal Carmona como principal foco de intervenção, constatou-se através de uma análise à escala da cidade, que uma intervenção urbana de forma isolada poderia não funcionar na plenitude tendo em conta que o local da intervenção, corresponde a apenas uma peça de um complexo sistema de relações denominado como cidade. Por essa mesma razão deve existir uma estratégia à escala de cidade que viabilize uma proposta urbana à escala de intervenção do bairro.

No auxílio da estratégia a adoptar para planeamento de cidade, foram priorizados os aspectos ligados à mobilidade e à sustentabilidade, à habitabilidade e qualidade do espaço público, e por último, a oferta cultural existente no concelho.

088

Através da influência do pensamento revolucionário defendido por Jane Jacobs e posteriormente trabalhado, desenvolvido e implementado por Jan Gehl, encontrou-se uma estratégia que defende o bem-estar comum dos cidadãos da cidade ao mesmo tempo que procura qualificar espaço para os mesmos e promove melhores índices de saúde e de economia local. Muito assente numa política que privilegia o comércio local, a riqueza e diversidade de espaços no domínio do espaço público em cidade, através de soluções relacionadas com a mobilidade urbana, procurou-se implementar tais estratégias em Cascais juntamente com o pensamento de Cidades Policêntricas (numa microescala) defendido por Leon Krier, com intuito de crescimento da Vila de forma sustentável e conjunta entre bairros.

Assim, procurou-se numa primeira fase, adoptar uma estratégia de intervenção à escala da cidade que promovesse intencionalmente a interligação entre os diferentes bairros que compõem a periferia do centro histórico de Cascais, de forma mais directa e pragmática. Para esse efeito foram identificados vários bairros no território que carecem de um certo dinamismo social de vivência do espaço público e que apresentam algumas carências no aspecto socioeconómico, e que tal como presenciado no Bairro Marechal Carmona são percorriáveis na sua

Figura 48

(página anterior)

Anel composto pelos bairros periféricos e o centro histórico de Cascais



VS





totalidade num curto espaço de tempo.

Posto isto, foi identificado um conjunto de bairros (localizados na periferia) na Vila, com características semelhantes e que se localizam relativamente próximos do centro histórico, ainda que inseridos no anel exterior ao mesmo. Assim, e com o intuito de mitigar a existente hegemonia vivida no centro de Cascais em relação à oferta das mais diversas comodidades, e, com uma forte intenção de dinamizar o espaço público e qualificar a "Rua" como local predilecto à existência de relações sociais, propõe-se uma conexão entre os bairros por intermédio da implementação de "Corredores Verdes", que por sua vez, procuram enfatizar uma relação directa entre os diferentes bairros.

A mobilidade e a forma como os seus habitantes se deslocam de zona para zona é nos dias de hoje um dos factores mais importantes a ter em conta no planeamento urbano, não só o tempo que as pessoas demoram a chegar ao seu destino mas também a forma como esse percurso é feito, que idealmente deverá ser um percurso com interesse e que promova uma deslocação agradável e enriquecedora. A mobilidade, especialmente dentro das cidades, é um factor importantíssimo a ter em consideração quando se pretende proporcionar qualidade de vida aos seus habitantes visto que esta pode determinar o sucesso ou insucesso de várias zonas do perímetro urbano e como tal promover uma maior dinâmica ou restringir e condicionar o tipo de ambiente e vivência que se gera nesses lugares.

090

Figura 49
Diagrama conceptual da
"Cidade dos 15 minutos", Paris,
2020

Figura 50
(página anterior, em cima)
Ambiente Rua da "Cidade dos
15 minutos" (antes), Paris, 2020

Figura 51
(página anterior, em baixo)
Ambiente Rua da "Cidade dos
15 minutos" (depois), Paris, 2020

Como referência projectual a implementar, propõe-se uma solução equivalente (adaptada à realidade de Cascais) à solução promovida pela Presidente da Câmara Municipal de Paris. Com vista à redução de emissões CO₂ e à melhoria do espaço público de forma a que este se torne atractivo a uma estadia mais permanente, promove-se a vivência e dinâmica interna dos bairros com intuito de reduzir as longas deslocações da sua população na cidade ao disponibilizar uma enorme variedade de serviços e comércio localmente.

Estas conexões surgiriam em vias estratégicas (a ser estudadas e claramente identificadas numa relação custo-benefício), relativamente fáceis de adaptar e que acima de tudo permitissem uma continuidade de percurso entre os diferentes bairros periféricos com a menor distância possível. Entre eles, formariam o anel verde de Cascais.



091



Esta continuidade verde, teria como pontos de passagem principais, os centros dos bairros e as grandes áreas verdes existentes em Cascais, de nome Ribeira das Vinhas (a Oeste) e o Parque de Palmela (a Este).

Cada bairro, segundo as suas maiores valências e qualidades na actualidade poderia contribuir para a formação e enriquecimentos da periferia de forma particular, participando paralelamente na economia de todos de forma sustentável e local, melhorando os aspectos sociais e económicos internos a cada bairro. Ao se qualificar cada bairro particularmente, ao mesmo tempo que se cria uma estratégia que promove a inter-relação entre cada um, promove-se um bem-estar comum e partilhado, onde um certo estigma de inferioridade em relação ao centro se dissipa, e com isto, aumenta-se as condições de vida das populações residentes dos bairros e indirectamente do concelho, visto que ao se qualificarem estes bairros, surgem novas dinâmicas e estes tornam-se convidativos a quem vem de fora, seja para experienciar os costumes locais, para consumir bens ou serviços que só ali existem ou apenas pelo simples facto de que se tornam agradáveis de se circular e de passear. Tal abordagem, contribuiria para um maior desenvolvimento e dinamismo dentro do município.

Figura 52

(página anterior, em cima à esquerda)

Grandes zonas verdes, Ribeira das Vinhas e Parque de Palmela

Figura 53

(página anterior, em cima à direita)

Sistema de Anel composto pelos bairros periféricos

Figura 54

(página anterior, em baixo à esquerda)

Relação entre o anel composto pelos bairros periféricos e o Bairro Marechal Carmona

Figura 55

(página anterior, em baixo à direita)

Relação entre o anel periférico e o centro histórico

Idealmente pretender-se-ia uma sociedade mais coesa e mais conectada, mais consciente do papel individual e respectiva responsabilidade numa vivência em comunidade. Em larga escala, este tipo de vivência reflectir-se-ia num sentido cívico sensível e desenvolvido que promove um bem-estar geral da população.

"Cities must urge urban planners and architects to reinforce pedestrianism as an integrated city policy to develop lively, safe, sustainable and healthy cities. It is equally urgent to strengthen the social function of city space as a meeting place that contributes toward the aims of social sustainability and an open and democratic society." (Gehl, 2010, p.6).



3.4

SÍNTESE

Cascais apresenta-se como uma Vila em constante expansão. O território revela-se através do traçado urbano, mantendo os vestígios da sua origem muito ligada ao mar, o traçado urbano demonstra as diferentes alterações a que esta Vila esteve sujeita com o passar dos anos. Desde o período dos Descobrimentos, passando pelo grande terramoto de 1755 e a sua posterior reabilitação e expansão até aos dias de hoje, Cascais representa adaptação e mudança.

O traçado urbano acompanha as características geomorfológicas do território, formalizando uma malha urbana orgânica de alinhamentos dispersos. Este, é composto pelo classificado centro histórico da Cascais e zonas densas habitacionais que se repartem por volumes de grande verticalidade com inúmeros fogos e bairros residenciais com moradias de um e dois pisos, na sua grande maior.

Constata-se uma enorme dependência do centro a nível de dinâmicas sociais e económicas por parte da periferia, e uma substancial diferença de qualidade de vida no que diz respeito a ambiente social e vivência do espaço público. A nível social a população encontra-se algo segregada, devido às diferenças de extracto social e económico que contribuem para uma certa divisão e vivências distintas de grande contraste no território. Este factor, alimentado pelos estigmas criados em torno da habitação denominada como "social" (de baixo custo e construção humilde), originou um sentimento de exclusão social e contribuiu para que algumas zonas de habitação, especialmente alguns bairros (que se inseriam na anterior denominação), criassem um tipo de vivência muito em redor deles próprios, quebrando assim uma possível sinergia entre diferentes zonas do concelho.

Figura 56 Tendo como principal zona de intervenção do corrente trabalho, o Bairro Marechal Carmona (bairro de construção oriunda do período do Estado Novo), procurou-se definir uma proposta de um novo plano urbano para o mesmo, inserindo-o numa estratégia de planeamento urbano para a cidade, que contempla a

(página anterior)
Cascais no final do século XIX,
autor desconhecido

revitalização da periferia e a melhoria da qualidade de vida presente em zonas mais carenciadas e menosprezadas do território, através da criação de um sistema de relações directas entre eles, apelidadas de “corredores verdes”.

A proposta realizada para o Bairro Marechal Carmona com maior detalhe, será a expressão do desenvolvimento de uma estratégia global para a cidade, que promove o crescimento saudável e sustentável da mesma.

04

OS CASOS DE ESTUDO

4.1

CENTRO CESC POMPEIA

Lina Bo Bardi

4.2

CAIXA FÓRUM

Herzog & Meuron

4.3

O CENTRO DE ARTES E CASA DAS MUDAS

Paulo David

4.4

CENTRO DE ARTES EM SINES

Aires Mateus

4.5

TEATRO-AUDITÓRIO DE LLINARS DEL VALLES

Álvaro Siza Vieira

098

4.6

CASA E ESTÚDIO "RASCAINFIERNOS"

Fernando Higueras

4.7

CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS

Menos é Mais Arquitectos + João Mendes

Ribeiro

4.8

A CASA EM AZEITÃO

Aires Mateus

4.9

SÍNTESE



4.0

INTRODUÇÃO

Os casos de estudo seleccionados possibilitam uma recolha, fundamentação e comprovação de dados essenciais para o desenvolvimento do projecto arquitectónico que se pretende realizar, visando integrar as suas intenções projectuais de forma a sintetizar e clarificar as intenções e gestos propostos no projecto. Assim se cria de forma mais pragmática uma relação entre a componente teórica e a execução prática.

Serão abordados projectos pelas suas características particulares, desde a sua localização e implantação, do conceito à concepção passando pela forma, função e programa. Constituindo-se por uma amostra de projectos diversificada e distinta, em suma, fortalecem a criação de uma imagem e evidenciam soluções que se pretendem utilizar na construção e formalização do projecto Arquitectónico. No total serão apresentados sete projectos, cada um dotado das suas particularidades na procura de sintetizar conceitos e soluções técnicas que posteriormente foram abordados.

Nomeadamente, o Centro Sesc Pompeia da Arquitecta Lina Bo Bardi, pela programática e por desempenhar um papel importante na promoção cultural e social, e também pela polivalência e versatilidade dos espaços. A Caixa Fórum do atelier Herzog & Meuron, pela forma como num simples gesto permite uma continuidade no espaço público, resolvendo um problema urbano através de uma decisão projectual. O Centro de Artes e Casa das Mudanças do Arquitecto Paulo David, pela relação tectónica que assume com o lugar e também pela forma como a distribuição para os diferentes programas é feita, através de um vazio central. O Centro das Artes da autoria do escritório Aires Mateus, pela forma como a matéria é trabalhada no projecto e manipulação da luz, que em suma contribuem para um espaço de referência na cidade, mas também evocam a um tipo de habitar específico, mais sensorial. O Teatro-Auditório de Llinars del Valles do Arquitecto Álvaro Siza Vieira, pela forma como o projecto e programa se desenvolve em redor de um elemento cénico central de maiores dimensões e pela homogeneidade explícita no revestimento de fachada que contribui para a uniformização do projecto. O projecto da Casa e estúdio "arranha-infernos"

Figura 57
(página anterior)
Ilustração representativa dos
casos de estudo

(tradução livre do autor) de Fernando Higuera, pelo pragmatismo em que decide enterrar a sua casa e dar voz ao silêncio, enquadrando a luz natural numa clarabóia que é responsável por revelar o espaço interior do edifício. O projecto Centro de Artes Contemporâneas da parceria entre os escritórios Menos é Mais Arquitectos e João Mendes Ribeiro, que apresenta uma composição geométrica dos volumes que criam uma praça que acolhe os visitantes e faz a distribuição para os diferentes usos, e também pelo desenho cenográfico existente no espaço polivalente. A Casa em Azeitão, do escritório Aires Mateus, pela subtileza e tensão criada no espaço através da adição e subtração de volumes que contém um programa e que por vezes aparentam estar a "flutuar" no espaço, e também por situar a galeria distributiva paralelamente às paredes exteriores.



4.1

CENTRO CESC POMPEIA | LINA BO BARDI

Tipologia Equipamento Cultural O projecto Sesc Pompeia, da autoria da arquitecta Lina Bo Bardi localiza-se em São Paulo, no Brasil.

Localização São Paulo, Brazil Tendo como principal objectivo atribuir o devido protagonismo da cidade às pessoas enquanto elementos preponderantes de planeamento para uma cidade activa e dinâmica, a arquitecta encontra uma oportunidade de materializar tais conceitos através do projecto de reabilitação para o Sesc Pompeia. Ao trabalhar

Ano 1986 a arquitectura com uma forte componente social, a arquitecta pretende acima de tudo conseguir conciliar o sucesso das suas obras com a qualidade de vida promovida junto da população, privilegiando sempre as pessoas, o seu bem-estar e felicidade, e a forma como estas se relacionam entre si e com o espaço que as rodeiam.

Neste projecto a arquitecta coloca como premissas projectuais no novo desenho urbano, a organização dos acessos aos volumes existentes para que fosse possível potenciar o seu uso, e acima de tudo, criar uma continuidade no espaço público, através da criação de uma ligação interna no lote que permitisse a ligação entre duas ruas circundantes. A difusão dessa barreira, entre espaço de domínio público e outro de domínio privado, proporciona uma continuidade espacial ao nível da rua, e com isso adquire-se uma maior vitalidade e dinâmica na frequência de utilização das diferentes funções existentes neste lugar.

Com um simples gesto de estratégia urbana, a cidade ganha um polo cultural com enorme variedade de funções, que por sua vez, aumenta a vivência deste lugar de forma activa contribuindo para o sucesso do mesmo. É uma relação contínua entre a cidade e este lugar, tendo como principal objectivo o de servir as pessoas, através da qualificação do espaço para as mesmas.

Figura 58 (página anterior) Embora a abordagem se tenha centrado especialmente na reabilitação e conversão de usos nos espaços fabris existente, o projecto viria a assumir uma escala algo monumental, devido às duas torres localizadas no final da rua interior, que viriam a ser construídas com o propósito de colmatar a ausência de área no lote para suportar o programa pretendido.

A continuação do espaço público como elemento distributivo no projecto

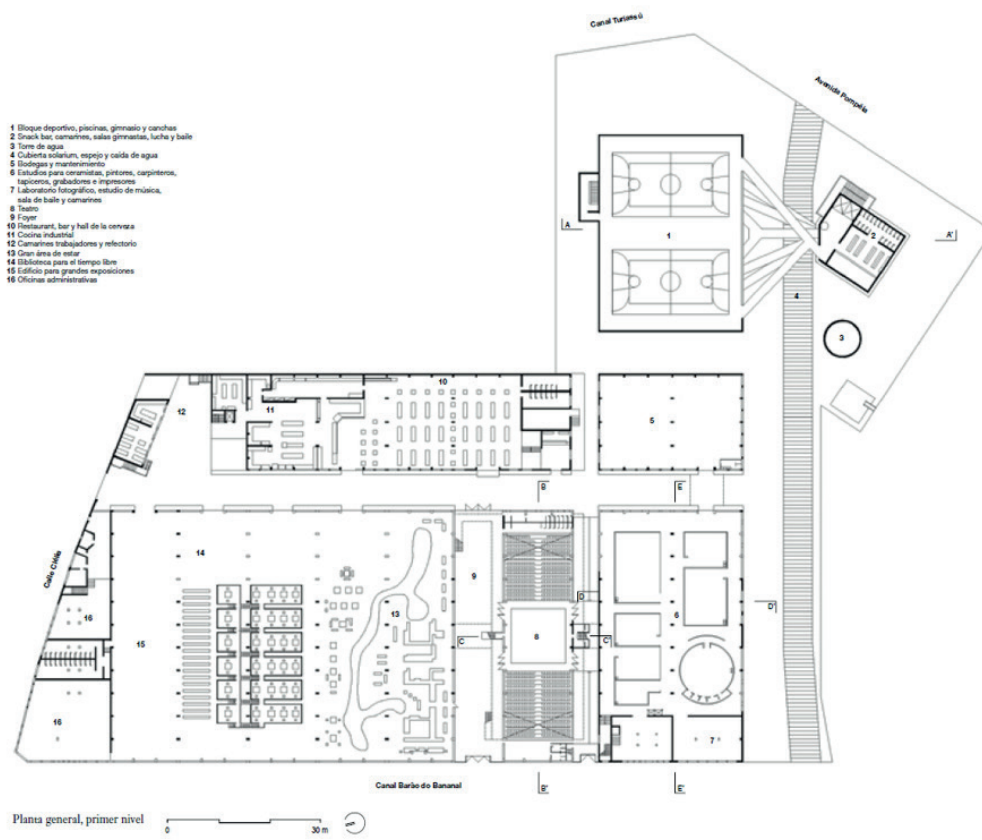


Figura 59
 Planta Piso térreo



Figura 60

A continuação da rua



4.2

CAIXA FÓRUM | HERZOG & MEURON

Tipologia Equipamento Cultural Denominado de Caixa Fórum e localizado numa zona privilegiada de Madrid, relativamente perto do Paseo del Prado e o Jardim Botânico, este equipamento de carácter cultural assume-se no seu contexto urbano como uma referência na cidade no que respeita a promoção da cultura.

Localização
Madrid, Espanha

Ano 2008
Ocupando o lote que anteriormente era destinado a uma antiga central eléctrica e um posto de combustível, a abordagem dos Arquitectos passou por preservar as paredes em alvenaria da antiga Central Eléctrica e integrá-la num novo objecto arquitectónico, preservando assim o património industrial e adaptando uma pré-existência a um novo uso e conteúdo programático. O posto de gasolina, foi demolido tendo em conta que não possuía igual valor patrimonial, dando lugar a uma praça que antecede o edifício. Este gesto de reabilitar e integrar uma pré-existência no lugar (as paredes em alvenaria) veio a ser preponderante no desenvolvimento do projecto, solucionando problemas de concepção formal, acessos e integração urbana do edifício.

Procedendo-se cirurgicamente a uma intervenção de remoção da base e interior da antiga fábrica, obteve-se uma zona exterior coberta do edifício, onde está localizada a recepção da Caixa Fórum, que permite que os seus visitantes se reúnam num local exterior abrigado.

Este gesto e resultante pé direito proveniente do remover da base do antigo edifício contribui para a sensação de que o edifício está a flutuar no espaço, contrastando a leveza deste gesto com a massa e peso do corpo do edifício em si.

A nível de programa, e aliado à separação do solo citada anteriormente, obtém-se dois corpos. Subterrado e acompanhando a topografia da praça que antecede a entrada do edifício, surge um auditório/teatro, zonas de serviço e parque de estacionamento para automóveis. No restante edifício, que se desenvolve na vertical, o acesso é feito à cota da praça, seguindo-se um lobby e a galeria/museu de arte, um restaurante e espaço administrativo.

Figura 61
(página anterior)
Permabilidade no espaço público

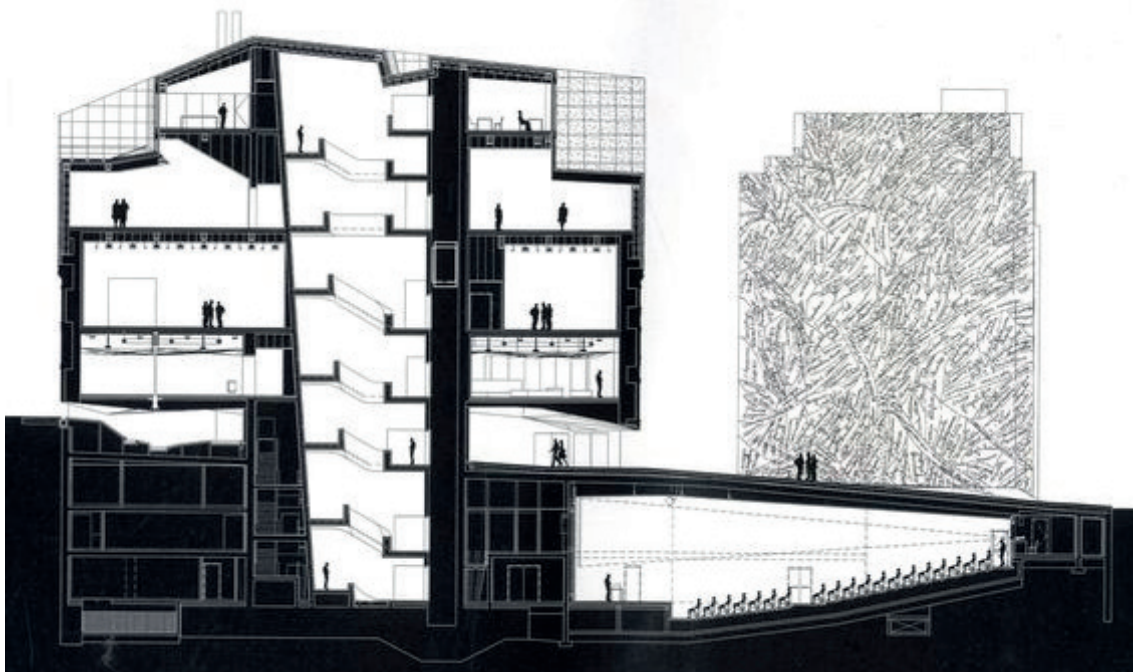


Figura 62
Secção do edifício



Figura 63

Momento de permanência e de acesso ao edifício



4.3

O CENTRO DE ARTES E CASA DAS MUDAS | PAULO DAVID

Tipologia Equipamento Cultural O Centro das Artes, projecto da autoria do Arquitecto Paulo David, localiza-se no Vale dos Amores, Madeira.

Localização Madeira, Portugal O projecto nasce da necessidade de ampliação da Casa da Cultura da Calheta, que por sua vez se demarca da paisagem através da sua implantação na linha de fecho de um monte que termina sobre o mar.

Ano 2004 A construção da ideia tem como base uma intenção, o acto de redesenhar a massa montanhosa, e com esse gesto definir o edifício como uma gravura no território. Através desta intenção e metodologia de subtração de matéria, origina-se um conjunto de peças que auferem um desenho geométrico simples e reforçam o acto humano na procura de uma relação com a Natureza.

Com intuito de albergar várias funções num mesmo lugar, o projecto contém um auditório, uma biblioteca, serviços educativos, áreas expositivas um espaço comercial (loja/livraria), uma cafetaria, um restaurante e espaços administrativos. Através da implantação com orientação Norte-Sul, o edificado desenvolve-se ao longo de um eixo longitudinal até ao limite de onde é topograficamente possível de construir. Através de um gesto relacionado com a remoção de matéria, distintos volumes ganham forma e surgem esculpidos na paisagem como uma afirmação do gesto arquitectónico perante a natureza. Juntamente com a utilização de materiais locais (principalmente o basalto), o projecto procura relacionar-se com o território de uma forma harmoniosa.

Uma rampa permite o acesso a um pátio que por sua vez desempenha a função de pivot. É a partir deste vazio central, de forma quadrangular, que se desenvolve a distribuição para as diferentes funções existentes no programa. O facto de que esta distribuição possa ser feita individualmente para cada módulo através de um elemento comum central a todos os espaços, permite que cada espaço possa ter uma gestão autónoma, contribuindo desta forma para uma maior flexibilidade no uso e vivência dos mesmos.

Figura 64
(página anterior)
A subtração de matéria como elemento conceptual do projecto

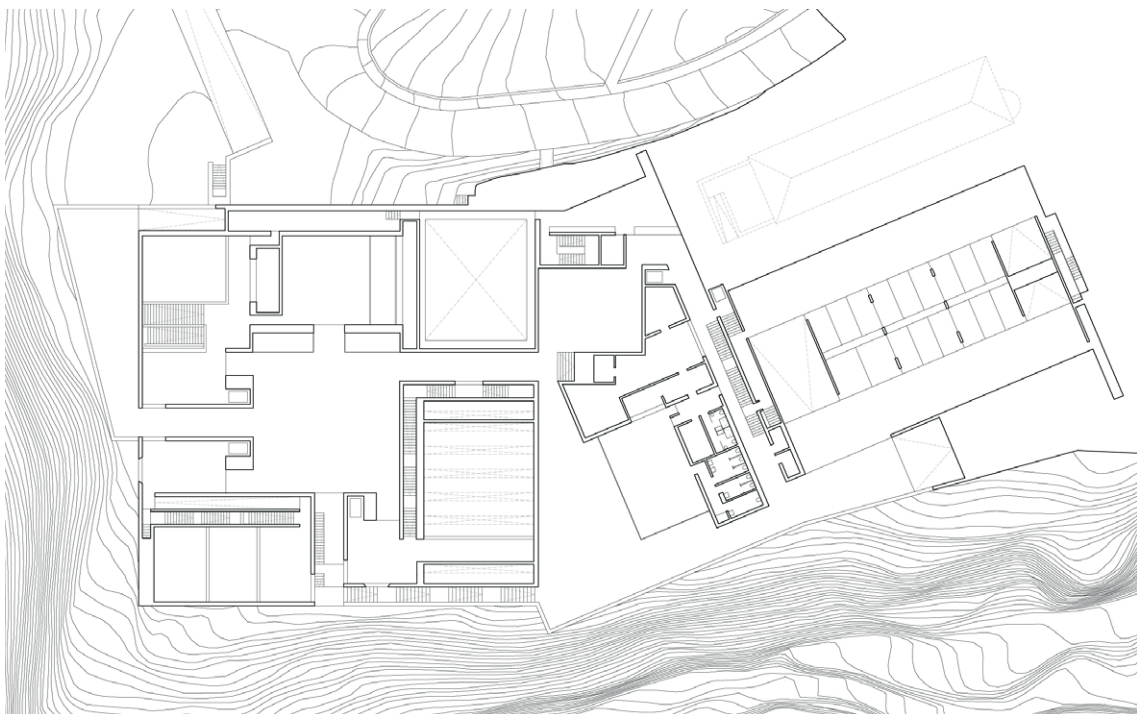


Figura 65
Planta Piso



Figura 66

Vazio geométrico, como elemento distributivo para as várias funções



4.4

O CENTRO DE ARTES EM SINES | AIRES MATEUS

Tipologia Equipamento Cultural O equipamento cultural Centro de Artes, da autoria do escritório Aires Mateus, localiza-se em Sines mais especificamente no início da rua principal que faz a ligação entre a cidade e o mar, entre a cidade nova e a cidade antiga.

Localização

Sines, Portugal

Ano

2009

Procurando integrar-se na cidade, este edifício excepção concentra várias funções num mesmo lugar (biblioteca, auditório, centro de exposições e arquivo) com o intuito de servir todas as camadas da população ao mesmo tempo que referencia as portas do centro histórico. Ocupando toda a área disponível do lote, a arquitectura do edifício assume uma dimensão monumental. A escala trabalhada é a do centro histórico e a relação entre cheios e vazios provenientes de expressão maciça dos volumes, assim como o jogo de transparências existente, possibilitam um paralelismo entre o edifício e as muralhas de um castelo. Geradora de tensões e de discontinuidades formais, através da arquitetura promove-se uma experiência única do espaço (ora lúdica, ora reflexiva), apelando aos sentidos na forma como se percorre o espaço e se relaciona o mesmo através da volumetria e da escolha dos materiais.

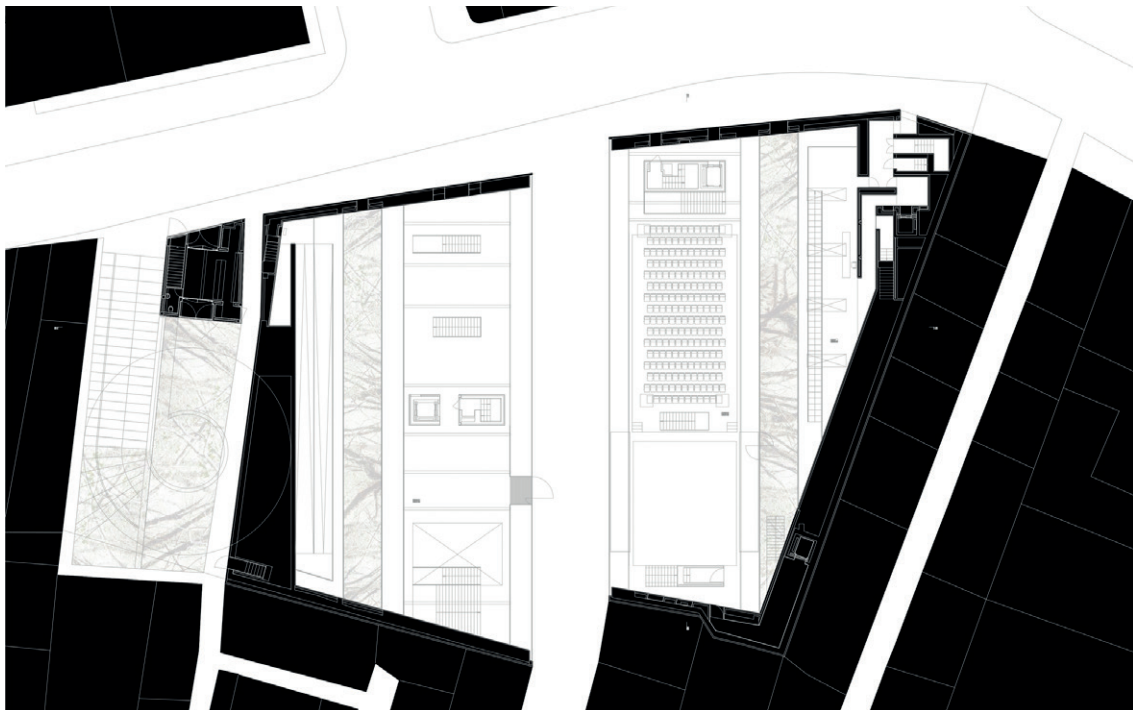
O contacto com a rua é uma constante, e esta define-se como um elemento estrutural do projecto. Na Rua Marquês de Pombal, o edifício apresenta-se como uma fachada de pedra lioz, mas ao iniciar-se o percurso pela Rua Cândido dos Reis, o volume ilumina-se pelas fachadas envidraçadas. Através da abertura destes vãos garante-se a permeabilidade entre as atividades culturais que acontecem no seu interior e a vida quotidiana do exterior. No interior, a luz natural propaga-se pelo espaço através do uso do mármore branco liso nos tetos e paredes.

Partindo-se de uma leitura horizontal transparente ao nível da rua é possível ter uma leitura global da extensão do projecto. Abaixo da cota da rua, as funções são projectadas através do trabalhar da matéria. O acto de escavar e trabalhar o contacto com o solo, revela um compromisso estereotómico com o território e uma vontade de agarrar o projecto ao lugar como se dele se projectasse. Em

Figura 67

(página anterior)

Volumetria e a continuação do espaço público



contraste, acima da rua, são colocados volumes suspensos, definidos através de faixas de atravessamento intercaladas com pátios, que possibilitam a continuação do espaço público e interligam o projecto com a malha urbana.

A concentração de várias funções origina diversas vantagens, não só do ponto de vista da optimização de recursos na gestão do espaço, mas também pela sua polivalência de usos e pela forma como este serve a cidade e contribui para a dinâmica activa da mesma do ponto de vista social. Este espaço torna-se mais vivido ao oferecer um maior tipo de actividade no mesmo lugar, o que origina uma maior concentração de pessoas, e fortalece o sentido comunitário da população da cidade.

Figura 68

(página anterior)

Planta Piso terreo. que enfatiza a tensao entre cheios e vazios



4.5

TEATRO-AUDITÓRIO DE LLINARS DEL VALLES | SIZA VIEIRA + ARESTA

Tipologia Equipamento Cultural O projecto do Teatro-Auditório, da autoria do Arquitecto Álvaro Siza Vieira em colaboração com o escritório Aresta, situa-se em Espanha mais concretamente a Noroeste da Vila de Llinars del Vallès.

Localização Llinars del Vallès, Espanha O programa pretendido consistia num espaço de elevada versatilidade de usos, com capacidade para acomodar actividades musicais e uma ampla variedade de usos cênicos, contribuindo para a promoção cultural, social e artística na região.

Ano 2015 Inserido num parque urbano, com elevada importância paisagística e qualidade ambiental, a implantação do edifício viria a ser altamente condicionada por tais condições pré-existent.

120

A opção de colocar o Teatro-Auditório com a fachada orientada para a via Sant Antoni pretende dar resposta a diversas solicitações de conexão com o território, de entre as quais, qualificar o acesso ao parque urbano segundo o desenho do mesmo, garantir o afastamento em relação à mata protegida, e respeita os eixos visuais em relação às clareiras e a relação da fachada para com a rua principal.

O edifício toma como referência o volume principal que contém o auditório. A partir desta peça central, são organizados os restantes espaços através da articulação de diferentes volumes pautados pelos pátios exteriores. Com intuito de criar uma continuidade entre as diferentes volumetrias e com isso criar uma leitura comum a todos os corpos, é assumido o tijolo maciço (material tradicional das zonas rurais da Catalunha) como revestimento em todos os alçados, pontualmente interrompido através da abertura de vãos que se estendem na horizontalidade.

Figura 69

(página anterior) Volumetria e a continuação do espaço público Os valores a preservar do parque e os da casa Can Marquès, assim como o próprio desenho do parque orientaram a implantação geral do conjunto, determinando suas relações internas e externas.

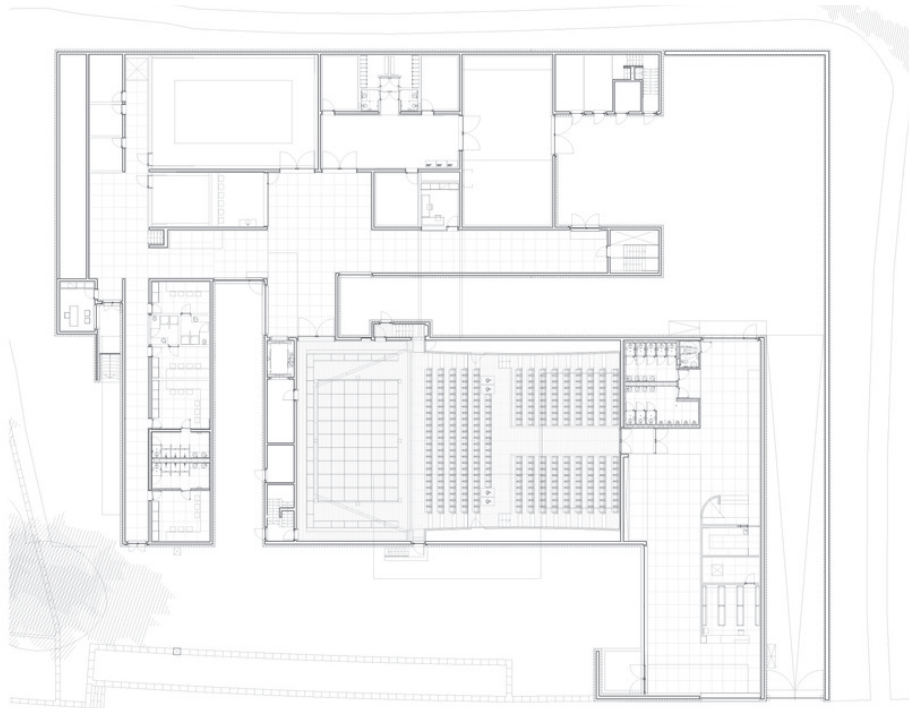


Figura 70
Planta Piso terreo



Figura 71

Relação da volumetria com a rua



4.6

CASA RASCAINFIERNOS | FERNANDO HIGUERAS

Tipologia	Intitulado como "rascainfiernos" (ou "rasga.-infiernos", em português), o projecto da autoria do Arquitecto Fernando Higuera localiza-se em Madrid e seria apelidado desta forma por se encontrar embutido no solo, escavado na matéria.
Habitação	
Localização	Construído com a finalidade de ser a sua casa e simultaneamente o seu espaço de trabalho, este projecto menos convencional propõe uma experiência sensorial distinta do usual ao possibilitar um habitar com silêncio absoluto (condição essa difícil de encontrar actualmente).
Madrid, Espanha	
Ano	1972

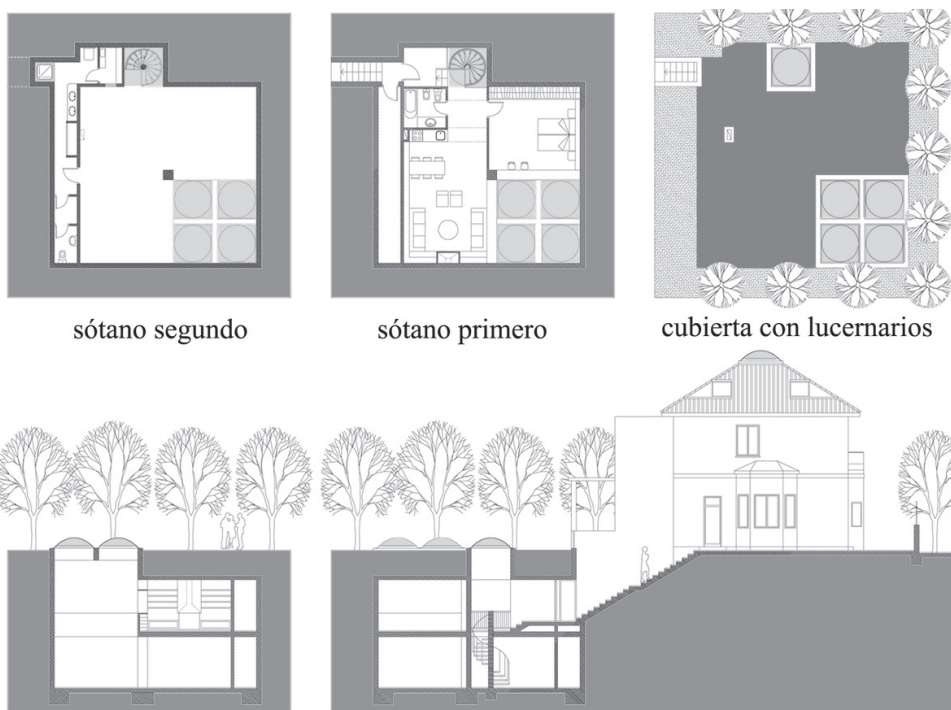
Na sua espacialidade, o projecto define-se por um volume escavado no solo, assente num quadrado de nove metros por 9 metros de implantação e 7 metros de altura. Embora este se encontre construído na totalidade debaixo do solo, o espaço é iluminado na totalidade de forma natural através da colocação de 4 claraboias na cobertura. Estas permitem que a luz natural percorra o os dois pisos existentes através de um átrio de pé direito duplo que rasga o volume no plano vertical, na sua totalidade, e são ainda responsáveis pela renovação de ar.

Figura 72

(página anterior)

Vista para o ságuao interior

Por se encontrar enterrado, o edifício tem um óptimo desempenho energético conseguindo proporcionar uma temperatura confortável a maior parte do ano.



sótano segundo

sótano primero

cubierta con lucernarios

Figura 73

Desenhos técnicos



Figura 74

Claraboia que proporciona a iluminação natural a todo o espaço



ARQUIPELAGO
CENTRO DE INVESTIGACIONES

4.7

CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS | JOÃO MENDES RIBEIRO

Tipologia Equipamento Cultural O projecto do Centro de Artes Contemporâneas, da autoria do escritório Menos é Mais Arquitectos e o escritório João Mendes Ribeiro, localiza-se na Ribeira Grande, Açores.

Localização Açores, Portugal Procurando respeitar uma pré-existência industrial (antiga complexo fabril de produção de álcool e tabaco) e o contexto onde se insere, a proposta arquitectónica assume uma enorme subtilidade no território, na forma como procura qualificar o espaço sem o descaracterizar. Reafirmando o carácter industrial do lugar, o projecto fortalece a relação entre a construção existente e a adição de novos edifícios (centro de artes e cultura, instalações de armazenamento, salão multiuso/artes performativas, laboratórios, estúdios de arte), que por sua vez contribuem para o bom funcionamento deste lugar.

Ano
2014

A estratégia de contenção das instalações de aplicação aumenta a eficiência espacial e define a uma hierárquica a nível de usos, dos diferentes espaços que compõem o complexo da fábrica existente. Os novos volumes procuram absorver as funcionalidades com condições especiais, incompatíveis com a espacialidade existente nos edifícios já existentes.

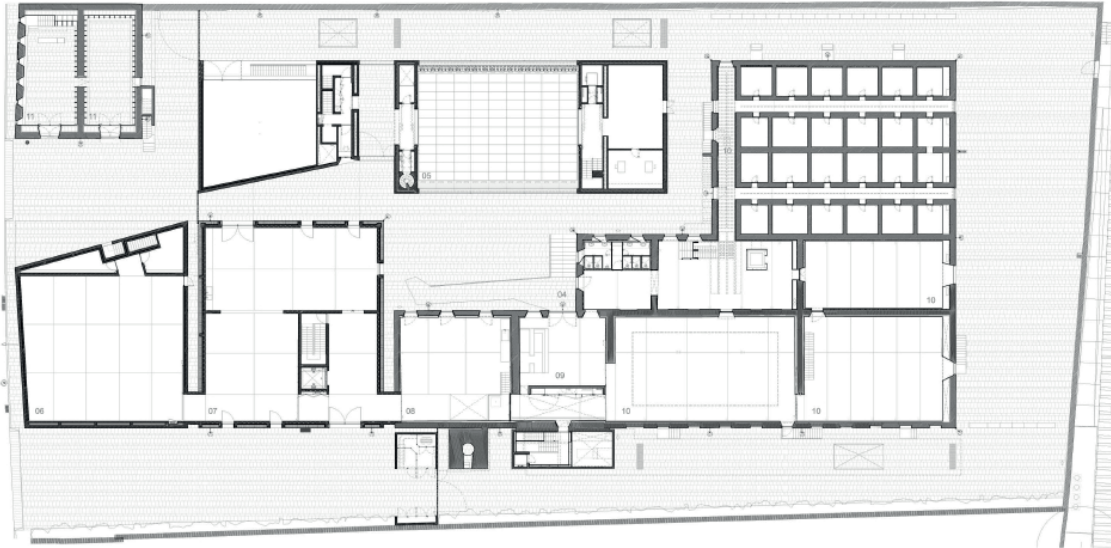
Na procura de se relacionar de forma harmoniosa com o contexto e a pré-existência, o projecto procura unir as diferentes escalas e memórias da sua utilização e composição, numa manipulação pictórica da forma e materialidade dos edifícios.

As construções existentes são marcadas pela alvenaria de pedra vulcânica, e os novos edifícios propostos são caracterizados por uma linguagem formal abstrata e simplificada, resultado de uma construção em betão (composto por inertes de basalto local), que trabalha continuamente a variação de texturas e rugosidade nas superfícies.

Figura 75

(página anterior)

Relação entre o público e o privado, com a praça no fundo



129

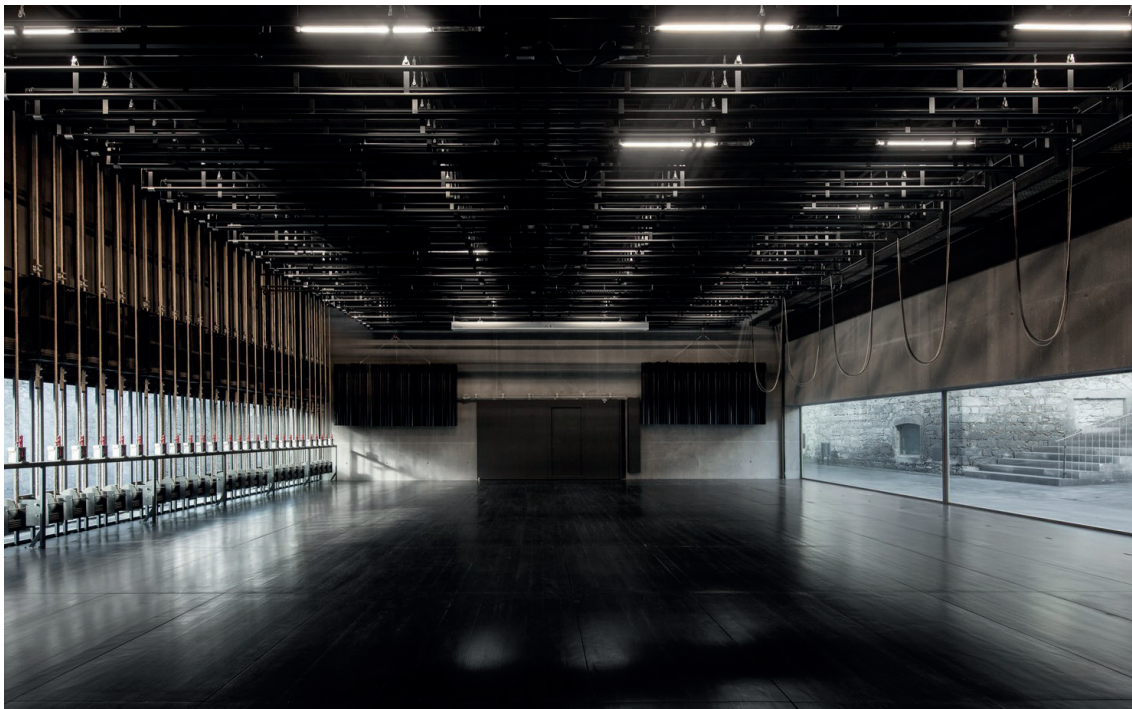


Figura 76 (página anterior, em cima) A criação de um pátio central promove dissipação de limites entre o público e o privado, e contribui para o carácter convidativo que este espaço auferiu junto da população.

Planta Piso terreo

Figura 77 (página anterior, em baixo) Interior espaço polivalente O Centro de Artes Contemporâneas procura unir diferentes escalas e tempos de suas partes. É um projeto transdisciplinar cuja missão é divulgar, criar e produzir cultura emergente: um espaço de promoção cultural.



4.8

CASA EM AZEITÃO | AIRES MATEUS

Tipologia	Neste projecto o desafio proposto ao estúdio Aires Mateus consistia na reabilitação
Equipamento Cultural	de uma antiga adega localizada em Azeitão, concelho de Setúbal, e converter o seu uso para habitação. Esta antiga adega era composta por paredes estruturais
Localização	de elevada espessura e uma cobertura de duas águas, com uma estrutura interna
Setúbal, Portugal	em asna de madeira. Como tal o desafio passaria por atribuir a este espaço um novo uso, dotá-lo de todos os elementos necessários ao bom funcionamento da
Ano	habitação integrando as características da antiga adega.
2003	

No plano projectual procurou-se os espaços sociais da casa no piso térreo e aproveitar o pé direito existente para adicionar um novo nível onde se situariam as zonas privadas. Como tal e aproveitando a área existente, foi adicionada uma segunda parede à parede existente, onde se colocaram as escadas de acesso ao piso superior, assim como zonas de serviço e arrumos, libertando o centro para uma zona de estar.

No piso superior, para retirar proveito da luz natural, foram colocados blocos "soltos" que contém os quartos e casas de banho. Estes blocos assumem um grande protagonismo plástico pela ilusão de que estruturalmente se encontram a pairar no espaço, contribuindo para um imaginário interessante ao recrearem a ideia de subtração de matéria, onde se cria uma certa sensação de que estamos a habitar um interior de uma gruta. Este jogo de cheio/vazio também permite que a luz natural circule livremente nos intervalos da matéria, tornando a habitação bastante iluminada.

Figura 78

(página anterior)

Alçado principal, relação interior-exterior

A circulação e acesso a estes "blocos" é feita através de uma galeria que se desenvolve paralelamente às paredes estruturais.

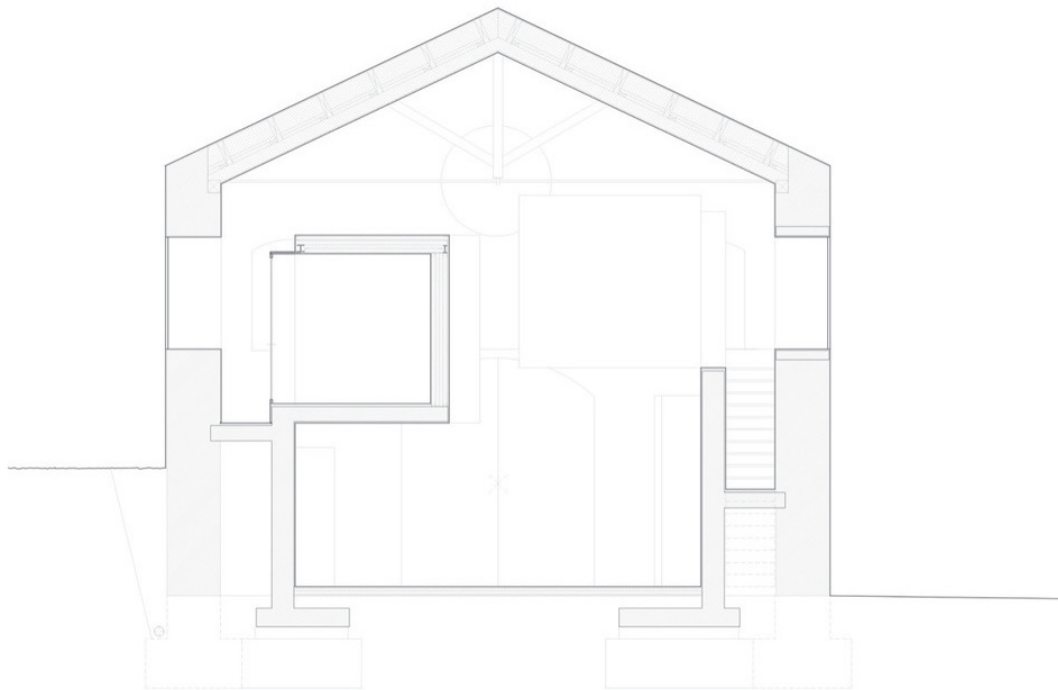


Figura 79

Volumes suspensos em secção



Figura 80

Volumetria proposta com programa e galeria de distribuição



4.9

SÍNTESE

Os projectos anteriormente seleccionados como casos de estudo possibilitam uma análise e estudo de aspectos teóricos que resultaram numa solução real, a materialização de um processo complexo desde o programa, a ideia, o conceito inicial, e formalização e aplicabilidade real na arquitectura.

Através de distintas formas, estas obras surgem como referências para a concepção e desenvolvimento da solução projectual, ainda que não representem na integra, bases conclusivas e concretas para a mesma.

Através da análise de algumas das características mais singulares encontradas em cada projecto, encontraram-se directrizes projectuais que influenciaram o materializar e formalizar de uma intenção que procura desde o início, e através da arquitectura, criar uma mais-valia para o território, que por sua vez, tem na peça arquitectónica o culminar do encontro entre a problemática, o protagonismo que o projecto assume numa estratégia à escala da cidade, e a qualificação do espaço enquanto lugar de encontro na mesma.

Em particular o Centro Sesc Pompeia da arquitecta Lina Bo Bardi, devido à forma como num simples gesto de estratégia urbana permite assegurar a vivência do projecto ao mesmo tempo que fortalece a relação do mesmo para com a cidade, contribuindo para a sua qualificação enquanto espaço de qualidade e expressão para com a sua população. O projecto da Caixa Fórum, dos Herzog&Meuron pela forma como se define um momento específico de acesso ao edifício ao mesmo tempo que se reforça uma continuidade no espaço público entre duas ruas situadas em cotas distintas, eliminando um problema no espaço público.

Figura 81

(página anterior)

Obra de Teun Hocks, onde o autor explora a afirmação da memória no tempo

O Centro das Artes e Casa das Mudanças do Arq. Paulo David, pela marcação de um vazio central no projecto, um momento de chegada, que desempenha a função de pivot, fazendo a distribuição dos fluxos para os diferentes programas. O Centro das Artes da autoria do escritório Aires Mateus, pela forma como a matéria é trabalhada no projecto, criando um jogo constante de tensões entre

volumes, pela manipulação da luz, que em suma contribuem para um espaço de referência na cidade, mas também evocam a um tipo de habitar específico, mais sensorial. O Teatro-Auditório do Arq. Álvaro Siza Vieira, em colaboração com o escritório Aresta, devido à preponderância que o corpo principal assume na definição do espaço e programa dos restantes volumes, e também, pela utilização de um tipo de material como revestimento de todo o edifício contribuindo para a afirmação da variedade volumétrica como parte de um todo. A Casa e Estúdio do Arq. Fernando Higuera, pela afirmação do silêncio e da luz como uma peça estruturante do projecto através da criação de um volume negativo que fortalece uma relação entre o toque com o solo e o "toque com o céu". O Centro de Artes Contemporâneas da colaboração entre Menos é Mais Arquitectos e João Mendes Ribeiro, onde a criação da praça pretende ser um elemento de conexão entre o espaço público e o espaço privado, e também pela solução formal e cénica adoptada para o espaço polivalente. A Casa em Azeitão do escritório Aires Mateus, pela forma como o espaço é trabalhado através da planta livre e da colocação de volumes com programa que aparentemente estão suspensos na atmosfera reforçando o contraste entre leveza e maciço, e também pela forma inclusão de um sistema em galeria que permite a distribuição de fluxos para as diferentes funções no piso superior.

Em conjunto, os diferentes casos de estudo apresentados reforçam as premissas associadas à concepção do trabalho prático de projecto, no âmbito de um programa de promoção cultural capaz de servir não só o bairro Marechal Carmona, mas também o concelho ao mesmo tempo que pretende unir a comunidade através da arquitectura.

05

A CASA CULTURAL :
O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REGENERAÇÃO SOCIAL E URBANA

5.1
O Plano Urbano

5.2
Um Lugar para a Cultura como Ponto de Encontro
(O Fórum Cultural como Intervenção Arquitectónica)

5.2.1
O conceito: *Habitar o Vazio*

140

5.2.2
A Forma

5.2.3
A Função



5.1

O PLANO URBANO

É possível relacionar actualmente as vantagens e desvantagens a nível social que um lugar pode oferecer como contribuinte directo para com as relações sociais e paralelamente desenvolver o papel de promotor de estilos de vida mais saudáveis, oriundos de uma maior capacidade motora através da prática de actividade física no dia a dia. Através de uma proposta de circulação interna no bairro de carácter somente pedonal, também as relações sociais entre as diversas pessoas (residentes ou não) beneficiam directamente do conforto de habitar um espaço público desenhado para elas, promovendo uma dinâmica social mais activa,

“Cities have the capability of providing something for everybody, only because, and only when, they are created by everybody.” (Jacobs, 1961, p. 238)

142

A intenção na requalificação do Bairro Marechal Carmona passa essencialmente, por devolver o espaço requalificado às pessoas. Tendo em conta as necessidades das mesmas, espera-se que esta intervenção à escala do bairro possa contribuir directamente para uma vivência com maior qualidade e segurança. Será necessário pensar no bairro como um conjunto, onde existem certos tópicos base que se pretende explorar de forma a que se permita obter um espaço qualificado e adequado à escala humana e que promova a sua interação, tais como: a organização espacial do espaço público e a mobilidade interna do bairro.

“A organização espacial, ainda que sujeita aos efeitos provocados pela localização das actividades e pela densidade populacional, tem um efeito determinante na forma como os indivíduos se movem numa determinada área e conseqüentemente na forma como os mesmos se aproximam ou afastam uns dos outros.” (F. Alves, 2003, p.17)

Figura 82 Esta afirmação do Arquitecto Fernando Manuel Brandão Alves evidencia a influência que um bom planeamento e desenho do espaço público pode ter, na estratégia de redução de barreiras físicas e metafísicas, de forma a retirar

(página anterior)

Localização da Intervenção

P R O T E C T I O N	1. Protection against Traffic & Accidents - traffic accidents - fear or traffic - other accidents	2. Protection against crime & violence - lived in / used - streetlife - streetwatchers - overlapping functions in space & time	3. Protection against crime & violence - lived in / used - streetlife - streetwatchers - overlapping functions in space & time
	4. Possibilities for WALKING - space for walking - uninteresting layout of streets - interesting facade - no obstacles - good surfaces	5. Possibilities for STANDING/STAYING - attractive edges - defined spot for staying - supports for staying	6. Possibilities for SITTING - zones for sitting - maximizing advantages primary and secondary sitting possibilities - benches for resting
	7. Possibilities to SEE - seeing-distances - unhindered views - interesting views - lighting (when dark)	8. Possibilities for HEARING / TALKING - low noise levels - bench arrangements "talkscapes"	9. Possibilities for PLAY/ UNFOLDING/ACTIVITIES - invitation to physical activities play, unfolding & entertainment - day & night and summer & winter
E N J O Y M E N T	10. Scale - dimensioning of buildings & space in observance of the important human dimensions related to senses, movements, size & behaviour	11. Possibilities for enjoying positive aspects of climate - sun / shade - warmth / coolness - breeze / ventilation	12. Aesthetic quality / positive sense-experiences - good design & good detailing - views - trees, plants, water

partido de todo o seu potencial de espaço público como elemento activador de interacção social. Aliando uma organização do espaço que promova uma dinâmica social mais activa, assim como a proposta de um programa de usos que corresponda às necessidades existentes no Bairro Marechal Carmona visando colmatar a escassez de equipamentos de saúde, comércio e serviços, será ainda necessário repensar a forma como se desenvolve a circulação no seu interior, de forma a otimizar a intervenção da proposta e diversificar a forma como se pode habitar o espaço público.

"(...) pode-se observar que cidade após cidade onde as condições de mobilidade a pé são qualificadas, existe aumento um significativo de actividades relacionadas com a circulação pedonal. Também é possível constatar um aumento de actividades relacionadas com o aspecto recreativo e social." (J. Gehl, 2010, p.19)

Como medida de tratamento de espaço público pretendeu-se defender os critérios estipulados por Jan Gehl nos doze critérios a seguir para o planeamento de um espaço público convidativo e atractivo para a população. Como tal, propõe-se uma circulação interna no bairro totalmente pedonal, permitindo a circulação rodoviária na sua periferia, e privilegiando assim o espaço público para as pessoas e de forma a garantir uma maior diversidade de usos do espaço público.

144

Como tal, a forma como a mobilidade se realiza no bairro poderá constituir-se como elemento preponderante no sucesso da intervenção urbana e implementação de uma nova dinâmica social de conjunto, visto que este factor oferece a possibilidade de quebra em relação às barreiras físicas (e metafísicas) existentes, tais como vias de trânsito destinadas aos automóveis ou vazios urbanos não qualificados, e devolve toda esta área às pessoas originando múltiplas áreas qualificadas que proporcionam uma riqueza experiencial no habitar do espaço publico, mais abrangente e menos limitadora para com o relacionamento social. Somando todas estas características, torna-se assim necessário uma intervenção no âmbito da reabilitação do Bairro.

Figura 83

(página anterior)

Os critérios essenciais para o desenho de espaço público, Jan Gehl, 2010, p.239

É assim elaborada uma análise S.W.O.T. com vista a uma melhor percepção da realidade encontrada no Bairro Marechal Carmona.



strengths

PROXIMIDADE PARA COM O CENTRO DE CASCAIS E CONSEQUENTEMENTE ÁREAS DESTINADAS A LAZER (PRAIAS, PARQUE NATURAL, ENTRE OUTRAS)

PRESENÇA DE ALGUNS EQUIPAMENTOS EDUCACIONAIS

ESCALA E DIMENSIONAMENTO DO BAIRRO ADEQUADO AO PEDESTRE

BAIXA DENSIDADE CONSTRUTIVA

PRESENÇA DE ÁREA EXTERIOR AJARDINADA EM CADA HABITAÇÃO

LOCALIZAÇÃO NUMA ZONA CALMA E TRANQUILA DA VILA DE CASCAIS

145



weaknesses

VAZIOS URBANOS NÃO QUALIFICADOS

LUGARES DE ESTACIONAMENTO INSUFICIENTES E MAL DELIMITADOS

BAIRRO "FECHADO" PARA SI MESMO

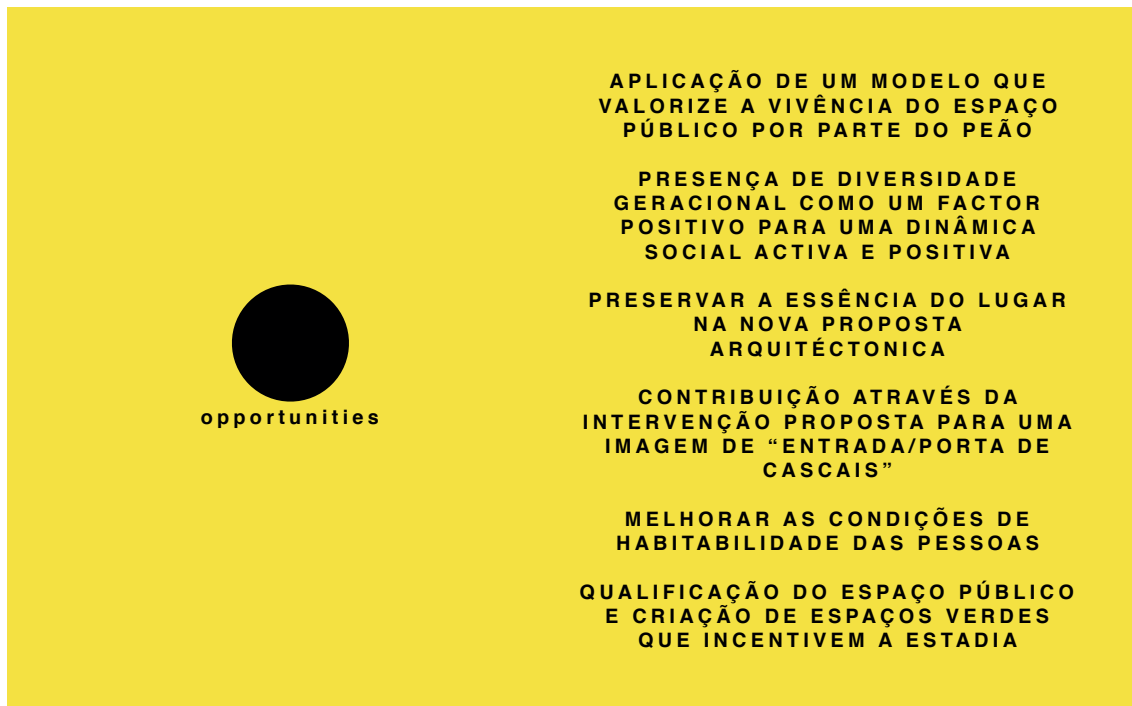
DADA A MORFOLOGIA DO TERRENO E CONSEQUENTE PENDENTE, EXISTE UMA CERTA DIFICULDADE EM COMPLETAR UM TRAJECTO ATÉ AO CENTRO DE CASCAIS A CAMINHAR

ESCASSEZ DE EDIFÍCIOS DE EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS DESTINADOS À POPULAÇÃO LOCAL

IDADE MÉDIA DOS HABITANTES DO BAIRRO MUITO AVANÇADA

DISCREPÂNCIA ACENTUADA ENTRE OS PADRÕES DE QUALIDADE DE VIDA PRESENTES NO BAIRRO E O CONCELHO ONDE SE INSERE

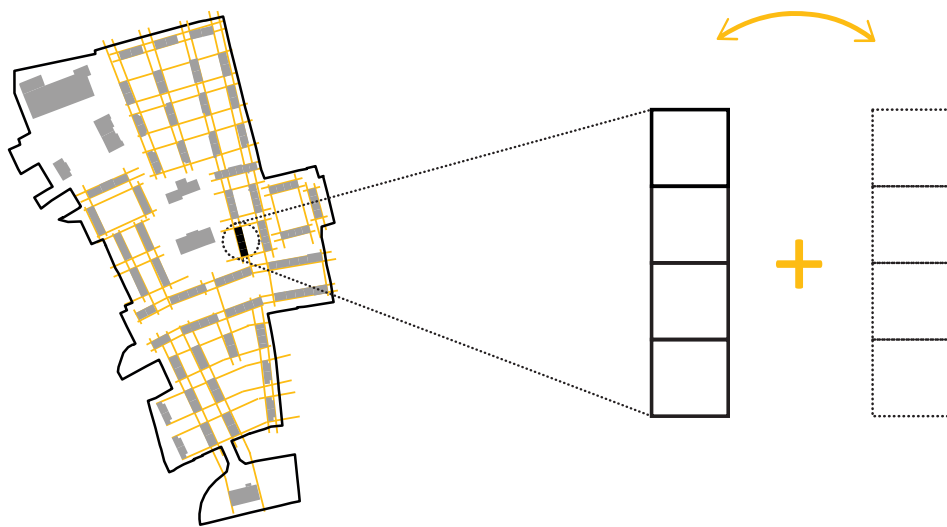
BAIRRO CONFINADO ENTRE DUAS VIAS DE ACESSO A CASCAIS



146



Figura 84



No seguimento da abordagem elaborada para conectar o concelho que visa uma ligação entre os diferentes bairros de forma mais directa, surge o plano de pormenor para o Novo Bairro Marechal Carmona. Este novo plano urbano, pretende ir de encontro à estratégia definida para a vila de Cascais (numa microescala), preservando as ideias de crescimento sustentável através do Policentrismo, contribuindo assim para uma maior qualidade de vida na periferia proveniente da diversidade no tipo de vivência, de negócios, de equipamentos e oferta cultural que se pretende, em cada bairro.

Procurou-se antes de mais resolver a adaptabilidade dos fogos aos padrões de conforto e salubridade presentes na maioria do concelho. Para isso, paralelamente ao facto de que as áreas actuais não se adequem sequer às dimensões mínimas legais por tipologia, segundo o RGEU (Regulamento Geral das Edificações Urbanas) e às condições do edificado no geral se encontravam em estado avançado de debilitação, foi decidido que a intervenção a adoptar seria a de demolir o existente do bairro, preservando apenas os edifícios de programa educacional (ao centro do Bairro e a Sul a Escola Prof. Manuel Gaião).

148

Figura 85

(página anterior, em cima à esquerda)

Principais eixos estruturantes no território

Figura 86

(página anterior, em cima ao centro)

Definição da malha sobre o território

Figura 87

(página anterior, em cima à direita)

Proposta resultante do desenho sobre a malha

Figura 88

(página anterior, em baixo)

Relação entre as áreas existentes por fogo e as áreas necessárias

Para a definição do plano urbano foram definidos dois eixos estruturantes principais que definem a geometria a implementar no bairro e enfatizam uma relação longitudinal do bairro, de forma muito pragmática e directa na orientação Noroeste-Sudeste, cruzado no centro do bairro (na transversal) com o eixo colocado sobre a Rua Catarina Eufémia. Eixo este que segue a orientação do muro colocado a Sul dos limites existente do edifício Escolar do centro do bairro. Esta orientação procura também evitar os ventos predominantes de Norte ao mesmo tempo que se retira maior proveito do período diário solar.

Definidos os eixos estruturantes foi definida uma malha ortogonal sobre o território, com a métrica de seis por seis metros (métrica esta que advém do dimensionamento original das primeiras topologias construídas).

Assumindo a estrutura actual do Bairro Marechal Carmona como ponto de partida para um novo plano urbano, e dada a necessidade de melhorar e de aumentar a oferta de habitação existente no bairro, propõe-se a criação de novas tipologias habitacionais (que promovem uma nova relação com o espaço público), a criação de um equipamento de uso polivalente a Sul (através da conversão e ampliação





Figura 88

Proposta do Novo Bairro Marechal Carmona





Figura 89

Distribuição do Programa na proposta do Novo Bairro Marechal Carmona



do edifício escolar), a criação de um novo edifício de programa educativo que contemplará a Nova Escola Prof. Manuel Gaião e a Creche Teodoro dos Santos (actualmente localizada no topo Norte), um novo equipamento dedicado ao envelhecimento activo (novo centro-de-dia), a criação de uma Rua Comercial situada na actual Rua Catarina Eufémia (que pretende aumentar a oferta de comércio e serviços existente no bairro ao mesmo tempo que procura dar uma continuidade ao comércio de rua existente na Rua de Alvide). Esta Nova Rua Comercial, terminaria numa praça rodeada por edifícios destinados a negócios e à criação de pequenas novas empresas. A Norte, e ocupando o local da actual Creche Teodoro dos Santos, propõe-se a criação do centro cultural denominado como “A Casa eixoCultural” (peça projectual esta que viria a dar origem ao nome do documento assim como ao projecto de Arquitectura).

Espaço público e áreas verdes

O bem-estar nas cidades define-se cada vez mais pela forma como a mobilidade é feita. Nesse contexto, propõe-se limitar o trânsito presente no interior do bairro para a sua periferia para com isto originar uma maior área destinada à circulação pedonal, eliminando a presença dos automóveis no interior do mesmo (excepto em situações de emergência). Por esta mesma razão foi necessário criar dois parques de estacionamento subterrâneos para garantir a acessibilidade total a todo o tipo de plataformas de mobilidade, localizando-se no piso inferior da praça e no topo Sul do Bairro.

154

Figura 90

(página anterior, em cima)

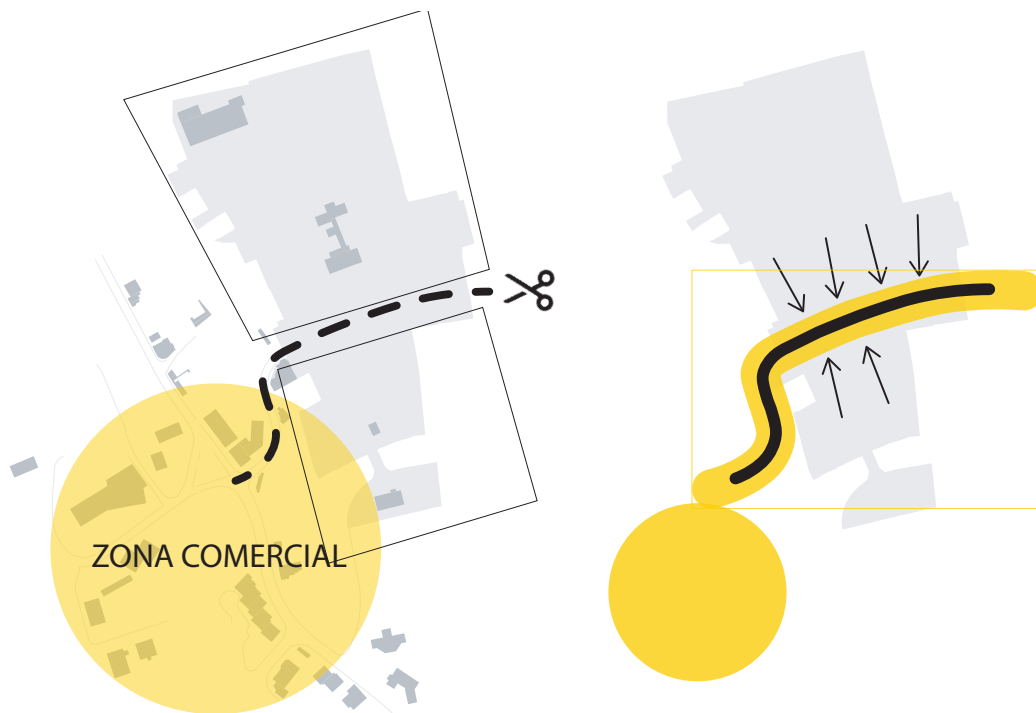
Sistema de circulação rodoviária localizada na periferia do bairro de carácter pedonal

Figura 91

(página anterior, em baixo)

Localização do estacionamento subterrâneo proposto

À qualificação do espaço público e ao aumento da área destinada à circulação de pessoas, procurou-se também ampliar a área permeável para com isto aumentar as zonas espaço verde presentes no plano urbano (medida esta que vai de encontro à minimização da pegada ecológica e pretende com o aumento de espaços verdes, criar um ambiente mais convidativo à vivência dos mesmos ao mesmo tempo que desempenham a função de mitigar os possíveis corredores de vento criados pela implantação do edificado). Em relação ao tratamento do espaço público procuraram-se soluções simples de desenho do espaço, que eventualmente pudessem ser trabalhadas e alteradas ao longo do tempo. A materialidade utilizada remete à pedra que podemos encontrar no concelho, focando-se assim na matéria prima existente no território.



A Rua Comercial

A existência da rua comercial no centro do bairro visa a transformação completa da dinâmica existente actualmente no bairro. Situada na antiga Rua Catarina Eufémia, esta nova centralidade pretende inverter a conotação desta via como um elemento segregador para dar origem a uma continuidade de comércio que actualmente se concentra entre a Rua de Alvide e o início da Rua Catarina Eufémia.

A nível de leitura espacial, a forma do edificado destaca-se propositadamente da restante da proposta, visto que este elemento urbano faz a união entre os dois eixos principais que pautam a malha estrutural do Bairro e um terceiro eixo paralelo à via de acesso local de nome Rua José Eng. José Ulrich. Nesta intersecção define-se um momento marcante no projecto tendo em conta que este "momento" define as portas do bairro em relação a quem o acede pela Av. de Sintra.

Figura 92

(página anterior, em cima à esquerda)

Diagrama representativo entre a zona de comércio concentrada em Alvide e a segmentação existente no bairro através de uma via rodoviária transversal

No percorrer da rua de Alvide até ao centro do bairro pela Rua Comercial, dá-se um momento de charneira entre estes eixos, que por sua vez define a continuação da rua até à praça localizada a Este.

Zona de negócios

Localizada a Este do Bairro, no seguimento da rua comercial que culmina na praça, surge uma área composta por três volumes que definem os limites da praça. Estes edifícios surgem de uma necessidade de trazer um novo tipo de pessoas para o bairro, diversificando o ambiente urbano e criando novas dinâmicas de vivência no mesmo. Como tal, e aliado à diversidade de programa proposto para o novo bairro, propõem-se para este conjunto de edificados um uso partilhado, com espaços polivalentes, salas de reuniões, espaço de co-work e espaços destinados a novas pequenas empresas. Pretende-se com isto criar uma zona do bairro, activa na maior parte do período diurno não só para efeitos de segurança (visto que se garantem nestes espaços com estes programas pessoas na grande maioria do dia) mas também para dinamizarem uma dinâmica no bairro que se pretende mais conectada com o exterior. Esta área será uma das zonas de carácter mais público do bairro e mais convidativa a quem o pretende conhecer para fins de lazer, actividade social ou trabalho.

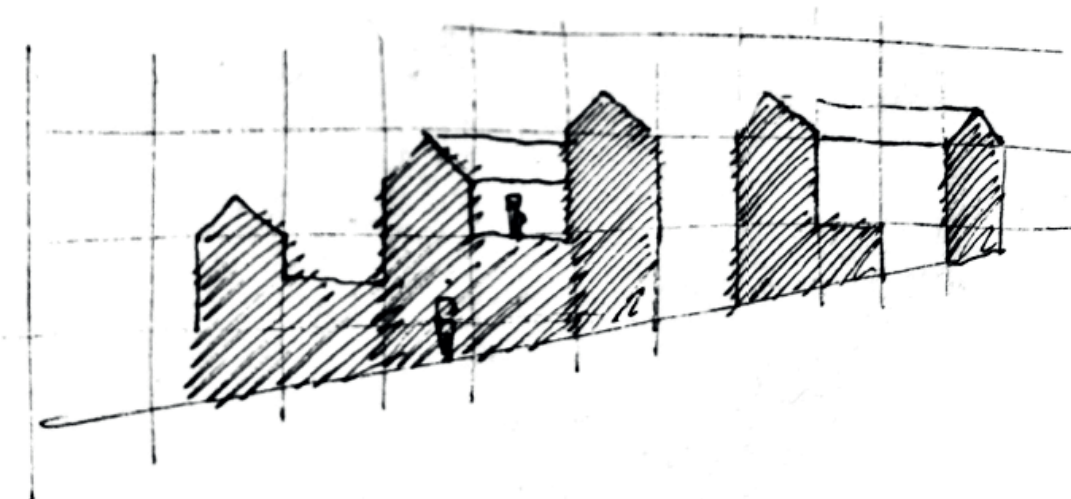
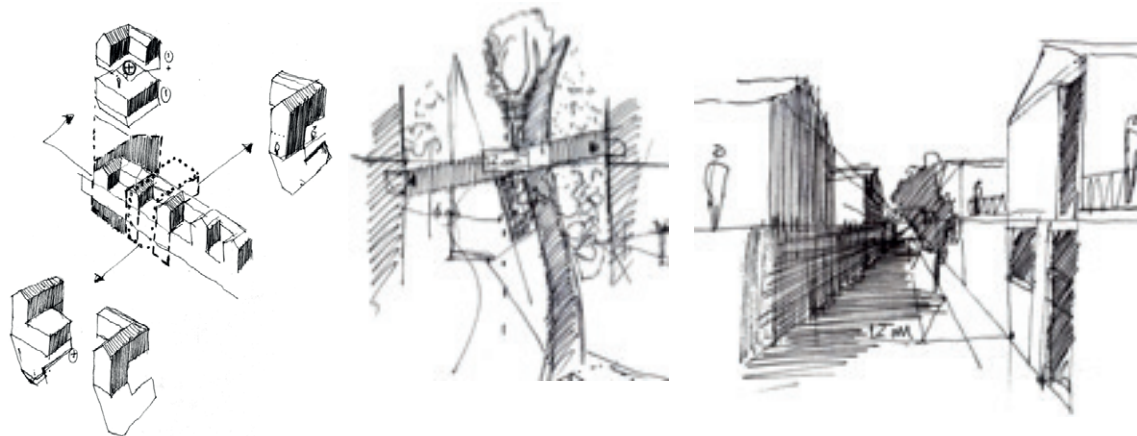
Figura 93

(página anterior, em cima à direita)

Extensão da zona comercial até ao centro do Bairro Marechal Carmona

Figura 94

(página anterior, em baixo)
Representação ilustrativa do ambiente na Rua Comercial, elaborado em grupo no 1º semestre



A Rua Cultural

Apelidada como Rua Cultural, esta localiza-se no eixo longitudinal de orientação Noroeste-Sudeste. Esta rua assume a sua particularidade pela repetição das características tipo morfológicas do edificado (destinado a uso residencial para jovens e casais, auferindo, portanto, tipologias de T0 a T1) ao longo da mesma, remetendo à tipologia original encontrada neste bairro. Assumindo uma relação bastante próxima para com a rua, este conjunto de edifícios que se estende no plano horizontal em todo o comprimento do bairro pretende oferecer um tipo de vivência mais próxima entre o privado e o público, procurando recriar o tipo de relação de proximidade vivenciada actualmente no bairro (que por sua vez contribui para o fortalecimento da comunidade).

Figura 95

(página anterior, em cima à esquerda)

Representação ilustrativa, em axonometria, de um possível sistema de agregação das tipologias

Os fogos desenvolvem-se entre dois pisos, com tipologias de estúdio ou T1 (convertidos em alguns casos em T2), agregados em banda. Cada fogo é sempre dotado de um espaço exterior privado, seja uma varanda ou um pequeno pátio exterior.

Figura 96

(página anterior, em cima ao centro)

Representação ilustrativa, em planta, de um possível desenho de espaço verde no interior da Rua Comercial.

Esta homogeneidade do edificado presenciada na rua contribui para uma linguagem plástica identitária da mesma, o que reforça o eixo longitudinal imposto no território ao mesmo tempo que reforça a conexão entre os dois pontos extremos do bairro de forma muito directa.

A fim de evitar ser uma rua apenas de carácter residencial, é trabalhado o espaço público com áreas de jardim ao longo da rua e são redesenhadas as pracetas (originalmente propostas no plano original) como “momento” de permanência prolongada e onde são colocados pequenos “quiosques” (com programa relacionado com a restauração), que por sua vez contribuem para a dinâmica activa da rua. Uma maior diversidade no espaço público contribui para uma maior possibilidade de vivências e experiências por parte da sua população.

Figura 97

(página anterior, em cima à direita)

Perspectiva da relação de proximidade do edificado com o espaço público na Rua Comercial.

Zona de Habitação para famílias

Tendo em alta consideração o facto de que grande parte da população residente no bairro ser idosa e por isso viver com alguém do seu agregado familiar, procurou-se (em contraste com a anterior rua cultural) criar um programa de habitação para estas famílias num local mais reservado e menos central do bairro de forma a que a vivência com o espaço público continue a existir mas não de forma tão directa. Localizando-se a Nordeste, esta zona é composta por um conjunto de

Figura 98

(página anterior, em baixo)

Secção ilustrativa, que expressa uma possibilidade compositiva formal do alçado da Rua Comercial.

oito blocos habitacionais, que se estendem até ao quarto piso (no edificado mais denso), contemplando tipologias de fogos entre o T2 e o T3, com áreas razoáveis e cuja implantação dos mesmos define um jardim interior no seu logradouro.

Totalmente acessível a qualquer pessoa, o jardim exterior define-se como um grande espaço verde, nas imediações dos fogos, e que pretende assumir-se como um local convidativo à vivência das pessoas, especialmente das mais idosas, dando origem a um espaço exterior agradável e protegido, sem os ruídos dos automóveis e com bom ensombramento das copas das árvores.

O Centro-de-dia

Através de medidas relacionadas com o envelhecimento activo surgiu a necessidade de se dotar o novo plano urbano de um equipamento com esse fim. Cada vez mais, assiste-se a uma maior longevidade etária com maior qualidade de vida, e com isso surge a necessidade de criar ferramentas na sociedade e continue a valorizar as pessoas e a fazê-las sentirem-se úteis e a contribuir para o bem-estar comum da sociedade. Este equipamento pretende também prestar um papel auxiliar na comunhão entre as diferentes gerações que irão habitar o bairro, ao mesmo tempo que procura incentivar a partilha de conhecimento e sentido cívico entre as faixas etárias mais dispare. A sua localização nas imediações da Rua Comercial, colocado entre a rua Eng. José Ulrich e um jardim interior, proporciona uma certa relação de proximidade para com o centro (que se pretende mais dinâmico e activo) sem condicionar a possibilidade de ter tranquilidade.

159

A Nova Escola

Assumindo que a população do Bairro Marechal Carmona irá aumentar devido à intervenção, antecipa-se a necessidade de aumento da área destinada à Escola Manuel Gaião. Como tal, e visto que a proposta urbana contempla um novo uso para o actual edifício escolar que se situa no ponto mais a Sul do bairro, pretende-se criar um novo equipamento escolar dividido em três, que por sua vez pretende juntar os alunos da actual Escola Manuel Gaião à creche Teodoro dos Santos, embora separados por bloco de edificado. Com este gesto, pretende-se criar um ambiente escolar centralizado e próximo de um local com jardim e seguro, longe do tráfego rodoviário.

O Novo equipamento Polivalente

No seguimento das alterações de uso estipuladas para a actual Escola Manuel

Gaião, propõe-se uma reabilitação e conversão deste equipamento num espaço polivalente de uso e promoção cultural. Inserido no topo Sul do eixo estruturante principal, este equipamento relaciona-se com o equipamento Cultural a Norte pelo seu programa, e pretende ser um complemento ao mesmo aumentando a capacidade deste na promoção de eventos culturais relacionados com festivais, artes performativas, teatros de rua e palco de eventos sazonais tais como feiras ao ar livre, que tanto de vida trazem ao bairro.

Por sua vez, este espaço assume ainda um papel educativo, na procura de conciliar o novo com o antigo, uma ponte entre diferentes gerações e costumes que se encontram num mesmo local, que por sua vez permanecerá aqui como um registo histórico. São assim adicionados dois volumes com fachada cega nos alçados laterais do edifício escolar, criados para albergar a parte técnica do edifício e criado um open-space com duplo pé direito no edifício escolar, preservado os alçados e criando um espaço amplo no seu interior.

160

É criado ainda um novo volume, que pretende dar continuidade ao alçado de rua na rua Eng. José Ulrich. Espaço este, onde se situará um espaço polivalente que poderá ser utilizado para pequenos workshops, ou mesmo para a criação de oficinas de artes plásticas ligadas à escultura ou pintura.

É ainda adicionado um parque de estacionamento no piso subterrâneo.



5.2

UM LUGAR PARA A CULTURA COMO PONTO DE ENCONTRO (O FÓRUM CULTURAL COMO INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA)

No seguimento da anterior explicação sobre o programa que se propõe para o novo plano urbano, surge o principal equipamento de promoção cultural situado no topo Norte do Novo Bairro Marechal Carmona, que por sua vez, viria a dar origem ao nome do presente documento e respectivo desenvolvimento da peça Arquitectónica.

"(...) um espaço que seja a simbiose, a mistura das relações humanas, parece ser próprio à Cultura e desejável como proposta." (AA.VV, 2007, p.4)

Intitulado como "A Casa Cultural", este lugar surge de uma intenção de capacitar o bairro de um lugar de referência no território, capaz de se destacar no mesmo, através do seu programa, forma e presença, dando origem a um equipamento de ambiente acolhedor e convidativo que pretende não só ser um local especializado de uso múltiplo, onde se desenvolvem diversas actividades relacionadas com a cultura mas que ao mesmo tempo se defina como um lugar de confronto e interacção entre os diferentes intervenientes da cidade, as pessoas.

A origem da denominação de "Casa Cultural" remonta à simbiose entre a temática do equipamento (que se centra na partilha cultural) e a "Casa", não no sentido literal da palavra relacionada com o acto de providenciar abrigo através da construção, mas no sentido existencial de uma íntima relação entre o acto de habitar o espaço e a relação pessoal para com o lugar. Neste sentido, o termo "Casa" consiste na capacidade que o espaço físico possui de se relacionar intimamente com as pessoas, cruzando-se num lugar metafísico, e contribuindo para a formação de memórias e enriquecimento interno do indivíduo através de uma relação mútua e constante entre o espaço, corpo e mente.

Figura 99

(página anterior)

Um espaço dedicado à promoção da cultura, montagem elaborada para a disciplina de seminários, 1º semestre, manifesto

"A home is also a set of rituals, personal rhythms and routines of everyday life. Home cannot be produced all at once; it has its time dimension and continuum and is a gradual product of the family's and individual's adaptation to the world." (Pallasmaa, 1994).

Na procura de explorar a temática relacionada com o acto de habitar e de definir o seu significado através da Arquitectura, surge o conceito para o equipamento cultural. Focando-se na criação do espaço através da subtração de matéria, definem-se diferentes espaços com distintos programas, que por sua vez convidam à sua vivência, e assim resultam no "Habitar do Vazio".

40/50



40/50
5

5.2.1

O CONCEITO: *HABITAR O VAZIO*

“O arquiteto trabalha com forma e volume, à semelhança do escultor, e, tal como o pintor, trabalha com cor. Mas, entre as três artes, a sua é a única funcional. Resolve problemas práticos. Cria ferramentas ou implementos para seres humanos, e a utilidade desempenha um papel decisivo no julgamento da arquitetura. A arquitetura é uma arte funcional muito especial; confina o espaço para que possamos residir nele e cria a estrutura em torno de nossas vidas.” (Rasmussen, 1998, p.8)

Através de um pequeno exercício de carácter experimental, poderá dizer-se que em cada gesto o escultor retira a matéria, aproximando-se gradualmente do que já existe, mas que se encontra coberto pela matéria que está em excesso.

166

Um traço de um pintor sobre uma superfície, revela em cada gesto uma intenção, um pensamento e uma expressão do mesmo através da técnica, criando uma relação entre a idealização de um imaginário construído mentalmente, que antecipa a orientação e o gesto do traço sobre a superfície. Um acto premeditado que por vezes procura ir de encontro ao inexistente, entre uma ideia construída mentalmente e o espaço físico (o suporte), uma continua procura e experimentação.

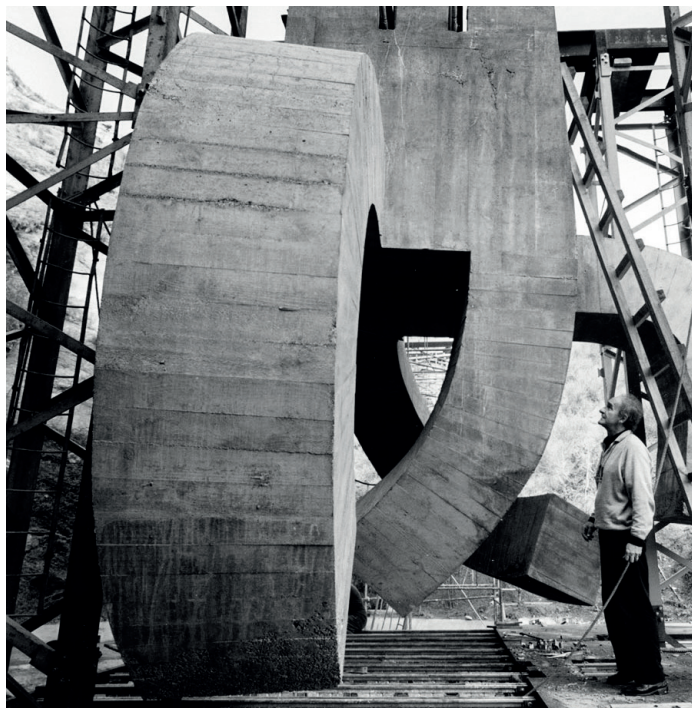
Segundo este raciocínio experimental, torna-se assim mais “imediate” dar continuidade a uma representação gráfica do que a um elemento escultórico, pelo simples facto de que na escultura se revela algo que já existe num espaço concreto e que se “encontra à espera de ser revelado”, ao invés de algo que está à espera de ser criado, formalizado através de uma intencionalidade e uso da técnica sobre uma superfície bidimensional, que nos estimula a visualizar, interiorizar e imaginar. Uma continuidade entre o autor, a obra e o observador.

Figura 100

(página anterior)

Composição que explora a relação entre cheios e vazios, Eduardo Chillida

Por sua vez, a finalidade da arquitectura estará mais ligada à habitabilidade do espaço físico, e entre as três áreas, esta passa pela concepção do imaginário, à



experimentação no espaço físico, e por último, resulta num lugar com o propósito de ser habitado. Mais do que um acto, onde o corpo percorre o espaço, o conceito de habitar o vazio evidencia uma comunhão entre os dois, uma constante relação física e metafísica, entre o homem e o espaço.

"Space belongs to us as does our body, and indeed we also have that singularly floating relationship with it that stands in the centre between having and being. In a certain sense we can say that we are our space." (Bollnow, 2011, p.283).

Figura 101

(página anterior, em cima)

"Action Painting", Jackson

Pollock e a exploração do seu universo compositivo através da sobreposição de formas

Pretende-se assim trabalhar o objecto como peça arquitectónica, esculpindo-a e trabalhando a luz que a rasga, num acto de construção e definição do vazio em relação ao corpo. Como se de um exercício se tratasse, ao mesmo tempo

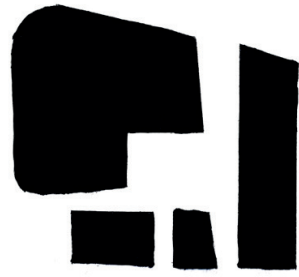
Figura 102

(página anterior, em baixo)

"Memory, mind, matter",

Eduardo Chillida, 1987

que se procura adaptar o espaço daí resultante a um programa específico, contextualizado no plano urbano, e enriquecendo a qualidade do mesmo e a vivência do lugar enquanto lugar de promoção e partilha cultural, e lugar de culto para as relações humanas.



5.2.2

A FORMA

À semelhança do encontrado em alguns casos de estudos, também neste projecto se procurou abordar algumas questões relacionadas com a continuidade do percurso público enquanto elemento estruturante do espaço projectado, elevando a responsabilidade para com a qualificação do espaço público, como um elemento caracterizador da solução de projecto de projecto. Esta relação íntima que se pretende criar entre o espaço e o habitar do mesmo, pretende explorar um jogo contínuo de tensões e leveza espacial, entre a forma e o corpo, entre o tectónico e o estereotómico, num objecto que “nasce” do contexto para o servir e auxiliar.

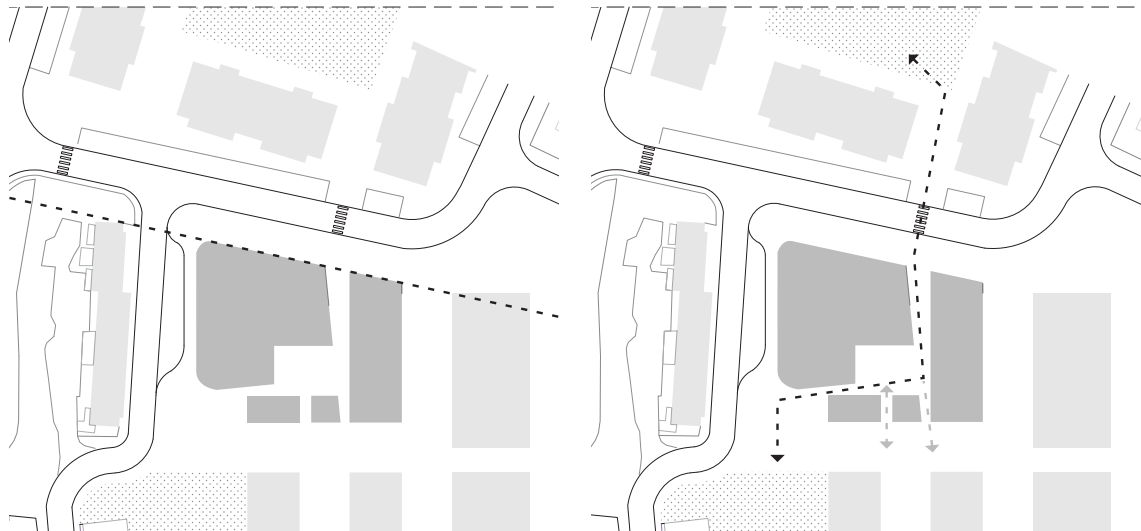
170

No que respeita à forma como o equipamento se insere e relaciona com a envolvente mais próxima, procurou-se chegar a uma solução de desenho que reflectisse algumas das características locais que podemos encontrar ao percorrer o território.

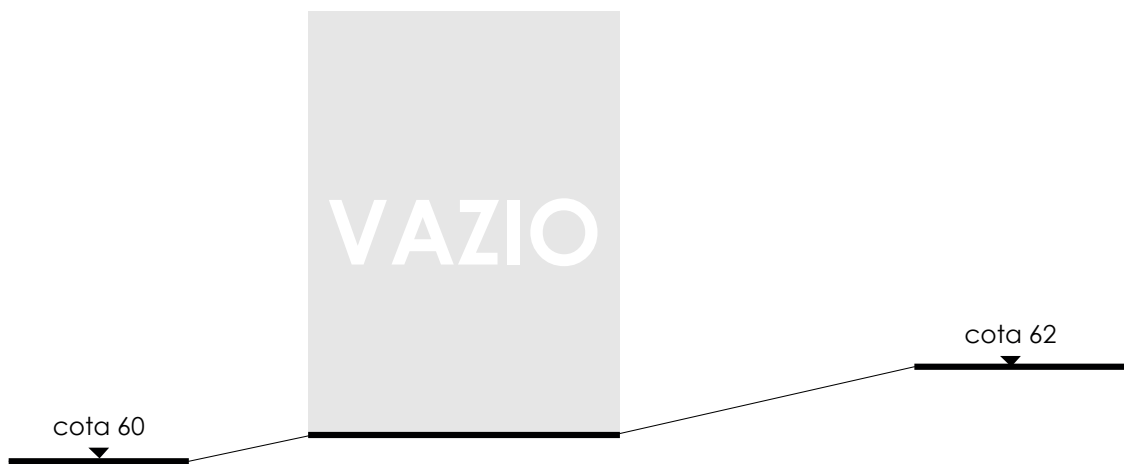
As ruas, de dimensionamento mais íntimo e com uma escala mais bairrista, são interpretadas na volumetria da proposta projectual e são elas as responsáveis pela divisão dos volumes e definição dos mesmos numa continuidade do espaço público. Do exterior, o projecto pretende dar a ideia de uma enorme massa (ideia reforçada pelo revestimento em pedra utilizado, comum em todos os corpos) que surge do contacto com o solo e que é “rasgada” pela continuidade do espaço público dando origem a uma possibilidade de habitar o vazio daí resultante.

Procurou-se através da sua implantação, respeitar e fortalecer o desenho de Rua Geraldo Sem Pavor (localizada a Norte), ao mesmo tempo que se criou perpendicularmente a esta, uma continuação do espaço público. Assim, a possibilidade de atravessar o equipamento cultural viabiliza não só um maior uso do mesmo pelo pragmatismo inerente ao seu uso e programa proposto, como desempenha um papel importante para o planeamento urbano e qualificação do espaço público.

Figura 103
(página anterior)
Desenho conceptual da
implantação do edificado



171



Este vazio interior é enfatizado pela criação de um momento intermédio entre a Rua Geraldo Sem Pavor e a Rua Cultural a Sul, originado pela criação de um embasamento (acessível por rampa) que por sua vez suporta a massa volumétrica que se impõe sobre o mesmo.

Por sua vez, a partir da criação deste vazio são definidos volumes que contêm distintos programas. A Noroeste do mesmo, o corpo com maior expressão volumétrica é também o que tem maior diversidade de programa. Este é composto por um auditório, um espaço polivalente que pode ser convertido como sala de teatro, de dança ou mesmo utilizado para workshops, e no piso inferior, duas salas de ensaio musical e um espaço expositivo.

Figura 104

(página anterior, em cima à esquerda)

Desenho do edifício em relação à orientação da Rua Geraldo Sem Pavor

Conceptualmente, a nível de programa, o embasamento do edifício é constituído por espaços que albergam áreas expressivas da criatividade, estando relacionado teoricamente com o facto da cultura e do acesso à mesma ser um elemento fulcral na formação do indivíduo.

Figura 105

(página anterior, em cima à direita)

Continuação de espaço público, entre das zonas verdes, através do interior do equipamento

A Este, o volume que se estende em comprimento é destinado a uma biblioteca e zona de consulta assim como também disponibiliza um espaço destinado às crianças.

A Oeste, e com intuito de promover um ambiente activo no espaço propõe-se um corpo adjacente ao auditório onde se localiza o programa de restauração.

Figura 106

(página anterior, em baixo) Diagrama esquemático da diferenciação de cotas na distinção de tipos de usos

A Sul, e para mitigar a forte insulação presente na maior parte do ano, são criados dois volumes autónomos. A Sudoeste encontra-se uma livraria e a Sul, no seguimento da Rua Cultural surge um poço de luz vertical. Estes dois elementos, juntamente com a fachada cega a Sul do corpo da biblioteca definem a "entrada" e relação entre a rua cultural e o projecto.



5.2.3

A FUNÇÃO

Em relação à função de cada um dos volumes anteriormente mencionados, cada um contribui de distinta forma para definição do equipamento cultural, funcionando de forma autónoma, mas contribuindo em comum para o bom funcionamento deste lugar. Em alguns destes espaços, a exigência funcional contribui para a imagem e definição espacial dos mesmos.

Propondo-se um lugar que oferece tipos de vivência distintos e com intensidades de uso diferentes, procurou-se resguardar os volumes que requeiram funções de carácter mais privadas e íntimas, apesar de colectivas ao mesmo tempo que se colocou o programa que necessita de uma relação mais directa e dinâmica com o espaço, de forma mais directa.

Assim, obteve-se um volume central que assume um maior protagonismo no projecto. Este contempla um espaço dedicado a eventos musicais ou teatros, como protagonista principal da intervenção pela sua escala e dimensões. A Norte do mesmo, e paralelo à Rua Geraldo Sem Pavor, situa-se um espaço polivalente que se pretende que desempenhe um importante papel na acessibilidade da cultura aos mais pequenos, a núcleos de teatros e associações locais que necessitem de um lugar para praticar diversas artes e que não tenham um local físico para ensaios ou mesmo para a criação de eventos relacionados com Workshops (relacionados com oficina de artes), numa tentativa de resgate de algumas artes esquecidas, junto da população mais jovem.

Através deste volume principal, temos ainda acesso a um espaço expositivo localizado no piso inferior, longe dos possíveis distúrbios e ruídos do ambiente urbano, permitindo assim uma experiência do lugar de uma perspectiva totalmente distinta da encontrada à superfície. Adjacente ao mesmo, mais a Sul, e funcionando de forma autónoma encontra-se um espaço de restauração que pretende contribuir para a vitalidade da Rua Cidade Cantagalo ao mesmo tempo que se define como um local de maior permanência para os visitantes do

Figura 107
(página anterior)
Alastair-Magnaldo, título
desconhecido

bairro, esperando-se que possa contribuir positivamente para a dinâmica e rotina diária dos habitantes do bairro Marechal Carmona.

Nas suas imediações, encontra-se localizada uma pequena livraria, que tem o seu acesso através do vazio central. Este espaço, juntamente com o espaço de restauração desempenharão um importante papel na dinâmica existente na vivência deste espaço vazio central como local de permanência ou de passagem. A Este do vazio central, definindo-se como um edifício que se desenvolve maioritariamente na sua profundidade longitudinal, encontra-se a Biblioteca e o Espaço Criança mais a Sul do volume. Sobre o mesmo, existe ainda um espaço de arrecadação de livros, um espaço administrativo com iluminação zenital e áreas técnicas interligadas por um corredor técnico que se estende paralelamente a toda a implantação do edifício.

O Projecto tem o intuito de reforçar e reunir num só lugar algumas das capacidades e funções existentes na Vila, ao mesmo tempo que fortalece uma relação mais próxima com os habitantes locais e contribui para a relação do Bairro Marechal Carmona com a cidade, de forma mais activa e aberta.

Figura 108

(página seguinte, em cima)

Planta Piso Térreo

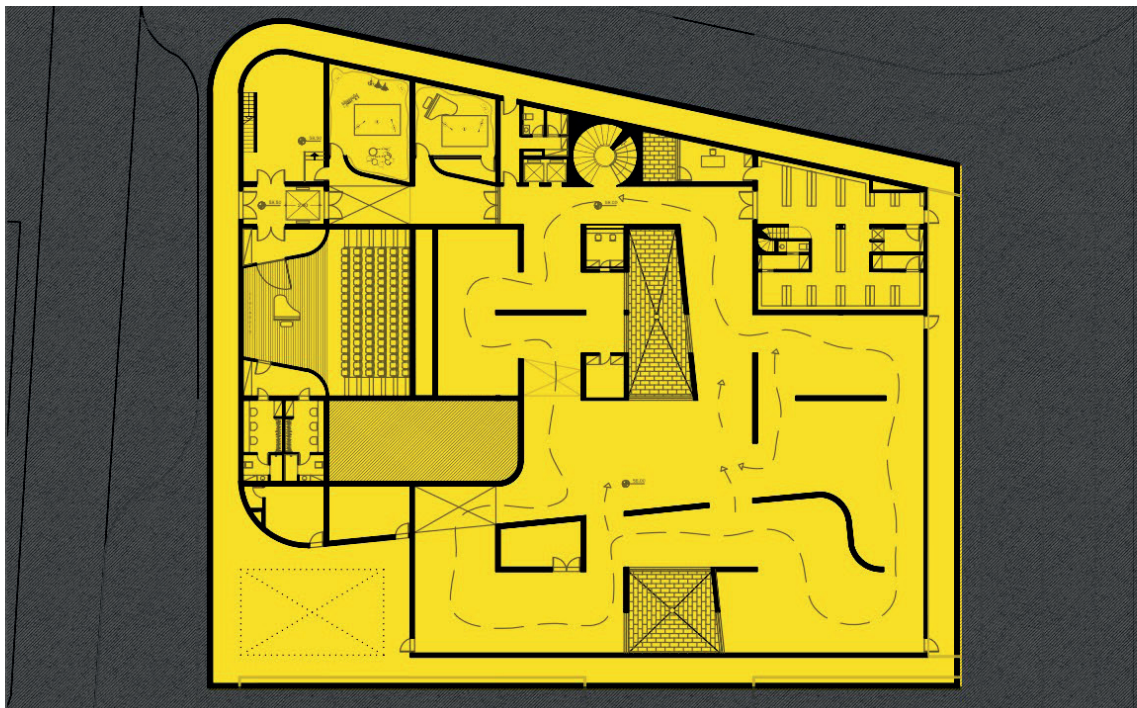
Figura 109

(página seguinte, em baixo)

Planta Piso Inferior



0 5 10



0 5 10

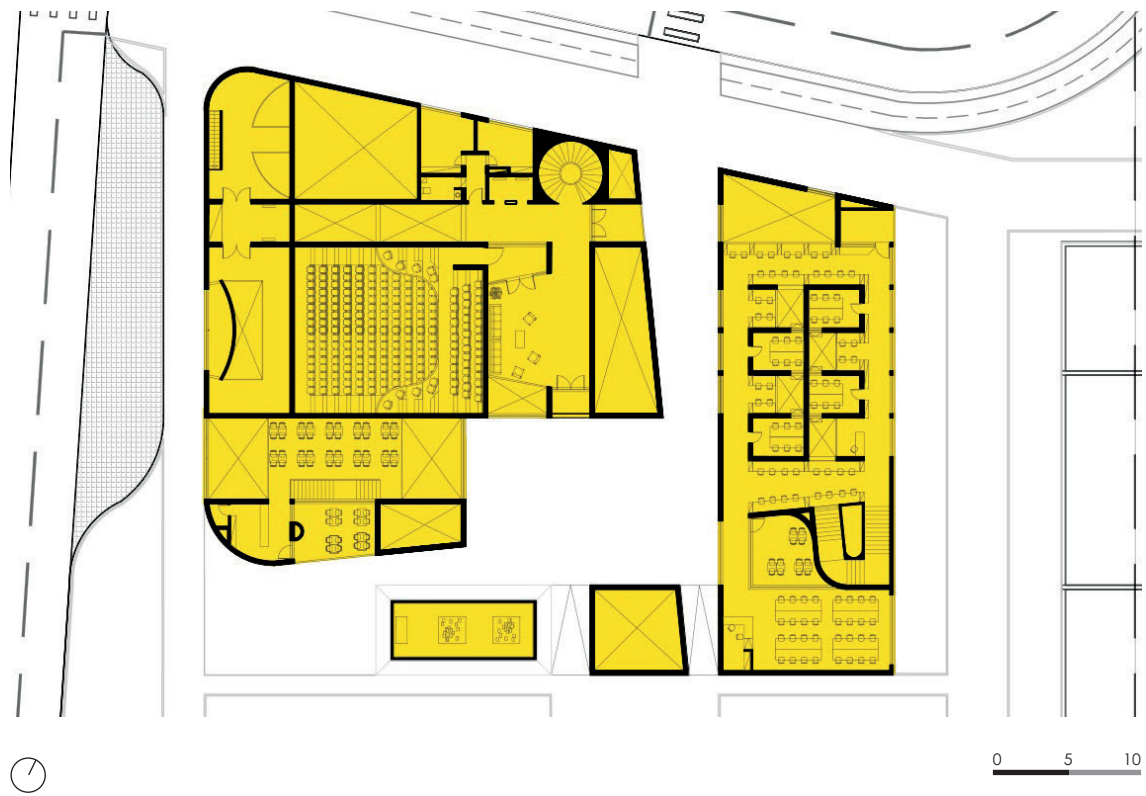


Figura 110

Planta Piso 1

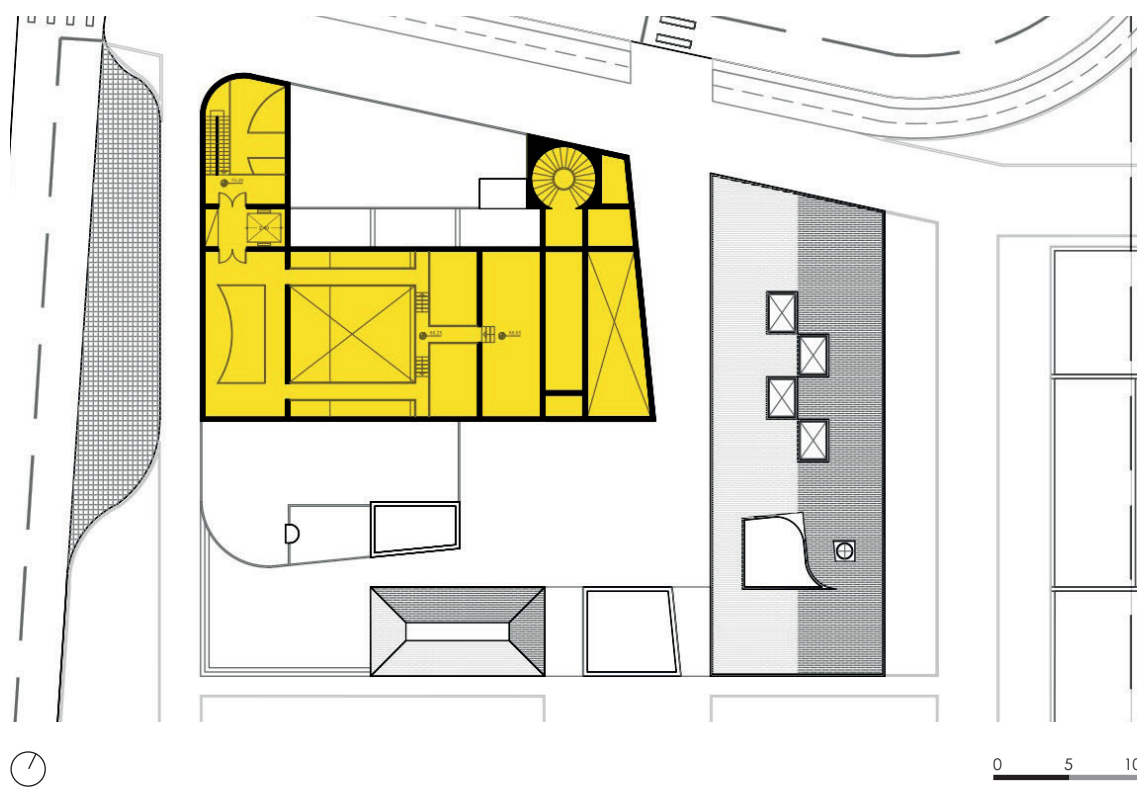
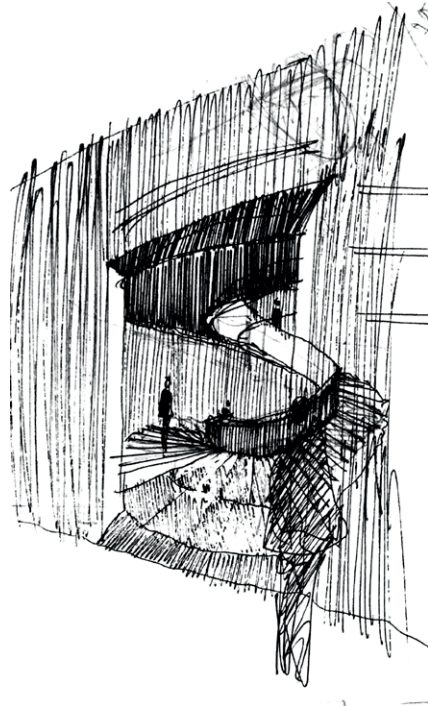
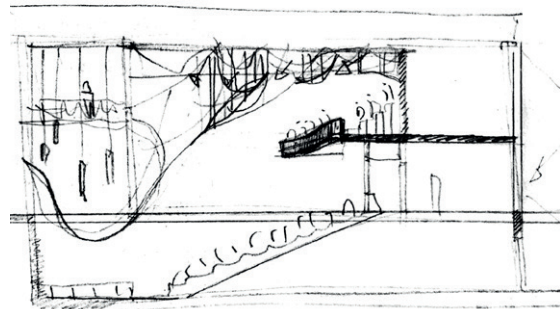
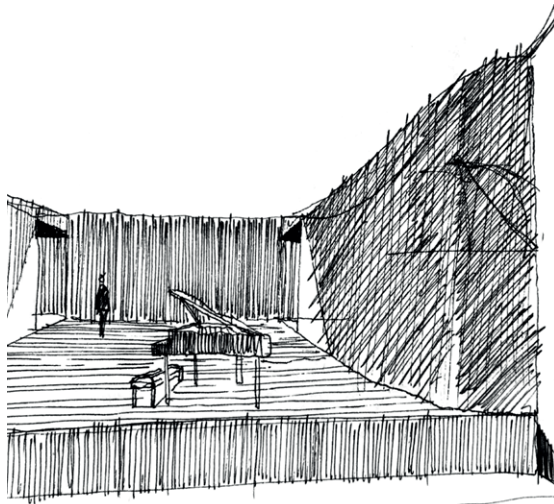


Figura 111

Planta Piso 2



179



O AUDITÓRIO

Constituindo-se como parte importante do equipamento cultural, o auditório corresponde ao volume com maior expressão do projecto. Este desenvolve-se entre três pisos e tem capacidade para 265 pessoas sentadas.

O acesso ao mesmo é feito através de um átrio de entrada no piso térreo, à mesma cota que rua mais a Norte, que por sua vez distribui os visitantes para os diferentes programas que o equipamento dispõe. Cativados pela luz, proveniente de uma claraboia colocada na cobertura que se sobrepõe a um ságuão, o espaço revela-se e somos convidados a entrar, chegando assim à bilheteira.

À esquerda temos um espaço foyer em open-space onde as pessoas se juntam antes de iniciar o evento, e as respectivas portas laterais de acesso à plateia inferior. O acesso à segunda plateia é feito através dos acessos verticais situados à direita da bilheteira, sendo eles os elevadores e uma escada em caracol, escavada num volume vertical que acompanha toda a extensão vertical do edifício (e que por sua vez dá acesso ao espaço expositivo e às salas de música).

As instalações sanitárias, comuns a todo o volume, localizam-se à direita da bilheteira num corredor paralelo aos acessos verticais.

Figura 112

(página anterior, em cima)

Esquisso de aproximação à solução, que demonstra a escada de acesso à 2ª plateia, desenho elaborado pelo autor

Figura 113

(página anterior, em baixo, à esquerda)

Vista da plateia principal sobre o palco, desenho elaborado pelo autor

Figura 114

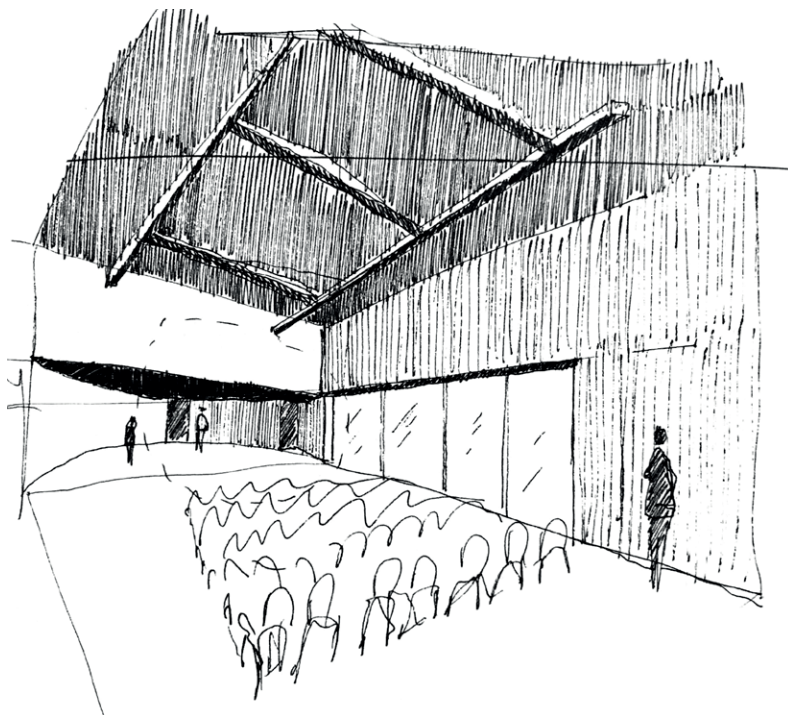
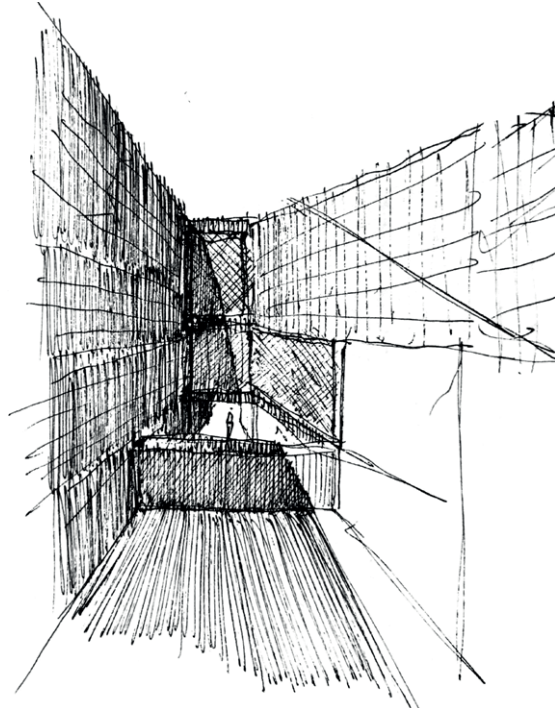
(página anterior, em baixo, à direita)

Secção esquemática que demonstra tentativa de guiar a luz natural para o palco, desenho elaborado pelo autor

A boca de cena do palco abrange a totalidade da largura da sala, e a profundidade do palco é trabalhada de forma a direccionar a atenção para um ponto central, através de dois volumes colocados em ambas as extremidades. Orientado o olhar do espectador para com o palco, a presença do artista é reforçada através de uma particularidade interessante. Através da colocação de um vão orientado Sudoeste é possível ter iluminação natural, assim num evento em período diurno a luz solar é encaminhada pela colocação de um tecto falso de linhas curvas e ilumina a parte de trás do palco, criando um forte contraste entre o palco, o artista e o público.

A partir do palco, e a Sul, localizam-se os camarins e a Norte temos um espaço técnico que permite o acesso à torre de cena, do auditório e do espaço polivalente.

Projectado para ser uma sala de dimensões mais humildes, pretende ser palco de uma atmosfera algo intimista e pessoal, adequando-se mais a concertos de pequena magnitude, podendo ser facilmente convertida para receber um festival de cinema ou de teatro.



O ESPAÇO POLIVALENTE

O espaço polivalente corresponde ao volume que se situa mais a Norte do projecto. O acesso ao mesmo é feito pelo corpo principal, através do átrio de entrada. Aqui, tal como no espaço anterior, o caminho é orientado em direcção à luz proveniente da claraboia colocada na cobertura e que por sua vez, faz com que a luz zenital percorra o espaço através de um saguão interior. Percorrendo um corredor distributivo, passando pela bilheteira e pelos acessos verticais tal como as instalações sanitárias, chega-se ao final do corredor onde existe uma guarda. Aqui, o espaço demonstra-nos a relação entre os diferentes pisos através do saguão. Um vazio no interior da volumetria, necessário para a chegada de luz natural a todos os espaços que compõem o equipamento cultural.

Assim, à direita podemos aceder ao espaço polivalente. O espaço, de geometria simples, é rasgado por dois vão horizontais colocados em ambos os lados do volume, permitindo assim o uso e controle da luz natural que ilumina o espaço de duas formas. A Norte, uma luz mais neutra e a Sul, através do saguão, uma luz indirecta e trabalhada.

Através do contacto entre dois volumes, definem-se dois espaços. Dotado de uma área maior, com duplo pé direito define-se o espaço mais versátil e facilmente alterável. Da compressão oriunda do contacto entre os dois volumes, cria-se um espaço cenograficamente projecto com intuito de poder ser convertido num palco. Esta área, é ainda auxiliada por uma zona técnica de bastidores e correspondente ao desenho de meio círculo e parede curva é enquadrada num rectângulo que se estende a toda a largura do espaço polivalente.

Figura 115

(página anterior, em cima)

Esquisso de aproximação à solução, que trabalha a relação entre o saguão e o espaço polivalente, desenho elaborado pelo autor

Figura 116

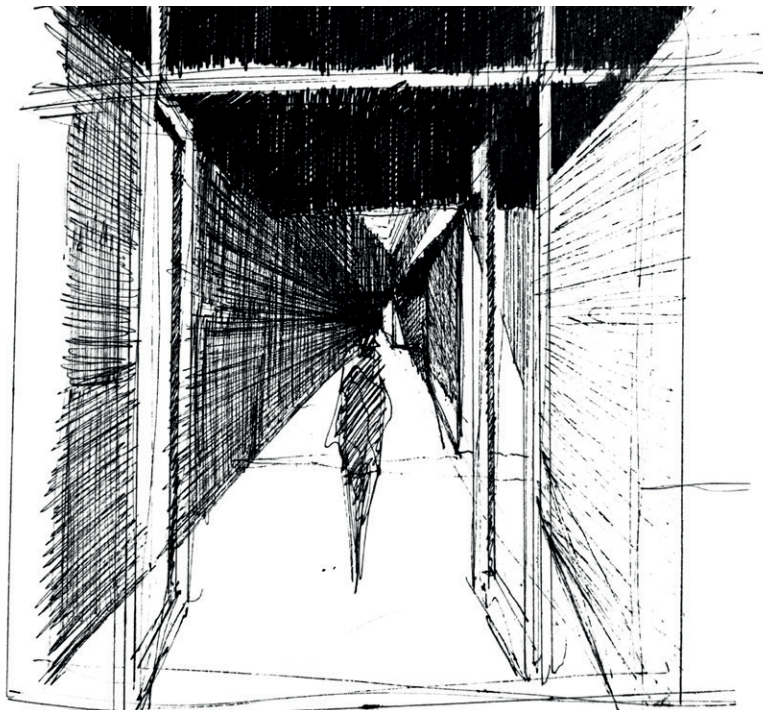
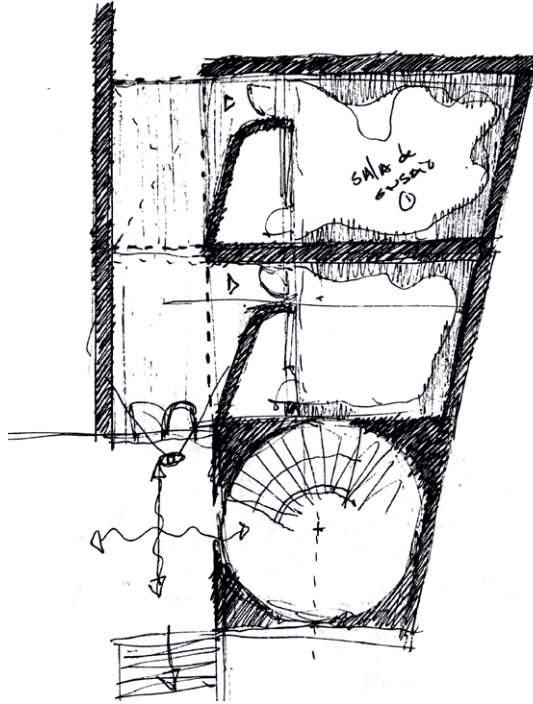
(página anterior, em baixo)

Vista interior do espaço polivalente com a configuração de pequeno auditório, desenho elaborado pelo autor

AS SALAS DE MÚSICA

Partilhando a área do piso inferior com a sala de exposição, as salas de música prestam o suporte necessário aos músicos para que estes possam ensaiar, se necessário, sem ter que utilizar o auditório principal para o mesmo efeito, ao mesmo tempo que se pretendem constituir como um local de aprendizagem, onde especialmente os mais jovens se possam iniciar na área musical por meio de experimentação.

Procurando auxiliar o equipamento cultural numa vasta oferta, estes espaços de menores dimensões são importantes para a dinâmica cultural que se pretende activa no equipamento.



O acesso às mesmas é feito pelos elevadores ou pela escada circular. Chegando-se ao piso inferior, temos de frente um pequeno balcão informativo que nos orienta para a zona reservada e de uso autorizado, à direita. O saguão e a luz que por ele trespassa, revela um corredor de acesso às salas de ensaio colocadas em banda, perpendicularmente ao corredor. A diferenciação na orientação das paredes, que por sua vez replicam a orientação da fachada da rua a Norte, enfatizam a entrada de cada sala criando um momento de transição.

Internamente, as salas são revestidas com material específico que permite uma melhor insonorização e podem ser usadas de duas formas: um espaço aberto ou (após adaptação) como uma sala e um anexo, de forma a permitir o isolamento de instrumentos de sopro ou mesmo vocais.

A SALA DE EXPOSIÇÕES

Por se tratar de um ambiente com maior controle em termo de fluxos e intensidade de luz, o espaço dedicado a exposições localiza-se no piso inferior. Este espaço, que ocupa grande parte do embasamento do edifício, é pautado pela existência de poços de luz que se estendem na vertical e procuram iluminar o espaço de forma indirecta, enquadrando geometricamente o céu. Conceptualmente e definindo-se como elementos com uma forte presença volumétrica, estes vazios que acompanham e “rasgam” o edificado no plano vertical, reforçam o conceito utilizado no projecto, e exploraram a tensão existente entre o cheio e o vazio e a relação entre “o toque como o solo” e o “toque com o céu”, num mesmo espaço de contemplação.

Figura 117

(página anterior, em cima)

Esquisto de aproximação à solução, que trabalha a relação entre o saguão e o espaço polivalente, desenho elaborado pelo autor

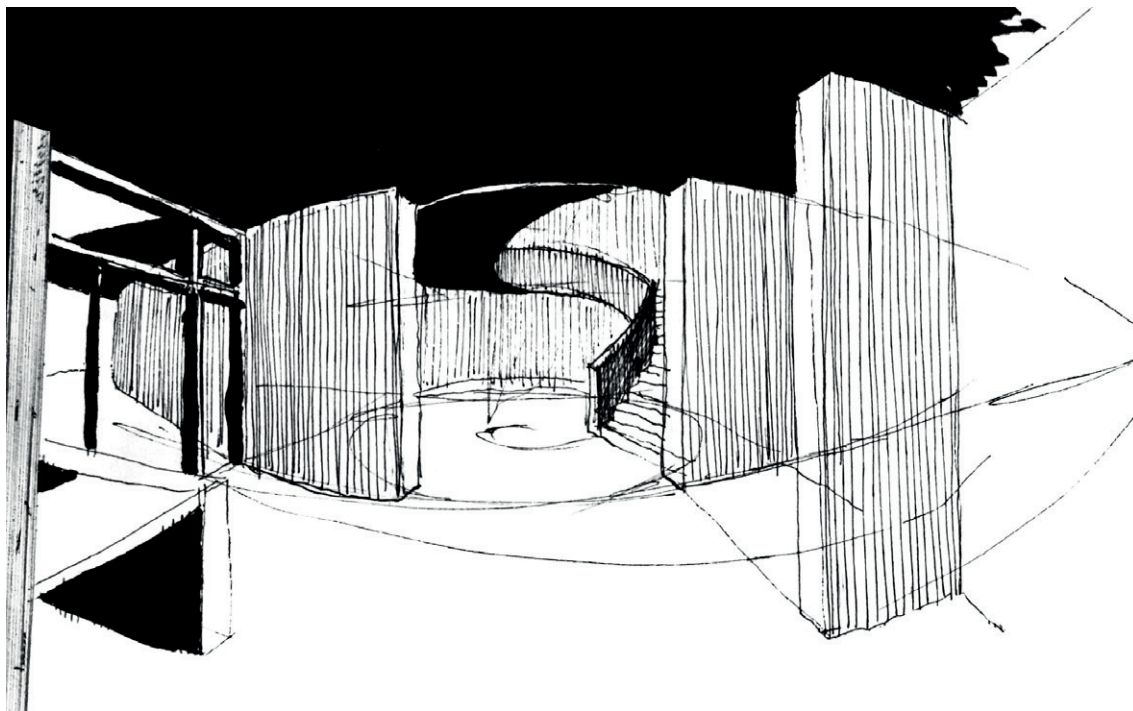
Figura 118

(página anterior, em baixo)

Vista interior do espaço polivalente com a configuração de pequeno auditório, desenho elaborado pelo autor

As inclusões destes volumes verticais possibilitam implementar diferentes configurações na organização das exposições, procurando retirar partido desta luz indirecta ou mesmo limitando-a. Estes elementos volumétricos regram o espaço e no seu redor, define-se um percurso que guia o sentido da exposição. Tentando-se criar um ambiente dinâmica e ordenado, encontrou-se nos princípios e critérios sugeridos por Herbert Bayer (“Fundamentals of Exhibition Design”, 1937), a teoria para a formalização e configuração espacial do espaço expositivo.

A Luz, mais uma vez, é o elemento que pauta o percurso. Ao chegar ao piso inferior através da escadaria circular, dá-se o início da exposição. Em configuração



circular, o percurso desenvolve-se em relação a um vazio central, que se define como o centro principal deste espaço. As organizações das diferentes salas seguem uma métrica simples, embora existam algumas excepções que enriquecem e diversificam a configuração do espaço, resultado da imposição dos elementos estruturais sobre o mesmo.

A CAFETARIA

Desempenhando uma função de apoio às dinâmicas activas que se pretendem implementar e que convidam à utilização do espaço público, surge um espaço de restauração. Este espaço desempenhará um importante papel ao servir este equipamento de um espaço dedicado à restauração, contribuindo para uma dinâmica activa do equipamento cultural.

Situando-se a Oeste do vazio central e nas imediações de uma grande área verde, este volume é dividido em dois de menores dimensões. Com o duplo pé direito, este assume a luz que percorre o espaço através dos vãos envidraçados que preenchem as duas extremidades deste mesmo volume, reforçando uma arquitectura leve e que se assenta sobre uma superfície. Pretende-se que este volume se defina como uma caixa, totalmente livre no seu interior, sendo adicionado no centro da mesma, uma ilha que por sua vez delimita diferentes zonas e diferentes vivências no mesmo volume.

Paralelamente ao volume longitudinal que tem a zona mais social do espaço de restauração, localiza-se outro corpo (com funções mais restritas), a Sul, composto por instalações sanitárias, zona de confecção e o poço de luz que se sobrepõe ao espaço de exposições.

Assim o programa é adicionado no seu interior, e o espaço restante permite uma maior harmonia no seu interior. Este programa é composto por uma zona de serviço (balcão) e três zonas sociais: a primeira, localizada junto à rua Cidade Cantagalo a Oeste, assume uma relação mais próxima com a rua e o espaço público. A segunda, acessível através de um pequeno corredor que ladeia a ilha, é composta por uma zona de sofás e poltronas, e promove uma estadia mais prolongada. Por último, no piso superior, e simetricamente colocado ao corredor mencionado anteriormente, temos uma escada que dá acesso a uma zona de estar que promove uma estadia mais prolongada, seja para efeito de trabalho

Figura 119

(página anterior, em cima)

Esquisso de aproximação

à solução, que trabalha os

acessos e o início da exposição,

desenho elaborado pelo autor

Figura 120

(página anterior, em baixo)

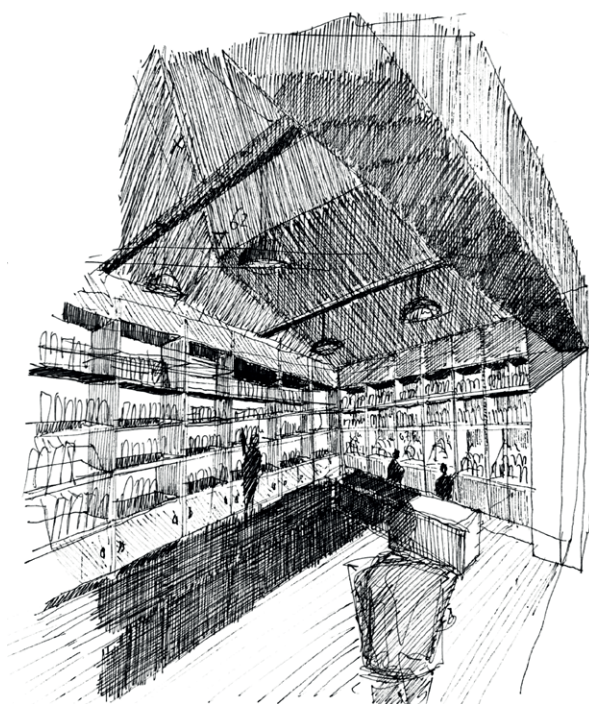
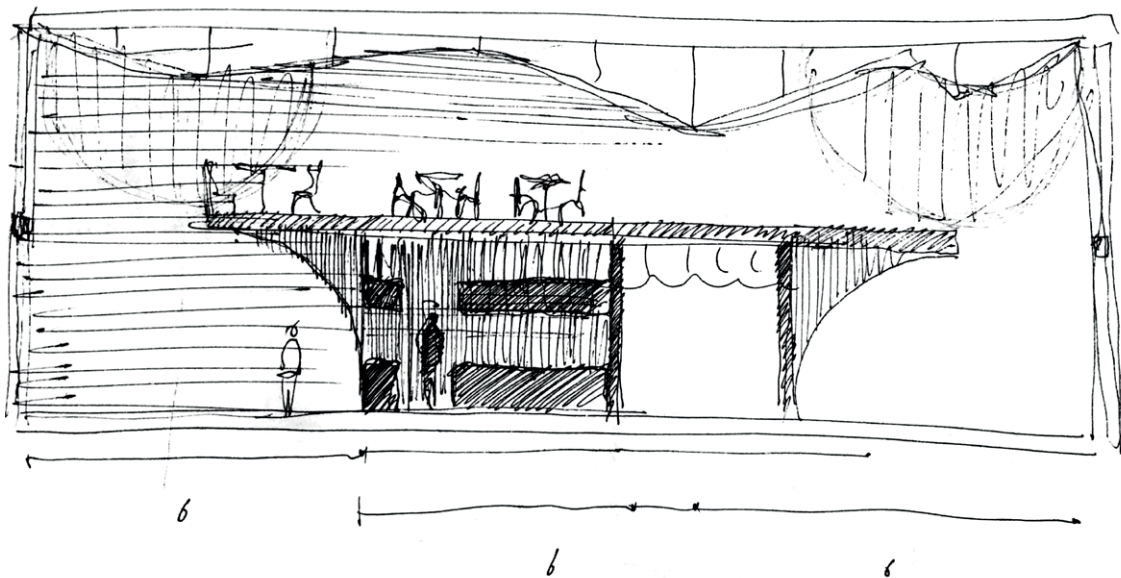
Esquisso de aproximação à

solução, que trabalha o poço

de luz natural no espaço

expositivo, desenho elaborado

pelo autor



remoto ou de pequenos momentos de lazer ao final do dia. Ainda neste piso, encontramos uma pequena zona de serviço e uma varanda a Sul, com orientação para uma grande área verde exterior.

A LIVRARIA

Localizando-se a Sul do vazio central, este volume com implantação num rectangular, desempenha a função de uma pequena livraria. A proposta da mesma surge conceptualmente de que toda a "casa" tem um espaço de leitura, de encontro e conhecimento, de viagem através da escrita.

Funcionando, aparentemente, de forma isolada dos restantes edifícios que compõem o equipamento cultural, este desempenha a sua função em dependência dos restantes. Por essa mesma razão se explica a possibilidade de que este espaço possa ser tão simples a nível de desenho visto que as zonas técnicas estão colocadas no corpo principal do equipamento.

Assim, o espaço de livraria define-se como uma pequena "cabana" de leitura, de duplo pé direito, que tem como referências as pequenas livrarias de outros tempos encontradas em qualquer canto das cidades, que existe pelo compromisso para com a leitura e com o leitor.

Iluminado por uma claraboia localizada no centro do volume, assume uma planta livre, com as estantes em madeira a revestir todas as paredes. Este ambiente promove um ambiente quente, harmonioso e convidativo, pelo seu dimensionamento e pelo uso da madeira como material de revestimento do espaço e do restante mobiliário.

Figura 121

(página anterior, em cima)

Secção de aproximação à
solução que relaciona o volume

principal e a ilha central,

desenho elaborado pelo autor

Figura 122

(página anterior, em baixo)

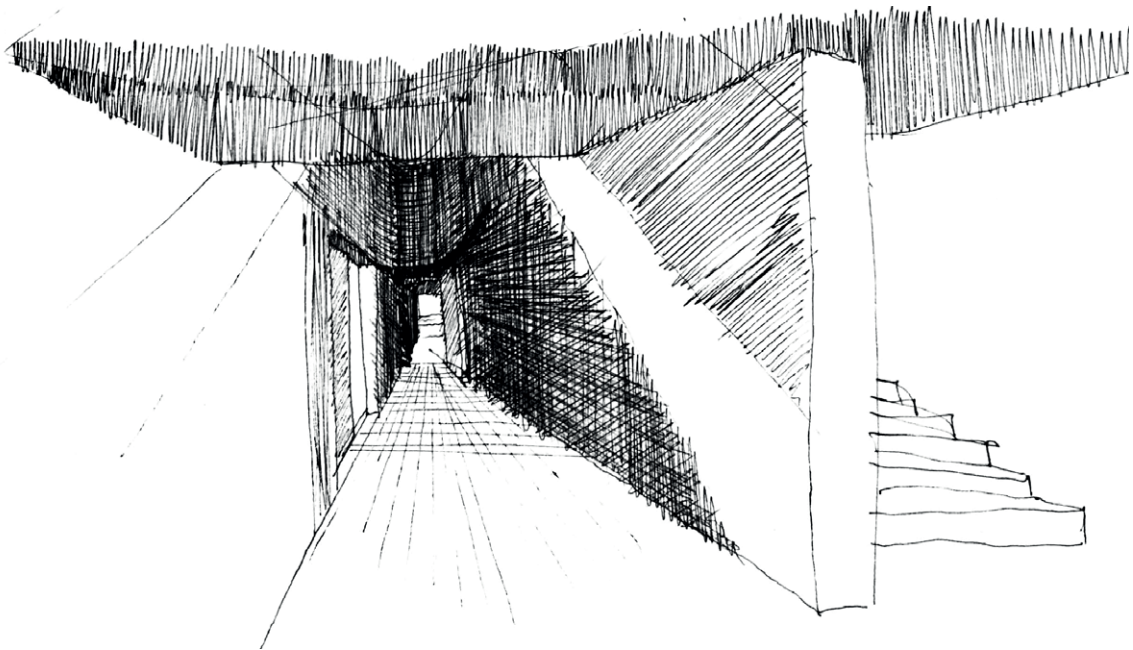
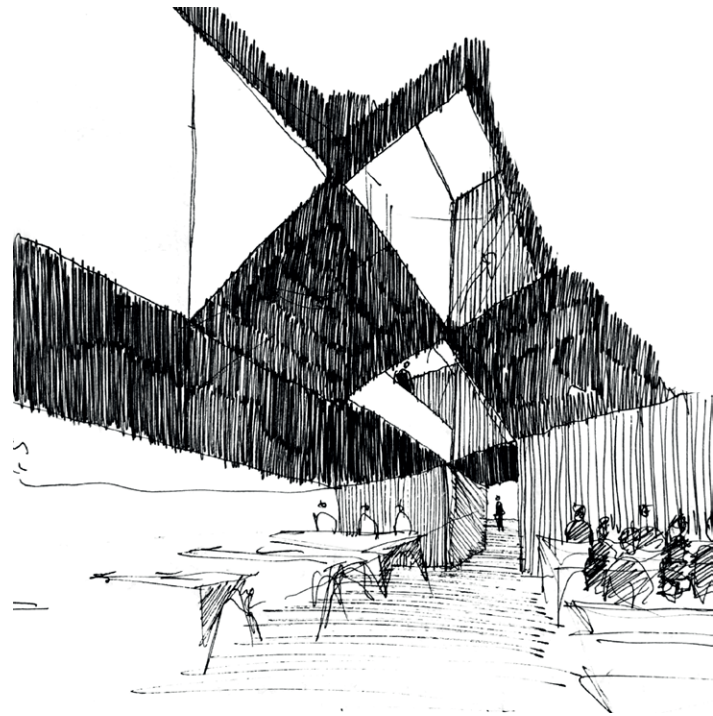
Vista interior do espaço de

livraria desde a entrada,

desenho elaborado pelo autor

A BIBLIOTECA

Colocado a Este do vazio central, situa-se o edifício da Biblioteca, que se desenvolve substancialmente no plano horizontal. Este volume, é acedido (tal como o auditório) pela Rua Geraldo Sem Pavor, assumindo-se como um elemento de barreira entre uma zona de carácter mais residencial e o equipamento cultural de uso mais social, e reforça ainda a ideia de protecção de um vazio interno que assume um uso mais colectivo e continuo e diversificado.



Desenvolvendo-se em entre dois pisos, este edifício contém uma sala de estudo ampla no piso térreo, com mobiliário disposto em banda, e uma área mais destinada a trabalhos de grupo num ambiente mais controlado e íntimo, definido por cubículos de uso restrito. Paralelamente a esta diferenciação nos usos entre os dois espaços de estudo e leitura principais, existe ainda no piso superior uma sala dedicada à consulta de documentos via web.

No auxílio do bom funcionamento do edifício, existem ainda as instalações sanitárias no piso térreo, localizadas no final da sala de estudo, e um espaço técnico localizado no piso inferior que corresponde ao espaço de arquivo e espaço administrativo.

O ESPAÇO PARA CRIANÇAS

Por último, agregado à biblioteca, mas com funções independentes, localiza-se um espaço dedicado às crianças. O acesso ao mesmo desenvolve-se somente pelo vazio central, de forma a que exista um maior controlo e segurança sobre as crianças. Acedendo ao mesmo por um vão envidraçado, à direita o espaço é dedicado totalmente às crianças. Composto por uma pequena zona de recreio, pequena zona de leitura, e instalações sanitárias adaptadas às crianças, este espaço é nos revelado através de uma parede curva que orienta o nosso olhar para o resto do espaço até culminar numa parede de vidro, possibilitando uma relação com o exterior que tem tratamento verde.

190

Figura 123

(página anterior, em cima)

Esquisso do interior da sala de estudo e a sua relação com os vazios do piso superior, desenho elaborado pelo autor

Figura 124

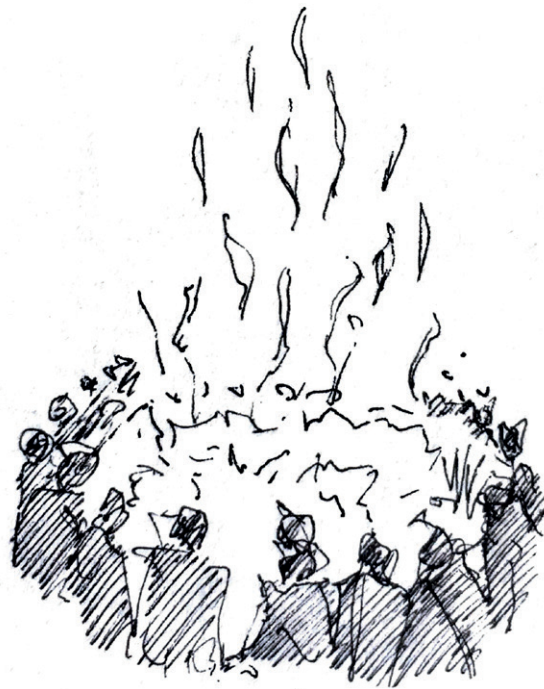
(página anterior, em baixo)

Esquisso do corredor que accede às instalações sanitárias iluminado por luz natural através da claraboia, desenho elaborado pelo autor

O VAZIO COMO PROGRAMA

Um dos espaços principais do projecto. O vazio resultante definido pela implantação dos restantes volumes, surge como o elo de ligação entre todos os espaços, não só pelo facto de orientar o fluxo de pessoas para os diferentes espaços, mas também por fortalecer a imagem e autonomia de cada um através da sua existência.

Ao se definir propositadamente sem definição restritiva enquanto programa, este espaço existe à condição pela existência dos restantes. Por isso, e também pela centralidade que o mesmo ocupa no projecto, oferece a possibilidade de ampliação ocasional e efémera dos restantes espaços através de eventos



exteriores tais como: ciclos de cinema ao ar livre, a eventos musicais, a palestras ou workshops, a apresentações de livros, feiras de artesanato, tertúlias literárias ou mesmo danças e performances artísticas.

Figura 126
(página anterior)

O fogo e as pessoas, tal como o vazio como um espaço de reunião, desenho elaborado pelo autor

As possibilidades são imensas, mas o objectivo é comum a todos os espaços. A partilha, promoção e desenvolvimento cultural em prol de uma melhoria na qualidade de vida das pessoas.

06

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vila de Cascais tal como a conhecemos hoje, aproxima-se cada vez mais da categoria de Cidade. Revelando os vestígios do seu crescimento, patentes na organização espacial do território, esta assume a vontade de continuar a crescer e expandir-se. Assim surge a necessidade, através da Arquitectura, de promover essa expansão, de forma sustentável e adequada às constantes mudanças sociais e económicas no território, promovendo a qualidade de vida dos seus principais agentes, as pessoas.

Através de uma estratégia de planeamento de cidade que tem como premissa a qualidade do espaço público como principal promotor novas dinâmicas espaciais, promove-se um ambiente urbano mais activo e dinâmico, proveniente da implementação de soluções sustentáveis que possibilitam o crescimento da Vila, paralelamente ao aumento de qualidade vida nela presente. Através desta estratégia, cria-se a oportunidade de intervir em diferentes zonas menos qualificadas do território, que contribuem para uma dinâmica urbana mais activa e conectada, onde a distinção entre o centro e a periferia se torna menos presente.

Acredita-se que esta estratégia poderá contribuir para a qualificação do concelho, para o revitalizar do ambiente presente nos bairros mais antigos (e por vezes em elevado estado de degradação) e também proporcionar uma melhoria significativa na vida da sua população através da inclusão de novas formas de habitar e viver os mesmos espaços, contrariando a tendência de gentrificação presente nos últimos anos entre o centro e a periferia urbana, unindo mutuamente o território num próspero crescimento económico e social.

Na CASA CULTURAL: o Equipamento como Elemento de Regeneração Social e Urbana procurou-se entender de que forma um novo plano urbano para o Bairro Marechal Carmona e o desenvolvimento de um projecto de funções ligadas à promoção cultural, poderiam contribuir para a afirmação e desenvolvimento da periferia em ambiente urbano, de forma activa e dinâmica, tendo em consideração a qualidade de vida dos seus habitantes, o tipo de vivências já existentes e de que forma estes factores se relacionam com um contínuo crescimento urbano. Tentou-se dar resposta aos princípios e objectivos estipulados, que por sua vez se definiram como premissas no desenvolvimento do corrente trabalho, acreditando-se que o resultado do mesmo, representa uma estratégia coerente para o território no sentido de o qualificar enquanto Lugar.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV.

Vazios Urbanos, Trienal de Arquitectura de Lisboa / Urban Voids. Lisbon Architecture Triennale. Lisboa: Caleidoscópio. 2007.

AGACHE, Alfred-Donat

L'aménagement de la Costa do Sol (Portugal). Urbanisme Paris, 1936.

AGACHE, Alfred-Donat

Urbanisation de la Région Ouest. Paris: Mimeo, 1936.

ALVES, Fernando

Avaliação da qualidade do espaço público urbano: proposta metodológica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

AUGÉ, Marc

Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Traduzido do francês por M.S. Pereira. Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

196

BACON, Edmund Norwood

Design of Cities. New York: Penguin Books.

BAUMAN, Zygmunt

Identity, Conversations with Benedetto Vecchi. Great Britain: MPG Books, Bodmin, Cornwall, 2004

BAUMAN, Zygmunt

Liquid Modernity. Cambridge: Polity Press y Blackwell Publishers Ltd, 2000.

BAUMAN, Zygmunt

The Art of Life. Cambridge: Polity Press, 2008.

BOLLNOW, Otto

Hombre y Espacio. Espanha: Labor, 1969.

BOTTON, Alain

A Arquitetura da Felicidade. Lisboa: Dom Quixote, 2013.

BRANDÃO, Pedro

O Chão da Cidade: guia de avaliação do design de espaço público. Lisboa: Centro Português do Design, 2002.

CALVINO, Italo

As Cidades invisíveis. Lisboa: Teorema, 1993.

C.M. Cascais

Cascais, 650 anos de História. Cascais, 2014.

CHOAY, Françoise

A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2010.

CULLEN, Gordon

Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2006.

197

D'ENCARNAÇÃO, José

História e Geografia de Cascais. 2a ed. Cascais: Editado pelo Autor, 1976.

DEHAENE, Michiel

Heterotopia and the City: Public Space in a postcivil society. Nova Iorque: Routledge, 2008.

FADIGAS, Leonel

Um conceito novo de planeamento para Lisboa. Lisboa: Conhecer, Pensar, Fazer Cidade. Lisboa: Câmara Municipal Lisboa, 2001.

FRAMPTON, Kenneth

Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture. The MIT Press, 1995.

GHEL, Jan

Cities for People. Washington, DC: Island Press, 2010.

GHEL, Jan

Life Between Buildings - Using Public Space. Copenhaga: A. Forlang Ed, 2001.

HALL, Edward

Hidden Dimension. Bantam Doubleday Dell Publishing Group Inc, 1988.

HARVEY, David

From The Right To The City To The Urban Revolution. Londres: VERSO, 2001.

JACOBS, Jane

The Death and Life of Great American Cities. Nova Iorque: Vintage Books Edition, 1961.

JENCKS, Charles

The iconic building is here to stay. City. Vol.10, No1, pp. 3-20, 2006.

KRIER, Léon

Arquitectura: Escolha ou Fatalidade. Lisboa: Estar Editora. 1999.

198

KRIER, Léon

The Architecture of Community. Washington, DC: Island Press, 2009.

LAMAS, José

Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LEFEBVRE, Henri

The Production of Space. Oxford: Wiley-Blackwell, 1992.

LINO, Raul

A Casa Portuguesa. Lisboa: Cotovia 1998.

LYNCH, Kevin

The Image of the City. Usa: The MIT Press, 1960.

NORBERG-SCHULZ, Christian

Existencia, Espacio y Arquitectura. Barcelona: Editorial Blume, 1975.

NORBERG-SCHULZ, Christian

L'Abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa. Milão: Electa Editrice, 1984.

PALLASMAA, Juhani

The Eyes of the Skin: Architecture and Senses. Londres: Wiley-Academy, 2005.

PURINI, Franco

Compor a Arquitectura. Lisboa: ACD Editores. 2000.

ROSSI, Aldo

A Arquitectura da Cidade. Lisboa: Edições Cosmos, 1977.

SALGUEIRO, Teresa

A Cidade em Portugal. Lisboa: Edições Afrontamento, 1992.

199

SALGUEIRO, Teresa

Periferia e Centralidade. Lisboa: Celta editora, 2001.

SCHULZ, Christian

Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova Iorque: Editora Rizzoli, 1991.

SCHULZ, Christian

Genius Loci: Paesaggio, Ambiente, Architettura. Milão: Electa, 1998.

SUDJI, Deyan

The Edifice Complex: How the Rich and the Powerful Shape the World. Penguin Books, 2006.

TÁVORA, Fernando

Da organização do espaço. Porto: Inova / Artes Gráficas, 1962.

WARNIER, Jean-Pier

A mundialização da cultura. Traduzido por Luís Filipe Sarmiento. 2a ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2002

ZUMTHOR, Peter

Atmosferas, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

ZUMTHOR, Peter

Pensar a Arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1988.

WHITE, William

The Social Life of Small Urban Spaces. New York: Project for Public Spaces, 1980.

FONTES DIGITAIS:

Theory, Culture & Society and Body & Society

(entrevista)

DAVIES, Simon

Interview with Zygmunt Bauman. 2010

Disponível em: <https://theoryculturesociety.org/interview-with-zygmunt-bauman/>

GEHL, Jan

Conferencia Pensar en Urbano: ciudades para la gente, con Jan Gehl. La organización ONU - Hábitat, en colaboración con el COAM, Madrid. 2017

Disponível em: <https://vimeo.com/223744248>

PALLASMAA, Juhani

201 Identity, Intimacy and Domicile, notes on the phenomenology of hom. Finnish Architectural Review.1994

Disponível em: http://www.uiah.fi/studies/history2/e_ident.htm#picture

Common Edge Collaborative

(entrevista)

PEDERSEN, Martin C.

Interview with Jan Gehl on Why Tall Buildings Aren't Necessarily Bad for Street Life. Common Edge. 2016

Disponível em: https://commonedge.org/jan-gehl-on-why-tall-buildings-arent-necessarily-bad-for-street-life/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com

The European

(entrevista)

THOLL, Max

Interview with Norman Foster on The Role of Architecture in Today's Society. The European. 2014

Disponível em: https://www.theeuropean.de/en/norman-foster/9114-the-role-of-architecture-in-todays-society?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com



Carta Cadastal Bairro Marechal Carmona, 1945



Ampliação Bairro Marechal Carmona, 1949



Ampliação Bairro Marechal Carmona, 1956/57, Escola Feminina



Ampliação Bairro Marechal Carmona, 1958/60, Cantina.



Futura GDR das Fontainhas Bairro Marechal Carmona, 1965



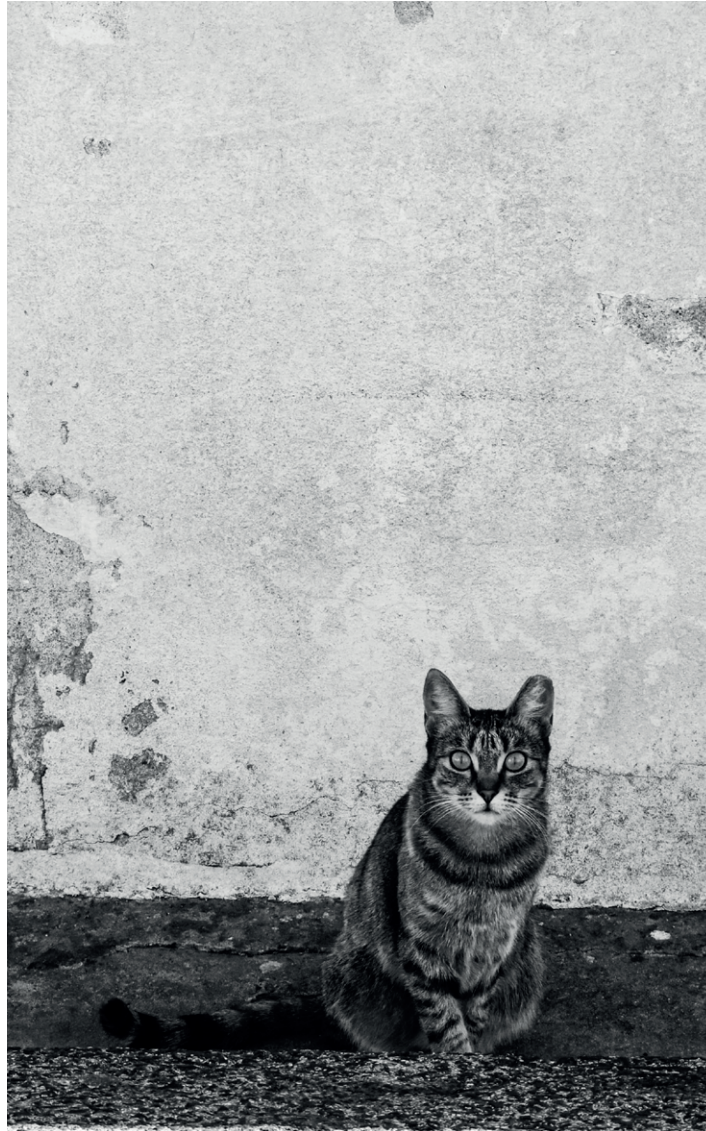
Ampliação Bairro Marechal Carmona, 1966, Infantrio



Carta Cadastal Bairro Marechal Carmona, 1974



Orto Bairro Marechal Carmona, 2017













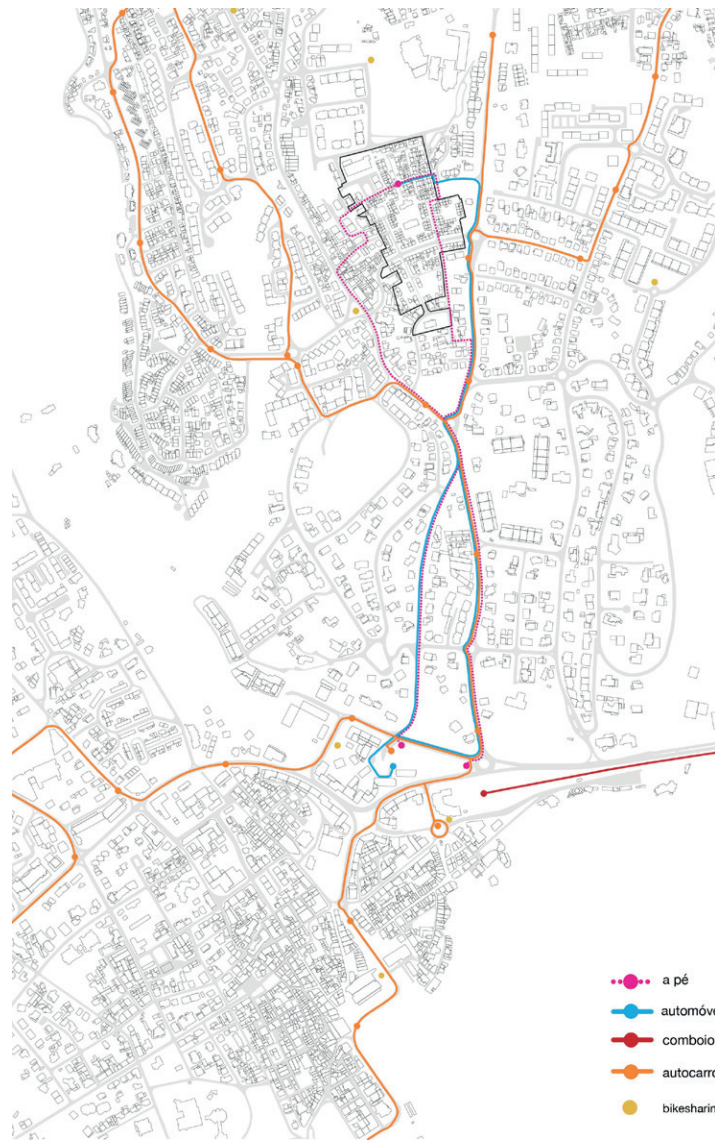


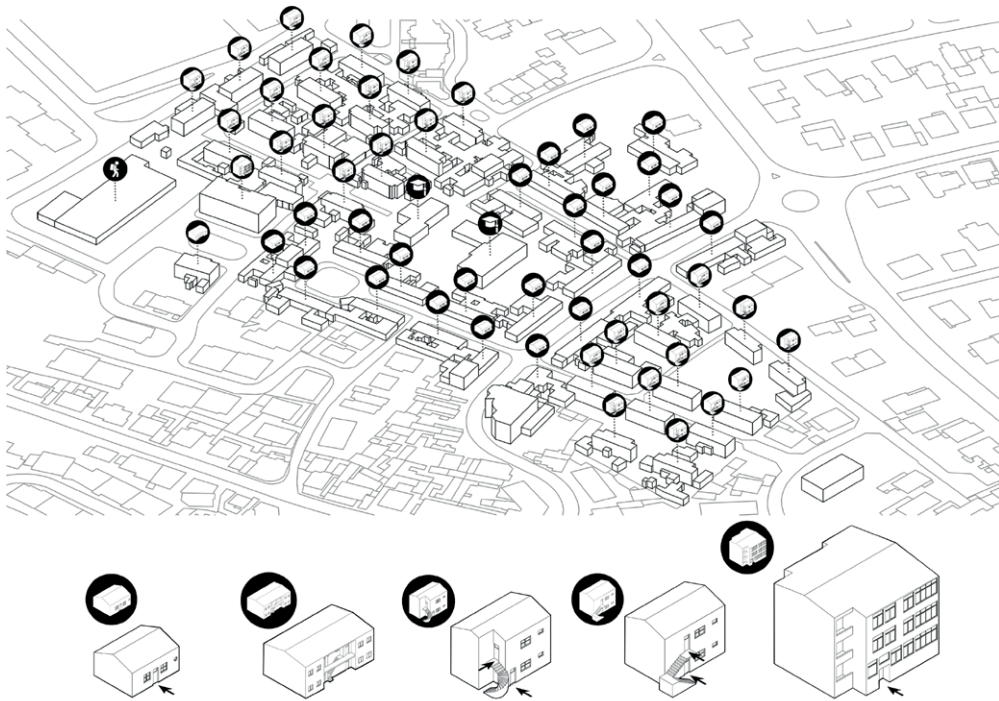












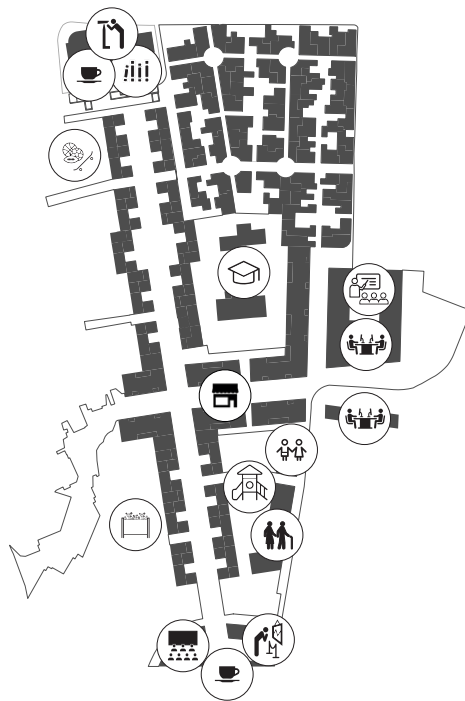


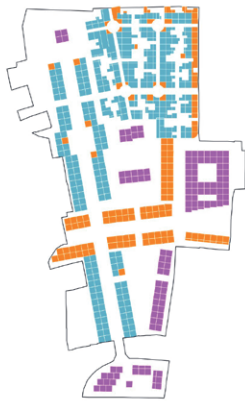






-  **ESPAÇO EXPOSITIVO**
-  **MIRADOURO**
-  **RESTAURAÇÃO**
-  **HORTA URBANA**
-  **BIBLIOTECA**
-  **SKATE PARK**
-  **ESCOLA**
-  **WORKSHOPS**
-  **ESPAÇO COWORK**
-  **PARQUE INFANTIL**
-  **CENTRO DE DIA**
-  **INFANTÁRIO**
-  **AUDITÓRIO**
-  **COMÉRCIO**

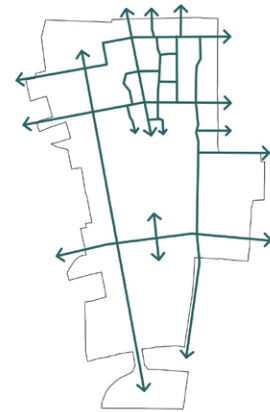




edificado

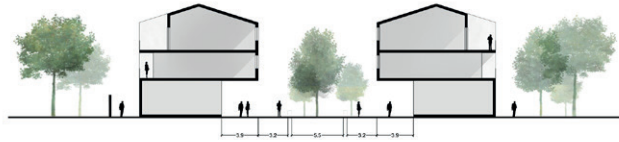


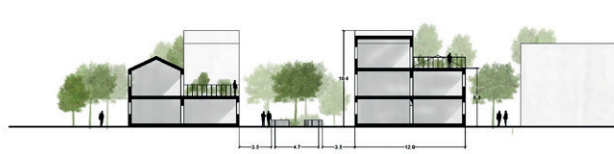
edificado + espaço verde

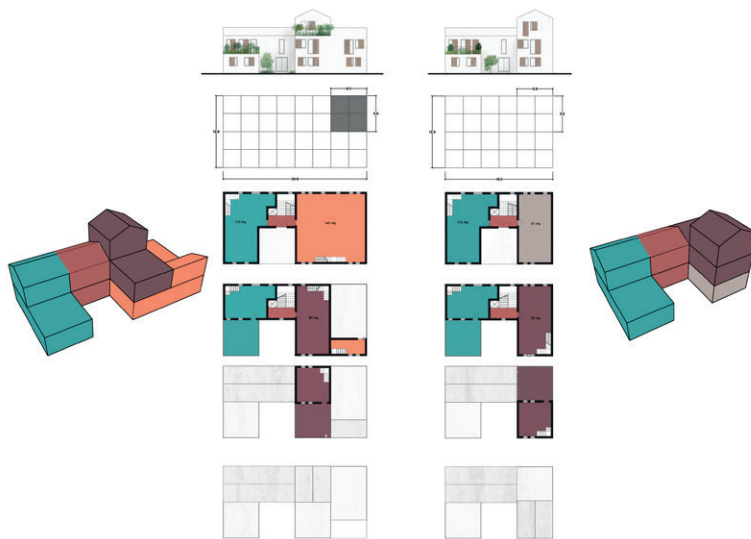


circulação interna





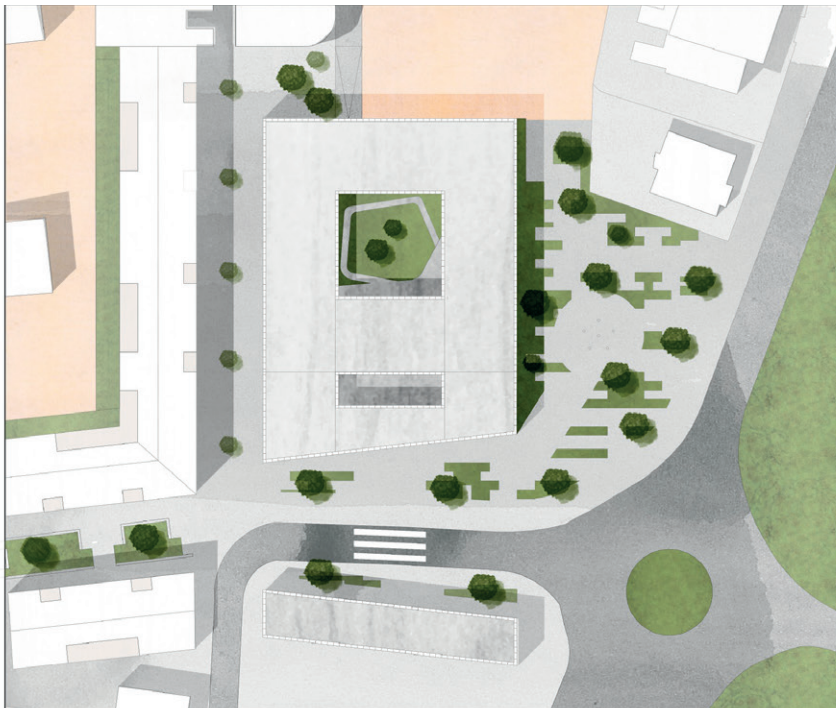














241













249



análise do lugar | recolha e leitura de bibliografia

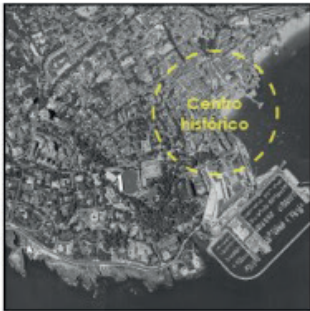
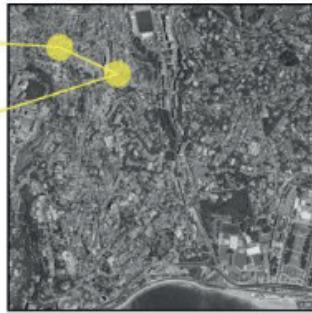
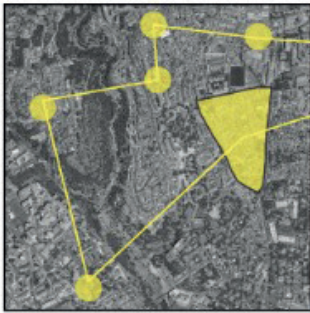
proposta urbana

A CASA CULTURAL

O EQUIPAMENTO CULTURAL COMO REGENERADOR SOCIAL

BAIRRO MARECHAL CARMONA | CASCAIS

Nova Network | Interligação entre bairros periféricos



Ao nível do desenho de cidade, propõe-se uma nova centralidade localizada no Bairro Marechal Carmona.

O intuito da criação de uma nova centralidade na periferia ao centro histórico da Vila de Cascais surge essencialmente através de uma necessidade em intervir no Bairro Marechal Carmona, e inclusive, activar e melhorar as condições de vida não apenas no Bairro em si como contribuir para uma dinâmica social e económica nos restantes bairros adjacentes.

Esta nova centralidade, em contexto cidade, desempenharia a função de regenerador urbano de novas dinâmicas sociais e económicas promovendo o sentido de vivência em comunidade.



car-free | interior do bairro



acessibilidade



masterplan

Arquitectura

A Casa Cultural surge após elaboração de um plano urbano que propõe uma reorganização da malha estrutural do Bairro, atribuindo novos usos no Bairro Marechal Carmona.

Sendo que a história é composta por múltiplos acontecimentos, memórias e testemunhos pareceu-me pertinente propor um espaço onde esta pode ser sentida.

Assim este fórum cultura, surge no sentido de auxílio programático de um novo plano urbano proposto mas essencialmente como uma peça que testemunha a história do bairro, assim como o seu papel na história de Cascais.

Pretende ainda oferecer à população um lugar singular onde estas podem disfrutar de tempo em qualidade, disfrutando do contacto com todas as artes.

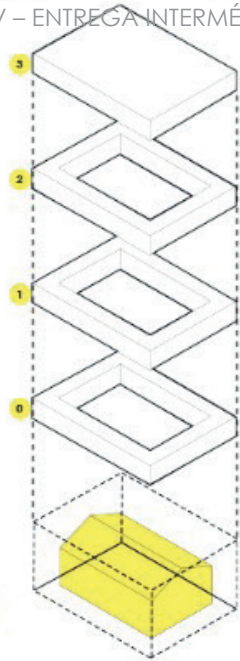


conceito: Living the Void

a ideia passa reinterpretar um elemento característico compositivo presente no bairro, a tipologia base modular existente, de forma a trabalhar a memória do lugar e a relação de pre-existência com o novo.

após uma análise dessa forma, obtém-se uma forma simplificada da tipologia que posteriormente vai ser aumentada em escala. O objecto resultante desta intervenção vai ser utilizado como um negativo interno no bloco edificado proposto, funcionando essencialmente como um vazio interno de grandes dimensões que oferece uma sensação sensorial de conforto e segurança, onde podem acontecer eventos de carácter temporário, exposições, eventos sociais, palestras, reuniões da população local, entre outros.

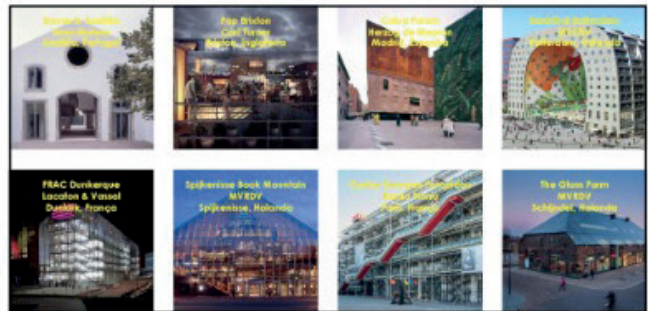
na casa do edificado, adjacente a este vazio central, é onde se desenvolve o programa assumindo um percurso circular na vertical que culmina com um rooftop onde a distância com o oceano é encurtada através do contacto visual.



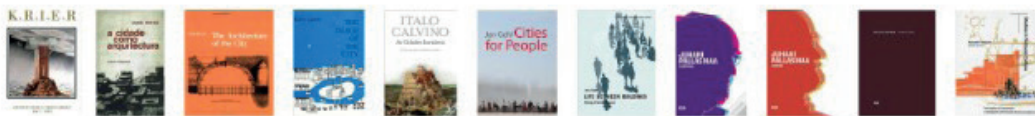
vazio central | espaço interação social

- 3 rooftop garden
- 2 co-work | incubadoras | salas polyvalentes
- 1 museu | biblioteca | área administrativa
- 0 ateliers | oficinas | workshop | espaço expositivo | teatro | restauração | livraria

Casa Cultural



casos de estudo



Reintegração Social | Memória | Lugar | Vazio | Espaço social | Regenerador | Cultura | Casa | Património Humano

projecto arquitectónico

concepção elementos finais

elaboração do trabalho final

concepção

MAIO

JUNHO

JULHO

AGOSTO

SETEMBRO

OUTUBRO

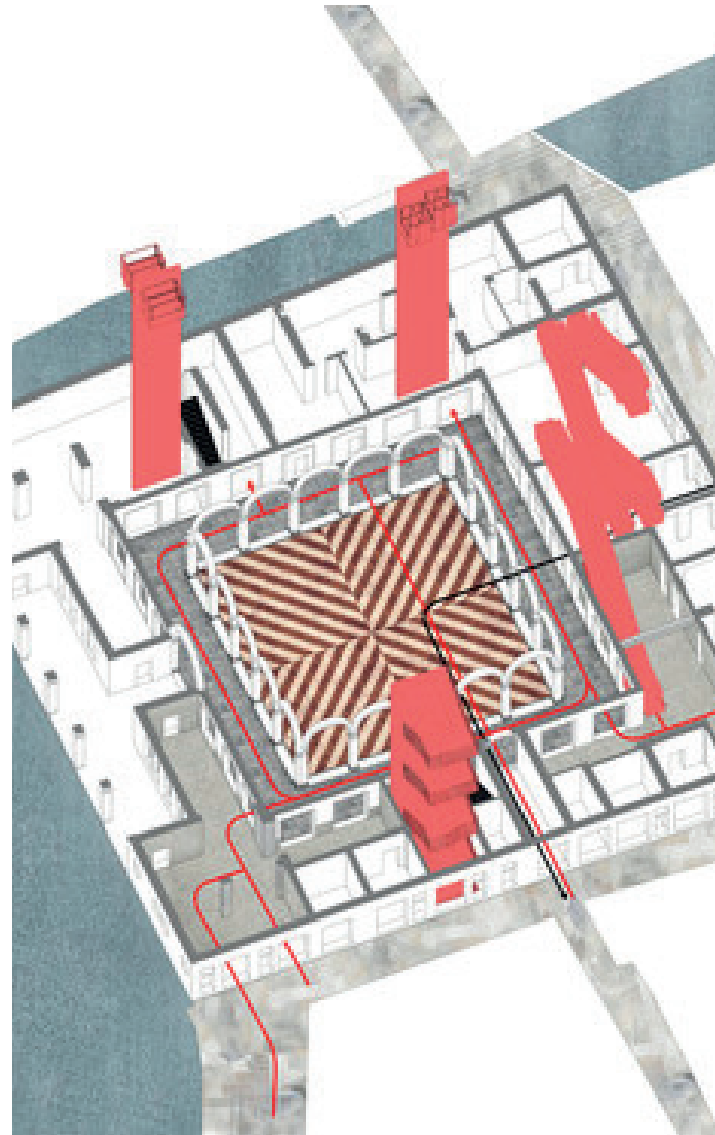
NOVEMBRO

PROVA PÚBLICA



Tipologia	CENTRO GEORGES POMPIDOU
Equipamento Cultural	
Localização	A ideia de um novo centro cultural em Paris surge entre 1969-1974, no mandato presidencial do então presidente Georges Pompidou que queria criar uma nova referência cultural em Paris que contribuísse para a visita de milhares de pessoas e que este se tornasse um símbolo/monumento da cidade. Lançado um concurso público para a criação de um novo equipamento cultural, o projecto foi entre à proposta dos arquitectos Renzo Piano e Richard Rogers. A solução desta parceria propunha uma abordagem radical, uma escala grandiosa em relação ao contexto urbano Parisiense assim como características constructivistas e high-tech especialmente presentes na estrutura do edifício. A linguagem tipomorfológica destoa completamente da envolvente, definindo-se como uma singularidade.
Paris, França	
Arquitectos	
Renzo Piano & Richard Rogers	
Ano	
1977	

A presença de uma praça que antecede a entrada no edifício, de semelhante perímetro, contribui para a afirmação deste na cidade. Esta praça, além de receptor de pessoas proporciona um lugar de estadia, de encontro e uma referência geográfica que auxilia a percepção da malha urbana constituinte da cidade.aceitação do Centro Pompidou como parte integrante do seu património cultural, o edifício viria a conquistar a sua critica, e tornar-se um símbolo na cidade.



Tipologia FONDACO DEI TEDESCHI
Equipamento Cultural

Localização Construído em 1228 e localizado aproximadamente à Ponte de Rialto, do lado oposto ao mercado de Rialto, a Fondaco dei Tedeschi é um dos maiores e mais reconhecíveis edifícios de Veneza. Historicamente este local foi utilizado como lugar de trocas comerciais para os mercadores alemães, alfândega na época de Napoleão, e correios na época de Mussolini. Representado por Canaletto e outros mestres, e fotografado inúmeras vezes, actuando de forma discreta em Veneza, Itália

Arquitectos OMA

Ano 2006

constituindo o pano de fundo da ponte Rialto, o edifício Fondaco permanece na história como um testemunho mudo da era mercantil de Veneza..

O plano de renovação realizado pelo escritório OMA baseia-se num número infinito de intervenções estratégicas e dispositivos de distribuição verticais que suportam o novo programa e define uma sequência de espaços sociais e percursos. Cada intervenção é concebida como uma escavação através da massa existente, liberando com este gesto, novas perspectivas e desvendando a essência do edifício para com os seus visitantes.

256

O projeto, composto por arquitetura e programação, abre a praça interna para as pessoas, mantendo seu papel histórico de "campo" urbano coberto. A nova cobertura é criada pela renovação do pavilhão do século XIX existente, sobre um novo piso de aço e vidro que se localiza acima do pátio central, e a partir da adição de um grande terraço de madeira que convida os visitantes a uma panorâmica sobre a cidade. A cobertura e o pátio central assumem-se como locais de livre acesso por parte do público em qualquer momento e de forma gratuita.



Tipologia	MARKTHALL
Mercado	
Localização	Localizado junto ao Binnenrotte, estação de Blaak e do maior mercado a céu aberto do país, é onde se localiza o Markthall, do estúdio MVRDV em parceria com o grupo Provast. A intervenção viria a desempenhar um papel de catalisador de novas sinergias urbanas ao provocar o desenvolvimento de zonas adjacentes ao mercado, especialmente do bairro Laurenskwartier situado a Leste, reforçando a sua relação com o centro da cidade.
Roterdão, Holanda	
Arquitectos	MVRDV
Ano	Havia a necessidade de ampliação do mercado ao ar-livre munido de uma cobertura, devido às restrições apresentadas pelas normas europeias. Aliado a este factor funcional, pretendia-se ainda aumentar a quantidade de habitantes no centro da cidade a fim de criar uma dinâmica económica e social reforçada e mais activa.
2014	
	O programa consistia na criação de habitação, estacionamento e um mercado. A sua implantação deriva da necessidade de definição de um grande vazio urbano resultante da intervenção para a criação da estação Rotterdam Blaak, nos anos 90. Para permitir que a linha Sul, em direcção ao Rio Mosa fosse possível, foi necessário desviar o curso do rio Rotte, o que originou uma grande praça a céu aberto onde se realiza o maior mercado exterior do país.



Tipologia	GLASSFARM
Equipamento cultural	
Localização	Gravemente afectada pelos sucessivos bombardeamentos de que foi sujeita no decorrer da Segunda Guerra Mundial, a praça do mercado de Schijndel (Holanda), tem sido alvo de constantes intervenções desde então. É em 1980 que uma grande parte da população local se dirige ao município propondo a ideia de uma nova estrutura na praça, tendo esta sido aceite no decorrer do ano 2000.
Schijnde, Holanda	
Arquitectos	Lançado o concurso, o estúdio MVRDV propôs várias intervenções, sendo que a vencedora consiste na criação de um edifício multifuncional localizado no centro da praça. Com 1.600m ² , este equipamento é dotado de lojas, restaurantes, escritórios e um centro de bem-estar.
MVRDV	
Ano	
2013	

Através da colaboração com o estúdio MVRDV, o artista Frank Van der Salm fotografou os exemplares de celeiros existentes na região e através dessa informação, foi possível idealizar um modelo tipo de celeiro que continha as características padrão. Assim, recorrendo ao uso da tecnologia de impressão na fachada de vidro é possível recriar o aspecto de um celeiro tradicional numa peça arquitectónica contemporânea que se insere totalmente no contexto, sem destoar demasiado da envolvente.

260

O edifício é intencionalmente projectado fora de escala, assumindo a proporção de um celeiro normal e multiplicando-o por 1.6. A imagem em si impressa também assume essa nova proporção, fora da escala normal.

À noite, e iluminado a parte do seu interior, o edifício assume-se como um monumento ao celeiro.

Com intuito de uma melhor inserção no contexto urbano, estas características do edifício promovem a história e a memória do lugar no sentido em que visam uma reinterpretação do mesmo aliando a técnica constructiva actual com a forma tradicional de construção, criando um edifício com forte ligação ao contexto em que se insere, à identidade do lugar cria uma certa nostalgia a quem habita o espaço.

Através da tecnologia e de uma adulteração no que diz à escala típica de um celeiro tradicional, foi possível obter uma peça arquitectónica que procura uma forte inserção com o lugar, reinterpretando um pedaço da história de forma a minimizar o seu impacto formal na cidade ao mesmo tempo que oferece à população um novo conteúdo programático.



Tipologia	BOOKMOUNTAIN
Equipamento cultural	
Localização	O projecto Book Mountain, da autoria do estúdio de arquitectura MVRDV, define-se como um monumento ao conhecimento proveniente dos livros.
Spijkenisse, Holanda	Intencionalmente projectado para se impôr no contexto urbano de baixa densidade, a sua presença convidativa revela-se preponderante numa comunidade com uma taxa de analfabetismo que abrange os 10%.
Arquitectos	
MVRDV	
Ano	Localizada no centro de Spijkenisse, a biblioteca ocupa um lugar de destaque na praça do mercado, de frente para a histórica igreja da vila, da qual aparece como uma vasta montanha de livros - a Montanha do Livro de Spijkenisse.
2012	O edifício assume ainda um forte carácter social para com a comunidade, visto que para além da biblioteca, o edifício contempla a nível de programa, um centro de educação ambiental, um clube de xadrez, um auditório, salas de reunião, escritórios e um espaço comercial. A cobertura inclinada pretende criar uma alusão às típicas construções tradicionais do contexto vernacular holandês, valorizando a cultura e tradições locais, de forma a criar uma ponte simbólica entre o passado e o presente, despoletando uma reflexão sobre a identidade cultural.
	De forma a incorporar as necessidades funcionais e programáticas necessárias para o bom funcionamento do edifício, é criado um espaço comercial e zona de estacionamento automóvel no piso inferior à pirâmide de vidro. Relegando as áreas de carácter maioritariamente funcional para um segundo plano, foi possível colocar as zonas mais especializadas do edifício tais como o auditório e as salas polivalentes em áreas tangentes aos limites do edifício, libertando o pé direito existente para a criação de uma biblioteca que se desenvolve em diferentes plataformas, retirando vantagens da iluminação zenital que é filtrada pelos vidros que revestem todo o edifício. Assim obtém-se um espaço de elevada qualidade, amplo e bem iluminado que está interligado por lances de escadas e que permitem um percurso contínuo até ao topo do edifício, onde se situa uma cafetaria que também desempenha a função de miradouro em relação à cidade de Spijkenisse.



Tipologia	STADSHAL
Equipamento	
Localização	de Gent preserva até então exemplos de grande significado arquitectónico, destacando-se como landmark três torres oriundas do período medieval, testemunhando o período de maior esplendor desta cidade rivalizando com Paris, em termos de importância e escala de cidade. Através desta intervenção obteve-se uma praça de grandes dimensões, resultante de uma junção de três praças: praça Emile Braun a sul, praça Poeljemarkt a leste e praça Goudenleeuwplein a oeste. Dada a grande dimensão desta área ao ar livre, parte dela era ocupada para estacionamento de automóveis.
Arquitectos	
Marie-José Van Hee+Robbrecht&Daem	
Ano	2012

A proposta consiste num pórtico com 40 metros de comprimento por 14 metros de altura, suficiente para proteger os pedestres da precipitação e insolação excessiva. Formalmente, esta estrutura assume uma preponderância vertical, reinterpretando algumas das coberturas presentes na envolvente, oriunda do período gótico. No período diurno, a iluminação natural é feita através de clarabóias colocadas na cobertura. No período nocturno, a iluminação artificial desempenha a função de lanterna para com o espaço público, emitindo luz para o exterior.

264

No que diz respeito ao piso térreo, a estrutura assenta em blocos localizados nos cantos do edifício. Aqui, encontram-se os elementos estruturais do pórtico, assim como duas fontes de aquecimento (que podem ser ligadas quando necessário) e os acessos ao piso inferior (escadas e elevador). O edifício está assente na mesma cota que a praça Poeljemarkt e praça Goudenleeuwplein. A nível social este edifício define-se como um lugar de referência, promovendo a estadia e a interação das pessoas. É aqui que se realizam concertos, encontros e mercados semanais.

A sul do edificado é possível ter uma relação visual com uma área jardim situada na praça Emile Braun. Este é acedido através de um piso inferior, que por sua vez é dotado de áreas técnicas, uma cafetaria e parque para estacionamento de bicicletas. A intensidade e a qualidade na forma como se vive a rua é reforçada com esta intervenção que oferece um lugar de abrigo, de estadia, que valoriza o espaço público para o pedestre em detrimento do automóvel.



Tipologia	POP BRIXTON
Multi-usos	
Localização	Localizado no sul de Londres, Inglaterra, o projecto proveniente do Arquitecto Carl Turner foi concebido como um espaço de apoio à comunidade local através da criação de pequenos negócios de rua e oferta de espaço destinado a startups.
Brixton, Inglaterra	Brixton é conhecida por ter uma dinâmica muito própria. Esta característica é possível devido à sua população residente, que é em grande parte constituída por emigrantes das Caraíbas, que procuraram melhores condições de vida no Sul de Londres. Com elas, vieram também as suas tradições e costumes que ao se misturarem com a cultura local, originaram uma identidade muito própria deste lugar.
Arquitectos	Carl Turner
Ano	2015

Assim, a intervenção visa capacitar a comunidade local de uma infraestrutura onde a população se possa reunir e socializar, fortalecendo os laços de comunidade. Intervindo com um orçamento altamente contido, a equipa do Arquitecto Carl Turner propõe um complexo constituído pela colocação de contentores de barco, definindo um perímetro e modulando o espaço de forma a criar vazios destinados à concentração de pessoas.

266

Constituindo-se como um complexo multi-usos, este contém espaços destinados a restauração, retalho, unidades de trabalho, zonas de workshops e um espaço destinado a eventos musicais/peças de teatros/reuniões da comunidade local entre outros. A optimização dos recursos e a sustentabilidade constituíram-se como premissas para a viabilidade deste projecto, dada a restrição de verbas disponíveis.

Em suma, o projecto Pop Brixton contribui directamente para a comunidade, apoiando o comércio local e a dinâmica social presente ao criar um espaço versátil e que interioriza as influências culturais presentes na região, munindo o lugar com um complexo de oportunidades para a população.



Tipologia	FRAC
Equipamento cultural	
Localização	Inserido numa zona de carácter portuário, o projecto FRAC do estúdio Lacaton&Vassal propõe uma intervenção na ordem da requalificação do património portuário como um espaço de referência ligado às artes. O intuito urbano desta intervenção surge através de uma necessidade local em intervir numa zona portuária desactivada, mais concretamente um antigo armazém de uma nave simples, reactivando o lugar e criando novos usos, novos equipamentos que contribuíssem para uma nova forma de habitar esta zona de Dunquerque.
Dunquerque, França	
Arquitectos	Lacaton&Vassal
Ano	Esta intervenção seria a primeira de várias intervenções e funcionaria como um catalisador de novas dinâmicas sociais e económicas nesta área, iniciando o processo de revitalização desta área.
2013	

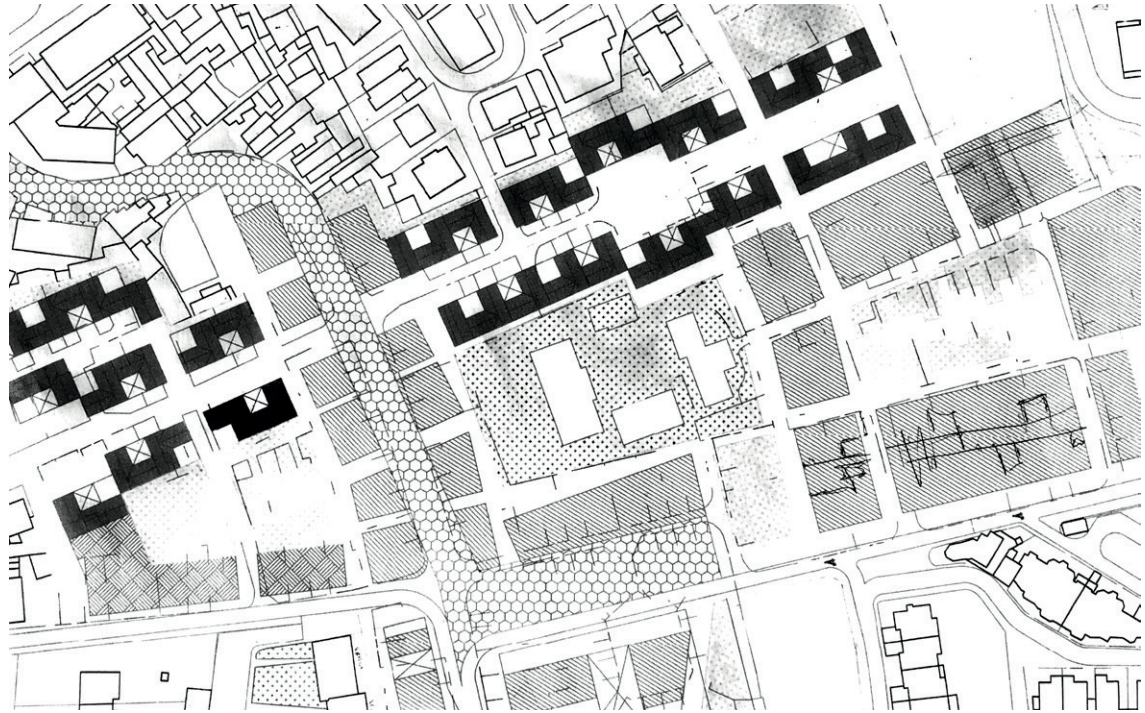
Após a análise da estrutura pré-existente, as valências do edifício, a presença no lugar assim como simbolismo que esta assume nesta zona de Dunquerque, o projecto visa a inalteração do armazém denominado como Halle AP2, enfatizando a sua presença ao duplicar este corpo e construir uma réplica do mesmo, agregando esta nova estrutura (estrutura light frame steel) à pre-existente. Com este gesto obtém-se dois corpos, que a nível de programa permite uma melhor fluidez e vivência do espaço. Estes podem ter um uso combinado ou funcionar de forma singular.

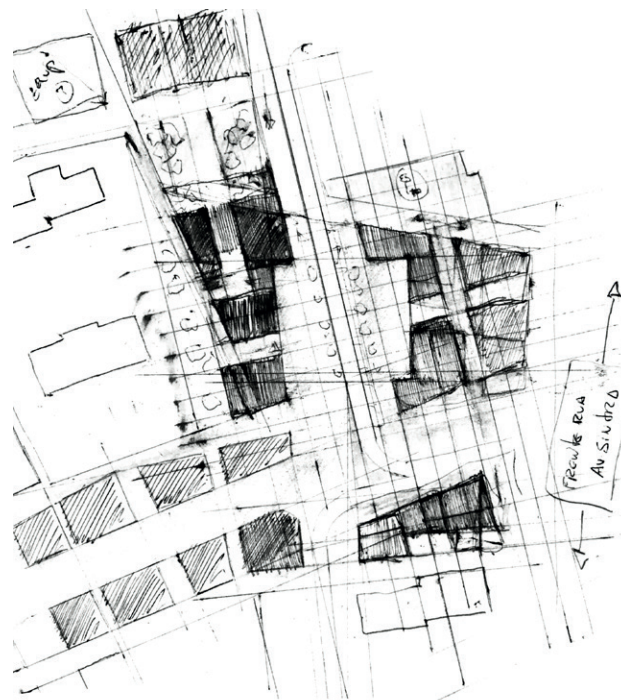
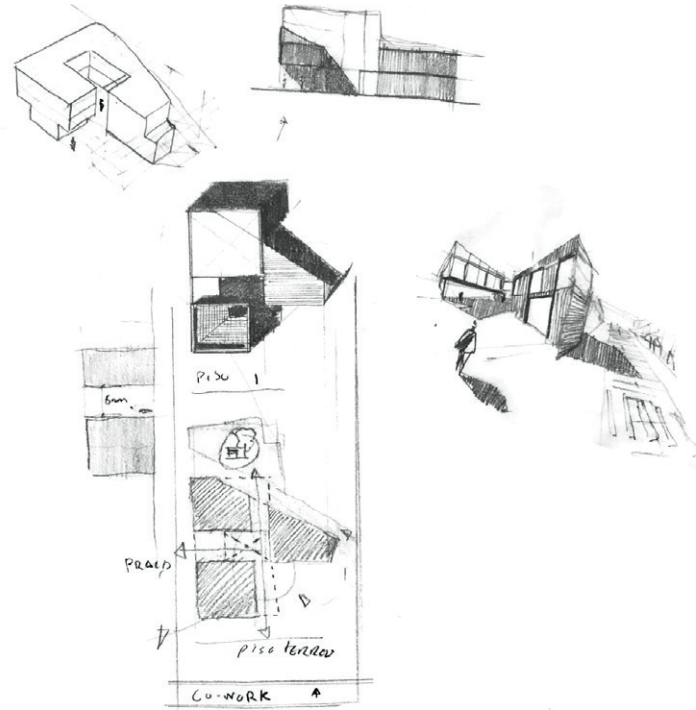
Assim, na estrutura pré-existente, um espaço de grande polivalência de usos podendo albergar exposições de carácter temporário, criação de obras de grande escala assim como eventos públicos, feiras ou eventos desportivos. No corpo proposto, agregado ao anterior, é onde se encontra o programa e os acessos verticais a cada nível. A transparência e simplismo na forma deste corpo e na expressão que este contém no lugar tem por base atribuir maior relevância ao edifício pré-existente ao invés de assumir o destaque para si mesmo.

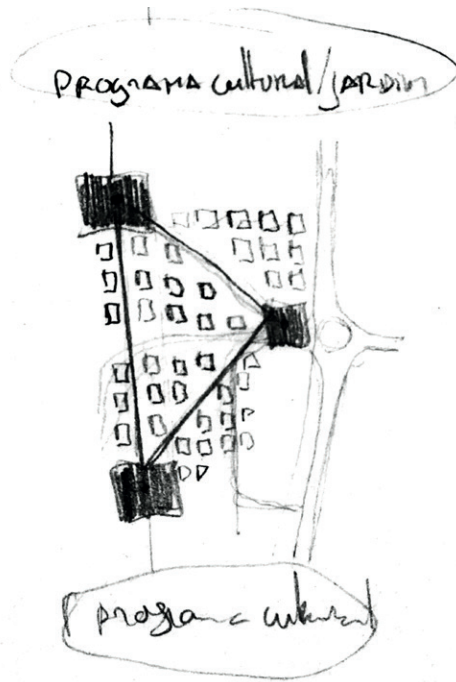
A rua é ainda interpretada nesta nova estrutura através da colocação de uma ponte que se estende a todo o corp, acompanhando a fachada do edifício.

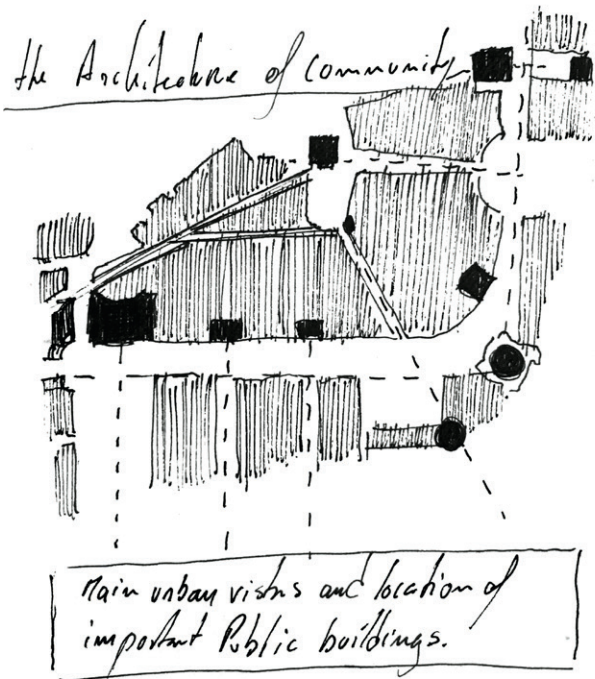
O facto de este projecto ser tão flexível no seu uso, aliado à racionalização de recursos económicos utilizados na sua construção tornando o FRAC um elemento preponderante na consolidação e desenvolvimento da zona portuária de Dunquerque.





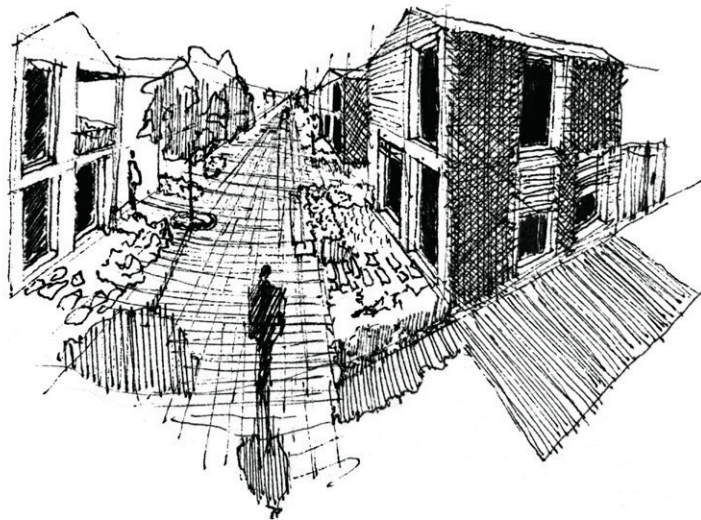


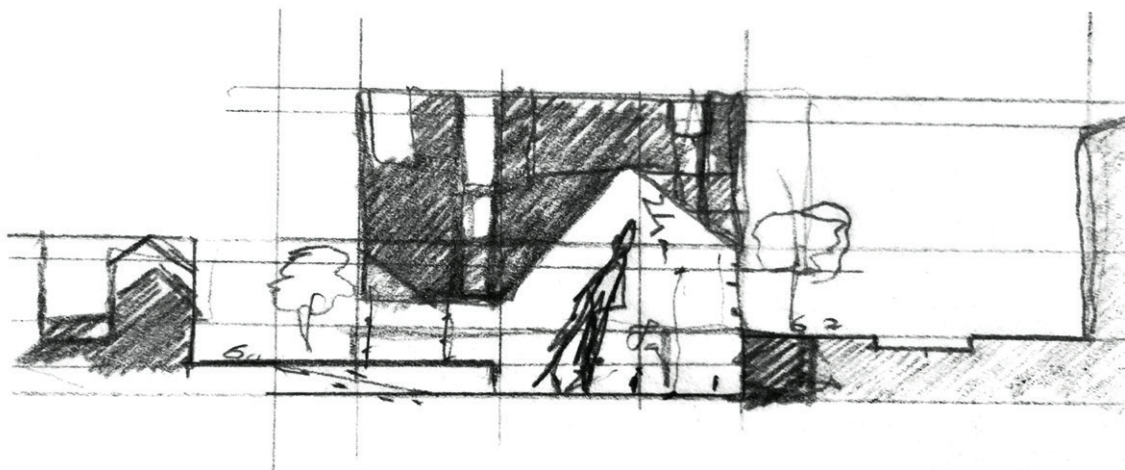
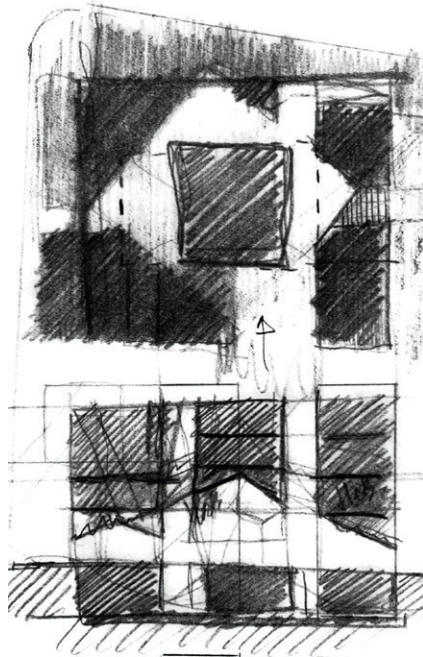


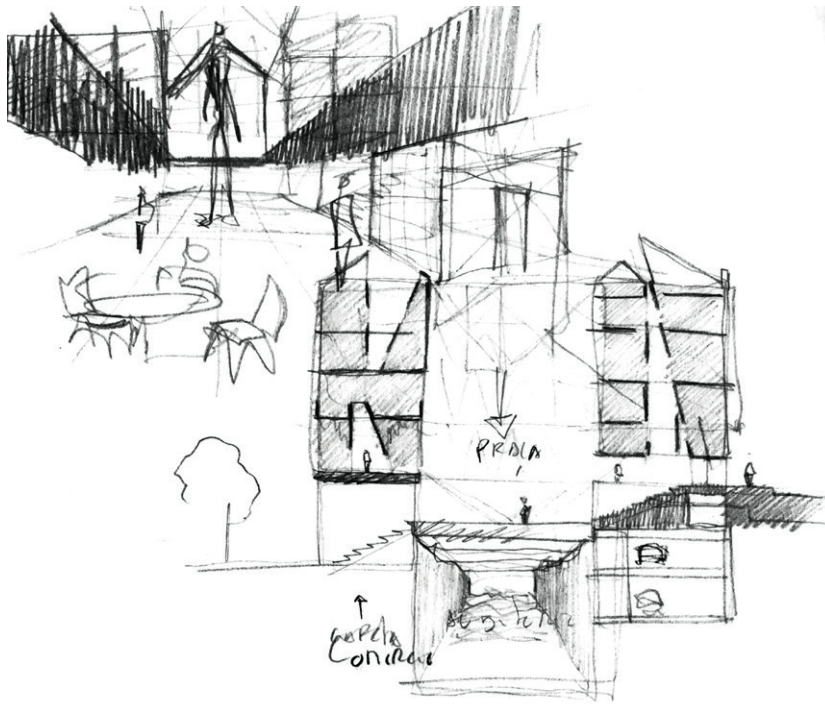
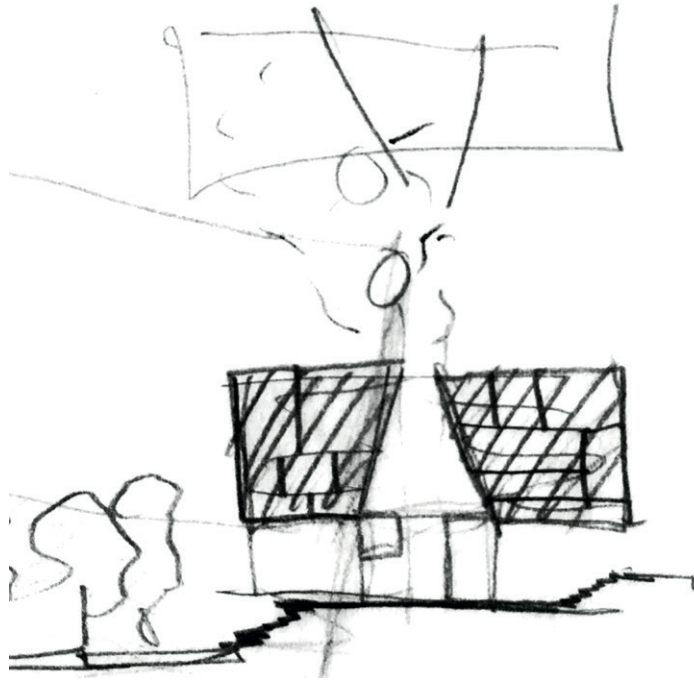


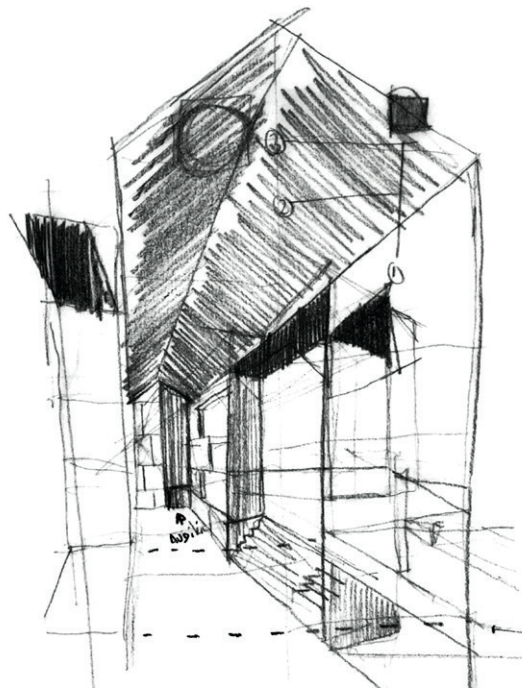
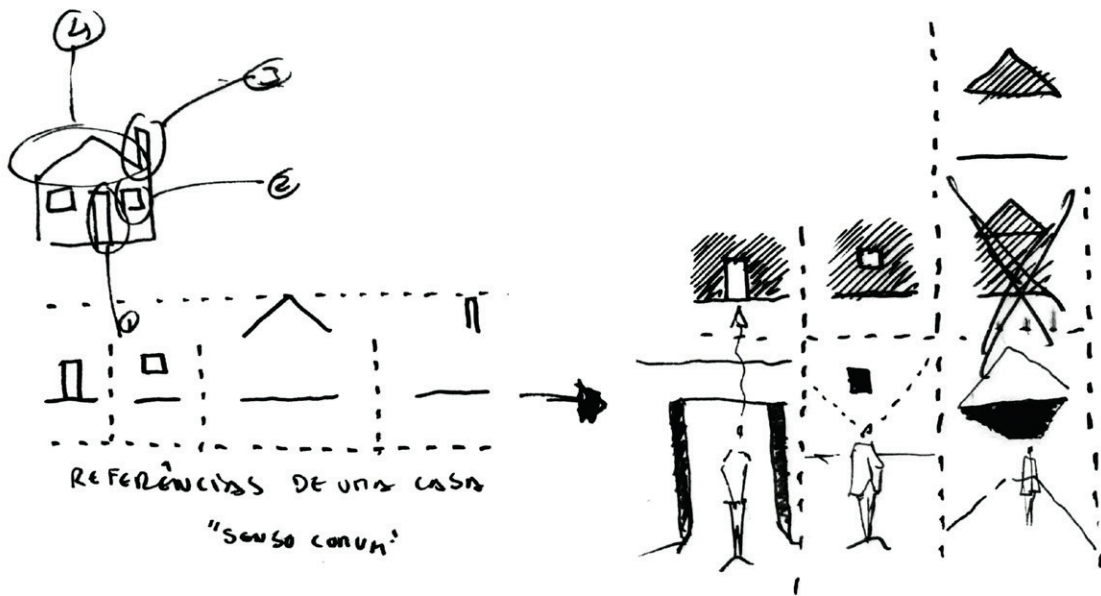


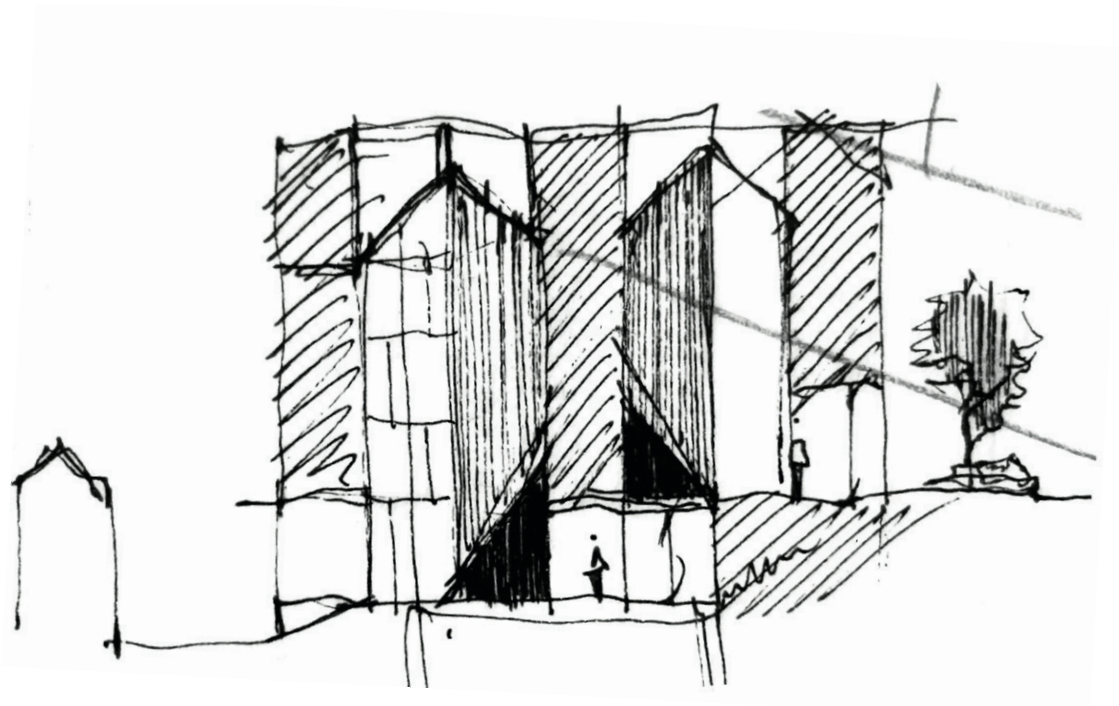
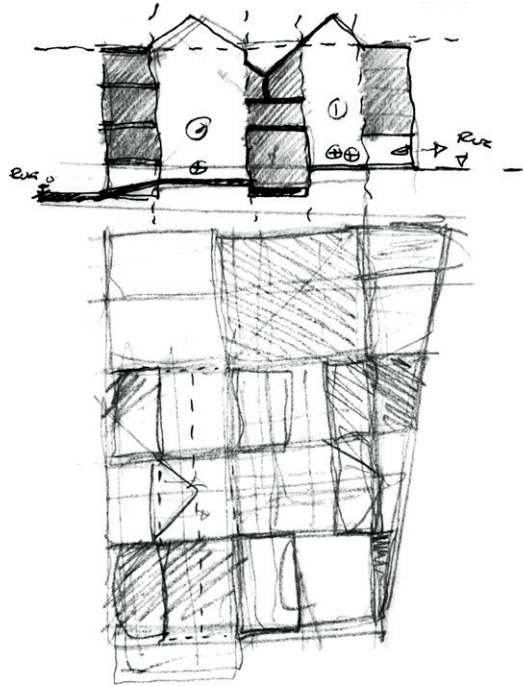
275

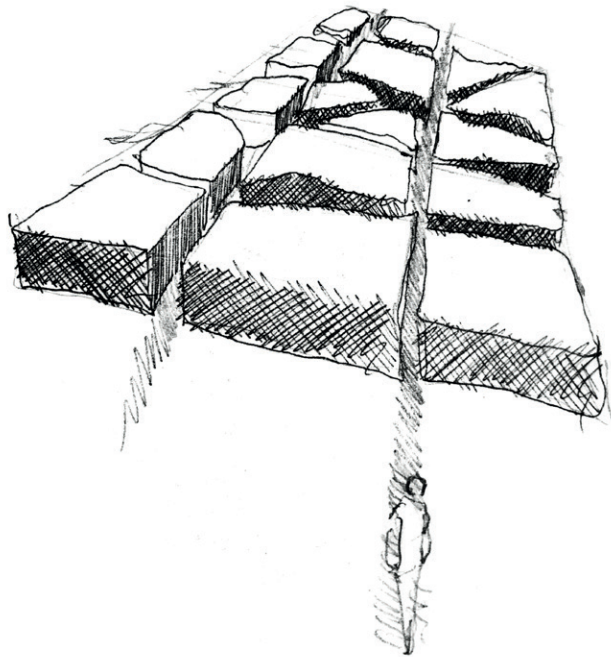
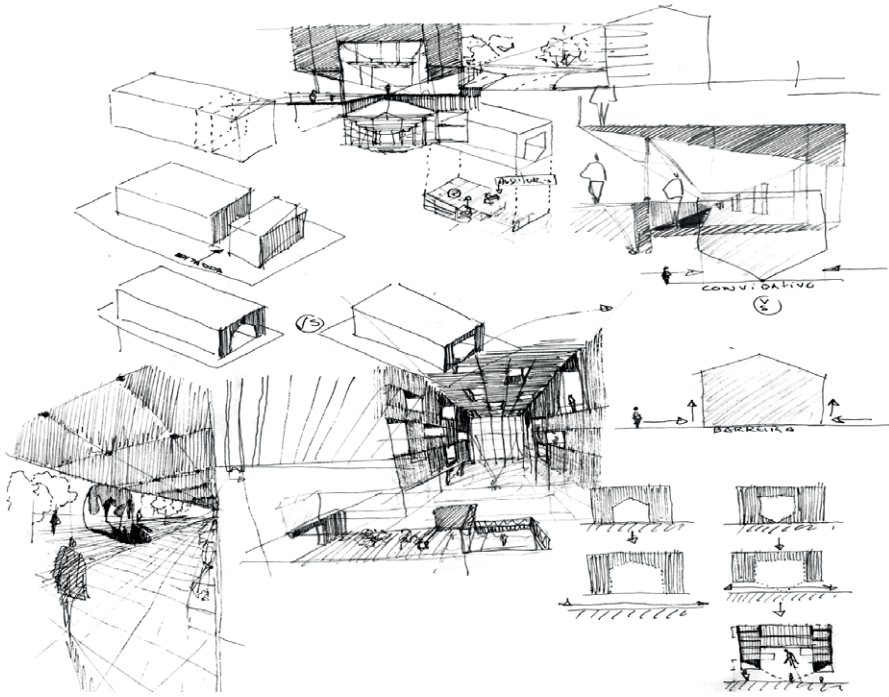


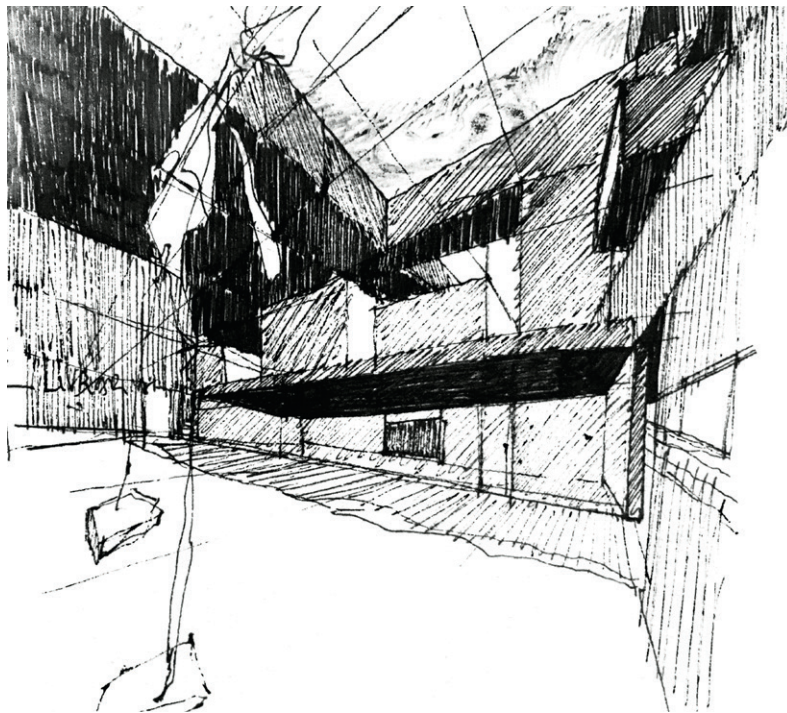
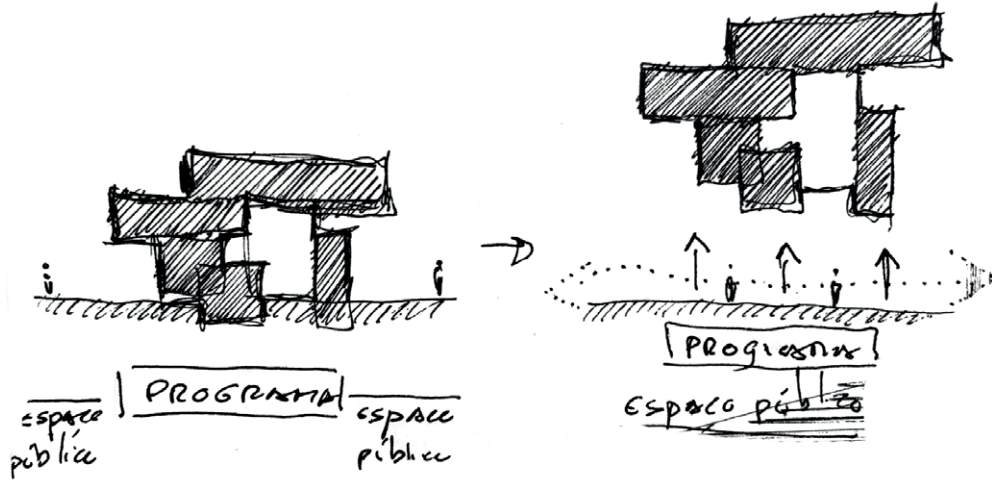


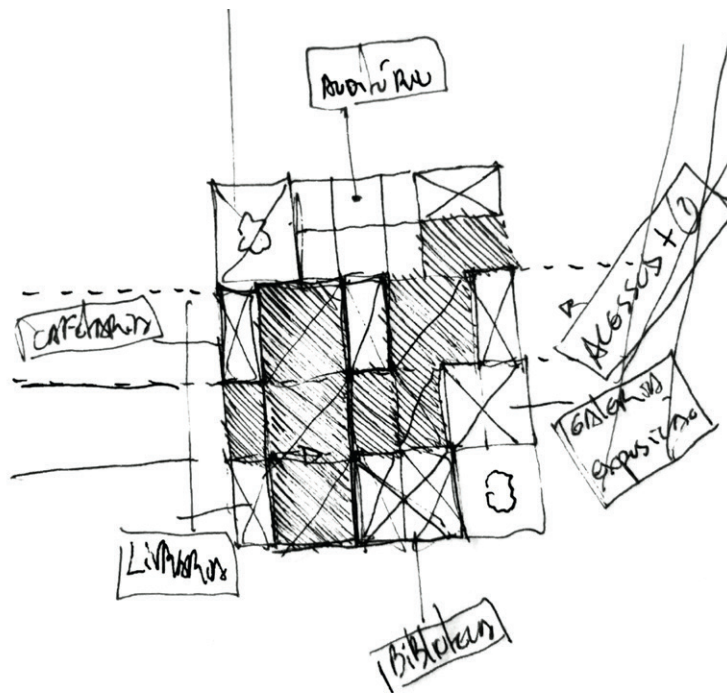
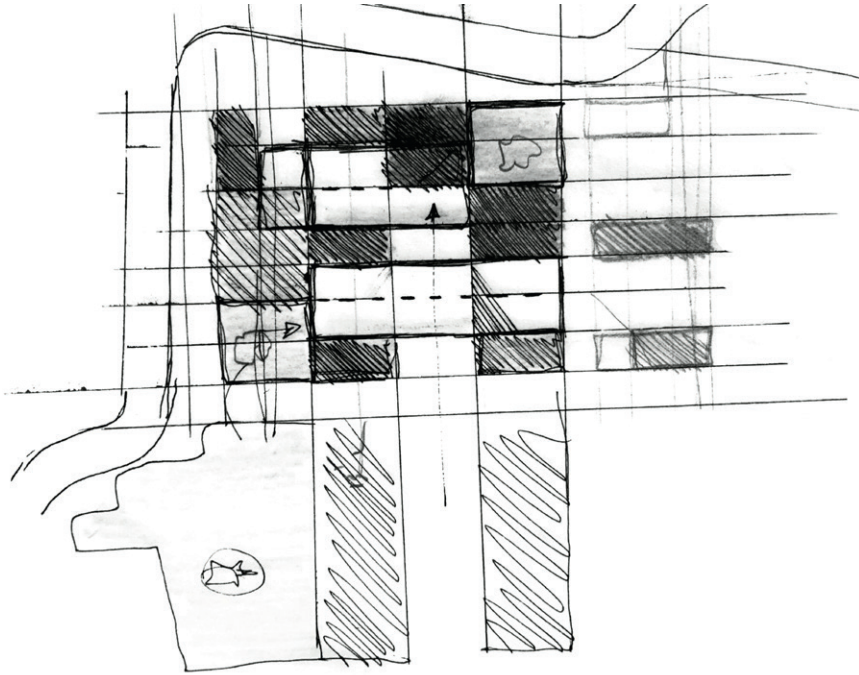


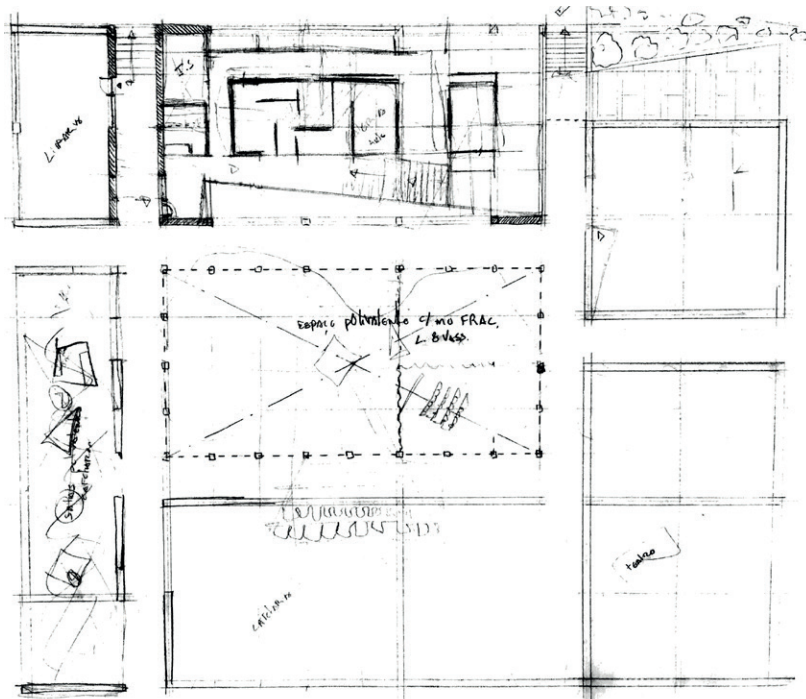
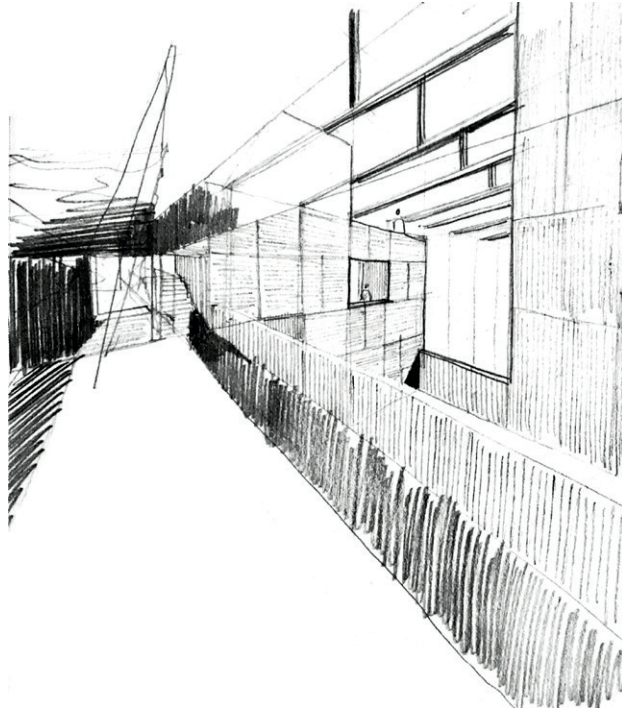


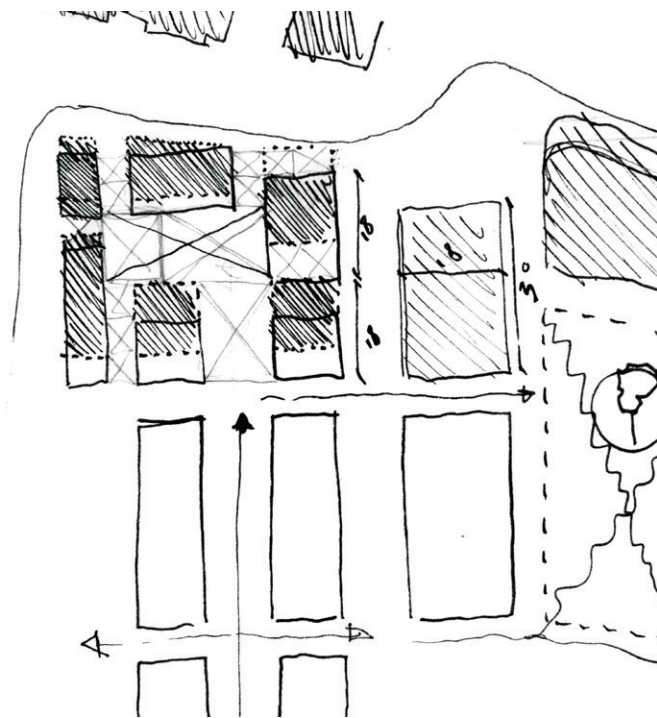
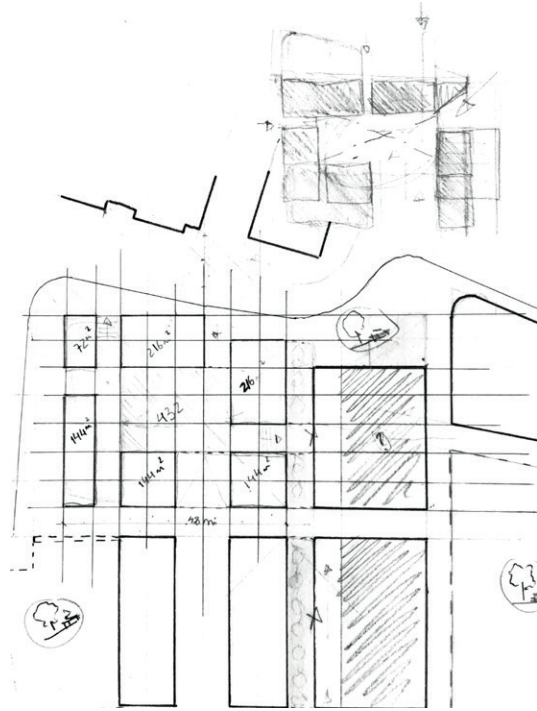


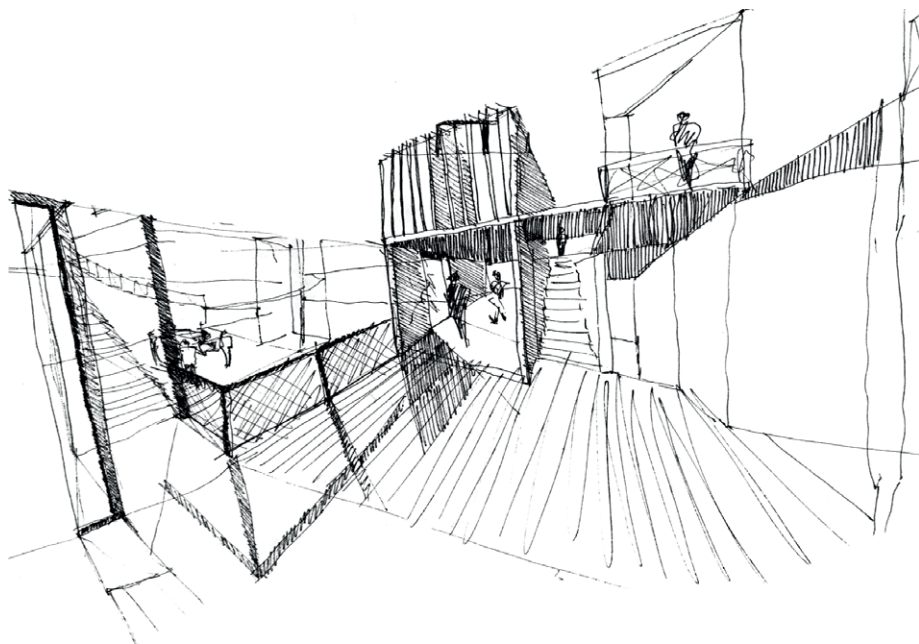
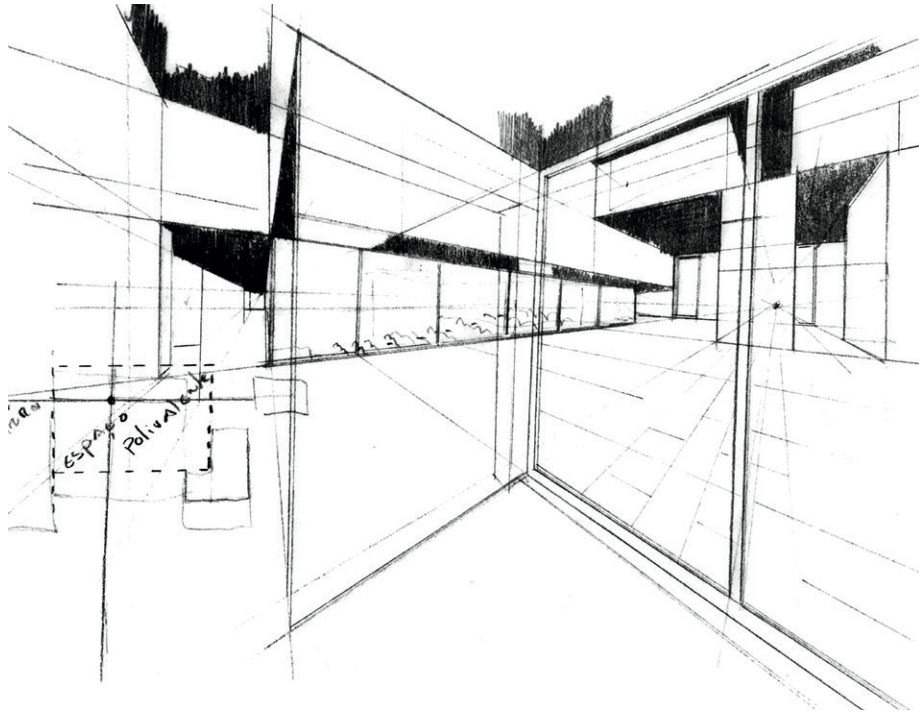


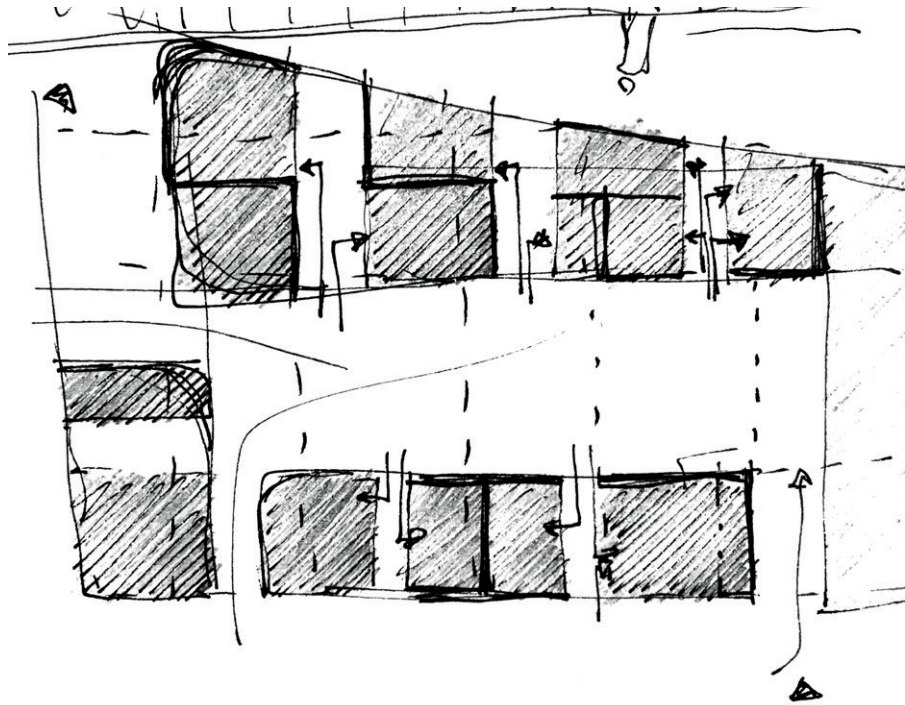




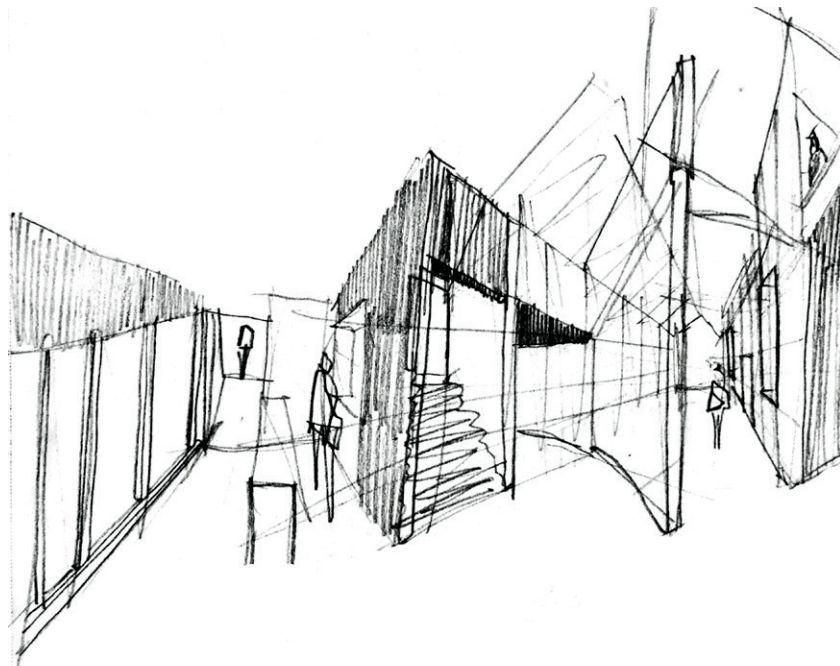


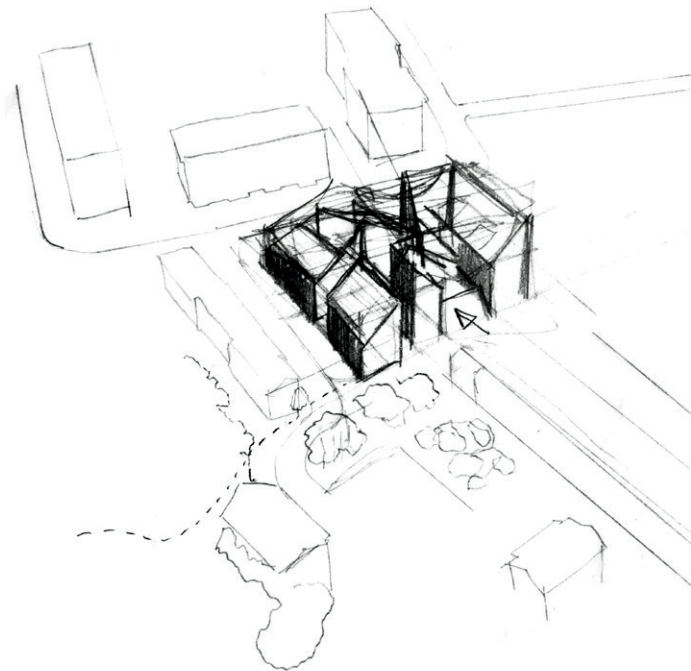
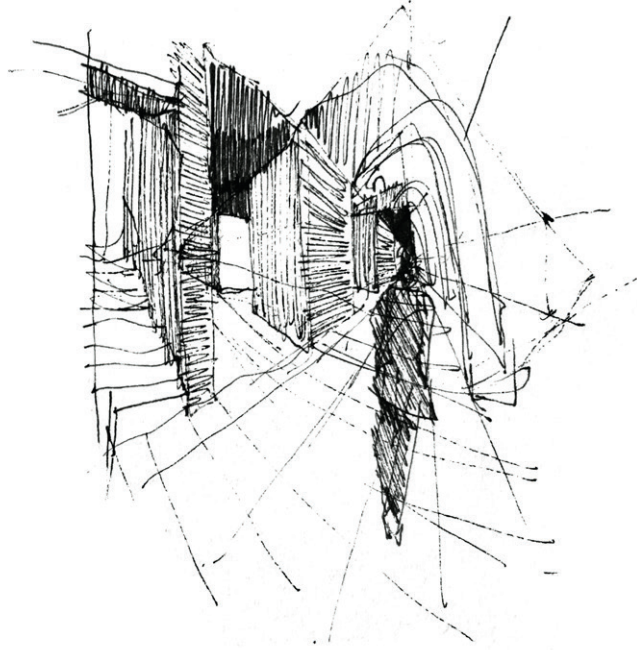


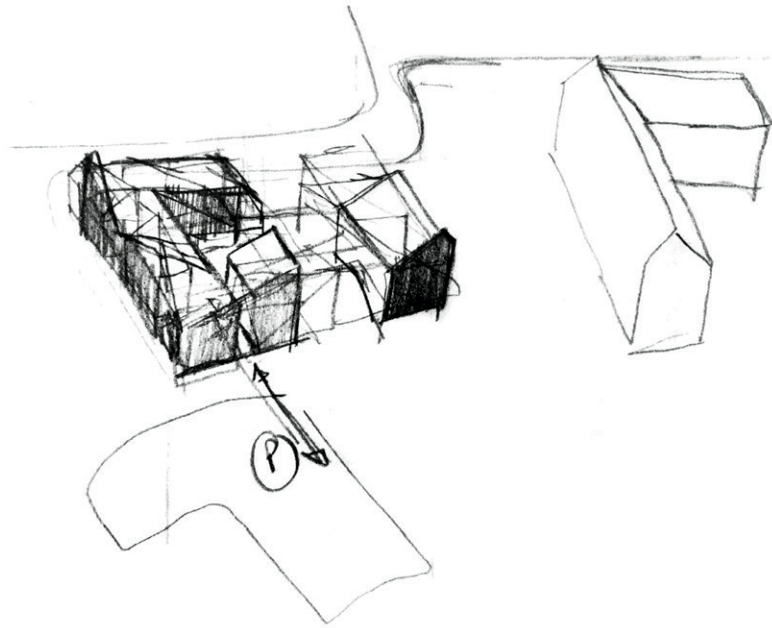




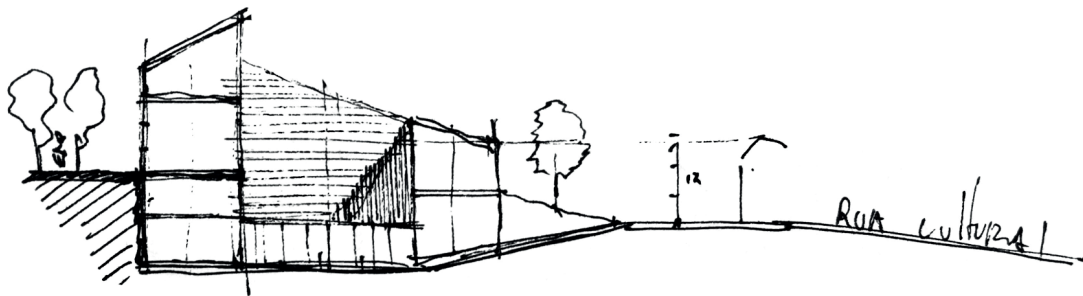
287

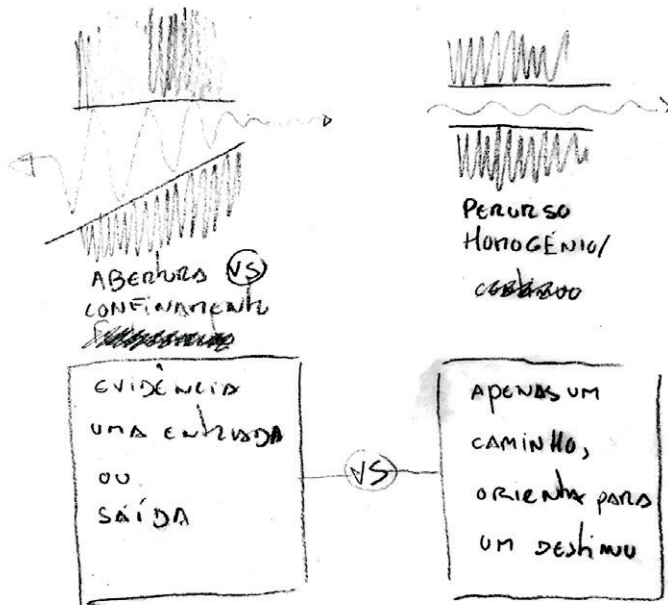
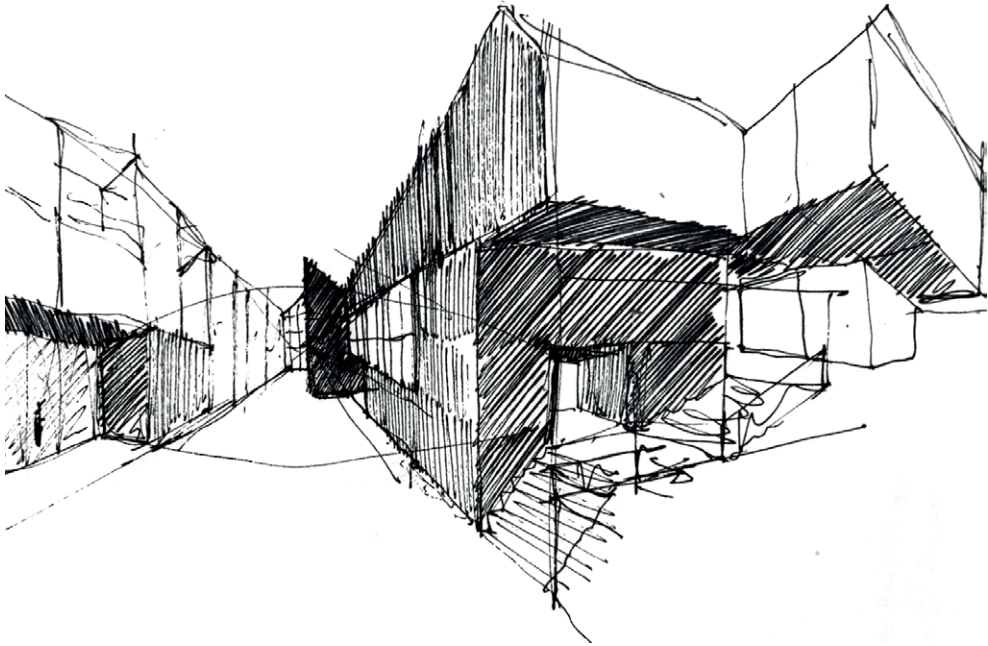


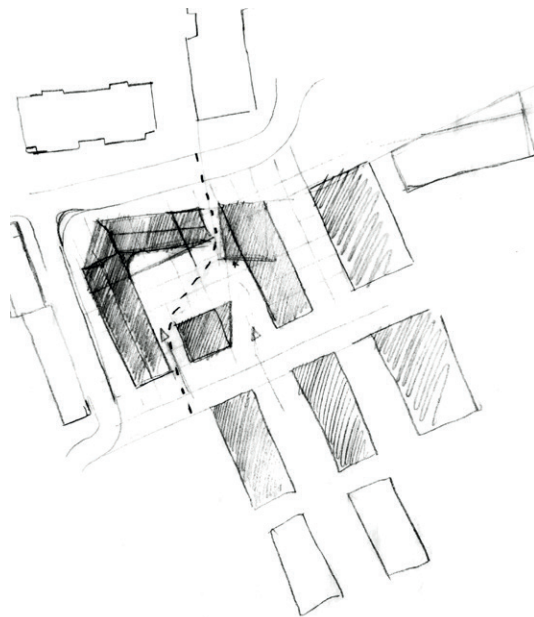
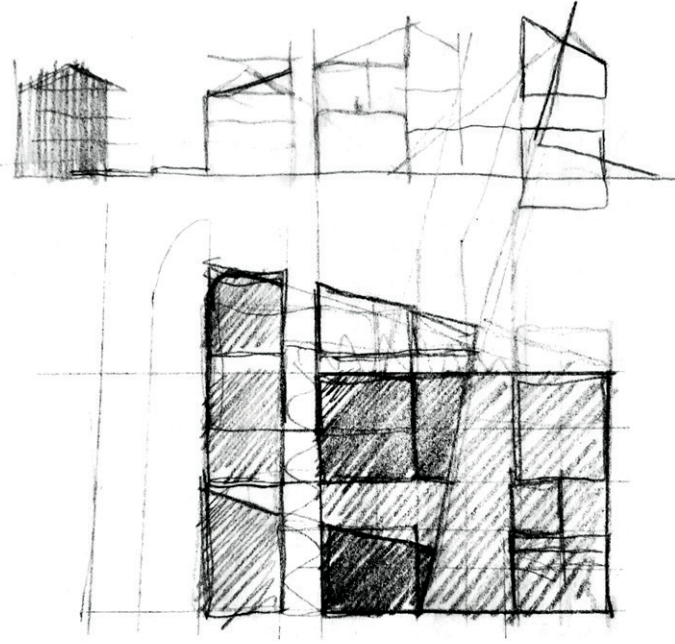


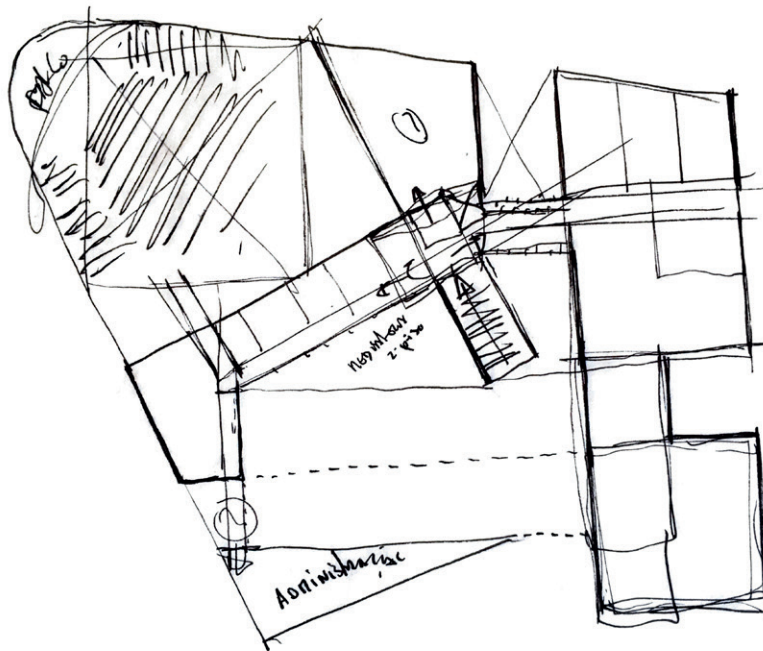
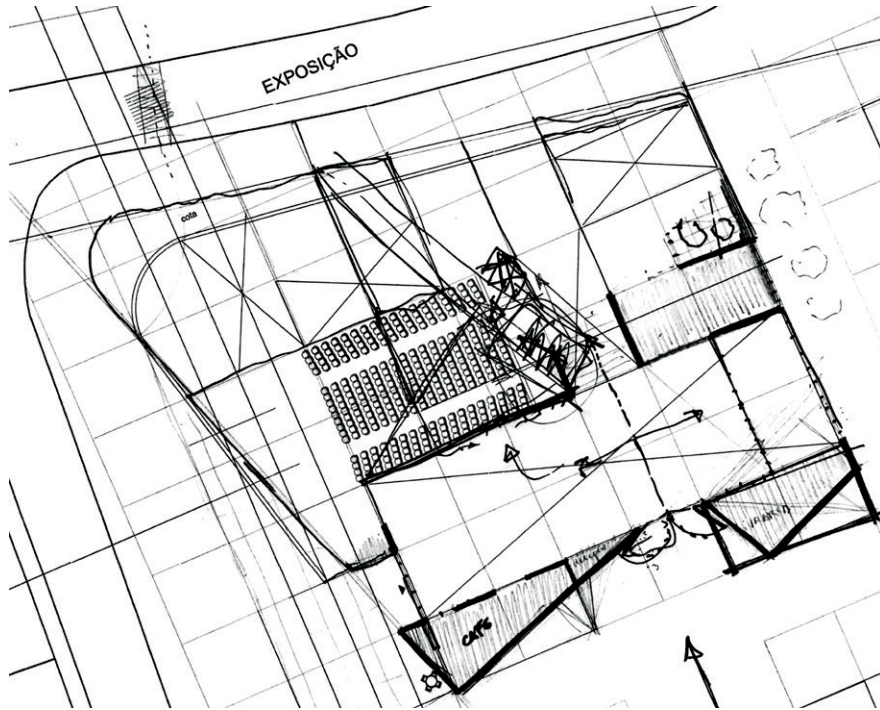


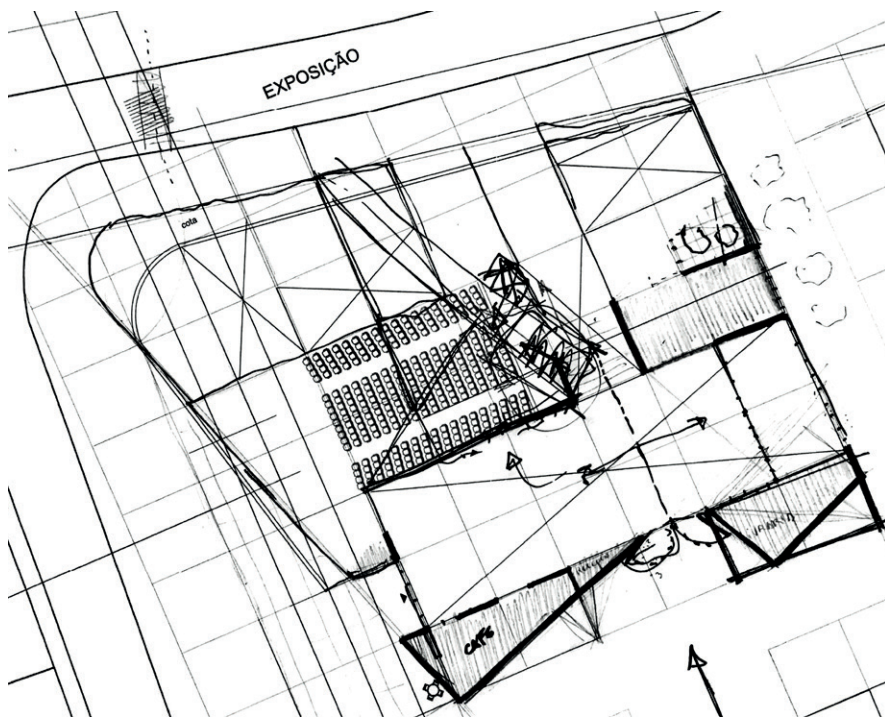
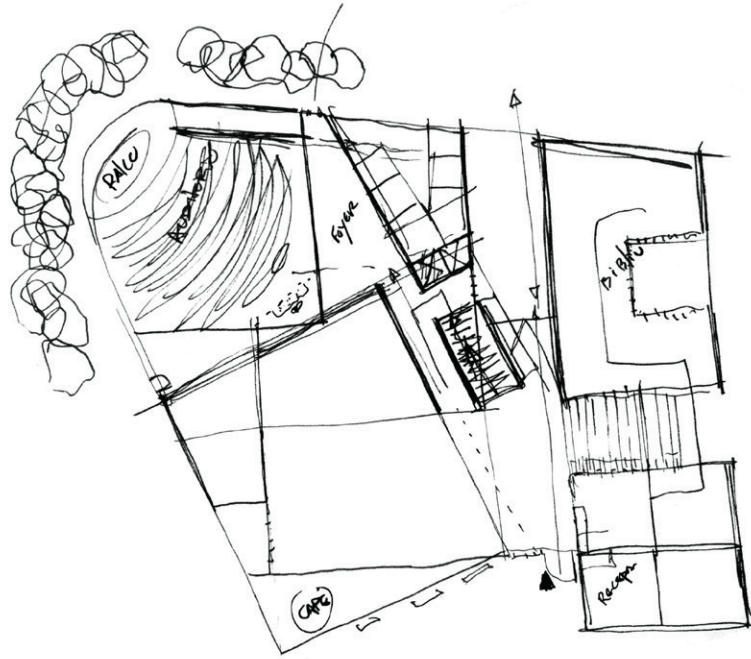
289

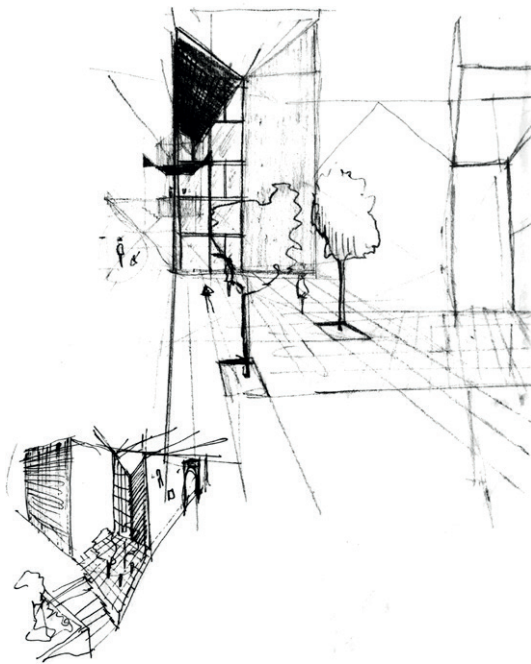
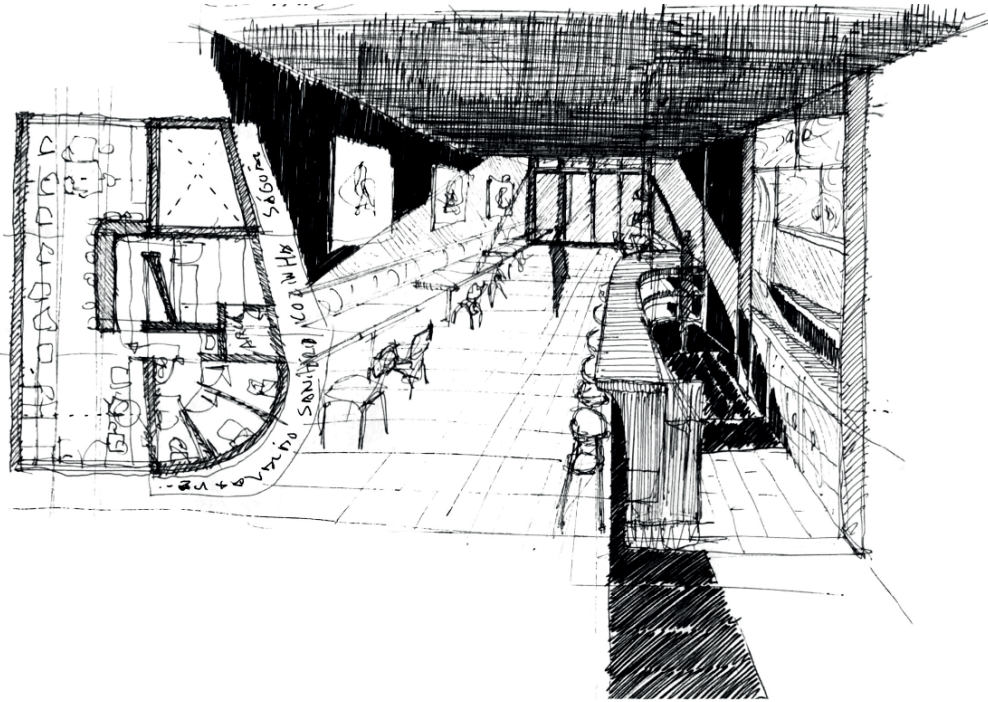


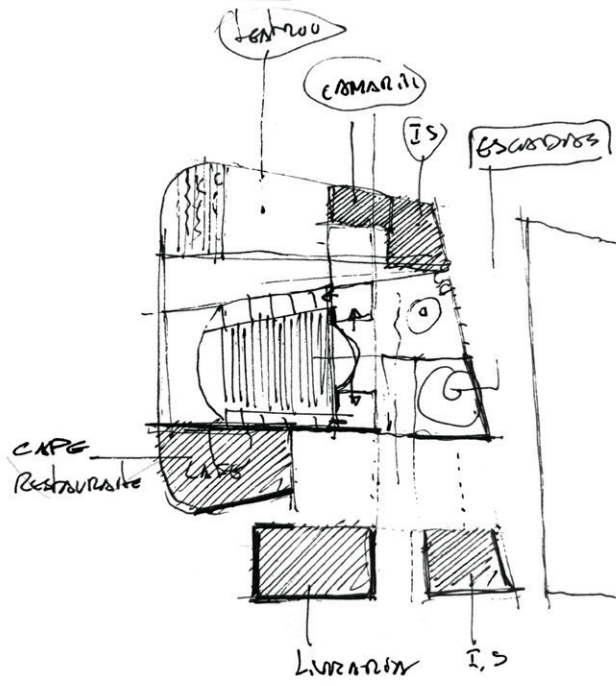




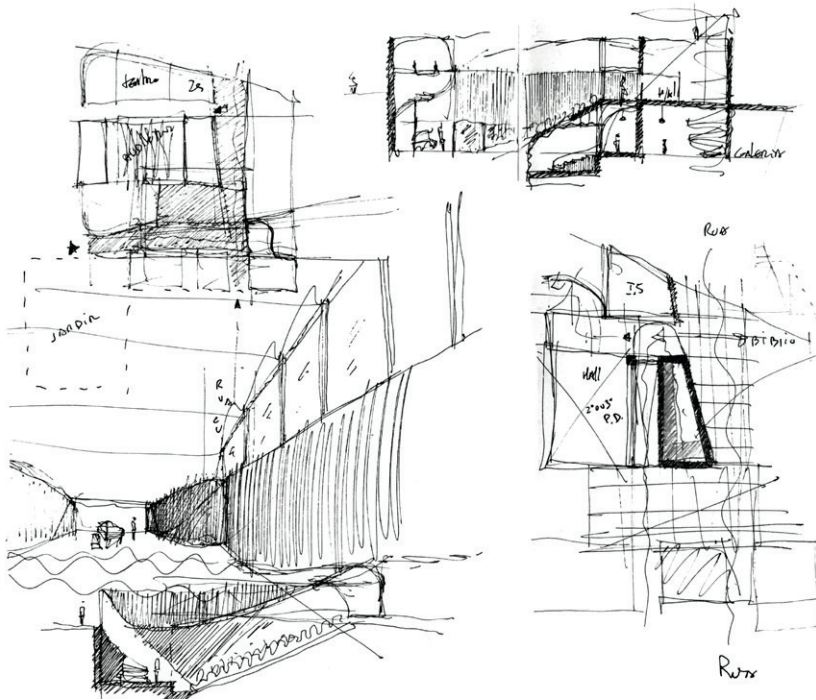


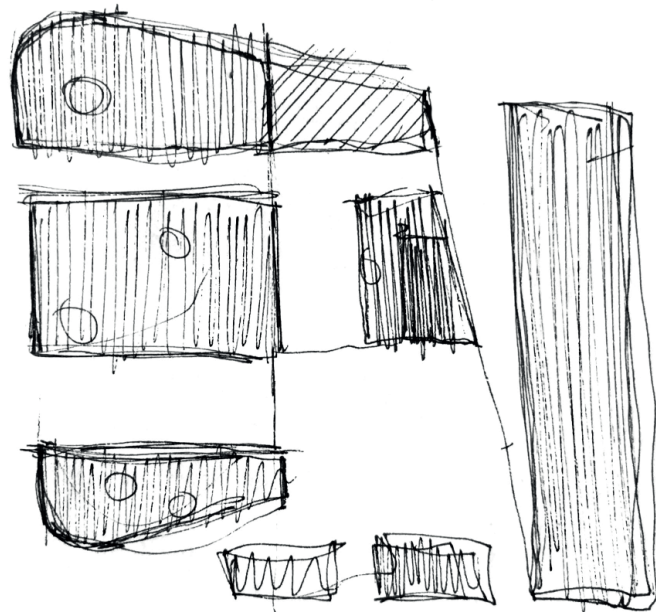
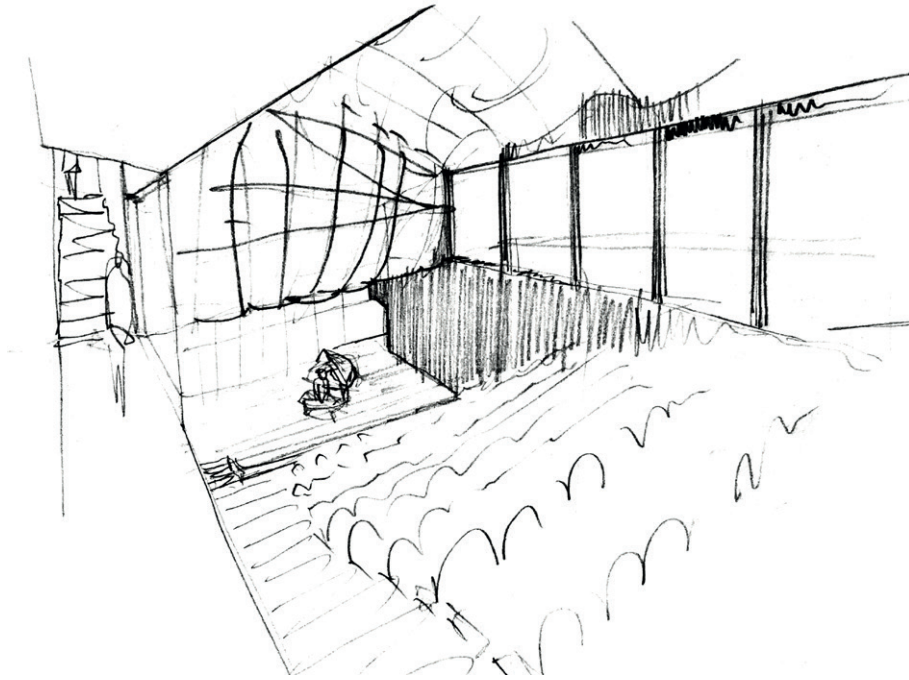


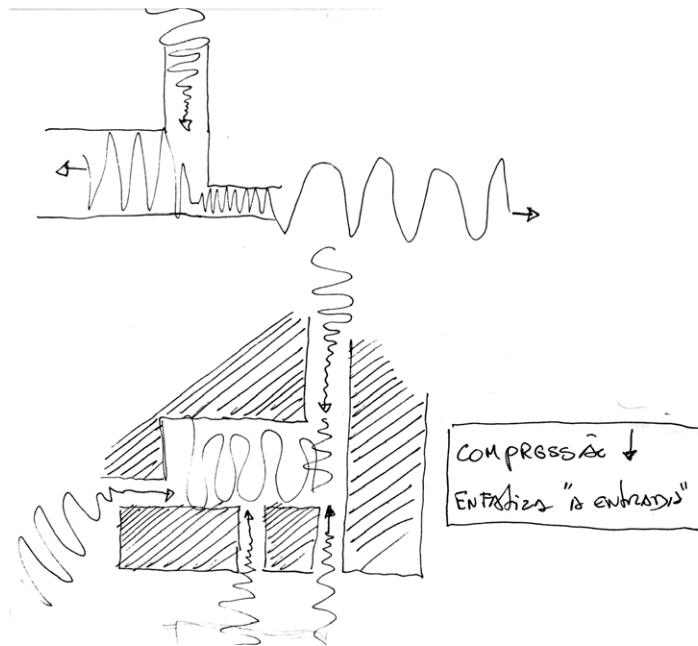
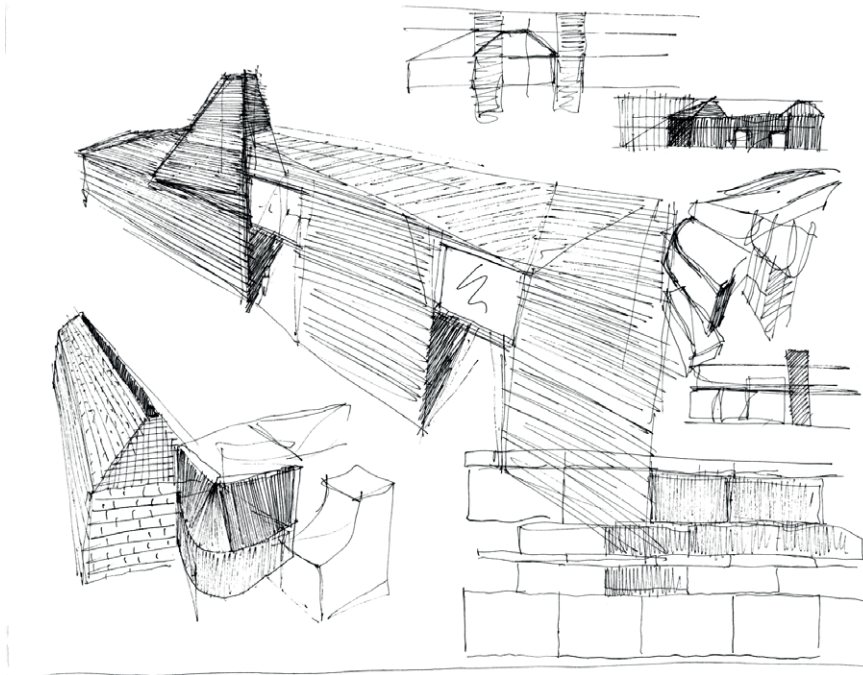


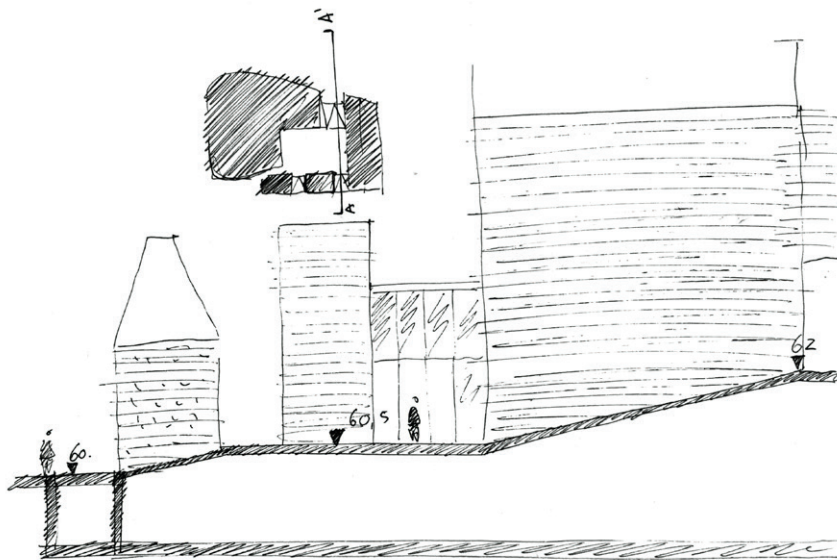


295

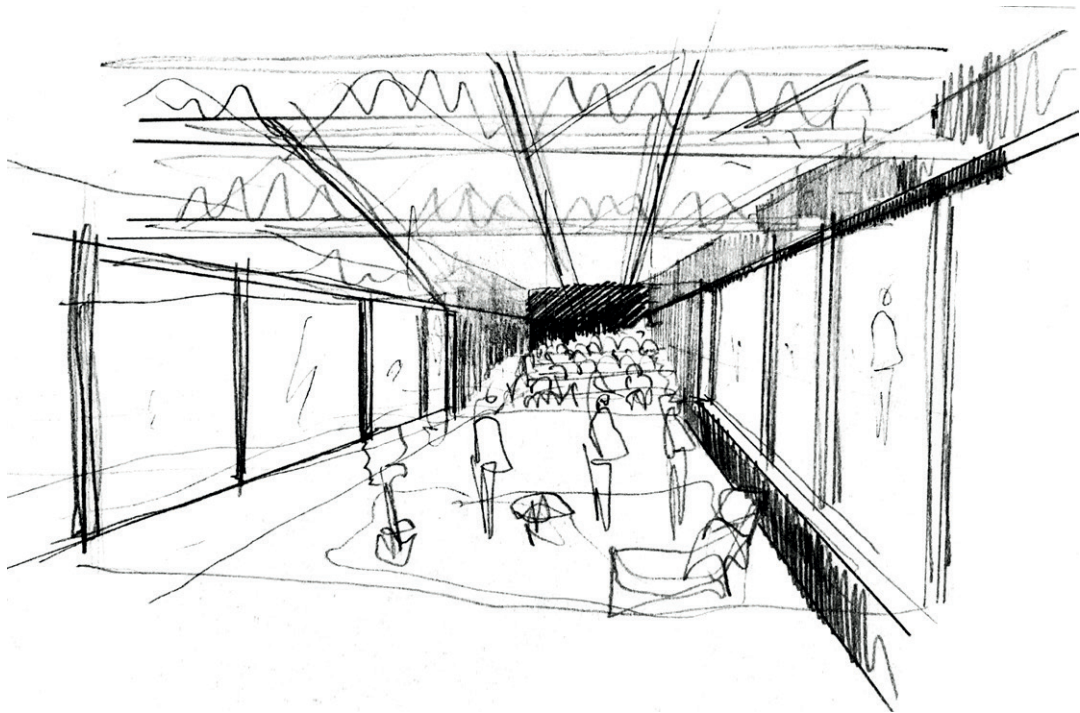


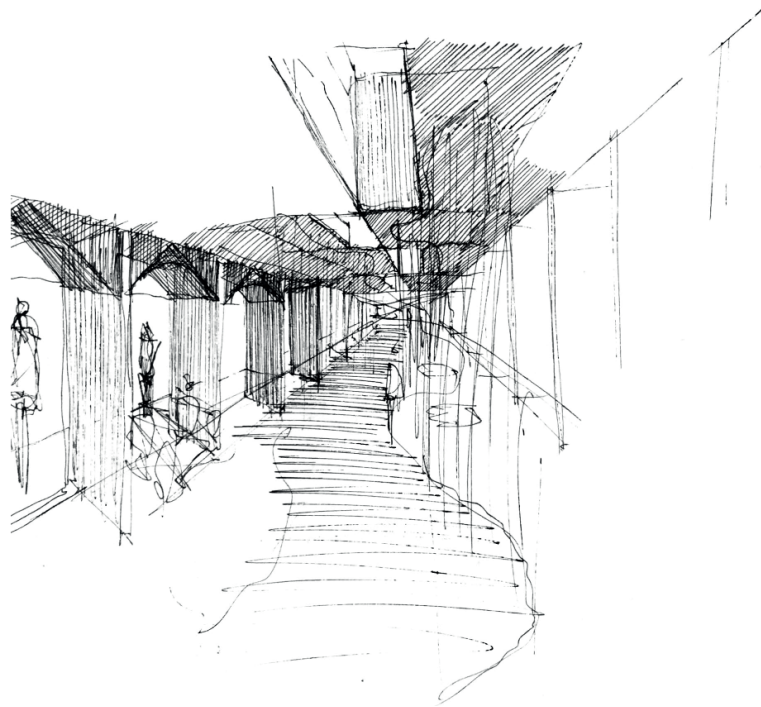
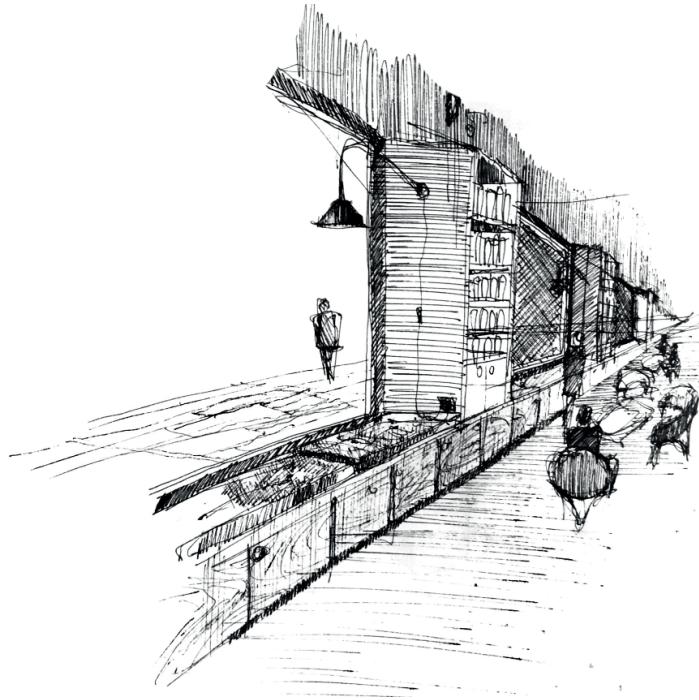


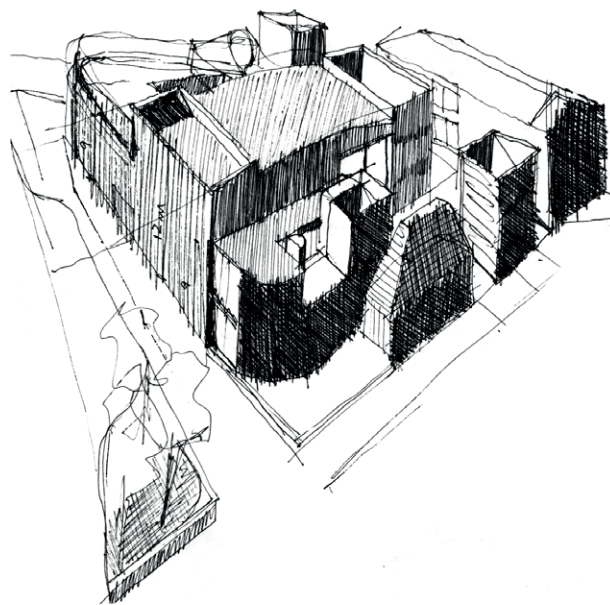
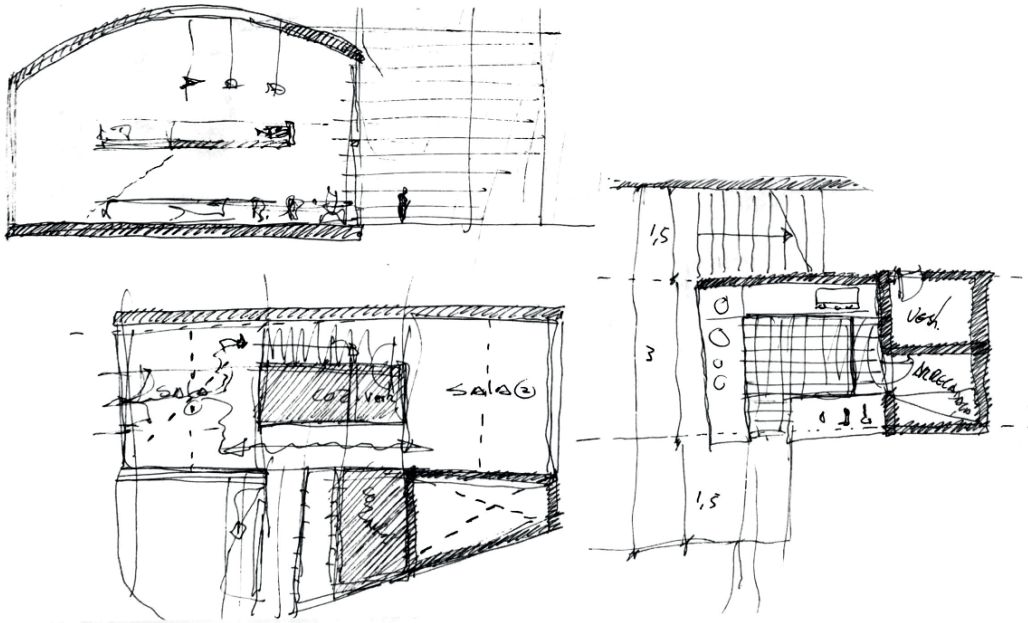




A - A'









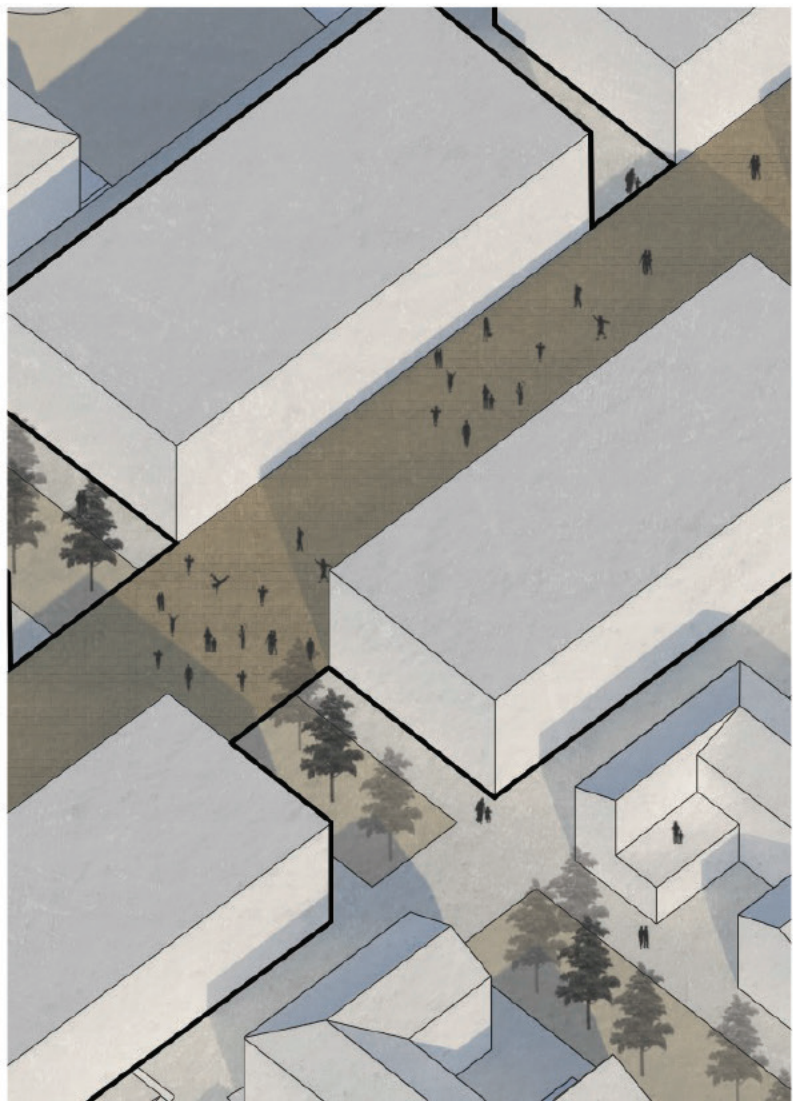
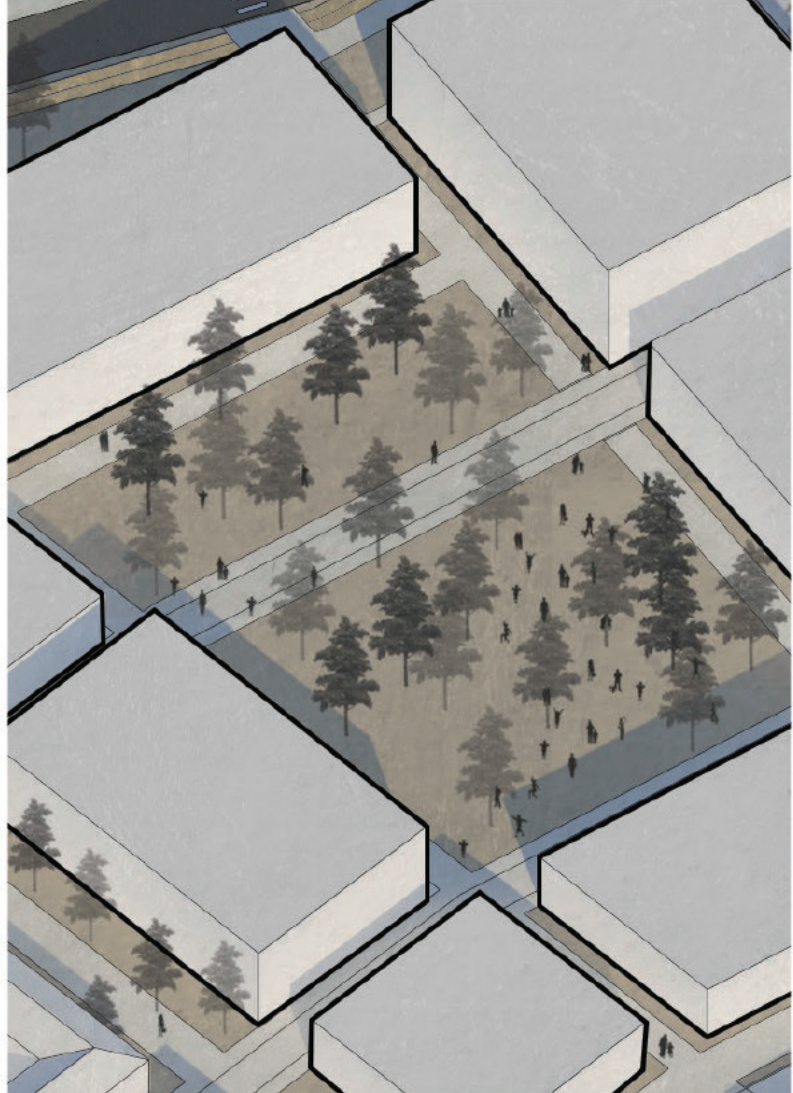


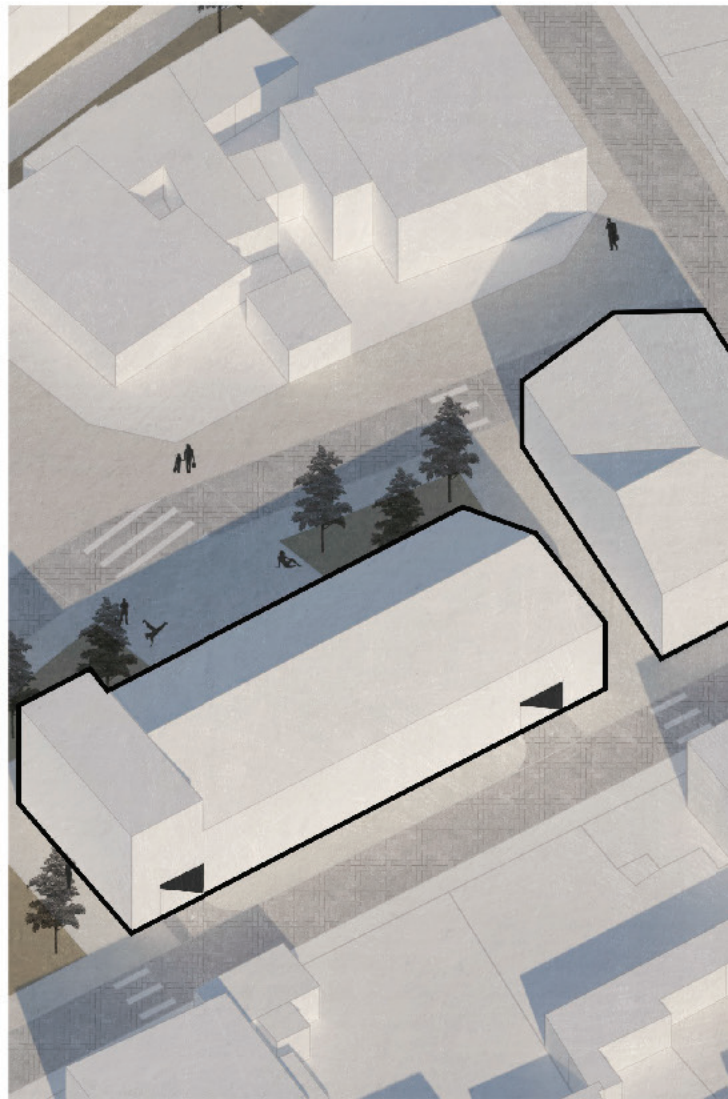
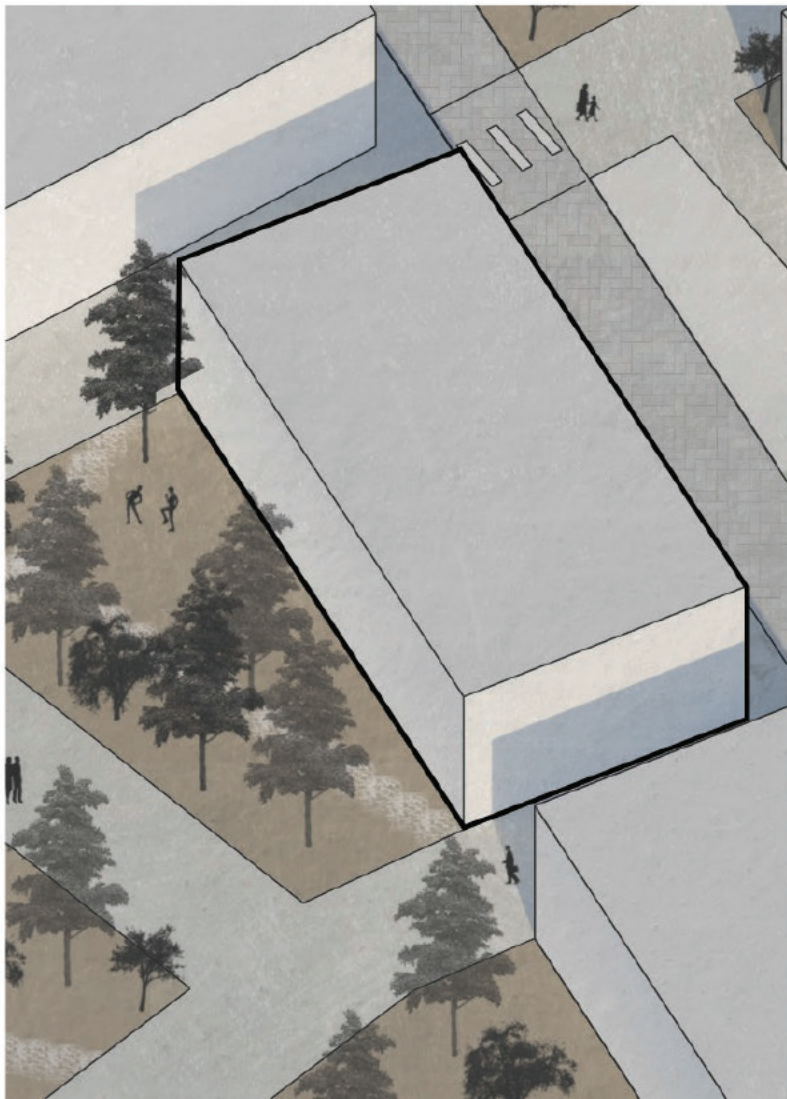
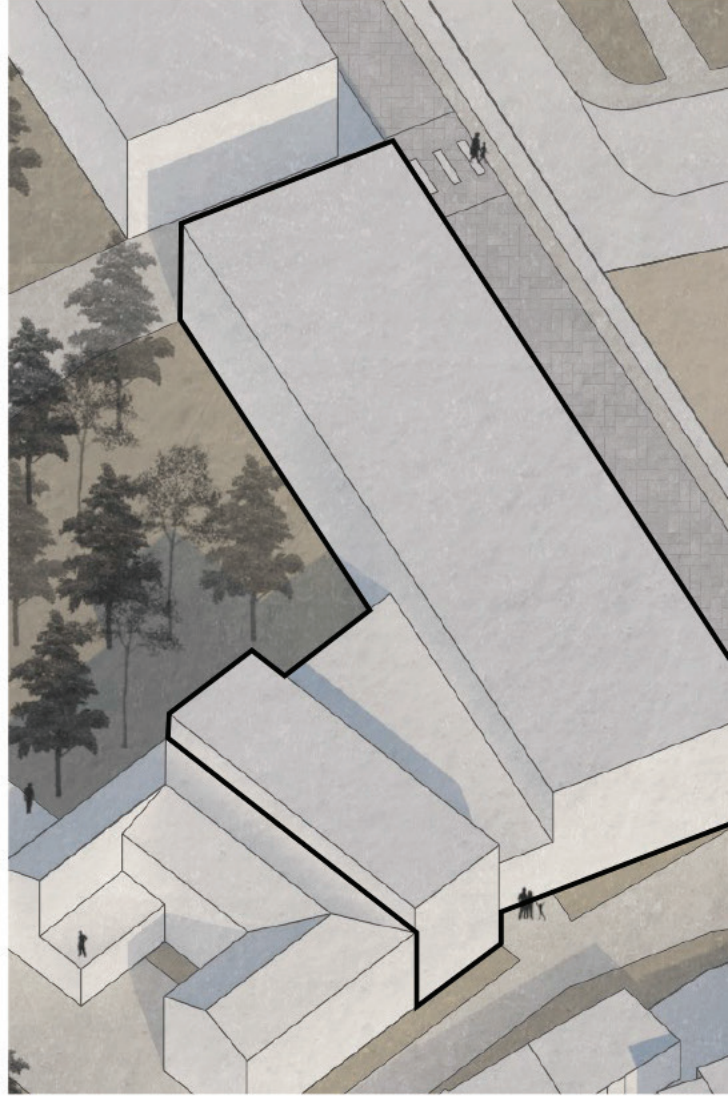
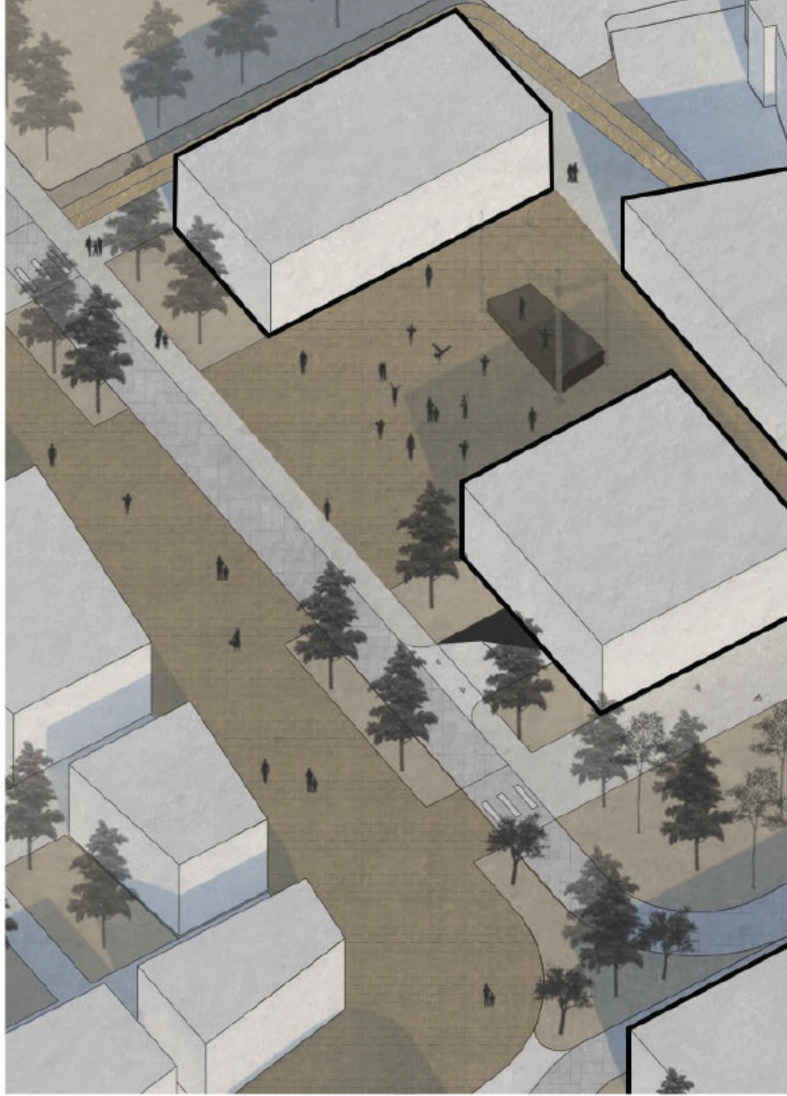
ÍNDICE DE PAINÉIS

- P01** - PLANTA DE LOCALIZAÇÃO + ESTRATÉGIA | ESCALA 1:5000
- P02** - PLANO URBANO | ESCALA 1:500
- P03** - DIAGRAMAS DOS ESPAÇOS COMPOSITIVOS DO PLANO URBANO
- P04** - INSERÇÃO DO PLANO URBANO NO CONTEXTO
- P05** - PLANTA PISO -1 | ESCALA 1:200
- P06** - PLANTA PISO TÉRREO | ESCALA 1:200
- P07** - PLANTA PISO 1 | ESCALA 1:200
- P08** - PLANTA PISO 2 | ESCALA 1:200
- P09** - PLANTA DE COBERTURA | ESCALA 1:200
- P10** - IMAGEM ILUSTRATIVA DO INTERIOR DO AUDITÓRIO
- P11** - AXONOMETRIA EXPLODIDA | ESCALA 1:200
- P12** - ALÇADO FRONTAL + CORTE A - A' | ESCALA 1:200
- P13** - ALÇADO NORDESTE + CORTE B - B' | ESCALA 1:200
- P14** - ALÇADO TARDOZ + ALÇADO SUDOESTE | ESCALA 1:200
- P15** - PORMENORES CONSTRUCTIVOS | ESCALA 1:50
- P16** - PORMENORES CONSTRUCTIVOS | ESCALA 1:20









ZONA DENSE DE HABITAÇÃO

CASA CULTURAL

RUA CULTURAL*





ZONA DE NEGÓCIOS

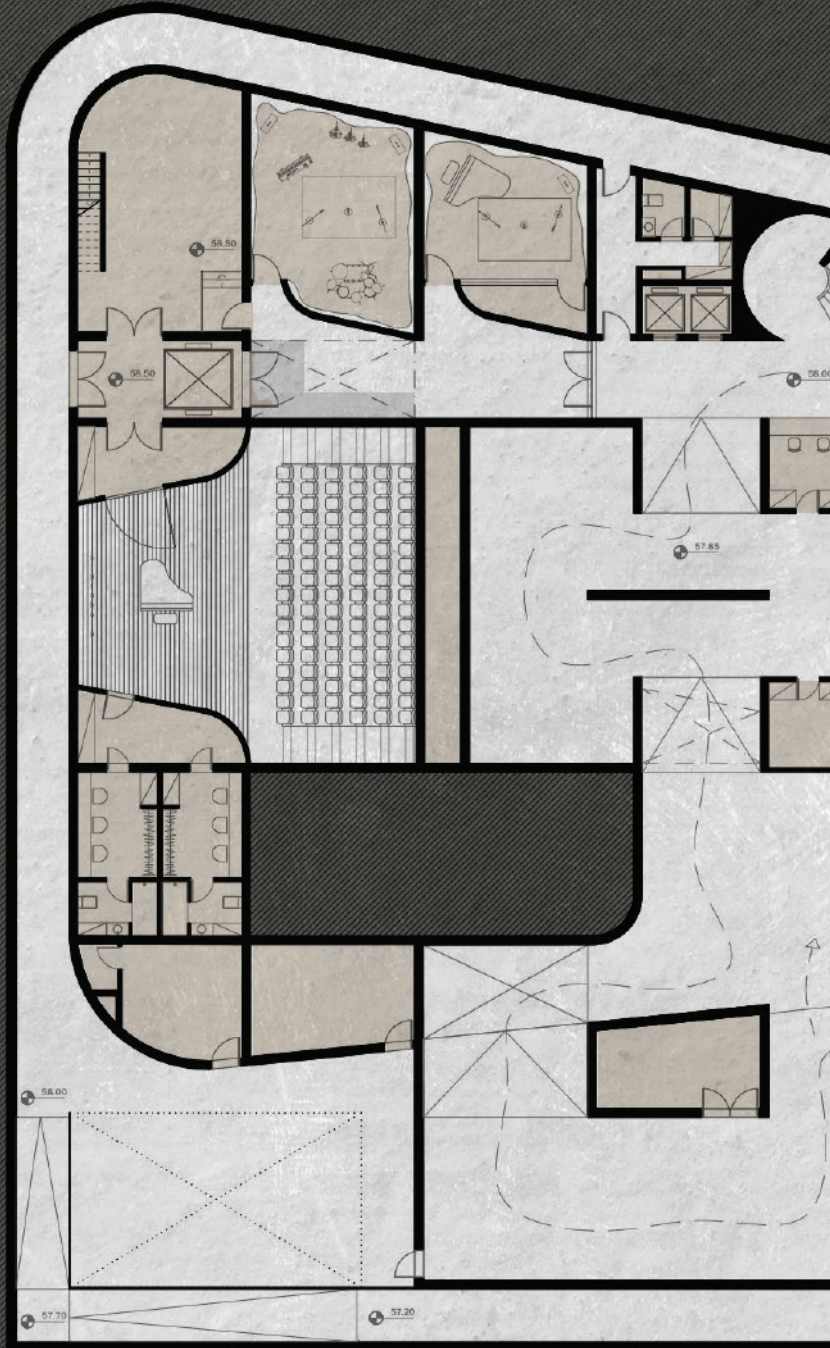
RUA COMERCIAL

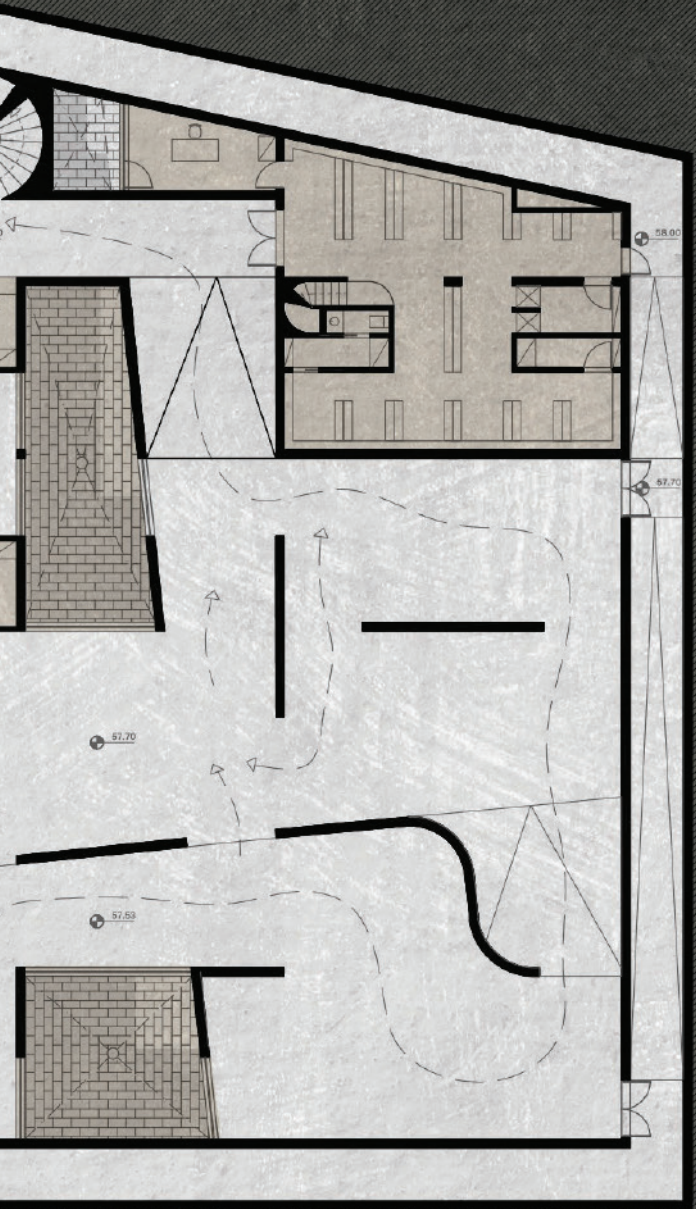
CENTRO DE DIA

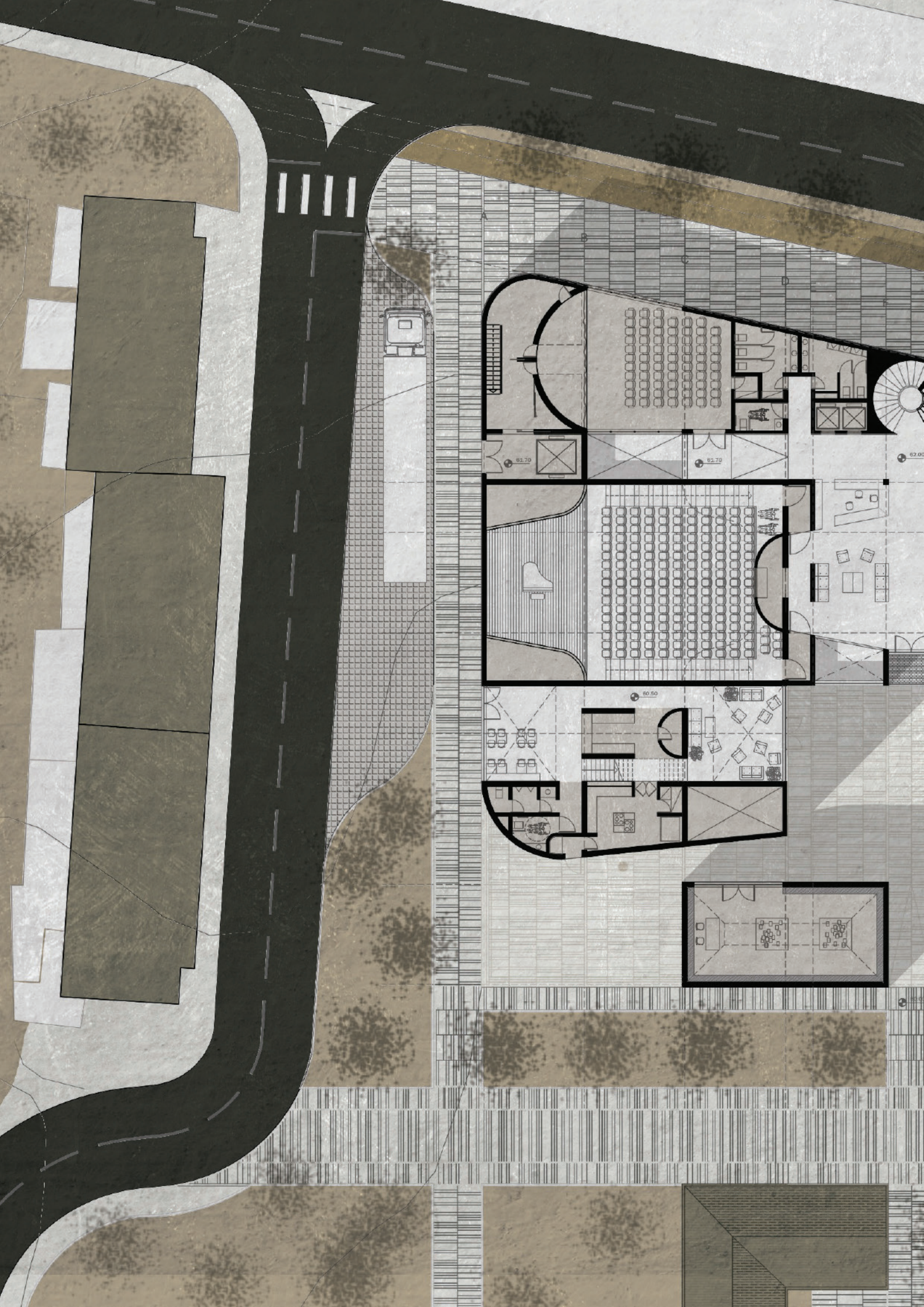
NOVA ESCOLA

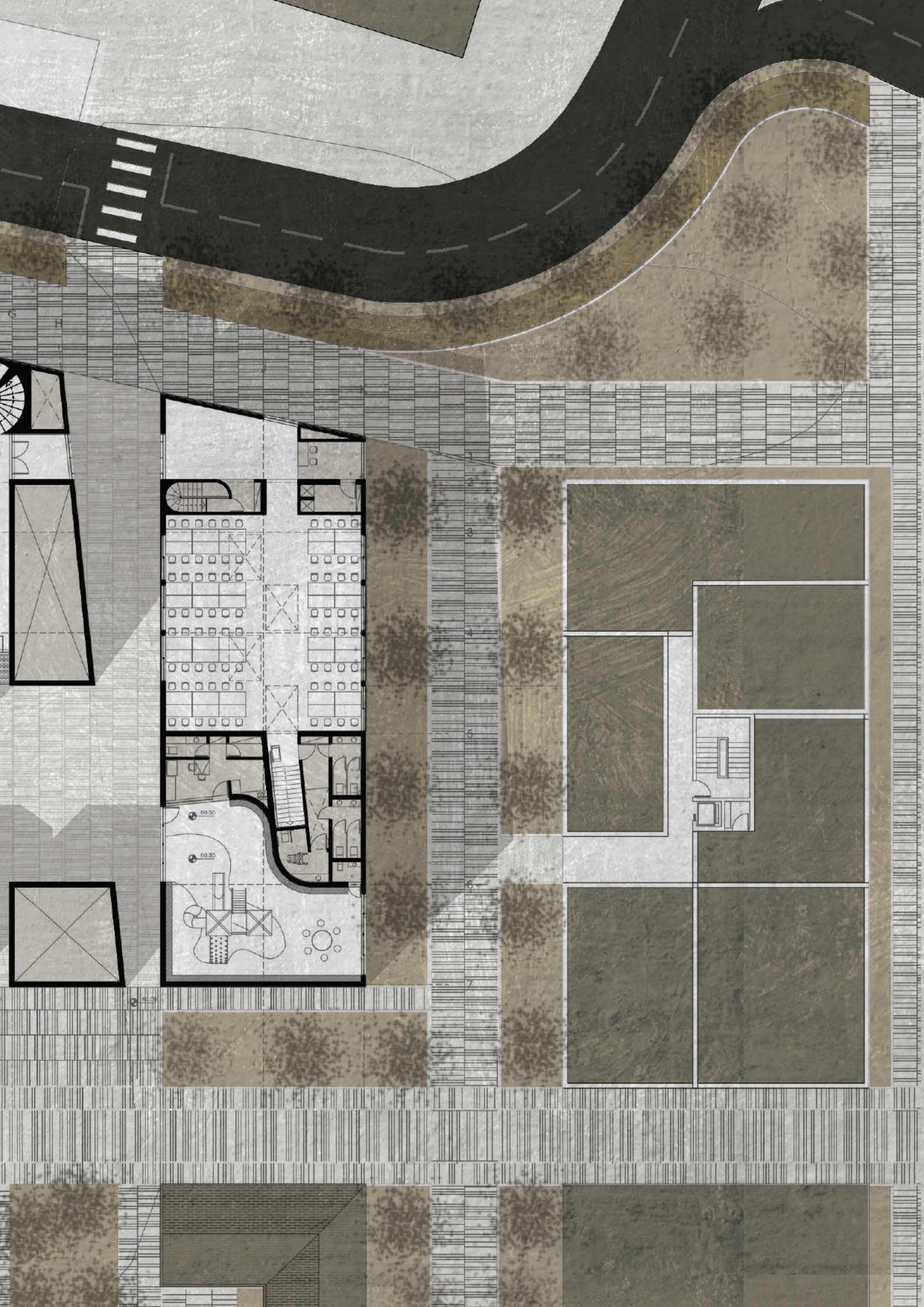
RUA CULTURAL*

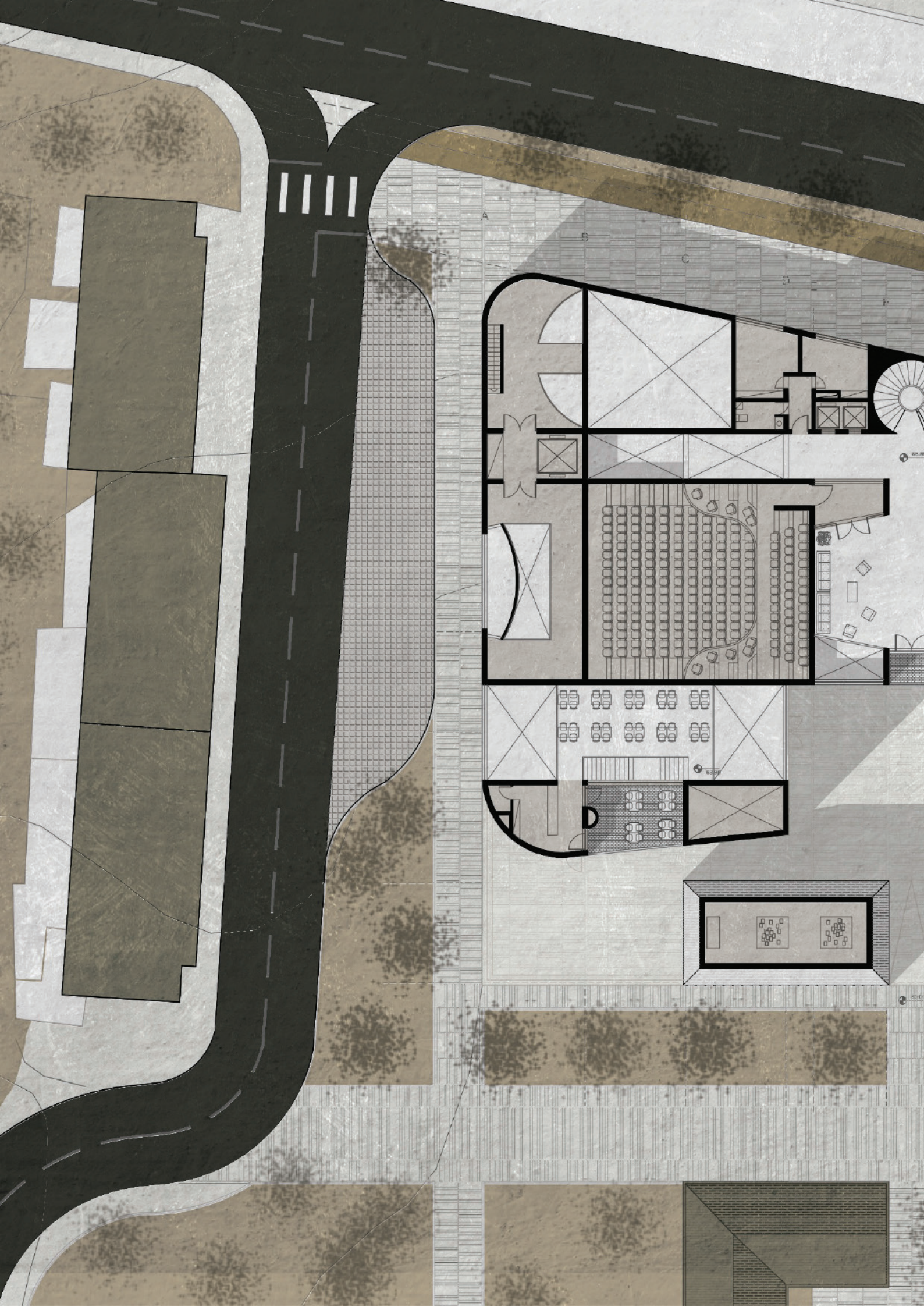
EQUIPAMENTO POLIVALENTE



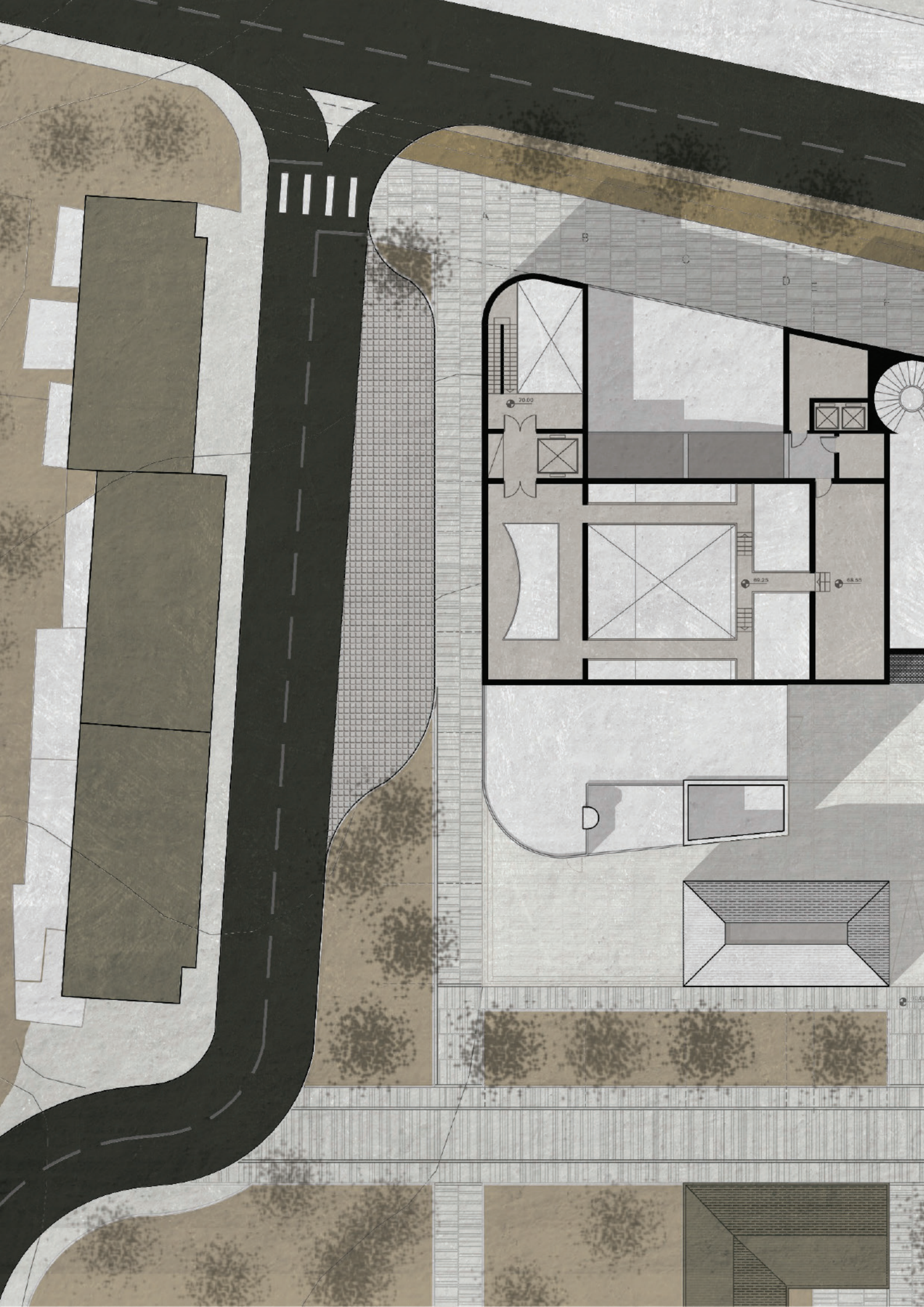


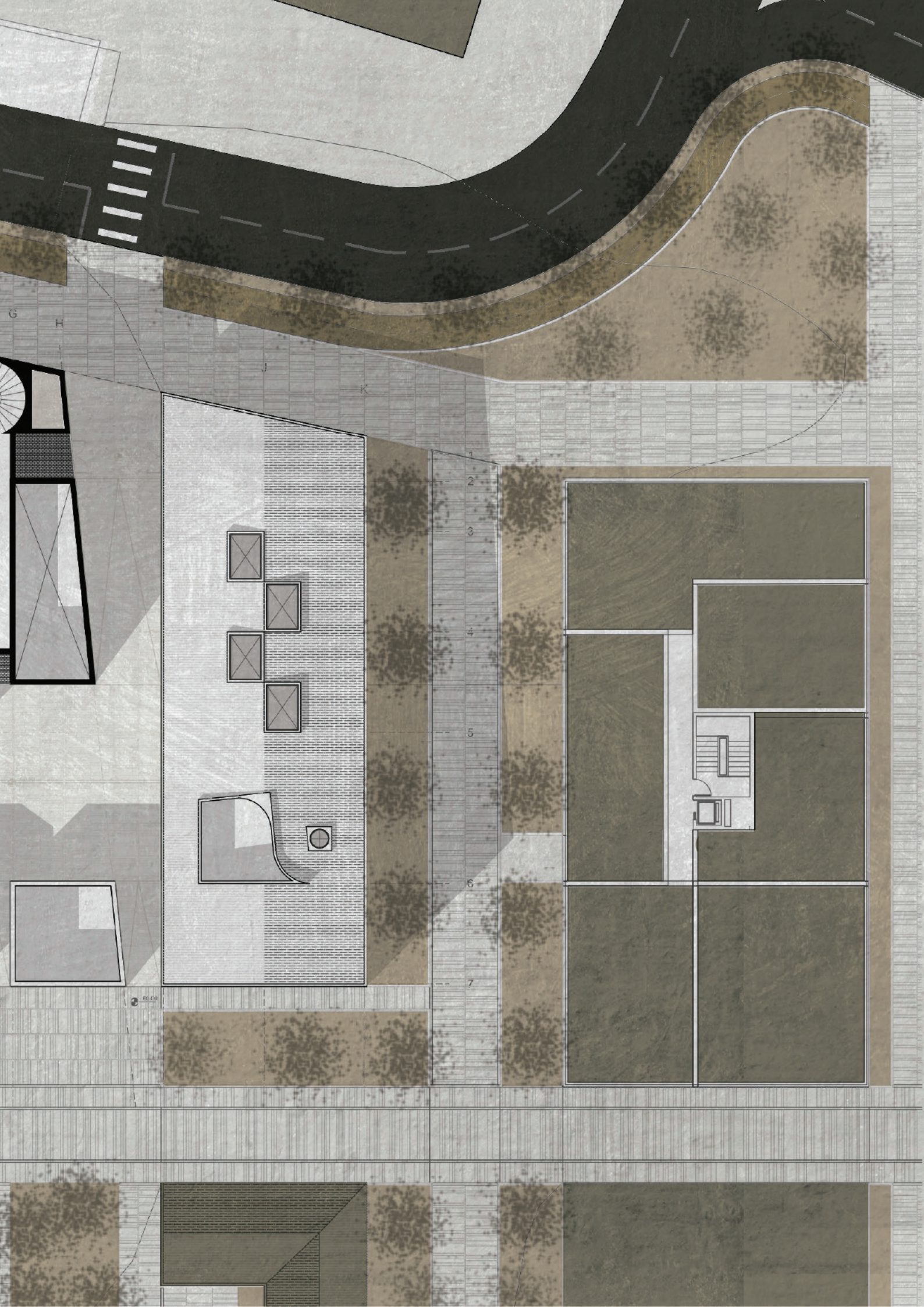


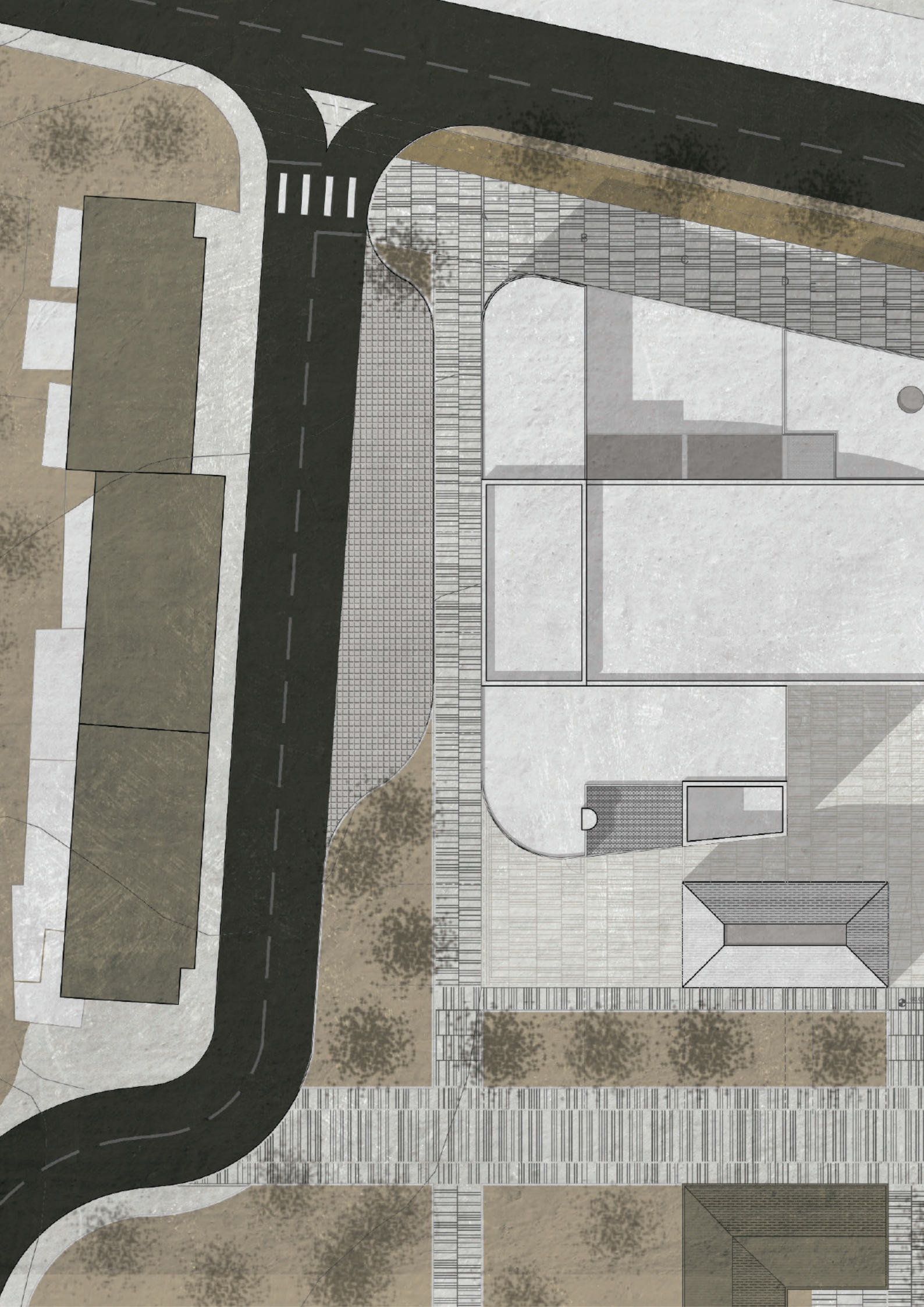










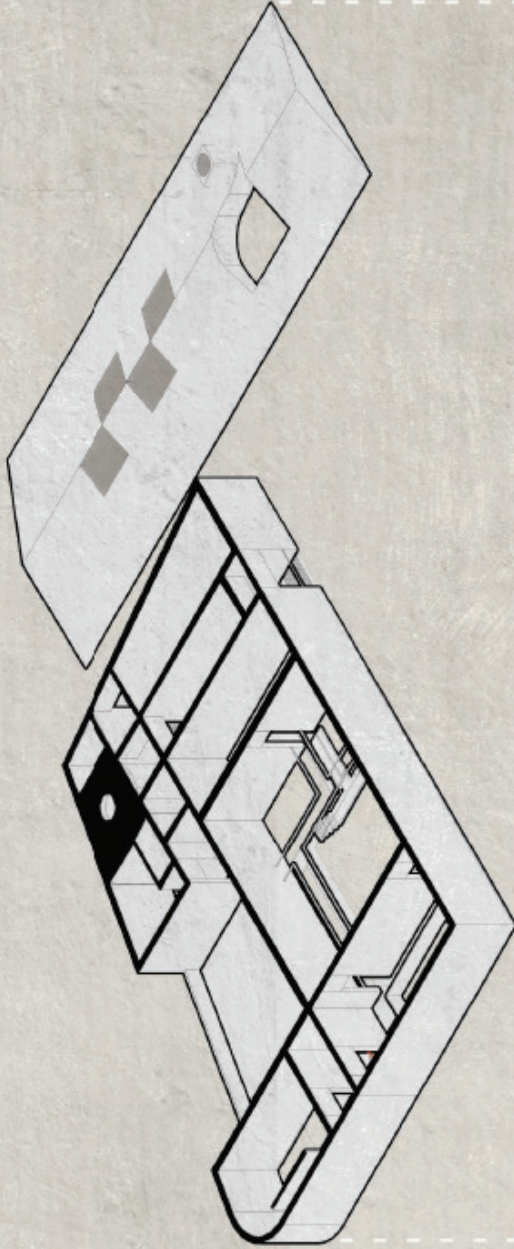




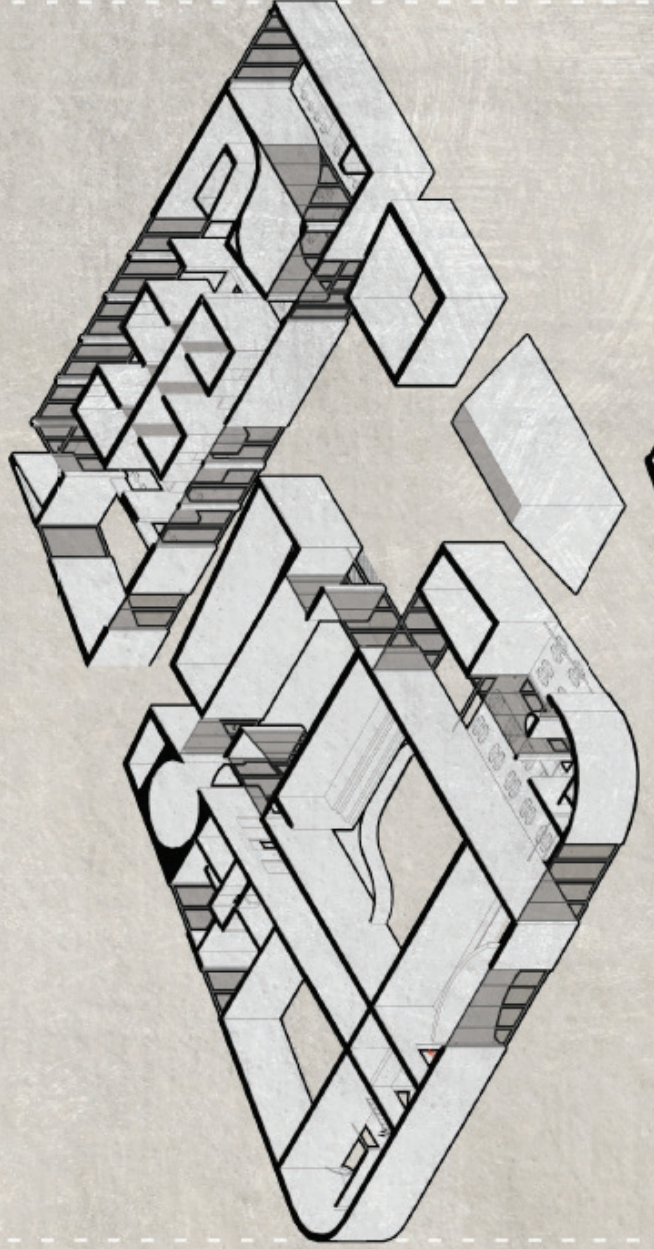


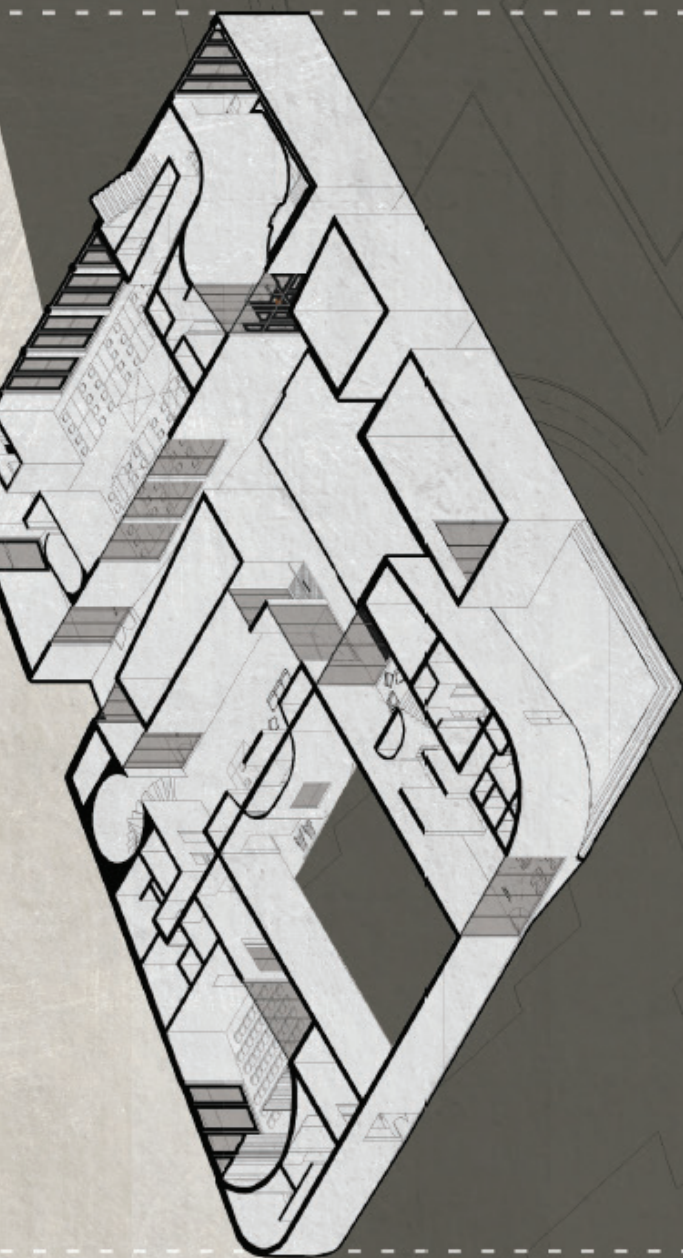


PISO 2
16 - ZONA TÉCNICAS*

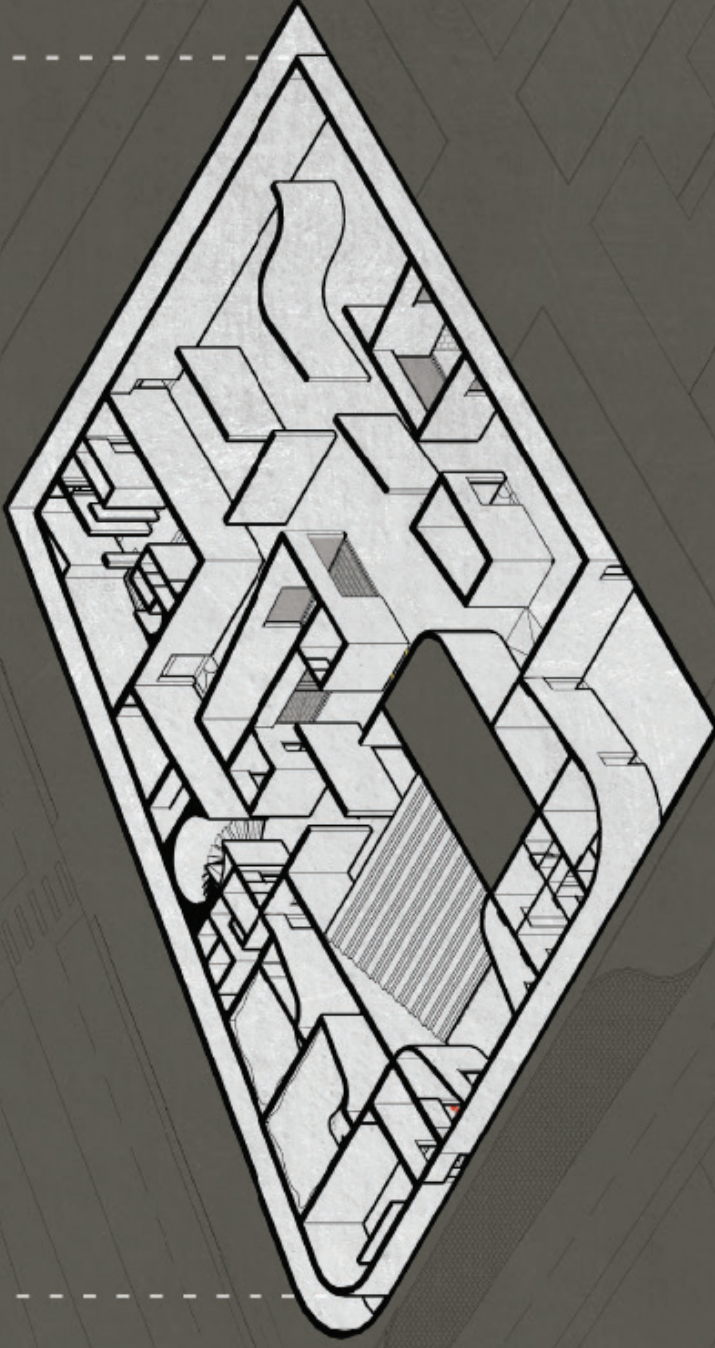


PISO 1
12 - BIBLIOTECA *
13 - ZONA ADMINISTRATIVA*
14 - AUDITORIO (2a planta)
15 - CAFETERIA
341 m²
102,5 m²

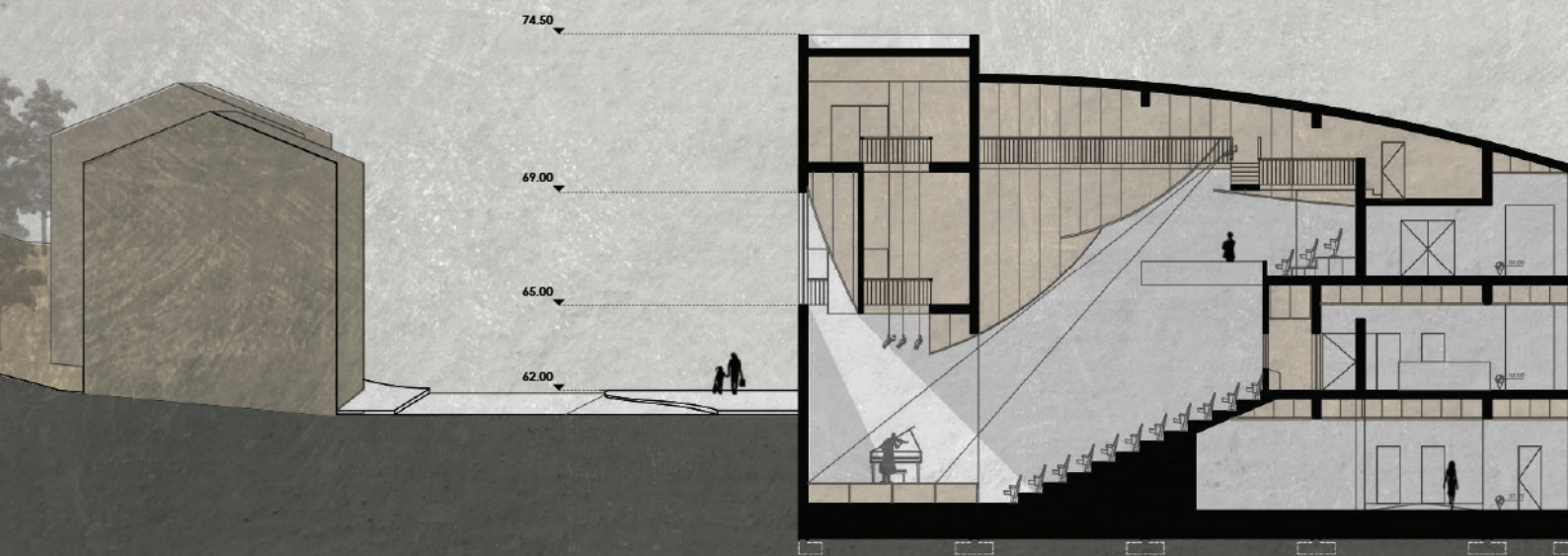
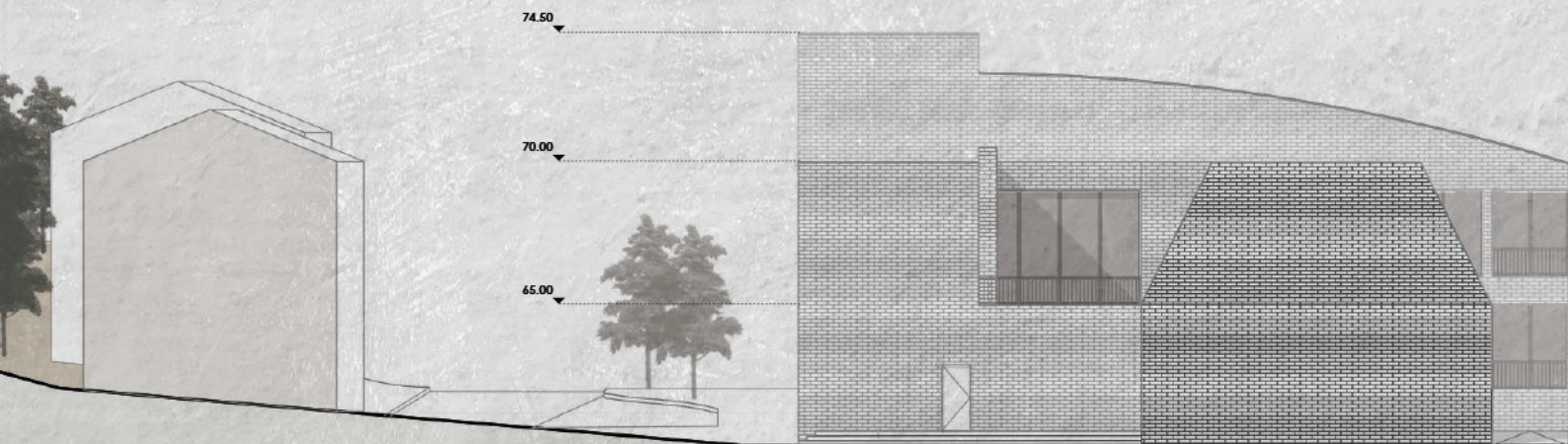


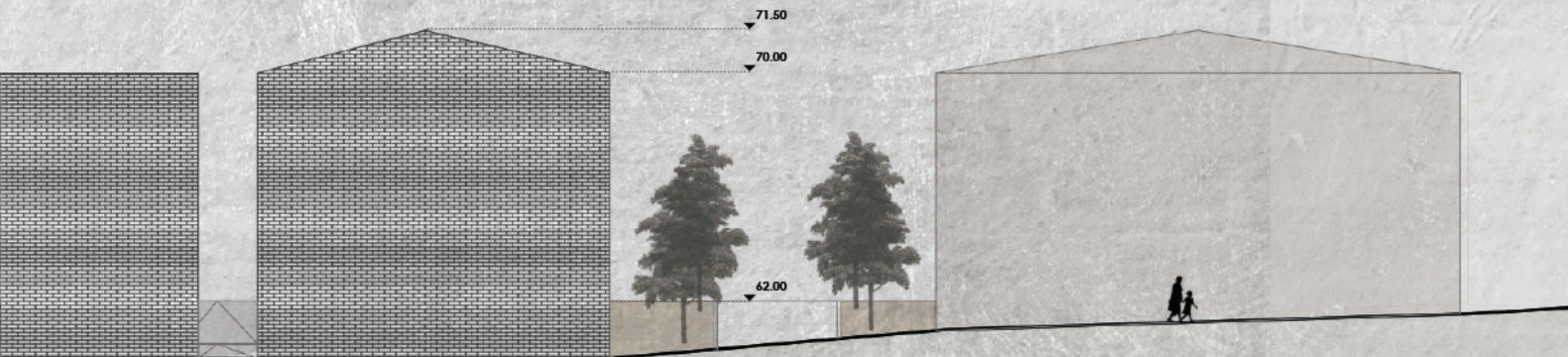


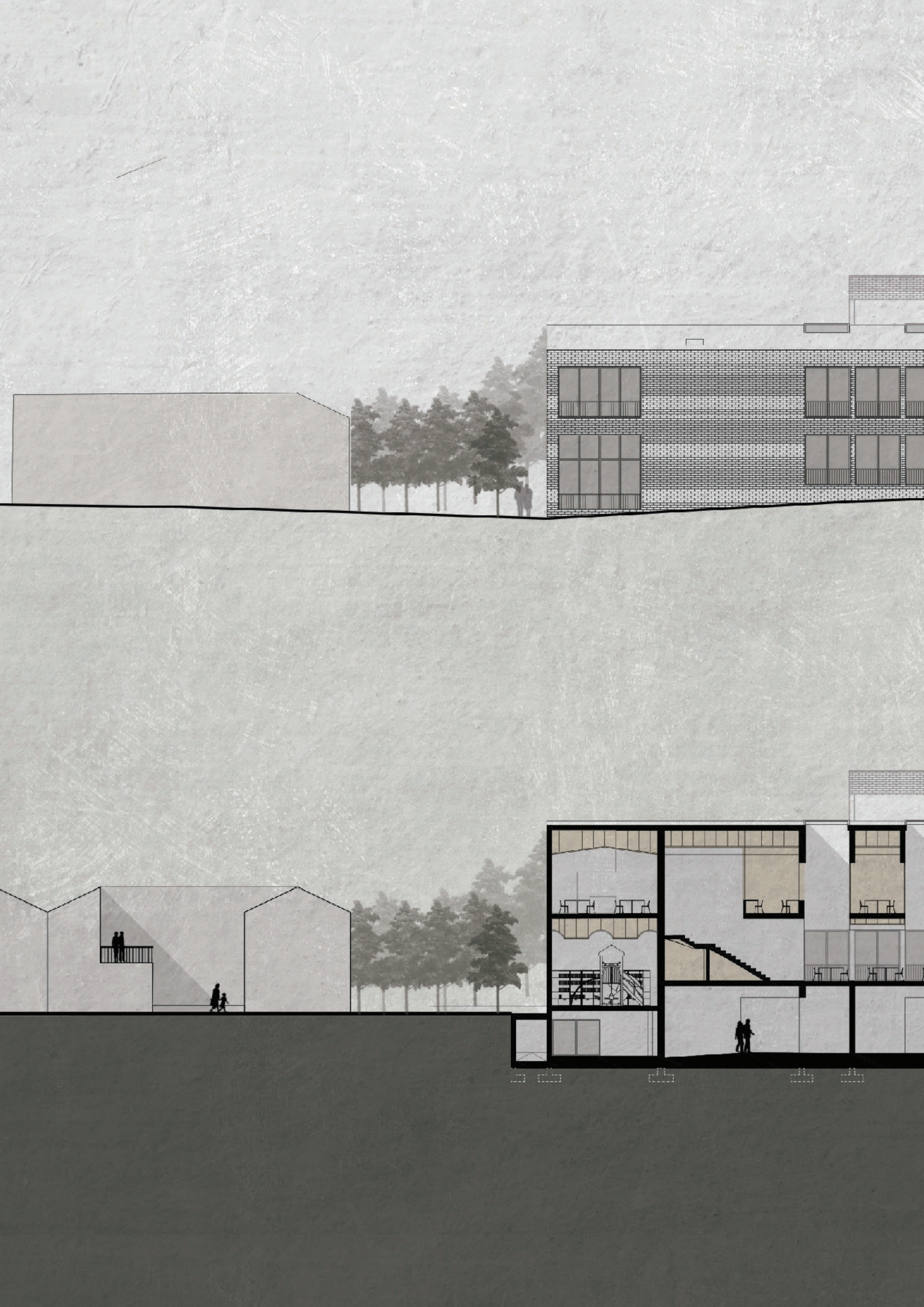
- PISO TÉRMO**
- 6 - BIBLIOTECA * 285 m²
 - 7 - ESPAÇO CRIANÇA 136 m²
 - 7 - LIVRARIA 77,5 m²
 - 8 - CAFETARIA 154,5 m²
 - 9 - ESPAÇO POLIVALENTE 90,4 m²
 - 10 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 42 m²
 - 11 - AUDITÓRIO * 42 m²

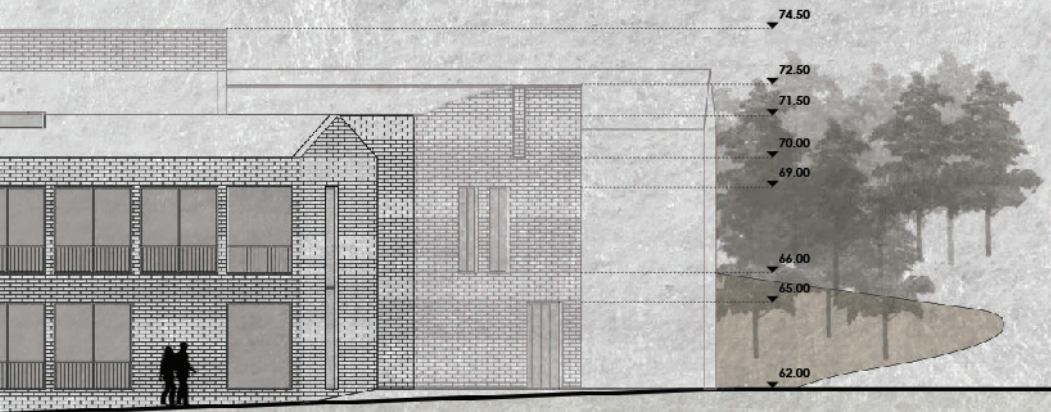


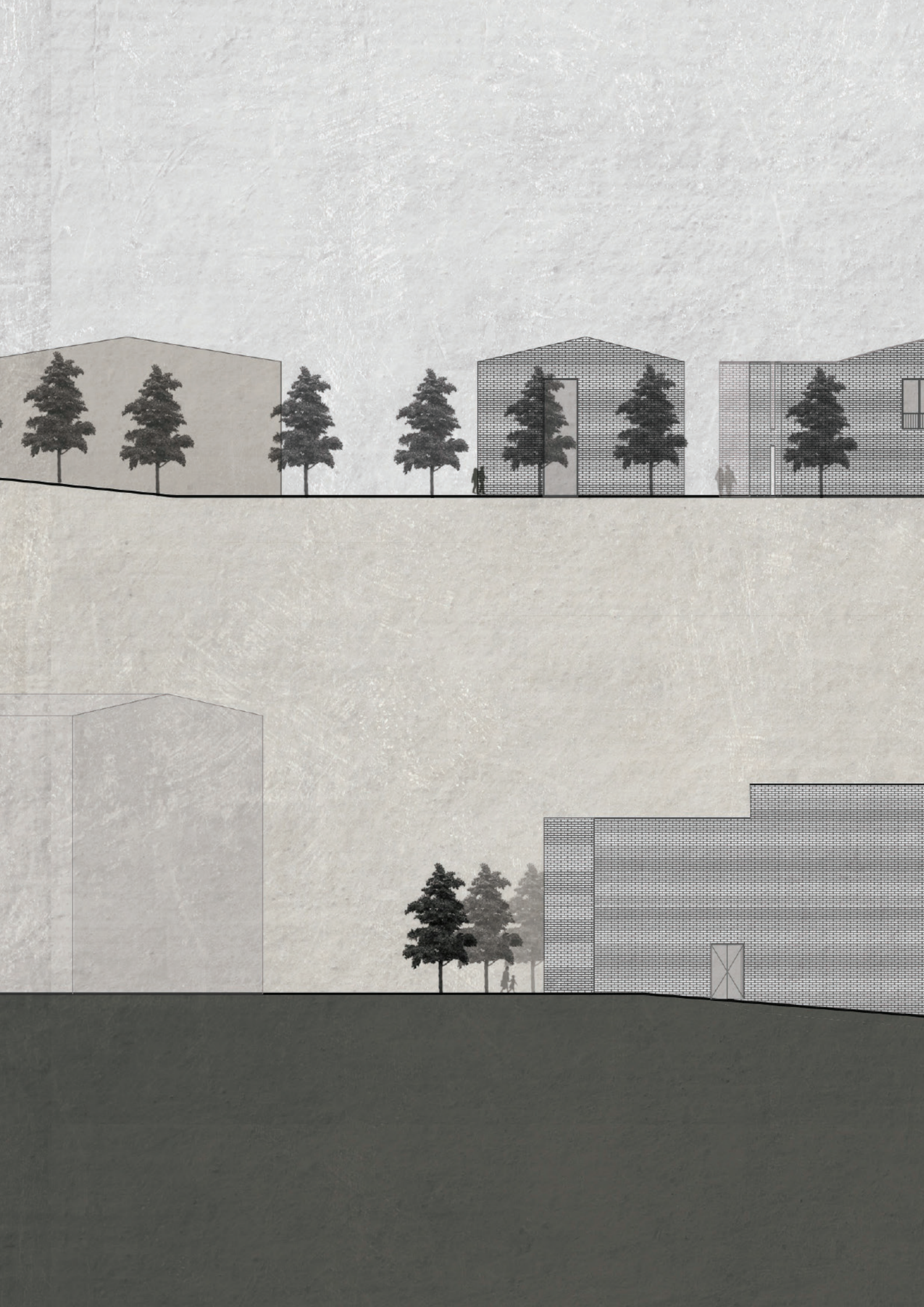
- PISO -1**
- 1 - ESPAÇO EXPOSITIVO 917 m²
 - 2 - SALAS DE ENSAIO 127 m²
 - 3 - CAMARINS 38 m²
 - 4 - ESPAÇO DE ARQUIVO 125 m²
 - 5 - AUDITÓRIO * (1ª plateia)
- ZONAS COMUNS**
ZONAS TÉCNICAS
ESPAÇO ADMINISTRATIVO
AUDITÓRIO *
- 1015 m²
 - 68 m²
 - 652 m²

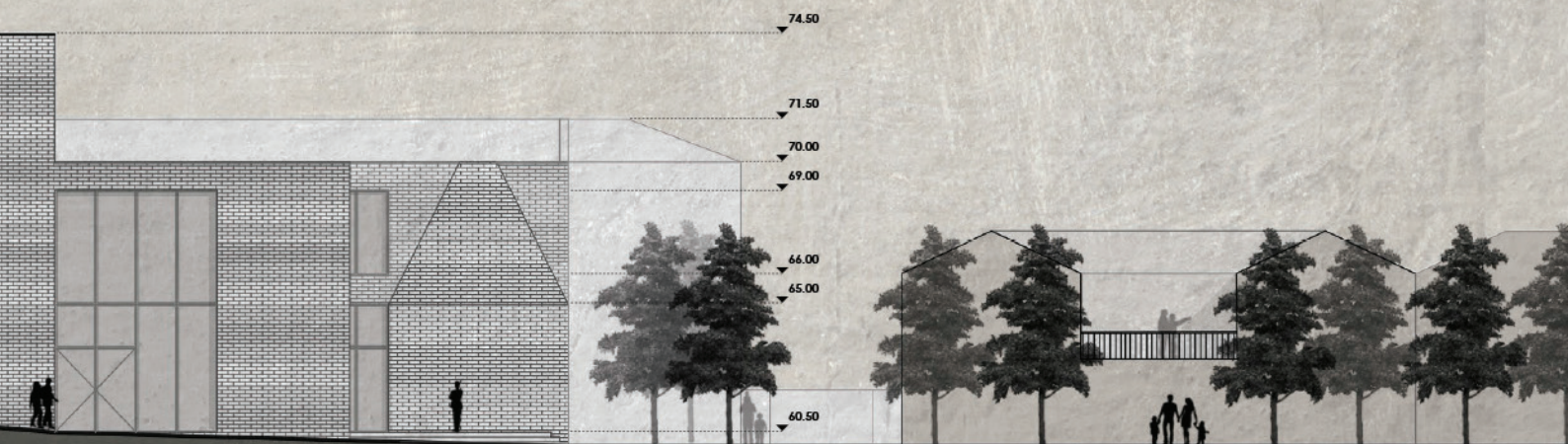
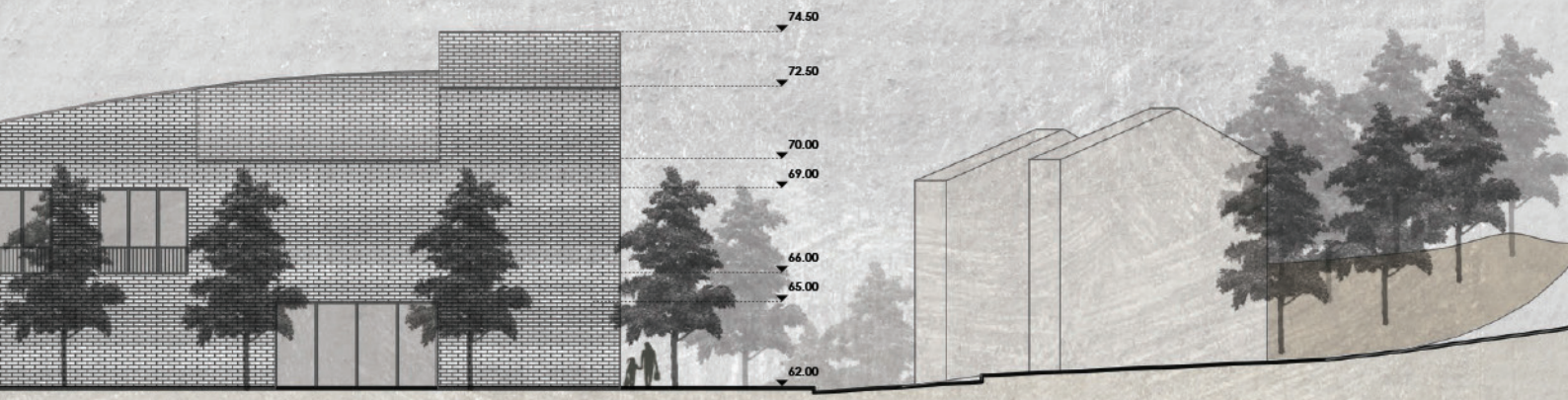


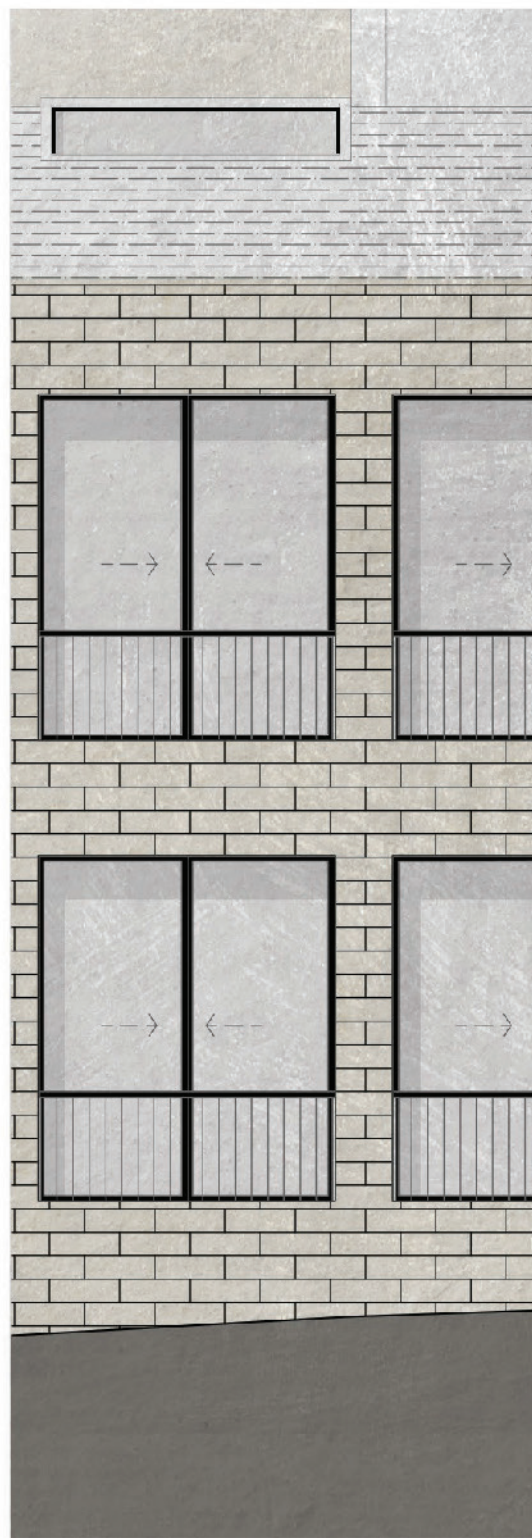
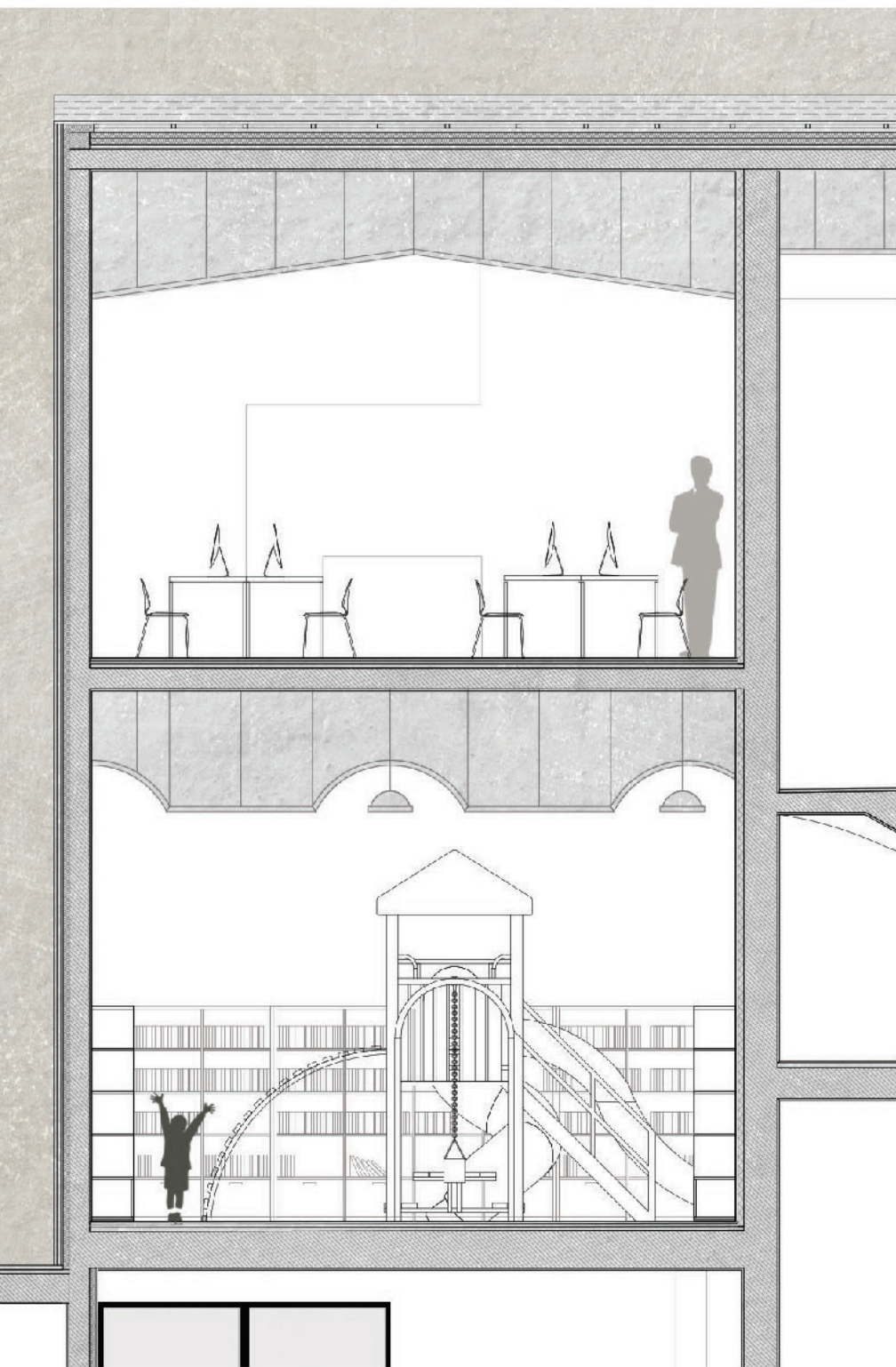
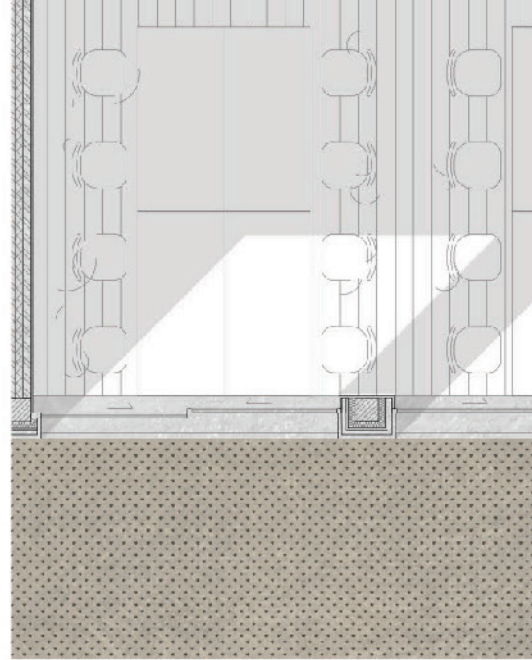
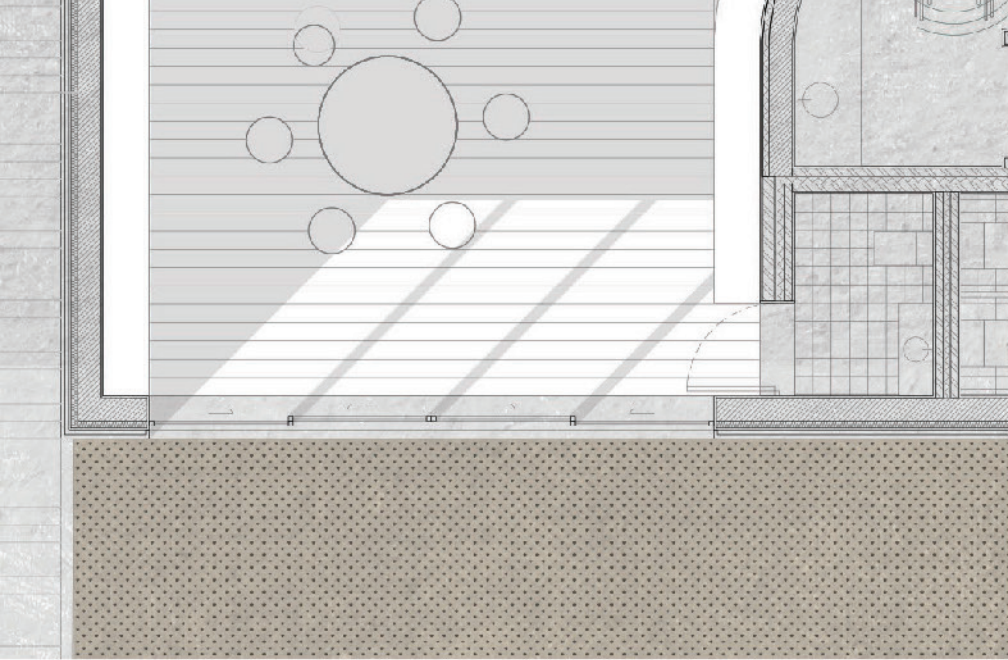


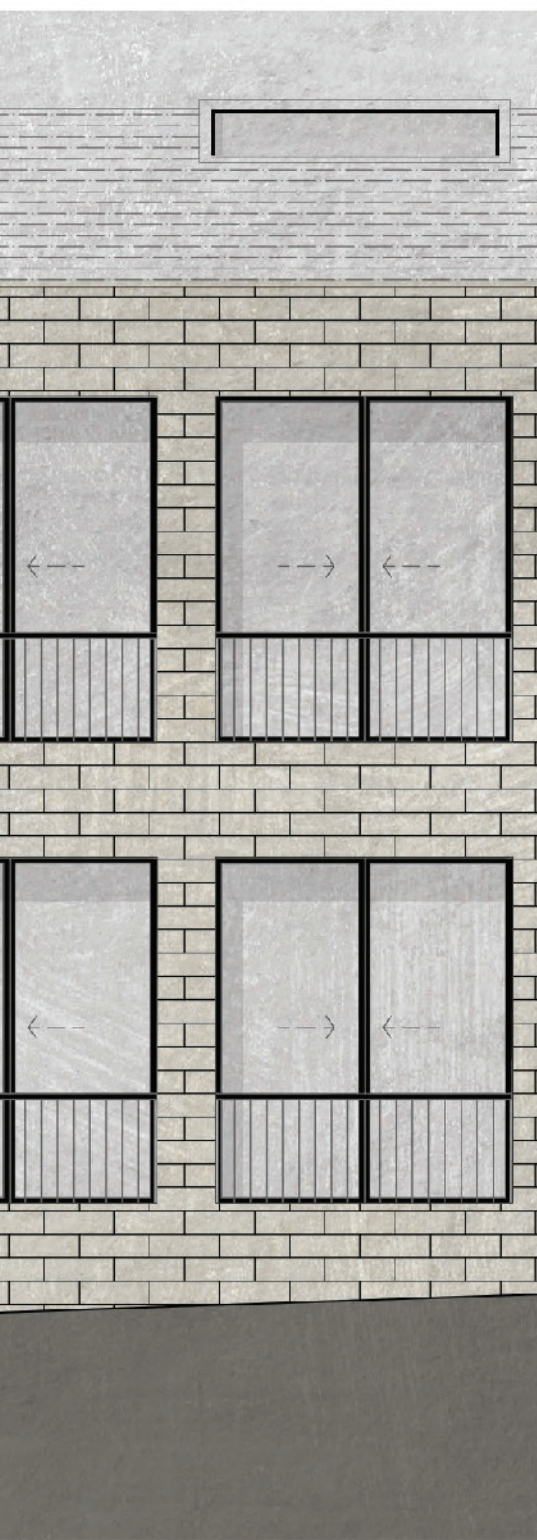
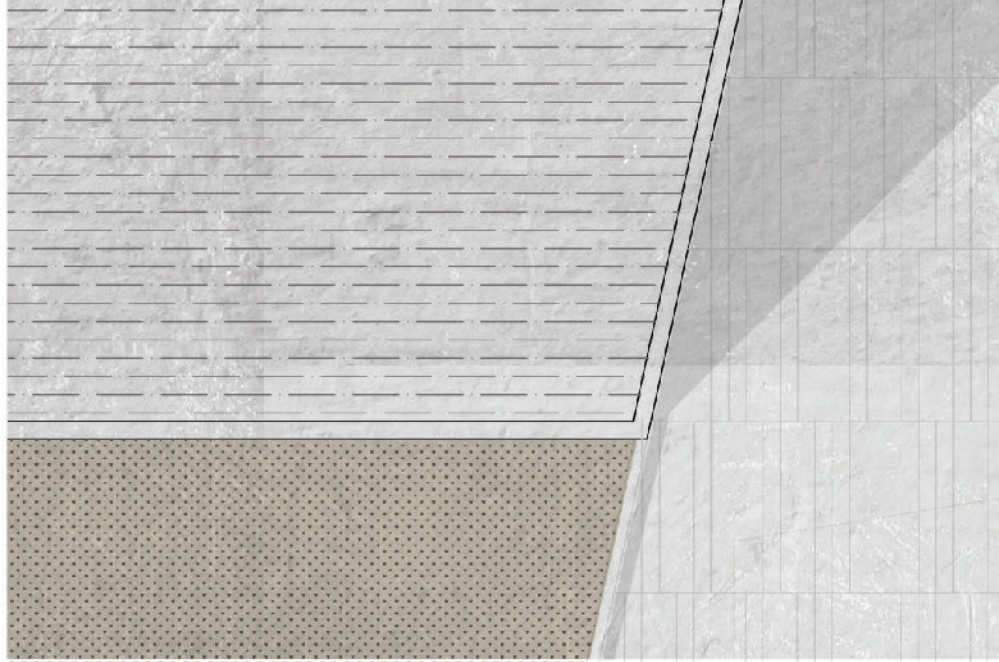
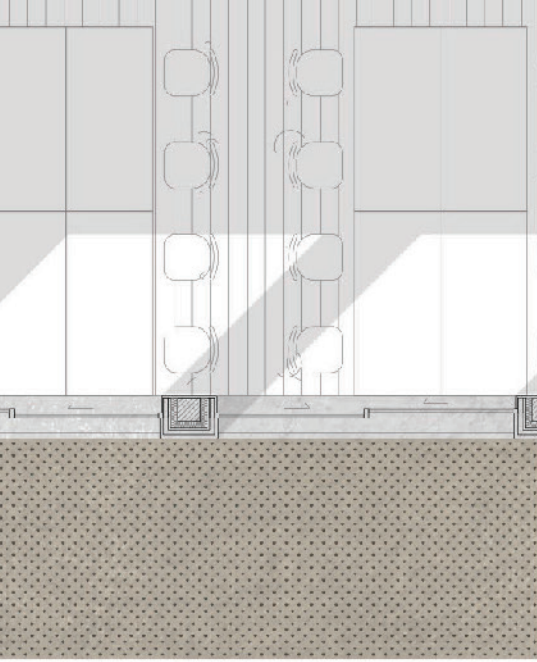


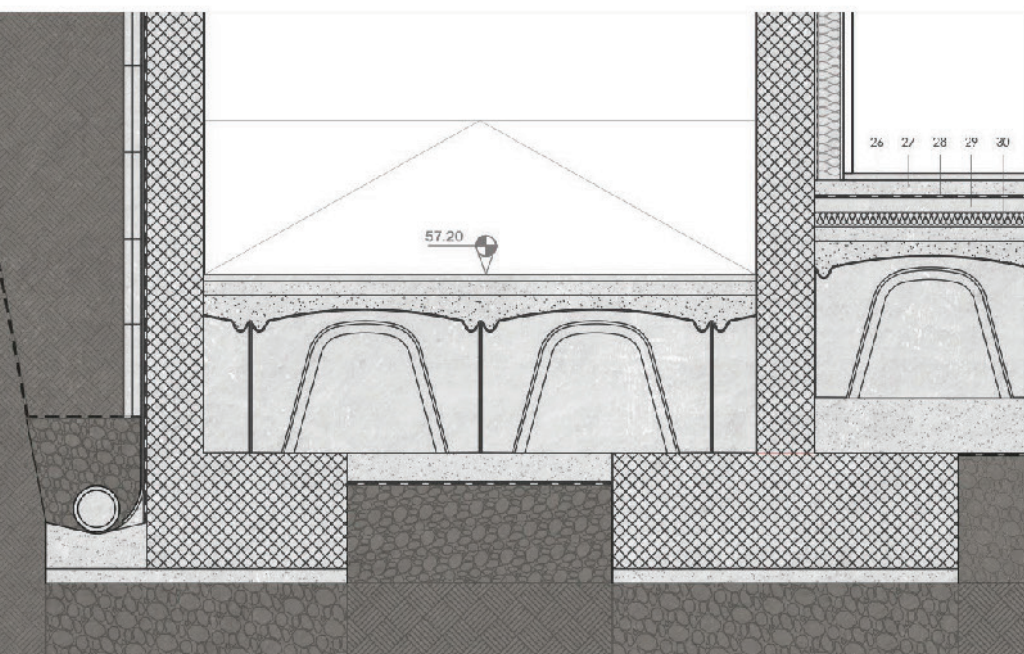
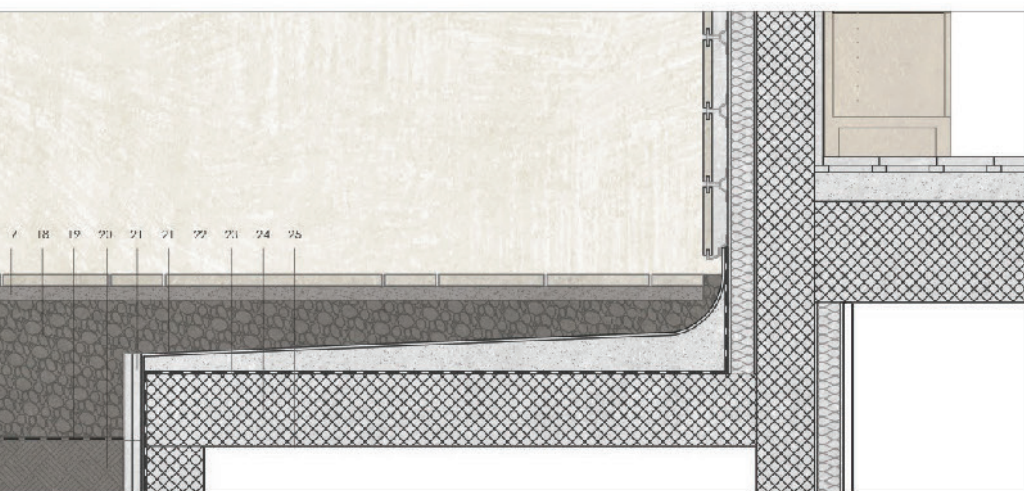
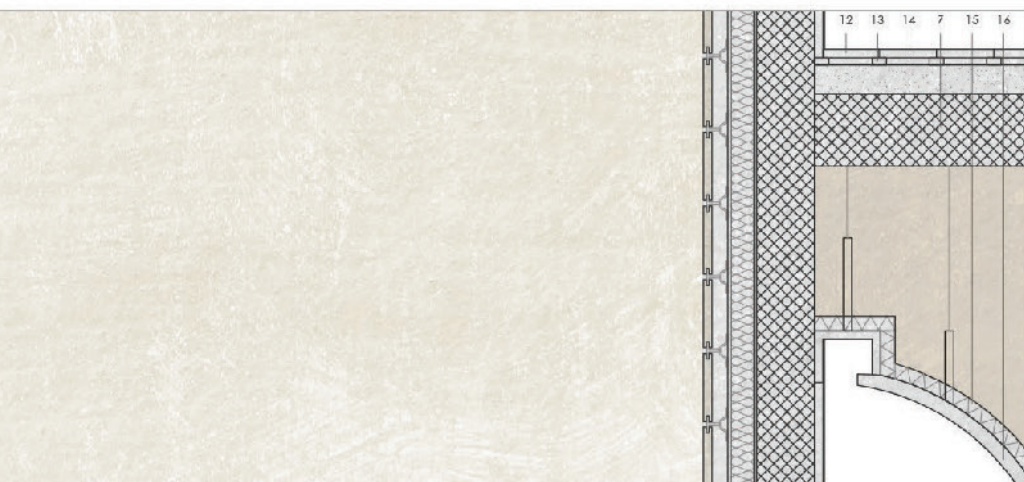
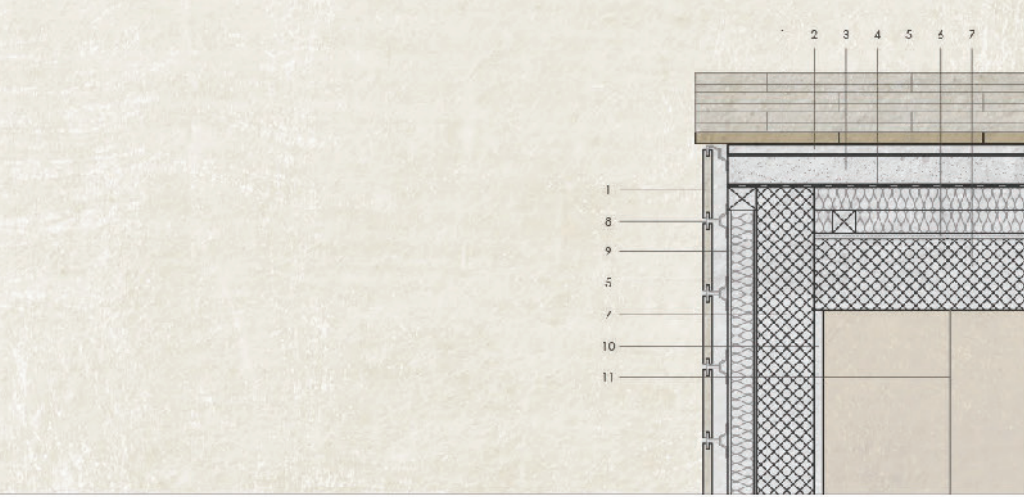












- 1 - Pedra Calcária lisa com acabamento rugado
- 2 - Perfil metálico tubular
- 3 - Laje de betão desactivado 100 mm
- 4 - Tela asfáltica 50 mm
- 5 - Isolamento térmico tipo Rodmat® 2x80 mm
- 6 - Painel ag. armado de partículas de madeira tipo OSB 20 mm
- 7 - Betão desactivado 90 mm
- 8 - Gulos metálicos de fixação mecânica
- 9 - Perfil metálico em I
- 10 - Placa de gesso cartonado tipo Pladur 50 mm
- 11 - Sistema de suporte a tecto falso tipo Pladur
- 12 - Soalho em rigo 20 mm
- 13 - Calço de madeira de apoio à estrutura do soalho
- 14 - Camada de regularização 70 mm
- 15 - Isolamento de 15 de rocha tipo Termolan Roc term PNC 40 mm
- 16 - Placa de gesso cartonado tipo Gyptor standard BA13 40 mm
- 17 - Areia
- 18 - Brita média compactada
- 19 - Camada Geotêxtil
- 20 - Terra vegetal
- 21 - Lâmina drenante
- 22 - Camada de regularização com 2% de inclinação
- 23 - Impermeabilização com duas membranas de polyester 1 mm
- 24 - Betão armado 250 mm
- 25 - Camada de tinta impermeabilizante



- 26 - Camada de resina époxi
- 27 - Camada de regularização 50 mm
- 28 - Camada de impermeabilização
- 29 - Camada de regularização 50 mm
- 30 - Camada de isolamento térmico
- 31 - Camada de preenchimento em betão leve
- 32 - Sistema de fundações ventiladas tipo KSI U
- 33 - Placas porosas 2 x 30 mm
- 34 - Dreno

